

# **Bosco deleitoso**

## *Anónimo do século XV*

### **Edição e notas**

José Adriano de Freitas Carvalho

Luís de Sá Fardilha

Maria de Lurdes Correia Fernandes

### **Notícias de apresentação**

José Adriano de Freitas Carvalho

### **Prefácio**

José Francisco Meirinhos



**F** : Instituto  
: de  
: **Filosofia**  
UNIVERSIDADE  
DO PORTO

A Idade Média é um dos mais ricos períodos da história do pensamento, caracterizado por um desenvolvimento vibrante nos seus quatro grandes domínios geoculturais na bacia do Mediterrâneo, grego, hebraico, latino e árabe, cada um deles marcado por uma religião: judaísmo, cristianismo, islamismo. É também o período de emergência do léxico filosófico nas novas línguas românicas, anglo-saxónicas e germânicas, de que as línguas contemporâneas são herdeiras e continuadoras. No longo período de mil anos que corresponde à Idade Média, virtualmente todos os problemas da tradição filosófica foram renovados, repropostos, reinventados, e daí emergirão os fundamentos do pensamento e das ciências modernas. É esta complexa diversidade que a coleção *Textos & Estudos de Filosofia Medieval* procura espelhar através de estudos actualizados, da tradução de obras de autores medievais e da escolástica tardia, ou da edição de obras medievais em vernáculo.

# **BOSCO DELEITOSO**

# TEXTOS E ESTUDOS DE FILOSOFIA MEDIEVAL

DIRETOR

José Francisco Meirinhos (Universidade do Porto)

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (FCT/MCTES), no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.



# **BOSCO DELEITOSO**

## **ANÓNIMO DO SÉCULO XV**

### **EDIÇÃO E NOTAS**

José Adriano de Freitas Carvalho  
Luís de Sá Fardilha  
Maria de Lurdes Correia Fernandes

### **NOTÍCIAS DE APRESENTAÇÃO**

José Adriano de Freitas Carvalho

### **PREFÁCIO**

José Francisco Meirinhos

**BOSCO DELEITOSO**

ANÓNIMO DO SÉCULO XV

Edição e notas:

José Adriano de Freitas Carvalho | Luís de Sá Fardilha | Maria de Lurdes Correia Fernandes

Notícias de apresentação: José Adriano de Freitas Carvalho

Prefácio: José Francisco Meirinhos

Transcrição: Paula Mendes

Tradução de *Oratio ad proprium cuiusque angelum*: Manuel Francisco Ramos

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-755-856-6/bos>

Capa: António Pedro

Paginação: Margarida Baldaia

© Autores e Gabinete de Filosofia Medieval / FLUP

Edições Húmus, Lda., 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 926 375 305

[humus@humus.com.pt](mailto:humus@humus.com.pt) | [edicoeshumus.pt](http://edicoeshumus.pt)

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Dezembro de 2022

Depósito legal: 509117/22

ISBN: 978-989-755-856-6

Coleção

Textos e estudos de Filosofia Medieval, 12

# ÍNDICE

Prefácio	VII
<i>José Francisco Meirinhos</i>	
<i>Bosco deleitoso</i> . Notícias de apresentação	XXI
<i>José Adriano de Freitas Carvalho</i>	
A edição de 1515 (Estampas)	XLIII
Critérios de Edição	XLVIII
<b>BOSCO DELEITOSO</b>	1
Anexo	
Oratio ad proprium cuiusque angelum	246
Oração ao anjo da guarda de uma qualquer pessoa	247
Glossário	257
Índice onomástico	267
Bibliografia	271





## PREFÁCIO

José Meirinhos<sup>1</sup>

A 24 de Maio de 1515 saiu dos prelos de Hermão de Campos em Lisboa a obra de título bucólico que, mais de 500 anos depois e num cuidado trabalho dos Professores José Adriano de Freitas Carvalho, Luís de Sá Fardilha e Maria de Lurdes Correia Fernandes, aqui se publica pela terceira vez, a segunda em Portugal<sup>2</sup>. A folha de rosto daquela edição, encimada pelo título *Boosco deleytoso* e sem mencionar nome de autor, tem ao centro uma gravura que, por entre vegetação exuberante, representa as duas principais personagens: um caminhante e o seu guardião alado. Hermão de Campos, o alemão Hermann a Kempis, foi um dos estrangeiros que instalaram tipografias em Portugal na primeira metade do século XVI<sup>3</sup>. Dos seus prelos saíam outras obras marcantes da afirmação do português como língua literária, entre elas o *Ho flos sanctorum* (1513), o *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende (1516), o *Espelho de Cristina*, tradução de uma obra de Christine de Pizan (1518). A portada desta última obra inclui uma moldura composta com os mesmos elementos móveis que integram a portada do *Bosco deleitoso*, impresso três anos antes.

- 1 Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.
- 2 A segunda edição foi publicada no Brasil por obra do Pe Augusto Magne: *Boosco Deleitoso, edição do texto de 1515*, com introdução, anotações e glossário de Augusto Magne, vol. I *Texto crítico*, Ministério da Educação e Saúde – Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro 1950; esta edição previa um segundo volume com *Anotações e glossário*, que nunca chegou a ser publicado.
- 3 Maria Manuela Cruzeiro, «Obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Hermão de Campos», *Revista da Biblioteca Nacional*, 1 (1981) 136-149 (*Bosco* descrito a pp. 139-140, nr. 3).

No verso da portada e antecedendo o Prólogo, a obra começa com uma notícia ao leitor, apropriadamente em caracteres de módulo maior, na qual se informa que a obra é mandada imprimir pela «esclarecida e devotíssima Rainha dona Lianor, mulher do poderoso e mui manífico Rei dom Joam segundo de Portugal». E no *cólofon* diz-se que a obra acabou de se imprimir a 24 de Maio de 1515, em pleno reinado de Manuel I, que estava no poder há quase 20 anos, desde 25 de Outubro de 1495, data de falecimento do rei João II. O enigma que resulta de não se mencionar o estado de viuvez da rainha Leonor, nem se evocar a boa memória do rei João II, já permitiu conjecturar que esta poderá ser de facto uma segunda edição, na qual o impressor nem reviu o que lia nesse aviso de anterior edição e que deveria ter sido atualizado, como no *cólofon*. Contudo, não há qualquer evidência dessa possível edição incunábula.

O apoio da rainha à impressão da obra é justificado pela «doçura espiritual» que nesta se contém, de imediato explicada no breve prólogo que glosa o título e o conteúdo. O bosque é uma metáfora do próprio livro e dos muitos ensinamentos que nele encontra quem busca consolação espiritual e maior perfeição de vida, tomando como exemplo um homem que chegou a esse estado apartando-se do mundo. E o fim do breve prólogo transfere de modo súbito a narração para a primeira pessoa, para um homem que «reconta de si mesmo» como alcançou aquele estado de perfeição última (p. 2).

A primeira palavra do primeiro capítulo é o pronome pessoal “Eu”, que imperará ao longo da descrição da sua experiência interior. Esse *eu* vive em pessoa mesmo o que é, virão os estudiosos a descobrir, retirado de outras obras. Essa singular apropriação transforma, sob o *eu* unificador, diferentes momentos de uma vida reconfigurada em rupturas radicais, primeiro com a vida mundana e, depois da ascese, no ansiado acesso directo a Deus. É um *eu* que explora o confronto com o mundo e com a interioridade para saborear a *existência do Absoluto*, sem a provar (nos dois sentidos da palavra). A primeira pessoa tem grandiosos antecedentes literários nas *Confissões* de Santo Agostinho de Hipona ou na *Consolação da Filosofia* de Boécio, obras em que os autores oferecem as experiências pessoais da descoberta de si face ao Absoluto como paradigma de elevação moral do humano.

O *Bosco* é a autobiografia espiritual de um anónimo, suscitando a identificação de qualquer leitor com a longa caminhada exterior e interior que nele se descreve. O *eu* narrador, recorrendo em abundância ao diálogo (que permite que todos os intervenientes falem também na primeira pessoa), conta em 153 capítulos como se afasta de uma vida que deplora, animado pelo desejo de ascender à mais perfeita das felicidades a que a alma humana no seu estado de

separação pode aspirar: a contemplação de Deus face a face. E de facto realiza-a em literal apoteose (do gr. *apotheosis*: divinização, deificação) — «eu foi levantado ante a cadeira real do Senhor Deus, e ali foi feito rei e recebi reino de fremosfera e coroa de grande apostura da mão do Senhor. [...] E foi dada à *minha* alma visom crara e amor e seguramento de Deus» (cap. CLIII, 243) —, que Deus mesmo confirma ao falar, também na primeira pessoa, para o caminhante já coroado: «*Eu* desponho e ordeno a ti ...» (Idem, 244). Depois dessa experiência nada mais há a dizer, mas o percurso até aí chegar é eivado de meandros, de idas e vindas e de encontros exemplares, numa ascensão que o *eu* caminhante faz a custo e com poderosos auxílios, que constantemente reconhece na companhia de viagem, o anjo pessoal, o nobre solitário e as damas admiráveis, que podemos também entender como figuras da consciência e da reflexão interior. A identidade pessoal entre os diferentes estados de vida é uma evidência construída pela persistência e a continuidade no tempo vivencial e narrativo entre diferentes estados de alma de um mesmo *eu*. Pode bem, por isso, repetir-se a descrição do *Bosco* como um «romance místico», já em tempos proposta por Sousa Viterbo<sup>4</sup>. E um romance que tem no seu centro uma das grandes novidades modernas da Idade Média, a que a mística deu um contributo assinalável<sup>5</sup>: o *eu* como figura e agente de pensamento.

O *Bosco deleitoso* é provavelmente a primeira<sup>6</sup> obra extensa de natureza espiritual e especulativa escrita em português, com o aliciante de oferecer a língua portuguesa no seu estado de aprimoramento, já suficientemente estabelecida no meio monástico, com um vocabulário e recursos poderosos para a descrição da experiência interior e da vida espiritual. Escrito muito provavelmente cerca de um século antes da sua publicação para um público cortesão, o *Bosco deleitoso* reunia, pelo conteúdo, pela língua, pelo patrocínio e pela

4 Francisco Marques de Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no século XVI*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, pp. 137-138.

5 Cf. Ben Morgan, *On Becoming God. Late Medieval Mysticism and the Modern Western Self*, New York, Fordham University Press, 2013.

6 Ou pelo menos uma das primeiras, tudo indicando que é contemporânea de outras obras com as quais tem afinidades, na linguagem, nos temas, na inspiração, provavelmente também no contexto monástico de composição, a saber o *Virgeu de consolaçon* (edição crítica de um texto arcaico inédito, introdução, gramática, notas e glossário por Albino de Bem Veiga, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1959), o *Horto do esposo* (edição crítica de Irene Freire Nunes, colab. Margarida Santos Alpalhão, Paulo Alexandre Pereira, Joaquim Segura, estudos introdutórios de Ana Paiva Morais, Paulo Alexandre Pereira, coord. de Helder Godinho, Lisboa, Colibri, 2007) e mesmo a *Corte Enperial* (ed. de Adelino de Almeida Calado, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2000).

difusão impressa, todas as condições para ser um sucesso literário e cultural. Não foi o que aconteceu e atravessou vários séculos quase totalmente ignorado. No século XIX era ainda pouco mais que um fantasma, apenas referido indiretamente e com escassas informações sobre a subsistência de exemplares. No Suplemento ao *Diccionario bibliographico portuguez*, Inocêncio Francisco da Silva dedica ao *Bosco* uma breve notícia que inclui a descrição de um exemplar, feita pelo Sr. Figanière, «que me disse existir, se não me engano, na Bibl. da Ajuda», e menciona ainda um outro exemplar que estaria «na livraria que foi do falecido Joaquim Pereira da Costa»<sup>7</sup>. Estes exemplares podem apontar para algum ou alguns dos três que agora se conhecem<sup>8</sup> e que nos permitem descrever a edição como segue:

[Na página de rosto] *boosco deleytoso* / Com preuilegio del Rey nosso señor. [No *colophon*, f. 74rb] Acabouse do emprimir este lyuro chamado boosco delleytoso solitario p. Hermã de câpos bombardeiro del Rey nosso sêhor cõ graça et preuilegio de sua alteza em ha muy nobrem et sempre leal çidad de lixboa cõ muy grande dilligênçia. Ano da encarnaçã de nosso saluador et. Redentor jhesu .xpo. De mil et quinientos et quinze. a vinte quatro dias de. Mayo.

74 fólhos (148 pp.); 29/30 cm (*in folio*); 2 col. de 49/50 linhas; papel; 9 cadernos, cadernos *a-h* de 8 folhas, caderno *i* de 10 folhas (b3, h3 com assinaturas erradas: aijj, gijj); sem reclamos ou títulos correntes; caracteres góticos, com capitulares ornadas no início dos capítulos, de diferentes dimensões, algumas delas substituídas

7 Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico portuguez: estudos ... applicaveis a Portugal e ao Brasil*, 23 vol., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1927, t. VIII, *Suplemento*, p. 408. Termina esta breve notícia retratando-se da dúvida que exprimira em volume anterior sobre se os bibliógrafos que mencionavam a obra a teriam de facto visto, aduzindo que Nicolau António (*Bibliotheca Hispana Nova*, vol. II, Madrid, 1788, p. 402a-b) a conhecia apenas por referência indirecta e que de facto a assinala apenas desta forma: «Anonymus, Lusitanus, scripsit, & nuncupavit Serenissimae Eleonoraë Reginaë / Joannis II. Portugaliaë Regis conjugii libri ita inscriptum: / *Bosco deleytoso*. Olisipone 1515. Cardosus». É também mencionado por Ricardo Pinto de Matos, *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Curiosos*, Livraria Portuense-Editora, Porto 1878, pp. 76-77 e por Sousa Viterbo, citado na nota anterior; veja-se ainda e para abreviar as referências em levantamentos bibliográficos, onde a rara edição costuma ser mencionada, António Joaquim Anselmo, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa 1926, p. 118, nr. 438, onde afirma: «Consta-nos que ainda há poucos anos foi vendido um ex. pelo livreiro sr. Coelho ao sr. Visconde da Esperança», mas só menciona o exemplar da Biblioteca Nacional e cita o *incipit* a partir de Sousa Viterbo.

8 Todos assinalados em Alexander Wilkinson, *Iberian Books: Books Published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601. Libros ibéricos: Libros publicados en español o portugués o en la Península Ibérica antes de 1601*, Leiden, E.J. Brill, 2010, vol. I, p. 81b (nr. 2160).

por minúsculas (cap. 34, 46, 60, 61, 143), outras são iniciais simples (cap. 18, 30, 40, 45, 47, 49, 64, 70, 77, 90, 94, 105, 108, 115, 116, 126, 131, 133, 138, 145, 148, 150, 151, 152, 153). Em alguns casos a inicial D inclui as armas de Portugal com as cinco quinas (cap. 11, 121, 125, 128, 134, 139) e a letra C uma esfera armilar (cap. 7, 13, 51, 55, 56, 58, 82, 98, 119).

Dois dos exemplares conhecidos estão em bibliotecas portuguesas, outro, menos conhecido, está em biblioteca dos Estados Unidos da América:

1. Lisboa, Biblioteca Nacional, Res. 176 A  
Não tem a folha de rosto. Está disponível em linha<sup>9</sup>.
2. Vila Viçosa, Biblioteca do Paço Ducal, 42  
Está íntegro e dele deu uma descrição detalhada o rei Manuel II de Portugal<sup>10</sup>. Encadernação com planos em madeira, revestida a couro estampado a seco (“encadernação moçárabe”).
3. Cambridge (Mass.), Harvard University, Houghton Library, f PC5 A100 515b<sup>11</sup>.  
Encadernação em couro, por Canape e Corriez, de 1930, em caixa de couro (30 cm). Foi doado à Biblioteca Houghton em 1932 por John B. Stetson Jr.<sup>12</sup>.

Ao longo do tempo há algumas poucas menções documentadas a exemplares do *Boosco*. É o caso do que pertenceu à rainha D. Leonor<sup>13</sup>, ou dos três exemplares que em 1517 foram enviados pelo feitor de Cochim, Pedro Coresma,

9 Digitalização: <https://purl.pt/15049>.

10 Manuel II, *Livros antigos portugueses da bibliotheca de sua Majestade Fidelissima. Early portuguese books in the library of his majesty the King of Portugal. 1489-1600*, 3 vol., London, Maggs Bros, 1929-1935, vol. I, nº 16, pp. 287-299.

11 Publicam-se neste volume 3 estampas deste exemplar: folha de rosto, primeira e última páginas de texto.

12 John B. Stetson Jr. em 1928 doou à mesma biblioteca a “Coleção Palha”, da qual esta obra não fazia parte, cf. Rosa, Maria do Rosário Paulino, «Em torno do *Boosco Deleytoso*», *Studia Lusitanica*, 2 (1999) 85-111, p. 87. Este poderá ser o exemplar leiloado em 1923 e mencionado em Tavares, Armando J., *Catalogo das Livrarias Silva Leal e Condes de Azambuja que serão vendidas sob a direcção de Armando J. Tavares: livros raros e curiosos sobre história, litteratura, bellas-artes, jornalismo ... o leilão effectua-se em 19 de março*, Typ. da Empresa Litteraria e Typographica, Porto 1923.

13 Isabel Vilares Cepeda, «Os livros da rainha D. Leonor, segundo o códice 11352 da Biblioteca Nacional, Lisboa», *Revista da Biblioteca Nacional*, 2ª série, 2.2 (1987) 51-81, cf. p. 66, nr. 31.

aos franciscanos dessa cidade da Índia então portuguesa<sup>14</sup>, ou o da Biblioteca do rei João V, que terá ardido no incêndio subsequente ao terramoto de 1755<sup>15</sup>. Continua por verificar a conjectura de Júlio Dantas de o *Bosco deleitoso* ser o *Ermo espiritual* que o infante D. Fernando recebeu de Fernão Lopes e a quem depois o legou em testamento de 1437<sup>16</sup>, obra essa que permanece por identificar<sup>17</sup>. A primeira referência ao *Bosco* parece encontrar-se em Jorge Cardoso<sup>18</sup>, citado por Nicolau António, a que se seguirão referências nos bibliógrafos e polímatos, para apenas já no século XX começar a merecer alguma atenção.

Esta é uma obra rara em exemplares e sem rasto de influência explícita na literatura, só muito tarde aparecendo referida em obras bibliográficas e de polígrafos. O tema e conteúdo do *Bosco* e o contexto de corte em que foi publicado poderiam bem ter contribuído para difusão e influência mais visíveis. Não é improvável que tivessem sido impressos pouquíssimos exemplares, o que poderia ser a principal causa de uma tão discreta difusão, mas a posição teológica e mística nele defendida, sobre a visão direta de Deus pelos beatos e pelos contemplativos antes do fim dos tempos, expressa sem qualquer mediação de autoridades, poderia ter rarefeito a sua recepção e difusão. Dois séculos antes, a visão beatífica tinha estado no centro de uma áspera controvérsia teológica e eclesiológica, acentuada quando o papa João XXII (1316-1334) afirmou que essa visão de Deus ocorreria no fim dos tempos, apenas após o juízo final, assim contrariando a posição comum dos teólogos de que essa visão dos beatos, antecipada na primeira Epístola de Paulo aos Coríntios (13.11-12), ocorreria após a purificação e, portanto, pelo menos para alguns, antes do juízo final. O seu sucessor, o papa Bento XII (1334-1342), contrariaria a posição

14 António da Silva Rêgo (org.), *Documentação para a História das missões do padroado português do Oriente*, vol. I: 1499-1522, Agência das colónias, Lisboa 1947, pp. 336-339; Maria do Rosário Paulino Rosa, «Em torno do *Boosco Deleytoso*», *Studia Lusitana*, 2 (1999) 85-111.

15 Costuma atestar-se Silva, *Diccionario bibliographico portuguez*, cit., vol. I, p. 390, mas nesta página a obra não é referida.

16 Júlio Dantas, «Os Livros em Portugal na Idade Média. A livraria do Infante Santo», *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2 (1921) 101-109, aqui pp. 108-109, nr. 43.

17 «Item leixo a Fernão Lopes meu escrivão da puridade, hu livro de linhagem [*recte* linguagem] que me elle deu que chamaõ Ermo espiritual», Cf. António Caetano Sousa, *Provas da história genealógica da casa real portugueza*, 6 t., Lisboa, Oficina Silviana da Academia Real, 1739-1748, t. I, p. 508.

18 Cf. Rosa, «Em torno do Boosco Deleytoso», cit., p. 89, que menciona o *Agiologio Lusitano*, dando como fonte Nicolau António (ver atrás, nota 6, onde se cita Cardoso, mas não o *Agiológico*), mas, tendo consultado o *Agiológico*, não foi possível localizar onde se cita o *Bosco*.

de João XXII e afirmaria a possibilidade de os beatos após a morte poderem contemplar Deus face a face<sup>19</sup>. É esta a posição que no *Bosco* se defende, como vimos atrás, sendo a caminhada do mesquinho pecador pelo bosque deleitoso, o bosque nevooso, o gracioso campo, o alto monte e, finalmente, a cidade de Deus, uma descrição simbólica desta purificação que culmina na separação da alma que, assim preparada, pode alcançar o conhecimento sem limites e infinito e realizar a máxima plenificação na contemplação de Deus. Este encontro do humano com o divino tem muitas expressões na literatura desde a antiguidade, e a teologia cristã explorou-a de muitas maneiras na tratadística escolástica, na teologia monástica, na especulação mística, na moral consolatória, na pintura, na estatuária, na arquitectura, mas também na literatura laica. O *Bosco* propõe um percurso de vida moral construído na intersecção de todas essas formas literárias e de representação, reunindo elementos que uma leitura atenta descodifica a cada passo. A figura do mesquinho pecador, que se deprecia constantemente e termina como o mais feliz dos homens, não poderia deixar de impressionar os leitores desses tempos que, por sua vez, compartilhavam com mais facilidade a miríade de referências que tecem a obra.

Exemplo de obra consolatória (mas cristã e das virtudes teológicas, não da filosofia e das artes liberais), o *Bosco* foi escrito por ou para alguém de ambiente refinado. Apenas pela alegorese e a interpretação simbólica se ameniza a contradição, que pode denunciar a forma mental de um cortesão, entre a apologia do abandono do mundo (explicitada na crítica dos bens materiais) e a descrição do mundo espiritual pela imagética dos mais ricos tecidos, das pedras preciosas e de aposentos faustosos. E esse não é o único indício de cultura áulica na obra.

Nas «Notícias de Apresentação» o Professor José Adriano de Carvalho discute a importância da cultura e da teologia do Anjo Custódio em Portugal antes e na época de publicação do *Bosco* e que está presente em quase cada uma das suas páginas, permitindo até identificar as suas possíveis fontes eucológicas. E, ao mesmo tempo, poderiam ser também aduzidas todas as referências mudas, por exemplo, à Escritura e ao pensamento de teólogos e de místicos, que os leitores coetâneos poderiam compartilhar ou descodificar com maior ou menor propriedade. Os leitores de vernáculo acediam assim a ideias que circulavam apenas em latim e que, por essa via, podem bem ter entrado na cultura literária e cortesã do tempo em que a obra foi escrita e após a sua impressão.

19 Cf. Christian Trottmann, *La vision béatifique: des disputes scolastiques à sa définition par Benoît XII*, Paris, École Française de Rome, 1995.

O *Bosco* é um monumento literário da entrada do português na história do pensamento, por isso não será difícil encontrar, ou imaginar a possibilidade de existirem, elos de intertextualidade com obras posteriores. No canto X de *Os Lusíadas*, publicados em 1572, Vasco da Gama é conduzido por Téthys ao cume de um monte de acesso trabalhoso, metáfora das dificuldades de aceder ao conhecimento do mundo. O vocabulário sublinha a beleza da paisagem referindo-a às mesmas riquezas minerais que revestem a cidade divina a que, depois de árdua caminhada, chega o mesquinho pecador do *Bosco deleitoso*. A generosa Téthys conduz o Gama e o poeta contrapõe às dificuldades da caminhada o gozo de alcançar o topo:

Assi lhe diz e o guia por um mato  
Árduo, difícil, duro a humano trato.  
Não andam muito que no erguido cume  
Se acharam, onde um campo se esmaltava  
De esmeraldas, rubis, tais que presume  
A vista que divino chão pisava.<sup>20</sup>

Poderá ser a simples coincidência na glosa do *topos* literário da ascensão contemplativa, mas os dois casos têm em comum o terminarem em «divino chão» (em IX.87.2 Camões descrevera-o já como «o cume dum monte alto e divino»), no gozo da contemplação tornada possível por árdua caminhada, guiados por divino auxílio. No *Bosco* ascende-se ao solo da «cidade divinal» e à contemplação de Deus face a face, que os humanos por sua simples força não alcançam (cap. CLII-CLIII), nos *Lusíadas* ascende-se a «um erguido monte» e «divino chão» de onde se alcança a visão do que «não pode a vã ciência / Dos errados e míseros mortais» (X.77.3-4). Os dois percursos terminam alcançando um conhecimento que supera os limites da condição humana.

Alguns anos antes de *Os Lusíadas* serem publicados e mesmo antes da publicação do *Bosco deleitoso*, também o *Auto da alma* de Gil Vicente, «feyto aa muy devota raynha dona Lianor» (que também patrocinaria, como vimos, a edição do *Bosco*) e representado ao rei Manuel I nos Paços da Ribeira em Lisboa em 1508, populariza um dos seus temas centrais. No *Auto* em cena está uma «alma caminheira»<sup>21</sup> que dois diabos procuram constantemente

20 Luís de Camões, *Os Lusíadas*, X.76.7-77.4.

21 Gil Vicente, *Auto da alma*, in *Obras completas*, vol. II, ed. Marques Braga, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942, p. 3. Sobre a data de apresentação do *Auto da alma*, cf. a respetiva didascália



desviar do caminho pelo qual a guia o seu Anjo Custódio, que também a incita a abandonar o mundo e a ocupar-se das suas faculdades interiores, o entendimento e a vontade, que o inclinam para a glória como seu fim último<sup>22</sup>. Na parte final do *Auto da alma* quatro doutores da Igreja, santos Agostinho, Ambrósio, Jerónimo e Tomás, que também se cruzam no caminho do pecador mesquinho do *Bosco* (cap. XLVIII, LXXXIII, LXXXVII, XXXIII), apresentam à alma os mistérios de Deus encarnado e preparam-na para admirar e desejar o Deus infinito. Embora de uma outra forma, através da Igreja e não da descoberta interior, são os mesmos perigos vivenciais, a mesma necessidade de abandono do mundo e o mesmo desejo de consolo da alma e de salvação que Gil Vicente condensa e transfere para a representação dramática da realização eficaz da alma pela religião.

A intertextualidade é mais visível e compreensível no sentido inverso, com o anónimo autor do *Bosco* a prolongar outros escritores, desde logo Francesco Petrarca (1304-1374), como é bem conhecido desde que Mário Martins em artigo de 1944<sup>23</sup> revelou que os capítulos XVII a CXVIII adaptam e traduzem uma parte substancial do *De vita solitaria* (1347), como se verá mais à frente nas «Notas de apresentação» e na própria leitura do texto e notas.

Pensando no início e no final do *Bosco*, entre os quais fica intercalada essa apropriação da obra de Petrarca, quem mais acorre à lembrança é Dante e as incidências do longo caminho percorrido na *Comedia*. O poeta na meia-idade perde-se entrando numa escura selva, «Nel mezzo del camin di nostra vita / mi ritrovaì per una selva oscura, / che la diritta vita era smarrita»<sup>24</sup>, e é também no auge da vida mundana que o “mesquinho pecador” passeia por um campo perto do qual estava um espesso bosque de árvores frondosas, o qual «boosco

introdutória, desde a primeira edição, em *Compilaçam de totalas obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1561, vol. I, f. 45v. Para uma outra aproximação a Gil Vicente, mencionando-se também o *Auto da alma*, cf. Maria do Amparo Tavares Maleval, «Revisitando o ‘Boosco Deleitoso’ na companhia de Gil Vicente», *Colóquio. Letras*, 182 (2013) 9-20.

- 22 «Não vos ocupem vaidades, riquezas, nem seus debates. Olhai por vós; que pompas, honras, herdades e vaidades, são embates e combates pera vós. Vosso livre alvedrio, isento, forro, poderoso, vos é dado polo divinal poderio e senhorio, que possais fazer glorioso vosso estado. Deu-vos livre entendimento, e vontade libertada e a memória, que tenhais em vosso tento fundamento, que sois por Ele criada pera a glória.» Gil Vicente, *Auto da alma*, cit., pp. 6-7.
- 23 Mário Martins, «Petrarca no Boosco Deleytoso», *Brotéria*, 38 (1944) 361-373, reed. em 1956 (cf. Bibliografia no final deste volume).
- 24 Dantis Alagherii *Comedia*, ed. critica F. Sanguineti, Ed. del Galluzzo, Firenze 2001, I.1.1-3, p. 5; Dante Alighieri, *Divina comédia*, trad. de J.V. de Carvalho, Imprensa Nacional, Lisboa 2021, p. 36.

era escuro com névoa que havia em ele» (cap. II, 4). É nesse bosque escuro que entrará para o sinuoso e longo percurso narrado ao longo da obra, tendo por companheiro permanente um anjo e o auxílio de diversas virtudes, com outro ocasional e humano guia, D. Francisco solitário, justamente Francesco Petrarca, o autor que é transformado em guia e personagem na adaptação traduzida da sua própria obra. Também a meio do percurso e numa passagem crucial há uma troca de guia. Percorrido o inferno, Vergílio deixa de acompanhar o poeta (Inferno, XXXIV) e também como que a assinalar que o mesquinho pecador inicia o percurso interior e abandona o mundo, D. Francisco, o nobre solitário, inesperadamente despede-se, encomendando-o ao cuidado das virtudes: «E daqui em diante, irmão, nom te quero mais falar enesto, mas encomendo-te ao Senhor Deus e a estas donas que aqui estam e especialmente a esta dona mui doce que a ti parece amargosa, ca ela te pode acender e enduzer pera tua saúde» (final do cap. CXVII, 197). A mudança do território, de mundano ou pecaminoso, para o da salvação e da felicidade, é sinalizado em ambos os casos pela mudança de companhia do peregrino, Beatriz na *Commedia*, as femininas virtudes no *Bosco*. Os percursos são de diversa índole, ambos terminam na grandiosa felicitação contemplativa da luz divina, nos dois casos com a visão e o olhar como modelo da contemplação misteriosa do Absoluto, que proporciona o máximo prazer e felicidade. Em Dante a visão espiritual proporciona um prazer («La forma universal di questo nodo/ credo ch'i' vidi, perché più di largo,/ dicendo questo, mi sento ch'i' godo»<sup>25</sup>) que se realiza num crescendo de suspensão e êxtase que o olhar incendeia sempre mais e mais («Così la mente mia, tutta sospesa,/ mirava fissa, immobile e attenta,/ e sempre di mirar faceasi acesa»<sup>26</sup>), para terminar na invocação da luz eterna e pensamento puro, Deus, que proporciona felicidade e alegria e que é o culminar do próprio *poema sacro*: «O luce etterna che sola in te sidi,/ sola t'intendi, e da te intelletta/ e intendente te ami e arridi!»<sup>27</sup>.

25 III.xxxiii.91-93, Dantis Alagherii *Comedia*, cit., p. 561; Dante Alighieri, *Divina comédia*, trad. cit., p. 975 «A forma universal deste nó todo/ creio ter visto, porque eu mais largo, / isto dizendo, sinto o gozo a rodo».

26 III.xxxiii.97-99, Dantis Alagherii *Comedia*, cit., p. 561; Dante Alighieri, *Divina comédia*, trad. cit., p. 975 «Toda suspensa, a minha mente presa/ assim mirava, imóvel e atenta, e sempre de mirar sempre era acesa».

27 III.xxxiii.124-126, Dantis Alagherii *Comedia*, cit., p. 561; Dante Alighieri, *Divina comédia*, trad. cit., p. 977 «Ó eterna luz que só tens sede em ti/ só tu te entendes, e por ti inteleta/ e entendedora te amas rindo assi!». Nos restantes 19 versos da *Commedia* Dante procura dar uma última explicação metafórica e cosmológica da luminosa natureza divina na sua

Dante mantém uma cuidadosa e prudente celebração das capacidades humanas para aceder à contemplação da luz divina, que na sua transcendência é apenas entrevista. O autor do *Bosco deleitoso* mostra-se muito mais confiante nas capacidades humanas, que se superam com o abandono do corpo e a ascese da mente nos dois últimos capítulos, em que o puro espírito tem o gozo sensorial do paladar, do olfacto e da audição em colóquio com Jesus Cristo<sup>28</sup>. Alcançada a radical situação de abandono do corpo, a alma está finalmente em condições de entrar na cidade divina, em que tudo é espaçoso, de pedras preciosas talhadas e as ruas de puro ouro, numa disposição em que «Todos contemptram craramente, face por face, o Senhor Deus, rei da cidade, continuamente sem quedar» (242). A contínua experiência do prazer da luz numinosa permite à alma alcançar o puro prazer do amor na contemplação divina «Ali nom há nenhũa dor nem tristeza depois do prazer. Ali nom é nenhum mal nem nenhũa dor, e todo bem nom falece. Ali é luz sem desfalecimento, prazer sem gimido, desejo sem pena, amor sem tristeza, fartura sem fastídio, saúde sem vício, vida sem morte, saúde sem fraqueza. Ali todos ham um prazer e huũa caridade» (243). Purificadas ao extremo na virtude, chegaram à sua nova e definitiva morada, as almas dos santos que «andarom de virtude em virtude até que viram e vêem o Senhor Deus enesta groriosa cidade» (244). E a obra termina com a voz de Deus, ouvida pelo peregrino, prometendo aos bons a ressurreição em corpo glorioso e aos maus o castigo do fogo inextinguível.

Apesar da proximidade entre a *Commedia* e o *Bosco* por terminarem as íngremes caminhadas na contemplação do Absoluto como visão luminosa, há todo um abismo de diferenças entre a contenção de Dante, que não ilude a insuperável transcendência do Absoluto, e a explicitação gráfica do acesso face a face, directo e sensorial a Deus, que atinge o paroxismo no arroubo místico da revelação e audição da voz de Deus, no final do *Bosco*.

Um melhor estudo do *Bosco*, que esta nova edição há-de ajudar a afirmar-se, encontrará indícios e citações de obras em que, para além de Petrarca, o anónimo autor do *Bosco* se tenha apoiado, ou mesmo integrado literalmente. Os capítulos iniciais, que criam o contexto narrativo, e as passagens que parecem

relação com o mundo e o homem. Para as complexidades do último canto da Comédia de Dante vejam-se a Introdução e os comentários de Anna Maria Chiavacci Leonardi em Dante Alighieri, *Commedia*, vol. III, *Paradiso*, (I meridiani), Milano, Mondadori, 2021 (8ª ed.), pp. 899-929.

28 «[...] suspirando e desejando sair deste mundo pera compreender à vida celistrial, que já gostava e cheirava, rogando ao Senhor mui aficadamente por ela, ouvi com as orelhas espan-tosas da minha alma ã voz do meu amado Jesu Cristo», *Bosco deleitoso*, cap. CLII, p. 241.

mais pessoais de aflição com a vida mundana e outras questões políticas e de governo das questões humanas, podem ser criação do anónimo autor, sem ser de descartar a possibilidade de compilação de textos de vária origem, latinos e em línguas vulgares. Que textos sejam estes, ou que a composição seja efetivamente compilativa, é o que falta averiguar, mas certamente este autor é muito mais do que um simples tradutor e também mais do que um simples agregador do pensamento de outros<sup>29</sup>. Os capítulos finais podem também seguir essa forma de composição, talvez com o recurso a tratados de algum pendor escolástico (veja-se a presença de classificações e divisão de argumentos, ou a questão da própria leitura da Escritura) e preferência pela mística simbólica afirmativa das hierarquias angélicas e celestes, sem evidências da presença da mística negativa.

Alertado pelo caso de Petrarca, Augusto Magne, na introdução da sua edição, apontava para a necessidade de se identificar o Dom Vicêncio mencionado num capítulo que não consta do *De vita solitaria*<sup>30</sup>, como já Mário Martins assinalara no citado artigo de 1944. Esse desafio foi levado a sério pelo Professor José Adriano de Carvalho e com bons argumentos e melhor documentação propõe identificá-lo com o renomado mestre e teólogo dominicano frei Vicente de Lisboa que morreu em viagem para Roma a 5 de Janeiro de 1401, em missão diplomática encarregada por D. João I<sup>31</sup>. Os dados biográficos

29 No capítulo LVI (pp. 105-106) intervém Dom Reimondo, o «nobre doutor Dom Reimondo», como lhe chama no capítulo seguinte, expondo que o conhecimento da Trindade se pode alcançar elevando o entendimento a partir das coisas sensíveis. Para ilustrar a possibilidade, a intensidade e os limites desse conhecimento, propõe a metáfora da água do mar: saboreando apenas uma pouca podemos inferir que toda ela é salgada, mesmo sem a termos saboreado toda, mas, se a saboreássemos toda, mais sentiríamos aquilo que saboreáramos apenas em parte. À semelhança da Trindade, também o nosso conhecimento nunca será completo por não ser possível saboreá-la toda, além disso esse conhecimento é mais possível na vida apartada do que na vida mundana. O conteúdo da intervenção leva a pensar que Dom Reimondo, que não se encontra no *De vita solitaria*, é o teólogo e apologista Raimundo Lúlio (c. 1232-1316), que dedicou inúmeras obras à compreensão da Trindade, questão de entre as mais difíceis de fazer aceitar pelos muçulmanos, contra quem se dirigiam muitas suas obras apologeticas. Sobre as obras de Raimund Lúlio e o lugar que nelas ocupa a questão da Trindade, cf. o catálogo comentado por Fernando Dominguez, «Works», in Alexander Fidora – Josep E. Rubio (eds.), *Raimundus Lullus: An Introduction to his Life, Works and Thoughts*, Turnhout, Brepols, 2008, pp. 125-242. Seria de significativa importância confirmar o conhecimento direto do pensamento de Raimundo Lúlio pelo autor do *Bosco deleitoso*.

30 *Bosco Deleitoso, edição do texto de 1515*, por Augusto Magne, cit., IX. Em toda a obra frei «Vicêncio» é apenas citado no cap. XLIX.

31 Ver à frente, «Notícias de apresentação».

coincidem e, por isso, trata-se de uma descoberta notável, porque a um tempo se resolve o enigma da referência a esse frade dominicano, mas também porque com ela se poderá ter encontrado, no mesmo capítulo XLIX do *Bosco*, sobre as riquezas como impedimento da felicidade (88-91), um testemunho directo, ou o resumo, de um ou mais dos sermões de Frei Vicente de Lisboa, que andam perdidos. A ser assim, teríamos aí mais um exemplo da arte compilatória do autor. Ademais, como ele mesmo diz que o conheceu pessoalmente<sup>32</sup>, fornece-nos aqui o mais directo indício para a ainda não fixada datação do *Bosco*, que seria seguramente posterior ao ano da morte de frei Vicente, 1401, e, na mais dilatada das hipóteses, não mais de duas ou três décadas depois dessa data, para o limite *ante quem*. Não é uma data exacta, mas pelo menos aponta para um arco de tempo situado no primeiro quartel do século XV, portanto, cerca de 100 anos antes da impressão do *Bosco*. Com este ponto de partida, será talvez possível descortinar em outras passagens da obra mais indícios da vida do autor, desde logo a possibilidade de este ser um homem de corte que abandona a vida laica e entra numa ordem religiosa, acontecimento descrito na obra como a crise pessoal que conduz ao abandono do mundo e à entrada na vida apartada do *Bosco deleitoso*. Como é que, depois, a obra circulou até chegar à rainha Leonor que o mandou imprimir é assunto para outras discussões, para as quais faltam ainda testemunhos e dados mais precisos.

A descoberta de quem será Frei Vicente e outras hipóteses que encontramos nas ricas «Notícias de Apresentação» abrem novas perspectivas para o estudo do *Bosco deleitoso*, situando-o no seu contexto temporal e destacando as suas particularidades literárias, históricas e espirituais.

A edição de uma obra escrita há seis séculos exige cuidados particulares, sobretudo quando se procura dá-la a ler a um público mais alargado que o dos historiadores da língua ou dos caçadores de curiosidades. São, por isso, muito fundamentados os critérios adotados pelos editores que seguem o melhor da tradição humanística, orientada pela valorização do texto e a preservação da voz e do tempo do autor<sup>33</sup>. As intervenções no texto foram reduzidas ao mínimo, sem intromissões que deformem a língua ou lhe retirem a carga do tempo. As

32 Narrado também na primeira pessoa: «eu conhoci-o mui bem, ca muitas vezes o havia visto, sendo ele vivo sobre a terra, e muitas vezes falara com ele e recebera dele muita doutrina de saúde, como quer que a eu nom cumprisse per obra», *Bosco*, p. 126.

33 Esta fidelidade ao texto é a razão da diferença de critérios em relação à edição de Augusto Magne, não se numerando sequencialmente os parágrafos, nem se introduzindo a divisão da obra em partes, que não existe no original, nem se ensaiando dar títulos aos capítulos, como o erudito editor brasileiro fez no índice da sua edição. Para quem queira estudar os

abreviaturas foram desdobradas e os erros foram corrigidos, mas, mesmo assim, estão devidamente assinalados e explicados, para notícia do leitor. Orientados por estas opções, os editores disponibilizam aos leitores um texto rigoroso, assente em minuciosa leitura da *editio princeps*, atualizada e uniformizada seguindo princípios ortográficos e sintáticos que tornam a obra legível com maior fluidez, mantendo a vetustez da língua, para uma mais intuitiva compreensão etimológica do vocabulário que já nos é menos habitual. Com esse mesmo objectivo de trazer a obra do passado para o nosso tempo, a edição é acompanhada por um utilíssimo Glossário que permite aos leitores esclarecer o texto a cada passo, sem outra dificuldade que a de o consultar. Por fim, o Índice de Nomes permite navegar pelo texto e perceber as inúmeras autoridades citadas (na sua maioria provenientes de Petrarca) e a Bibliografia final oferece as referências aos estudos até hoje publicados sobre o *Bosco deleitoso*. Pelo seu valor documental, reproduzem-se a folha de rosto, a primeira e a última páginas do exemplar do *Bosco deleitoso* da Houghton Library da Universidade de Harvard, que aqui se tornam públicas pela primeira vez.

Agradecemos aos Professores José Adriano de Freitas Carvalho, Luís de Sá Fardilha e Maria de Lurdes Correia Fernandes, assistidos por Paula Almeida Mendes no trabalho de transcrição, que tenham escolhido publicar nesta coleção o seu rigoroso e inestimável trabalho de edição do *Bosco deleitoso*. A coleção Textos e Estudos de Filosofia Medieval fica particularmente honrada pelo trabalho que realizaram e por esta ser a primeira obra em vernáculo português medieval que aqui publicamos. Agradecemos ao Professor Manuel Francisco Ramos a revisão do texto e tradução da *Oratio ad proprium cuiusque angelum*, do século XII que se publica em anexo. Agradecemos à Houghton Library da Universidade de Harvard a autorização para reproduzir algumas páginas do seu exemplar do *Bosco*. Por fim, agradecemos ao Instituto de Filosofia da Universidade do Porto e à FCT o apoio dado à Linha temática em Filosofia Medieval e do Início da Idade Moderna, que tornou possível esta edição, para a qual continuamos a contar com a disponibilidade das Edições Húmus, a quem agradecemos o acolhimento, na pessoa do seu editor Senhor Rui Magalhães.

detalhes da edição de 1515, ela está em acesso livre em cópia digital no catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal (cf. nota 8 e Bibliografia final).

# **BOSCO DELEITOSO**

## **NOTÍCIAS DE APRESENTAÇÃO**

José Adriano de Freitas Carvalho

*Quantos textos convivem num texto?  
De quantos laços se tece uma obra?*<sup>1</sup>

### I

Obra de literatura de espiritualidade<sup>2</sup>, de acentuado cunho monástico, editada nos começos do século XVI. Uma única vez, e sem qualquer tradição manuscrita conhecida. Apetece dizê-lo *sine matre sine patre sine genealogia* (*Ad Heb.*, 7, 3)... E igualmente sem história até aos fins do século XIX... Um contraste com outras obras de espiritualidade – *Horto do esposo... Virgeu de consolaçon...* – suas contemporâneas na elaboração, mas muito menos afortunadas na passagem ao prelo. Prelo, estas, só no século XX. Curiosamente, viram-se reunidas as três em edições também contemporâneas nos meados desse século<sup>3</sup>...

Este grande texto encerra ainda alguns mistérios:

- 1 Isabel Almeida, «A cultura literária na corte de D. Manuel», in *Vi o Reino renovar. Arte no tempo de D. Manuel I*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2021, p. 245.
- 2 Preferimos esta designação que, embora, no quadro dos cânones correntes da história literária, se possa considerar vaga, é, no entanto, mais precisa que a de obra de «prosa moral» «marcada pelo tema religiosos», com que é, geralmente, apresentada.
- 3 O *Bosco deleitoso* viu-se reeditado por Augusto Magne, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1950; a primeira edição do *Orto do Esposo* ofereceu-a Bertil Maler, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1956 (2 vol.s); o *Virgeu de consolaçon* viu-se editado por Albino Bem da Veiga, (Publicações da Universidade da Bahia), Porto Alegre, Ed. Globo, 1959. Mais recentemente, Irene Freire Nunes «atreveu-se» a dar-nos uma magnífica edição crítica do texto do *Horto do Esposo*, Lisboa, Edições Colibri, 2007 (Ed. coordenada por Helder Godinho, com estudos introdutórios de Ana Paiva Morais e Paulo Alexandre Pereira).

1 – A começar pelo título: *Bosco Deleitoso*, assim traz o impresso por Hermam de Campos em 1515... Mas esse mesmo impressor, no cólofon do livro, dá-lhe o título de *Bosco deleitoso solitário*... Qual seria o título que trazia o manuscrito de que se serviu o «bombardeiro del-rei» para o seu trabalho? Gostamos de pensar que *Bosco deleitoso solitário* não é uma interpretação do impressor alemão, mas vinha já no manuscrito que utilizou... Mas como este não nos chegou – ou não nos chegou até hoje –, não vale a pena renunciarmos ao nosso gosto...

2 – E um mistério envolve também o autor? Um anónimo que merece ser ponderado. Mais abaixo... Talvez haja que equacionar, mesmo, a possibilidade, prática, pelo menos, do ponto de vista de análise do texto, de se tratar de dois autores...

3 – A chamada «dedicatória» – o epíteto deve-se ao P. Augusto Magne, o primeiro e grande editor do *Bosco*. Com efeito, o impresso de 1515 abre com umas dez linhas em que se noticia que *A muito esclarecida e devotissima Rainha dona Lianor, mulher do poderoso e mui manífico Rei dom Joam segundo de Portugal, como aquela que sempre foi enclinada a toda a virtude e bem fazer, zelosa grandemente de sua salvação e de toda a alma christã, mandou empimir o seguinte livro chamado Bosco deleitoso vendo sua Alteza nele tanta doçura espiritual e proseguido com tantos enxemplos e figuras por convidar a muitos à doutrina de nosso redentor Jesu Christo. Em nome do qual começa o dito livro. Primeiramente o prólogo do autor...* E a respeito da rainha responsável (financeiramente, claro) nada mais. Um esclarecimento editorial que se diria apenas pretender garantir o prestígio da edição, o que é pouco para uma dedicatória e muito para esclarecer o seu papel de mecenas de editores... E não era o primeiro caso... Havemos, contudo, de confessar que, mesmo para um simples esclarecimento editorial, não deixam de ser estranhos os termos de referência a uma rainha que se diria ainda reinante em 1515, quando, por morte do rei seu marido, tinha deixado de o ser em 1495..., com a consequência de, literalmente, ainda dar como vivo o rei João II... Com alguma violência, talvez até seja legítimo pensar que o perdido manuscrito trazia efectivamente uma dedicatória que o impressor de 1515, conservando os dados principais, adaptou – com alguma distração – às circunstâncias do momento... Se assim tiver acontecido, o manuscrito destinava-se a uma edição que, por qualquer motivo, não se levou a bom termo. Imaginação por imaginação, parece-nos esta uma leitura mais simples do que imaginar uma perdida edição anterior a 1495... Já nos baste o ter perdido o manuscrito...

4 – O que convencionamos chamar «esclarecimento editorial» termina, como já lemos, deste modo: *Em nome do qual [Jesus Cristo] começa o dito*



livro. *Primeiramente o prólogo do autor*. Trata-se de uma espécie de resumo em que se sublinha, rápida, mas cuidadosamente, que a obra é uma narrativa de um itinerário espiritual feita por um «eu» cuja identidade se oculta e do qual apenas – e tardiamente – se revela que, monge, alcançou, de grau em grau, os cimos da vida contemplativa, quer dizer, *a maior perfeiçom que homem pode haver em esta presente vida e haver o maior prazer e aquela maior dolçura e consolaçom espiritual que a alma pode receber em quanto está em no corpo. E depois desta vida haver e possuir a grória perdurável...* Tudo isto – e há que fazê-lo notar – *tomando como enxemplo de um homem pecador que todo esto alcançou em a vida apartada e solitária dos negócios deste mundo segundo ele reconta de si mesmo...* O autor assume, portanto, a sua obra como grande *exemplum* – que, na verdade, é – e, assim, deve ser lido em todo o seu esplendor, quer como uma experiência pessoal de um pecador «convertido», quer, pelos seus «muitos falamentos da vida solitária e muitos dizeres ásperos e de grande temor pera os pecadores duros de converter» – algum «falamento» é até, muito provavelmente, um longo texto de um sermão de um dominicano da segunda metade do século XIV e começos de Quatrocentos –, quer ainda como fonte de lugares de pregação. Desde esta perspectiva, pode aproximar-se, para não sairmos dos contemporâneos do nosso texto, do *Virgeu de consolaçom*, obra esta em que o autor – quase seguramente, Fr. Jacobo de Benavente, outro dominicano do século XIV – para *proveito de todos, specialmente daqueles que quizerem propoer a palavra de Deos, porque em esta obra acharão geral avondança de autoridade de sanctos, e dalgũus sabedores, que daram gram prazer, assi como flores ajuntadas de desvayradas maneyras e de desvayrados logares...*<sup>4</sup>.

5 – Nem necessário seria dizer que o nosso texto não oferece qualquer dado evidente que – já não diremos permita identificar, vagamente sequer, o seu autor – autorize, com alguma segurança, a situá-lo nas suas circunstâncias... É possível, com todos os riscos e mais alguns, vê-lo como um monge que conhece – e propõe, disso encarregando o narrador –, como modelo da vida solitária, uma comunidade de eremitas, companheiros que se apoiam espiritualmente. Pensemos em Monserrat na Catalunha..., na Camaldula nas montanhas em redor de Florença... Em vários momentos da obra defende-se esta proposta... Uma vida eremítica menos agreste..., mais «amável»... De qualquer modo, tal como sobre o monge-narrador – porque não dizê-lo também «autor», já que é ele quem, da primeira à última linha, «dita», desde *a grória celistrial* (227, 228),

4 Seguimos a lição de edição que Albino Bem da Veiga deu de *Virgeu de consolaçom*, p. 3.

a obra? –, nada se nos diz – simbolicamente, sequer – nem da ordem..., nem do hábito..., nem, evidentemente, da sua regra... Não há mesmo um santo de especial devoção dos autores que, eventualmente, nos pudesse oferecer qualquer pista<sup>5</sup>... São monges convertíveis em puros *exempla*...

Ainda que rapidamente, teremos ocasião de chamar a atenção para que o *Bosco deleitoso solitario*, porém, não se reduz a esta dimensão retórica.

6 – Quanto a datação... À falta de qualquer manuscrito autógrafo ou mesmo apógrafo – ou até de qualquer tardia cópia mais ou menos completa do anónimo *Bosco*, previsível se, por exemplo, a edição tivesse sido um êxito editorial, o que os três exemplares sobreviventes e o silêncio secular em torno do livro não abonam –, a obra tem sido datada a partir da lição da língua do impresso de 1515. E poderia ser de outro modo? Sem nos atrevermos a discutir a pertinência e a eficácia de tal critério – *sutor, ne supra crepidam*... –, lembremos que desde Leite de Vasconcelos<sup>6</sup>, em 1926, até João David Pinto Correia<sup>7</sup> tem-se proposto datá-la dos fins do século XIV – 1375...? 1380...? 1400...? – ou começos do século XV – 1401...? 1430...? Será possível ser um pouco mais preciso? Também aqui, talvez um pouco mais, sem, contudo, alterar substancialmente as propostas de datação até agora aventadas. E esse pouco assenta em que, como parece evidente, o cap. XLIX fornece o que cremos únicos dados autobiográficos do «eu» narrador – e, conseqüentemente, do autor?... –, o que não parece ter sido alguma vez tomado em consideração<sup>8</sup>.

5 A grande maioria dos santos nomeados ao longo do *Bosco deleitoso* deriva do *De Vita Solitária*, obra de que, como se sabe e como aludiremos, o anónimo autor largamente se aproveitou. Todos, mesmo os raros que não derivam da obra de Francesco Petrarca, ou foram eremitas e monges ou amaram a «vida apartada». Inclusive a Virgem Maria é apresentada a esta luz, pois unicamente nos primeiros capítulos aparece invocada como Mãe de Misericórdia e uma outra vez (c. CXIX) como exemplo máximo de quanto há que temer os «espíritos malignos» à hora da morte, pois a própria Virgem os temeu. Esta última passagem tem a sua origem, como logo se suspeitaria, na *Legenda Aurea* de Iacopo da Varazze (*Legenda Aurea*, «De Assumptione Beate Virginis Marie», Testo critico riveduto e commento a cura di Giovanni Paolo Maggioni, Firenze, Edizione del Galluzzo – Milano, Biblioteca Ambrosiana, 2007, II, p. 866; «Assunção da Bem-aventurada Virgem Maria», Porto, Livraria Civilização, 2004, II, p. 86, tradução portuguesa estabelecida sobre o texto da 1ª ed. da edição crítica citada).

6 José Leite de Vasconcelos, *Lições de filologia portuguesa*, Lisboa, Oficinas da Biblioteca Nacional, 1926, pp. 136-137.

7 João David Pinto Correia, in *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XV*, Fundação Calouste Gulbenkian, s.a. [1999]: «se caracteriza por uma fase linguística muito mais antiga, talvez princípios do século XV ou mesmo finais do século XIV».

8 Até agora, que saibamos, apenas Augusto Magne, Introdução à sua já citada edição do *Boosco Deleitoso*, p. IX, se interessou por esse capítulo. Preocupado com a fonte da narrativa,

Com efeito, depois de ter ouvido um breve aviso de Santo Agostinho, *grorioso bispo e maravilhoso doutor*, sobre o fim de todos os deleites (cap. XLVIII), o monge narrador é surpreendido – principia o cap. XLIX – pela chegada de um religioso da Ordem dos Pregadores, mestre de Teologia, título garantido por *um barrete mui fremoso, assi como hão costume de trazer os mestres em teolisia*. Reconhecem-se mutuamente. Então, o narrador declara que *muitas vezes o havia visto sendo ele vivo sobre a terra, e muitas vezes falara com ele e recebera dele muita doutrina de saúde, como quer que a eu non cumprisse per obra...* No momento, porém, desse novo encontro *este religioso trazia ãa capa toda molhada, em guisa que corriam dela muitas goteiras de água, e esso mesmo a saia e as outras vestiduras, e toda sua cabeça e corpo era tudo banhado em água*, aparência que patenteava *que ele havia perigado em o mar pelo azo do Diabo por torvar algũas cousas do serviço de Deus Nosso Senhor, que per ele puderam ser feitas* (88)...

Logo depois, ficamos a saber que tal religioso é Mestre Vicêncio, que, se não com certeza, com alta probabilidade, pelo menos, pode identificar-se, não como à primeira vista se podia cuidar, com Vicente Ferrer, dominicano e Mestre de Teologia – só será canonizado em 1455 –, mas com Fr. Vicente de Lisboa, dominicano, iniciador da reforma em sentido observante da sua ordem, fundador do convento de Benfca (1399), inquisidor nas Espanhas (1399)<sup>9</sup> e, já muito velho, encarregado, em 1400, por D. João I de Avis de importantes negócios em Roma<sup>10</sup>... Em razão deste último encargo empreendeu uma viagem a Itália durante a qual veio a morrer em 5.1.1401. Onde? Todas as fontes até agora conhecidas – crónicas da ordem..., documentos papais – o calam<sup>11</sup>. E, no

limitou-se – e já não foi pouco – a chamar a atenção de quanto «seria instrutivo [...] averiguar a procedência do lanço consagrado ao mal identificado frade da ordem dos pregadores, Dom Vicêncio, que não figura no *De Vita solitaria...*».

- 9 Antonino Bremond, *Bullarium Ordinis FF. Praedicatorum...*II, Romae, Ex Typographia Hieronymi Maynardi, 1730, p. 389; Luís de Sousa, *Segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, Lisboa, Tyo. do Panorama, 1866, II, 5, p. 119, não indica a data. Agradeço penhoradamente ao Senhor Prof. José Meirinhos o ter-me fornecido as fotocópias da obra de A. Bremond, o mesmo dizendo das da obra de J. Quéatif – J. Echard que citamos na nota seguinte.
- 10 Luís de Sousa, *Segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, II, 5, p. 118-119; o ano do envio de Fr. Vicente a Roma devemos-lo a J. Quéatif – J. Echard, *Scriptoris Ordinis Praedicatorum...*, I, Paris, Ch. Ballard e N. Simart, 1719.
- 11 Bonifácio IX, o papa então reinante, ao nomear, em 1.2.1402, o sucessor de Vicente de Lisboa no ofício de inquisidor das Espanhas, limita-se a dizê-lo *extra Romanam Curiam fuerit vita functus*. E quanto à data da morte as informações da Curia não parecem ter sido das mais

entanto, passados alguns anos, o mesmo soberano mandou Pedro Rodrigues de Moura, «acompanhado por dois religiosos de Benfca», buscar os seus restos mortais... Estes, efectivamente, trazidos para Portugal, foram depositados em Benfca, acto assinalado por um «letreiro» entalhado no seu túmulo... Porque não se registam nem o lugar da sua morte – e, necessariamente, era conhecido, pois o rei, «passados alguns anos», fez trazer o seu corpo do estrangeiro –, nem as circunstâncias dela? O mais provável é que a sua morte por ter sido repentina e, ainda por cima, em naufrágio – circunstâncias que, seguramente, terão impedido uma «morte santa» segundo os padrões hagiográficos... –, terá levantado, à hora da trasladação dos seus ossos para o reino – talvez a pensar já em Benfca?<sup>12</sup> –, alguns comentários não favoráveis. A este *modus moriendi* – *morte perigosa...*, *em perigo do mar...* – alude, insinuando, precisamente, uma certa polémica em torno da interpretação dessas circunstâncias – havia quem dissesse que a sua morte *nom foi boa* –, o próprio texto pela boca da «mui fremosa dona» que na obra se diz, muitas vezes, simbolizar a Misericórdia divina... E em socorro da sua defesa da morte *boa*, isto é, santa, de Fr. Vicente, lembra a mesma dona que esses «críticos», – *os que menos sabem* – *nom param mentes às mortes dos santos quanto foram desonradas e cruéis e perigosas aos corpos, e nom se lembram ou nom sabem como o vaso escolhido Sam Paulo, recontando as mortes dos santos diz que alguns deles foram alagados per perigo* (89).

Por algo, os seus restos mortais, à chegada a Lisboa, «teve-os [Pedro Rodrigues de Moura] em sua casa recolhidos em segredo até que el-Rei deu ordem pera trazerem ao seu mosteiro». Teremos notado aquele «em segredo...» que só foi quebrado por ordem do rei...

Nada impedia, pois, que com «a pompa que era devida a quem [o rei] tinha por santo» – talvez não seja apenas em recordação do fundador do convento

seguras, pois em 14.7.1401 – sete meses depois da morte de Fr. Vicente – ainda se lhe dirigia sobre assuntos da Inquisição (Antonino Bremond, *Bullarium Ordinis FF. Praedicatorum...* II, ed. cit., pp. 433, 421). Fr. Luís de Sousa e os cronistas da Ordem que o precederam – e a quem cita – podem remeter para uma tradição que deve remontar a Pedro Rodrigues de Moura e aos dois dominicanos de Benfca que o acompanharam ao local onde estavam os ossos de Fr. Vicente.

- 12 Talvez haja que interpretar assim o que traz Fr. Luís de Sousa: «mandou hum fidalgo de sua casa [...] que os [ossos] trouxesse a este reino, pera sequer na morte descansarem na patria, e na Casa, e Convento, que a Deos dedicarão quando têm vida (*Segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, II, 5, p. 120). Claro que é possível que o cronista tenha interpretado *pro domo suo* a decisão do rei à luz dos acontecimentos posteriores...

que Fr. Luís de Sousa demora na sua descrição –, fosse levado para Benfica e depositado na igreja, lugar sacro... Compreende-se que, então, as suas relíquias fossem disputadas<sup>13</sup>...

De qualquer modo, os autores – o monge-autor e o monge-narrador foram – terão sido – contemporâneos da morte de Fr. Vicente de Lisboa e da posterior polémica em torno da sua sepultura em Benfica..., polémica essa em que – perdoe-se-nos a reiteração – com esse capítulo do *Bosco*, tomam parte – ou ainda tomam parte – em defesa da «morte boa» de Fr. Vicente.

A estar correcta a nossa interpretação o *Boscco deleitoso* terá sido escrito depois de 1401. Contabilizando o tempo para o regresso dos seus restos..., a polémica à volta de tal decisão de D. João I e a consequente sepultura na igreja do convento que Fr. Vicente fundara, arrisquemos mesmo dizer que «passados alguns anos»... São palavras de Fr. Luís de Sousa... Como limite, poderemos considerar 1433, ano da morte de João I, o rei sob cuja sombra tudo se passou... Isto se não quisermos, com algum radicalismo, defender que tal datação apenas é aplicável ao cap. XLIX... Contudo, pensamos, mesmo em tal caso – faremos a figura de *aqueles que menos sabem* –, teríamos sempre que o texto tal como chegou ao impressor em 1515 só ficou completo depois de 1401...

E se nada sabemos – e Fr. Luís de Sousa e outros cronistas também não o souberam – sobre as «muitas obras de livros muy excelentes, e tambem pera pregar» que compôs Vicente de Lisboa – o grande cronista dominicano alude, várias vezes, à doutrina dos seus sermões, mas não conheceu nenhum... – poderemos, porém, aceitar agora que o texto que o «honesto religioso» logo declama contra «a vida do segre» que ocupa o resto do capítulo – e, depois, os que prega nos capítulos seguintes até ao LIV inclusive – são um sermão ou fragmentos de sermões seus... E, a ser assim, esses textos serão os únicos fragmentos, hoje conhecidos, desses seus «livros de pregar»<sup>14</sup>. Se, também aqui, a

13 Luís de Sousa, *Segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, II, 5, pp. 120-121, relata a disputa dos ossos de Fr. Vicente – agora «santo» cujos milagres, antes e depois da morte, serão proclamados pela lápide do seu túmulo –, por parte dos dominicanos de S. Domingos de Lisboa, convento a que «pertencia» por nele ter professado...

14 O infante Fernando de Avis, «o Santo», como se vê no rol da sua livraria constante do seu testamento (1437), possuía «Hũum livro de pregações de frey Vicente per linguagem», deixado ao convento de S. Francisco de Leiria. Júlio Dantas em «Os livros em Portugal na Idade Média. A livraria do Infante Santo» in *Arquivos das Bibliotecas e Arquivos*, 26 (1921), pp. 101-109, identificou-os correctamente com os de fr. Vicente de Lisboa, de quem dá algumas notícias baseado em Barbosa Machado [III, p. 723]. O testamento do infante pode ver-se, entre outras fontes, na *Monumenta Henricina*, VI – 1437-1439, Coimbra,

nossa interpretação estiver correcta, quer isto dizer que o monge-autor conheceu, em manuscrito naturalmente, um «livro pera pregar» de Fr. Vicente de Lisboa..., o que poderia formar, não necessariamente, um argumento a favor de o autor do *Bosco* ser um dominicano... Ou, se não quisermos arriscar tanto, alguém da órbita da Ordem dos Pregadores<sup>15</sup>...

## II

Recordemos aqui brevemente, pois é bem conhecida, a estrutura da obra:

Não será precisa muita imaginação para considerar o *Bosco deleitoso* como um grande tríptico sobre a vida contemplativa:

Quinze capítulos iniciais (I – XV) – são como que o seu primeiro retábulo – sobre a vida actual de um *pobre de virtudes e mizquinho pecador*, rico – as

1964, Doc. 52, pp. 108-132, especialmente, p. 118. (Devo ao Prof. José Meirinhos, a quem vivamente agradeço, o ter-me feito conhecer estas referências).

- 15 Como consequência do que acabámos de expor – *ad meliorem mentem revocata* –, não seria – talvez – um erro gritante vê-lo como um dominicano da reforma observante iniciada pelos anos noventa do século XIV por Fr. Vicente de Lisboa, «honesto religioso» que o monge-narrador conheceu e muito admirou. O seu próprio alinhamento com os que defendiam a santidade de F. Vicente – o iniciador da reforma observante dominicana (um facto importante para qualquer dos seus seguidores) e fundador de Benfica – poderia ser um argumento mais a favor da nossa sugestão. A opor-se a esta «visão» poderia estar – não necessariamente – a dedicação desses amantes da «vida solitária e pobre» no então «pequeno vale» de Benfica, um quase «deserto», que Fr. Luís de Sousa reconhece descrever «com termos quase poéticos» (Luís de Sousa, *Segunda parte da Historia de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, II, 5, pp. 104-105), a actividade apostólica dos frades pregadores... Mas nada impediria que um desses solitários dominicanos visionasse monasticamente a sua comunidade. O próprio Fr. Luís de Sousa, tendo em conta as proporções de grandeza, demora-se a comparar Benfica em tempos de Fr. Vicente com Claraval de S. Bernardo... Quanto à objecção que, retoricamente, acabámos de levantar sobre a actividade apostólica dos dominicanos como pregadores ser um possível argumento contra a filiação do autor no ramo «observante» dessa ordem, lembremo-nos que o próprio S. Bernardo proclama no *Bosco deleitoso* (pp. 53-54) que «prova e enxemplo, que eu provei, que, se algũa vez eu soube que alguns aproveitavam em seus costumes pelos meus amoestamentos, entom nom me pesava porque leixara a folgança da contempraçom e o assessêgo próprio da minha mente pelo cuidado das palavras e da pregaçom, e sofria com paciência ser arrincado dos abraçamentos da contempraçom...» (Conf. S. Bernardo, *Obras completas*, «Sermões sobre los cantares» (41, 6), Madrid, BAC, 1955, p. 286, edição baseada na de Fr. Adriano de Huerta (1803); o texto do mesmo sermão na edição das *Obras completas*, Edición bilingüe, preparada pelos monges cistercienses de España, V, Madrid, BAC., 1987, pp. 565-566 é menos literalmente próximo da tradução da passagem do *Bosco deleitoso* que citámos).

suas riquezas são um peso que o afastaram e afastarão, durante muito tempo, dos caminhos da perfeição – que, em determinado momento, se manifesta arrependido e desejoso de mudar de vida. A sua autoria pode, *faute de mieux*, atribuir-se ao monge-autor.

Cem capítulos (XVI – CXVI)<sup>16</sup> que são quase uma tradução, por vezes abreviada, muitas vezes adaptada, quer para explicitação de sentido, quer para actualização dos exemplos, do *De vita solitaria* de Francesco Petrarca<sup>17</sup>, que se completa por uma série de capítulos que não pertencem – ou não pertencem inteiramente – à obra do recolhido de Vaucluse. São como a tela central do tríptico em que se borda a obra. São uma defesa e ilustração da vida solitária – entendamos, aqui, monástica – levada a cabo, sob a orientação de um *nobre solitario*... que «havia em sua cabeça ãa grilanda de folhas de louro mui verde e mui fremosa» (32), por um grande número de ilustres solitários, todos com provas dadas, em que, invocando a sua experiência, mais que a sua autoridade, confluem S. Jerónimo..., Padres do Deserto, como Cassiano, por exemplo..., Padres da Igreja, como Santo Ambrósio e Santo Agostinho..., filósofos como Platão, Cícero ou Séneca..., monges como S. Bernardo... doutores em Sagrada Teologia, como S. Tomás de Aquino, e entre eles, que o «receberam mui bem», um contemporâneo, como estamos em crer, do monge-narrador – quer dizer, obviamente, do monge-autor –, Fr. Vicente de Lisboa... E até uma Dona Sinclética, anacoreta e virgem do século IV... Todos, na sua imensa variedade de tempos e origens e formação e experiências, incitam o pecador ao retiro do mundo..., expõem os modos de vida solitária e, destes,

- 16 Depois do capítulo CVIII o monge-autor ainda aproveita, como acabámos de assinalar na nota precedente, algum capítulo ou algumas passagens do *De vita solitaria*. O capítulo CXVII em que «o mui nobre solitário» intervém pela última vez, já, porém, não pertence à obra de Petrarca.
- 17 O P. Mário Martins, sábio de Ciência e de Sabedoria, a quem se deve o ter assinalado «as principais partes» do largo aproveitamento do *De vita solitaria* – «Petrarca no *Bosco deleitoso*» (*Estudos de literatura medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956, pp. 131-143) –, assinalou os 108 capítulos que referimos; no entanto, o cap. LXV, em que Moisés é apontado entre os que seguiram a vida solitária, é também uma versão da obra de Petrarca (164), tal como o cap. CVIII ainda contém dois extratos seus referentes à prática da agricultura e da caça pelo solitário e, logo depois, a invectiva final a favor do abandono da cidade (o Mundo) (CVIII, 116-118). Controlámos os dois casos pela edição do *De vita solitaria*, édition bilingue latin-français (Préface de Nicholas Mann. Introduction et notes de Christophe Carraud, Grenoble, Éditions Jérôme Millon, 1999, II, 3, 1; II, XV, 6 – 7, pp. 196 e 386, 388, respectivamente... Há ainda que continuar a ter presente de Zulmira Coelho dos Santos, «A presença de Petrarca na literatura de espiritualidade do século XV: o *Bosco deleitoso*, in *Actas do Congresso Internacional sobre Bartolomeu Dias e a sua época*, Porto, 1988, pp. 375-393.

os que serão mais favoráveis no seu caso, os difíceis caminhos que terá que empreender (ascese), as altas recompensas da vida contemplativa e, nisso insistindo, apontam, como mais conveniente no caso presente, a vida solitária com companheiros (cap. XLVI, 81-84; cap. CIII, 167-169). Um eremitismo de tom cenobítico...

Quase sempre, o que defendem e ilustram os «veneráveis» solitários é comentado, de modo a torná-lo mais compreensível – e até mais imediatamente aplicável ao «sandeu», ao «mizquinho pecador», que então era o monge-narrador –, por uma série de figuras alegóricas (donas e donzelas), caracterizadas, mais que pelos seus trajos – carregados de ouropéis e panos de colorido simbolismo –, pelo respectivo semblante («catadura»), ora duro – a Justiça divina (Dona Espantosa) ou a «renembrança da Morte» (Dona Amargosa) –, ora mais jovial e acolhedor – a «donzela mui graciosa» ou «piedosa donzela» (Misericórdia)..., ou até pela sua beleza – «formosa dona» que é a Ciência da Sagrada Escritura e «donzela fermosa» que representa a Sabedoria... São figuras que, além da Fé, Esperança e Caridade, hão-de acompanhar todo o caminho terrestre do protagonista autor (o «eu» narrador). Mas convirá anotar que o que leva, finalmente, o «sandeu pecador» a abraçar, com todas as forças do seu coração, a vida solitária não é tanto a compreensivelmente massacrante pregação de incitamento à fuga do mundo e, conseqüentemente, à vida solitária, mas, sim, a demorada meditação na morte – uma autêntica e longa *de miseria humanae conditionis* em tom próximo da parénese –, esse «agulhom de ferro da vara de ouro» (183) com que a «dona amargosa» o «punziu mui agudamente em o coração» (187). Valeria a pena recitar aqui as páginas sempre vivas de J. Huizinga sobre «A imagem da morte», pois também naqueles dias de Outono, com «tribulaçom e angústia», de «dores da morte» cercado e de «o aviso do temor de Deus» coberto, o monge-narrador decide, por fim, embrenhar-se no «bosco nevooso da pendenza» onde passou a morar, «fazendo vida apartada e solitária, afastado dos negócios e dos arruídos do segre» (204)...

Os cerca de quarenta capítulos finais (CXVIII – CLIII) formam o terceiro retábulo do tríptico em que se nos põe diante a prática – *ora et labora* – do monge..., a *contempraçom das cousas celistriaes*..., a sua morte e subida ao Paraíso..., tudo debuxado demoradamente ... O tempo do *Bosco deleitoso* é um «tempo longo»... Um tempo longo exigido para o radical desprendimento do mundo e suas riquezas – por algo aí estão os 108 capítulos de entediante insistência sobre tal requisito para «emendar os seus pecados e levar caminho de salvaçom» (27) –, e que certas formas estilísticas, traduzindo-o, ajudam a perceber, como, por exemplo, «E depois que fores perseverando em tua pendenza...»



(206), «a primeira cousa... pera chegares à alteza do monte da contempraçom, é usares primeiro per tempo em nas obras da vida autiva...» (207), «usando per longo tempo aquelas cousas que te eu [«formosa dona» – Sabedoria] ensinei...» (207) «E depois, que per longo tempo trabalhei em nas cousas sobreditas...» (211), «obrando, meditando, orando...», «pensava..., maravilhava-me..., contemprava..., escudrinhava...» (222-223), «e entom a minha alma ficava só por só... estando ela só, via e olhava... e via... maravilhandose da fremosura do amado... E assi ardia mais e mais... algumas vezes se encendia, atá que chegava à verdadeira simpreza...» (230).

São 40 capítulos que formam um pequeno tratado de teologia mística com ribetes escolásticos de divisões e subdivisões... Bastem como exemplos: «E nom penses que hás-de subir ao alto monte da contempraçom subitamente, mas per certos graus: O primeiro... o segundo... o sexto... o oitavo...» «E debes saber que as visões som em três guisas»... «Trabalha-te em que hajas perfeita humildade, em que há quatro graus. O primeiro»... «Mas a groriosa ifante me ensinou e deu três remédios pera esto [vencer os «embargos do diabo»]: Contra o primeiro embargo... O segundo remédio era... O terceiro remédio contra a aucídia, era...». Mas, com algum cuidado, talvez algum dia se possa perceber que por entre remédios e graus desfiam imagens – «o coração é o princepal y maior espelho pera veer o Senhor Deus em contempraçom, porque o coração é a alma do homem...» (228), «começava de me antreluzir ùa craridade do lume divinal um raio de visom...» (228), «o Senhor nom era ainda em no seio mais apartado e mais de dentro da minha afeiçom...» (231), «quando minha alma, assi como verga de fumo, subia pera as cousas celistriaes em contempraçom...» (233) – que poderão remeter-nos para os místicos do Reno. Se assim puder ser, o *Boscco deleitoso* anteciparia a sua presença na literatura espiritual desde os começos do século XV, presença que durante longo tempo tantas preocupações – e drásticas perseguições – causou a autores e a inquisidores nas Espanhas..., o que, de tão bem sabido, dispensa referências bibliográficas...

E o facto de expor, depois da morte, o seu itinerário espiritual em forma autobiográfica – desde a *conversio cordis* até aos cimos da contempração só possíveis de alcançar e compreender neste mundo por «experiência» e não por «razom» – autoriza o monge-narrador a descrever a vida «em na grória celistrial em que já moro» (228), visão que apenas terá a sua plenitude «quando for a ressurreiçom dos corpos»..., quando toda carne «nunca já possa morrer»..., porque, «entom virá toda a carne pera adorar ante a minha face, e entom todolos os santos verom os corpos fedorentos daqueles que forom tredores contra mi, o verme deles nom morrerá, e o fogo que os queimará nom será

apagado»... (244). Palavras do Senhor, que mais não são do que uma glosa do «Credo» que vem na cartilha...

A todo este itinerário autobiográfico do monge-narrador está presente, mas nem sempre visível, um anjo – o seu Anjo da Guarda que «dês o dia em tu nasceste, sempre fui teu companheiro e me trabalhei de te guardar...» (6)<sup>18</sup> – que será não só seu «guiador» em todo o seu percurso terrestre – será ele quem o tirará «da cidade e da morada dantre as gentes» –, mas ainda, «confortoso companheiro e guardador mui previsto e guiador mui dereito que nunca se de mi partia», quem, assistindo à sua morte (242)<sup>19</sup>, toma «a [sua] alma e [leva-a] mui alegre pera a terra perdurável, e ia cantando com ela mui docemente». Compreende-se que, quando visível – nos capítulos do primeiro retábulo e durante todo o terceiro – o seu importante papel interaja com o das já mencionadas figuras alegóricas (Justiça..., Misericórdia..., Ciência da Sagrada Escritura..., etc.), tornando mais premente e mais grave a decisão de abandonar, antes de mais espiritualmente, o século, o princípio dos princípios de toda a *conversio cordis*.

Este papel determinante – alguma vez até nos parecerá que é a ele (e realmente é) que cabe a condução da «intriga» – ficará mais evidente se soubermos – o que, tanto quanto sabemos, não tinha sido ainda relevado – que deriva da *Oratio ad proprium cuiusque angelum*. De grande circulação desde o século XII<sup>20</sup>, este texto devoto, a meados de Quatrocentos – sinal de evidente apreço –,

18 Note-se que o monge-narrador, ainda no «segredo», se lhe dirige com uma oração – «Ó santo anjo do Senhor, que és meu guardador, pola piadade de Deus, rogo-te que salves e defendas e governes a mi, que som dado em tua encomenda» (7) – que, a estar pelas muitas que Dom André Wilmar recolheu e estudou («Les prières à l'ange gardien» in *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age latin. Études d'histoire littéraire*, Paris, Études Augustiniennes, 1971 (1ª ed. 1932), pp. 537-551), representa, mais sinteticamente e com fórmulas mais reduzidas, as que, desde o século X, se vinham repetindo. Como simples curiosidade, lembremos que ainda hoje, com formulação idêntica, é possível encontrá-la em qualquer devocionário...

19 O P. Mário Martins, «Petarca no *Bosco deleitoso*», *Estudos de literatura medieval*, ed. cit., p. 143, pensa que é Cristo quem, «tom[ando] [a alma do monge-narrador] a levou mui alegre pera a terra perdurável...». Cremos, porém, que o «confortoso companheiro e guardador mui previsto e guiador mui dereito» é o seu Anjo da Guarda. «Companheiro»..., «guardador»..., «guiador», «guiador mui dereito, que nunca se de mi partia...» (242) são epítetos que desde o começo da obra definem a função do Anjo da Guarda...

20 A *Oratio ad proprium cuiusque angelum* reproduz-se no final do presente volume, com tradução do Professor Manuel Francisco Ramos, segundo a edição de André Wilmart, «Les prières à l'ange gardien» in *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age latin. Études d'histoire littéraire*, ed. cit., pp. 547-551.

ainda sofria alguma transformação, já que desses dias se conhece uma versão muitíssimo mais breve, destinada, talvez, a facilitar uma sua maior divulgação. Esta *Oratio ad proprium cuiusque angelum* parece-nos, hoje por hoje, ser o guião, para não dizer fonte, de que se serviu o monge-autor para compor a narrativa que une os primeiros quinze capítulos aos quarenta finais. Com extraordinária habilidade de composição, ao introduzir a tradução do *De vita solitária* como um funcional, e necessário, tempo de pregação – catequética, portanto – entre a *conversio cordis* e a ascensão ascético-mística do «eu» narrador, talvez se tenha proposto conferir ao anjo um papel que, porque de origem divina, suplantava o do «nobre solitário» (Petrarca)<sup>21</sup>.

E ainda havemos de aludir à presença dos anjos junto dos monges, um grande tema do monaquismo...

### III

Não é possível analisar aqui – nem teria sentido numa breve apresentação da obra – os principais temas do *Bosco delectoso* e o seu imbricado encadeamento, facto que se torna evidente, mesmo a uma leitura relativamente desprevenida, e, por isso limitamo-nos a dar também notícia, com algum breve comentário, de alguns deles.

Deixemos, porque comuns a qualquer tratado *de vita contemplativa*, as dificuldades e contradições por que passa toda a *conversio cordis*, e a imperiosa e permanente exigência do conhecimento próprio. O «coração é a imagem de Deus» (16), comenta o monge-narrador ao começo da sua obra para mais tarde, quase no final, precisar: «se grande alteza de ciência é conhecer homem perfeitamente a si mesmo», «o conhecimento comprido do espirito razoável é monte mui alto que trespassa todas as altezas de todas as ciências mundanais

21 Seria um despropósito discutir qualquer possível consequência cultural da nossa hipótese na visão da cultura portuguesa da tarda Idade Média. Preocupados com as marcas do Humanismo italiano – cívico, sobretudo – esquecemos que o humanismo monástico foi uma realidade com uma já longa história no século XV que entre nós mereceria ser pensada... Dom Jean Leclercq assinalou-o bem num admirável e inesquecível livro – *L'amour des Lettres et de désir de Dieu* (Paris, 1957) – e Augustin Renaudet mostrou, em 1908, quanto ao lado de Jean Standonk. *Um réformateur catholique avant la Réforme* (reeditado em *Humanisme et Renaissance*, Genève, 1958), havia que colocar clérigos... Irmãos da Vida Comum..., monges... que, como ele, um pouco antes ou um pouco depois, eram reitores..., directores..., «principaux» de colégio e instituições universitárias... Talvez algum dia valha a pena tentar exercícios da mesma natureza para a cultura lusa dos fins de Trezentos e de todo o século XV...

e toda a filosofia do mundo», cimos do monte da contemplação alcançáveis com um «programa» simples: seguir Cristo e trabalhar por se conhecer a si mesmo (145-146). Compreende-se assim que seja o mais eficaz remédio contra a soberba da perfeição que pode assaltar o monge, como aconteceu com ele, narrador, que, um dia, julgou «que era já santo e despreçava os outros» (214). S. Jerónimo sabia-o e bem o lembra<sup>22</sup>... Digamos apenas, a tal respeito, que, muitas vezes, no *Bosco deleitoso* estes temas aparecem mesmo, com naturalidade, unidos. Seja, por exemplo – e não importe que se trate de uma longa glosa do *Cântico dos Cânticos* (5, 4-6; 7, 11-14; 8, 5-7) –, quando o monge-narrador «soube e conhec[eu] que toda a grória mundanal jazia sô os [s]eus pés» (227)... Então, «às vezes acontecia tardar tanto em alimpar o coração das vãs cuidações, que ele [o Amado Esposo] trespassava o portal da porta e da entrada da minha alma. E quando eu abria ao meu amado, já ele desviara e já trespassara, porque ele é amor singular, e, porém, nom recebe outro companheiro consigo; e eu começava lançar fora do meu coração as companhas dos arruídos das cuidações, e ele começava já a bater à porta da entrada da minha alma, e ela lhe dizia: «Espera, atende ainda» (229)...

Difícilmente se poderia conceber uma obra de tão profunda matriz monástica que desse mais lugar à presença de Jesus Cristo que o *Bosco deleitoso*, especialmente na sua terceira parte.

Como, aliás, incitando-o a decidir-se a passar para a vida solitária, diz abertamente ao monge-narrador o seu anjo da guarda, ir para o ermo é «vir para Jesus Cristo» (198). Nada tem de notável, portanto, que, se a quem «cobiça» «subir ao [...] alto monte da perfeição da contemplaçom», «compre que [seja] morto a esta vida presente, a [sua] carne que nom lhe [haja] amor», o primeiro estádio [«grau»] dessa subida é «[propor-se] ante [si] a linha direita, convém a saber, a vida do Salvador» (217). Imitar Cristo, começando pela humildade... Depois, seguir «as pegadas de Jesu Cristo» – a *sequela Christi* que une o monaquismo primitivo ao *Contemptus mundi* de T. de Kempis – aprofunda-se, pelo trabalho (*ora et labora*), pela oração e estudar e ler «per santas escrituras» (221). Aqui lembramo-nos, certamente, do programa de

22 Jerónimo, (S.), *Cartas* (Ed. bilingüe. Intoduccion, versión y notas por Daniel Ruiz Bueno, Madrid, BAC, 1962, II, p. 607, nº 125): «Mihi placet, ut habeas sanctorum contubernium nec ipse te doceas et absque ductore ingrediaris viam, quam numquam ingressus es [...] In solitudine cito subrepiit superbia et, si parumper ieunaverit hominemque non viderit, putat se alicuius esse momenti oblitusque sui, unde quo venerit, intus corpore lingua foris vagatur [...] iudicat contra apostoli voluntatem alienos servos [...] nullum veretur, omnes se inferiores putat crebriusque in urbibus quam in cellula est».

vida solitária, entenda-se, monástica, proposto por S. Jerónimo em muitas das suas cartas... Cabe pensar que, resultado de ler e estudar as Sagradas Letras, «chorando e muito amiúde por meus pecados e por compaixom da morte de Jesu Cristo, senti[a] em mi grande fervor do amor de meu Senhor Deus, que me acendia cada dia mais e mais pera me fazer desejar a dolçura da contemplaçom» (211)<sup>23</sup>. Mas para «ver Jesu Cristo trasfigurado» haverá que continuar a subir «em na alteza do monte» da contemplação e nele «morar» (220), o que há-de acontecer, algumas vezes, quando, «e primeiro (o monge-narrador) busca[ndo-o] e ouvi[ndo] sua voz», depois via-o em contempraçom e depois ficava esbafarida e desfalecia do estado humanal e saía fora de si mesma...», «em êxtasi» (235). Então, ouviu «com as orelhas espantosas da [sua] alma ùa voz do [seu] amado Jesu Cristo» convidando a sua «amiga, e [sua] esposa» a desposá-lo. O que imediatamente se segue é um terno hino nupcial bordado, como quase toda a mística nupcial, sobre o *Cântico dos Cânticos*... Depois, morrendo de amor, é a alma levada pelo Anjo da Guarda para a «terra perdurável» da «grória celistrial» (242)... donde «dita» esse grande *exemplum* que é a sua autobiografia espiritual...

Para além dos estudos que têm visado a descrição e interpretação da natureza no *Bosco deleitoso*<sup>24</sup>, talvez caiba ainda alguma breve nota mais sobre o modo de a representar, muito especialmente no que chamámos o primeiro e o terceiro retábulo do grande tríptico *de contemplatione* que é o *Bosco*.

A natureza nesta obra dos começos do século XV não se reduz – e não deve ser reduzida –, como o leitor verifica logo nos primeiros capítulos, aos abundantes elementos de carácter botânico, mas envolve a fauna e, especialmente, elementos geológicos, estes últimos, muitas vezes, transformados. Nem necessário seria dizer que a natureza, se mal não lemos, apenas surge no primeiro e no terceiro retábulo, pois o solitário de Petrarca, se «acorda com os cantares do rouxinol que canta toda a noite»..., se «se assenta em a primeira seda de froles que acha»..., se tal lugar está cerca donde «corre algũa água fazendo som pequeno e brando ou algũas aves cantam docemente»...

23 Quase o mesmo se repete um pouco mais adiante: «Quando eu chorava muito, ou havia muita compaixom de Jesu Cristo, ou havia grande fervor do amor do Senhor Deus, singularmente vinha em no meu coraçom ùa avondança de prazer e ùa mui forte alegria da mente, que me fazia todo ledó...» (214).

24 José Meirinhos, «O significado da natureza em o *Bosco deleitoso* na tradição monástica contemplativa», in *Ora et labora. Refojos de Basto: "Natureza e meio natural na vida, linguagens e imaginário da vida monástica"*, ATAS do IV Seminário Internacional, Cabeceiras de Basto, 2020, pp. 191-207, é um bom exemplo recente a reter.

(caps. XVIII, XIX), disfruta a natureza, como sugerem os exemplos, unicamente enquanto vasto *topos* literário...

As flores – rosas..., «violetas froridas»... lírios... –, tal como as ervas, têm «muitos e desvairados odores...»; os frutos – podem ser uvas brancas, já que as encontra, na própria videira, o então candidato a solitário... – «eram de mui doces sabores»; há aves e animálias bravas que assustam qualquer um... Há oliveiras..., searas («pães»), vinhas..., árvores..., «fontes de água mui crara» – algumas até «lavradas mui ricamente»... –, metais e pedras preciosas – ouro..., prata..., jaspe..., jacintos..., esmeraldas..., safiras..., rubis... Algumas vezes, muitos elementos naturais estão, como aludimos, já transformados e aplicados seja em adornos (cruzes, grinaldas...), em casas, como naquela com as paredes de cristal..., ou uma outra, ainda não no cimo do monte a que a solitário subirá, «mui fremosa de dentro e mui bem cerrada, senom que tinha ùa fresta e era dentro pintada de mui graciosas cores, que a faziom mui alegre» (213)<sup>25</sup>...

O sentido alegórico de todos estes exemplos – e de quase toda a natureza no *Bosco deleitoso*, em si mesmo um título alegórico, que antes de o ser é, durante algum tempo, um «bosco nevooso» – vem demonstrado pela declaração do próprio monge-narrador, quando, quase no fim da vida, ressaltando a tensão alegórica que percorre a sua «autobiografia», «entrava em nos deleitosos prados das Santas Escrituras e, orando ao Senhor Deus, colhia as mui verdes ervas das ciências e, lendo, comia as froles da Santa Escritura e os fruitos dela e, usando, revolvía e mastigava amiúde e, ajuntando todo, guardava o que assi achava em na alta séda da minha memória...» (240). Mais que uma natureza «natural» – releve-se-nos o pleonasma –, dir-se-ia uma natureza esteticamente glorificada – há-de lembrar-lhe a do Paraíso (221) – contemplada nas iluminuras dos livros de horas ou de obras como os *Triunfos* de Petrarca – onde há árvores..., flores..., aves..., animálias..., palácios ..., grinaldas de pedras preciosas... – ou até, porque não?, em muitas tapeçarias... Se não quisermos, uma vez mais, recordar a sempre trazida e levada *La Dame à la licorne*..., podemos pensar em tapetes com essa mesma obra do autor do *De vita solitaria*, por exemplo<sup>26</sup> em que, se exceptuarmos o «Triunfo da Morte», terão sempre – ou

25 É possível que aqui com «casa» se possa entender também aposento..., mas no contexto geral parece dever interpretar-se como edifício. Para o que nos interessa aqui, é indiferente que se trate de aposento ou de edifício.

26 A rainha Isabel, a Católica, por exemplo, possuía cinco tapetes com os cinco *Triunfos* de Petrarca (Francisco Javier Sánchez Cantón, *Libros, Tapices y Cuadros que coleccionó Isabel la Católica*, Madrid, C.S.I.C., 1950, pp. 102, 104, 131, 132); um outro jogo de tapeçarias, mais tardio, c. 1520, com os *Trionfi*, pertenceu a Henrique VIII – ou ao cardeal Wosley? O cardeal

quase sempre... – lanços de flores e plantas, ou ainda nos muitos tapetes «de verduras» e «de arboledas» que cobriam paredes e portas de palácios reais e de grandes senhores...

Um outro tema que percorre o *Bosco deleitoso* – tema, aliás, íntima e naturalmente associado aos que acabámos de analisar – é o que, em sede de literatura monástica, se costuma dizer a reconquista do Paraíso.

Recordemos que as primeiras palavras do monge-narrador estão aí para deixar constante, desde o começo, que não só estava «desterrado do paraíso terreal das mui doces deleitações pelo pecado dos primeiros padres...» como qualquer homem – e um «mui nobre solitário» («Dom Francisco», isto é, Francisco Petrarca) há-de, uma vez mais, recordá-lo com razões da mais pura misoginia (115-116) –, mas também, por «pecador e mui mezquinho» actual, a sua «alma era desterrada do seu paraíso espiritual, que hão as almas santas enesta vida...» donde «se traspasam ao paraíso celestial»... Não nos interesse meditar aqui na «grande tribulaçom e mezquindade» em que se encontrava o pecador que há-de converter-se no monge que virá a ser o narrador... Como já sabemos é a reconquista desse Paraíso que é narrada na sua autobriografia espiritual... A opção pela vida solitária, como caminho da salvação – da perfeição possível no mundo à glória celestial – determina-se somente depois desse longo tempo de pregação em que, empenhados, desfilam «os santos barões» seleccionados por Petrarca no *De vita solitaria*... Devemos, porém, notar que, na verdade, tal pregação começa ainda um pouco antes quando S. Jerónimo, «cantando em alta voz mui graciosa», parafraseia, com achegas de outros *hieronymiani loci* – a sua carta ao monge Heliodoro: *O desertum Christi floribus vernans! o solitudo, in qua illi nascuntur lapides, de quibus in Apocalypsi civitas magni regis extruitur! o heremus familiari Deo gaudens! quid agis, frater, in saeculo, qui maior es mundo?*<sup>27</sup>. Anotemos aqui apenas que o monge – o monge-narrador, evidentemente – segue, desde logo, uma vida solitária «com companheiros bôs e as outras cousas que pode haver aquele que vive vida solitária e apartada, segundo [lhe] haviam dito os santos barões» seleccionados por F. Petrarca (204)<sup>28</sup>. O seu «ermo» não é

Mazarino possuía um outro, de c. 1525, que veio a pertencer a Cristina de Suécia (*Hilos de esplendor. Tapices del Barroco*, Madrid, Patrimonio Nacional – The Metropolitan Museum of Art, 2008, pp. 331, 336).

27 Jerónimo, (S.), *Cartas*, ed.cit., I, p. 81 (nº. 14).

28 Efectivamente, assim lho aconselharam, entre outros, S. Basílio..., João Cassiano... (186, 254-257). O próprio «nobre solitário», Francisco Petrarca, embora fiel à visão humanística

o deserto de Cálcis onde ardia S. Jerónimo, mas, antes, um deserto florido<sup>29</sup> – pensemos nos desertos revividos por, entre outras ordens religiosas reformadas, os carmelitas descalços cujo protótipo pode ser o Buçaco cantado por D. Bernarda Ferreira de Lacerda<sup>30</sup>. E se não sabemos se, no ermo, tinha, como a aconselhava S. Jerónimo, *cellulam pro paradiso*<sup>31</sup>, temos boas suspeitas para pensar que tinha, pois S. Bernardo lho ensinou, «verdadeiramente a craustra [é] paraíso» (69)<sup>32</sup>. Deste modo – compreendemo-lo –, esse ermo, quase sempre apresentado sob a luz de uma natureza amável, alguma vez lhe surge, como na já então longa tradição monástica, «como um pomar de ãs árvores mui fremosas que pareciam do Paraíso»<sup>33</sup>... E não só as árvores, pois «i havia muitas árvores e animálias mui fremosas; as froles e os frutos nunca faleciam; a fremosura e o odor e o sabor dos frutos nom o saberia dizer nem ensinar, senom aquele que os gostasse. Os campos de sô as árvores todos erom cubertos de ervas e de froles de mil naturas; o odor delas trespassava totalas cousas de bô odor...» (221). Teremos, certamente, anotado que nesses cimões do monte da contemplação era já possível sentir-se viver como no Paraíso... Aliás, por definição, «a vida contemplativa gosta já a folgança do paraíso com sabor de dentro da alma» (207). Um pouco mais – meia dúzia de capítulos, para medir materialmente o que não pode ser medido – e a

do *otium* com Letras e amigos, defende a mesma orientação, pois «nom pode ser o apartamento tam esquivo nem tam pequena a casa, nem o portal tam estreito, que nom seja prestes e aberto pera o amigo, como quer que nunca em o mundo houve grande avonança de amigos, e agora é mui grande minguia deles» (169).

- 29 Desde a abertura da obra não falta ao ermo, já aí dito «deserto», «um caminho estreito [...] todo cuberto de froles mui fremosas, que naciã per ele» (7).
- 30 *Saudades do Buçaco*, Lisboa, Mathias Rodrigues, 1634, dedicado às carmelitas descalças de Santo Alberto, de Lisboa, que dele não podem ver «las perfecciones»: «El desierto de Buçaco / cercado se vê de peñas [...] Basas son de aquellos riscos / Cerros llenos de arboledas, / Valles y campos que flores / llevan como el cielo estrellas... (p. 6).
- 31 Jerónimo (S.), *Cartas*, ed. cit., II, p. 605 (nº 125).
- 32 S. Bernardo, *Obras completas*, «Sermões varios» (42, 4), Madrid, BAC, 1955, p. 1055, edição baseada na de Fr. Adriano de Huerta (1803); o texto do mesmo sermão na edição das *Obras completas*, Edición bilingüe. Preparada pelos monges cistercienses de España, VI, Madrid, BAC, 1988, pp. 318-319, é idêntico.
- 33 Dentre a imensa bibliografia sobre o jardim – ou jardins? – do Paraíso, apenas lembramos, por mais directamente atinente à perspectiva que aqui apontamos, as sapientíssimas páginas de Franco Cardini – Massimo Miglio, *Nostalgia del paradiso. Il giardino medievale*, (Roma-Bari?), Editori Laterza, 2002, pp. 5-36 («Eredità e risignificazione»), e ainda as de Wolfgang Teichert, «Il giardino dell'Eden», in *Giardini dell'anima. I luoghi simbolici del paradiso*, Como, Red edizioni, 1995, pp. 36-52.



alma do contemplativo monge-narrador ver-se-á, como já sabemos, unida, nupcialmente, com Jesus Cristo... É o termo do seu itinerário terrestre... O paraíso reconquistado... Depois já não irá a um paraíso<sup>34</sup>, mas, como tanto desejava (241), a uma cidade, à Jerusalém celeste, «mui freiosa cidade, que havia todolos muros de pedras priciosas quadradas, e as portas dela erom de mui alvo aljôfar, e entrámos polas portas, e todalas praças eram estradas de mui puro ouro...» (242)<sup>35</sup>.

Motivada pelo anjo da guarda do monge-narrador, uma última e breve nota sobre o papel dos anjos na vida monástica – no ermo ou no cenóbio –, entendida aqui, obviamente, como vida solitária. Lembremos antes de mais que o «esprandecente mancebo» que, surpreendendo, em um momento atribulado da vida no século, o monge-narrador e revelando-se-lhe como o seu anjo da guarda, é, apesar das «vistiduras de fogo», um pobre anjo comparativamente a outros quase seus contemporâneos. Pensemos nos que velam o presépio nos murais da capela dos Medici do Palácio Medici-Ricciardi (Florença)..., nos belíssimos de Fra Angelico... Porque não lembrar ainda os seus longínquos «descendentes» nas Anunciações de Zurbarán? Todos, além das ricas roupagens, exibem amplas e esplendorosas asas. O «fiel guiador» do monge do *Bosco*, se não se pode queixar das suas roupagens, não traz asas... a não ser nos pés... Infelizmente, nunca logramos encontrar outro exemplar de figura angélica com asas nos pés..., adereço que, como ele próprio, com a maior naturalidade, explica, os anjos trazem – os que as trazem, claro... – nos pés «porque mui tostemente nos movemos pera adereçar as cousas da terra, sem nosso abaixamento...» (7). O ilustrador da portada da edição de 1515 deve ter estranhado tanto as asas do anjo – mais adereço de um Mercúrio do que de um anjo –, que lhe pôs as asas como as trazem todos os anjos – ou a maior parte, pelos vistos... – e tapou-lhe os pés com amplas roupagens roçagantes...

O que importa aqui é chamar a atenção para que no *Bosco deleitoso* o anjo, que, na obra, tem, como dissemos, um papel determinante nas opções do monge-narrador, pertence «naturalmente» ao mundo do ermo. Povoado de

34 Aqui apenas pretendemos explicitar que o monge-narrador, bem sabedor de que, ao morrer, foi para o Paraíso – «em na vida do paraíso em que ora som» (c. CXLIII, p. 228) –, preferiu, com alto sentido bíblico, sublinhar, opondo a cidade celeste à cidade terrestre que deixara, a sua passagem a morador da nova Jerusalém (conf. p. 17: «Jerusalem, que se entende o paraíso...»).

35 Nem necessário seria dizer que se trata de um resumo de *Apocalipse* (21, 9-27).

anacoretas..., eremitães..., cenobitas, esse mundo – não temos por que dele excluir o claustro da Idade Média dos tempos do nosso monge-autor... – via os anjos quer como os «grandes auxiliares» dos monges nos bons combates – especialmente na sua luta contra Satã –, quer como «sus guías y consoladores, los amigos y servidores de los hombres de Dios»<sup>36</sup>. Seria fácil, recorrendo a muitos dos textos do retábulo central da nossa obra – S. Jerónimo..., S. Basílio..., da «amargosa dona» lembrando a luta de S. Martinho com o diabo à hora da morte... e as muitas intervenções do seu «grorioso guiador»..., «confortoso companheiro»..., demonstrar que, ao recordá-los, o nosso monge-narrador participava da mesma visão cósmica.

E, já agora, um ponto final nestas notícias de apresentação.

O leitor há-de vir a notar, também o anjo do monge-narrador o consola..., o defende..., o doutrina..., o repreende..., o acompanha nas dificuldades da sua caminhada espiritual... A sua presença no *Bosco deleitoso* acaba por se nos revelar como um veículo da graça divina, a tal ponto que um preparadíssimo leitor e estudioso pôde confundir – ou fundir? – a sua acção com a de Cristo à hora da morte do monge-narrador. Será arriscado propô-lo, mas quer-nos parecer que, independentemente da sua fonte, a valorização do papel do anjo da guarda nesta obra de traça eminentemente monástica, publicada em pleno reinado de Manuel I, poderá pôr-se em relação com a devoção que ao anjo da guarda tinha o venturoso rei, de quem se conhecem algumas decisões destinadas a promovê-la<sup>37</sup>.

Uma razão mais para a edição de 1515?

36 García Columbás, *El monacato primitivo – II – La espiritualidad*, Madrid, BAC., 1975, pp. 246-249.

37 Permitimo-nos recordar algumas decisões de Manuel I que, genericamente, nos afiançam essa sua devoção, quer promovendo-a publicamente, quer reservando-lhe, na sua intimidade, luxos biblio-artísticos. Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Porto, Livraria Civilização – Editora, 1968, II, p. 553, sem aludir sequer a qualquer bula de Júlio II – uma bula fantasma, estamos em crer –, apenas e concretamente refere que, Manuel I, por carta de 6.6.1504, instituiu a procissão do Anjo Custódio e, em Coimbra – e Évora..., Porto...? – pelo menos, nela deveria ir uma bandeira grande com a pintura do Anjo e o letrado «*Custos Regni et Civitatis Culimbrienses*», notícia colhida em Aires de Campos, *Índices e sumários dos livros e documentos* [mais antigos e importantes do Archivo] da Câmara [Municipal] de Coimbra, [Coimbra, 1867], p. 96; em 1521, as *Ordenações* do reino consagram essa devoção, dando força de lei a ordens régias como a que acabámos de referir: «E isso mesmo mandamos, que em cada hũ anno no terceiro domingo do mes de Julho polo dito modo [da procissão à Virgem Maria] se faça outra proçiã solene ao Anjo Custodio, que tem cuydado de nos goardar e defender, pera que sempre seja em nossa goarda e defensam. As quaes proçissões

se fará, e ordenará com aquella festa e solenidade, com que se faz a proçissam do Corpo de Deos» (Ordenações..., 1521, L. I, tº 78). E, embora aqui seja um dado um tanto marginal, valerá a pena deixar registado que o cumprimento da «ordenação» de D. Manuel seguia sendo atentamente vigiado pelo poder central, pois em 2.8.1617, o vice-rei conde de Salinas e marquês de Alenquer, mandava inquirir as causas por que a câmara de Alenquer, «com algúm escândalo do povo», se tinha furtado a realizar nesse ano a procissão do Anjo Custódio (Diego da Silva y Mendoza, conde de Salinas y marquês de Alenquer, *Cartas y memoriales (1584-1630)*, Edición de Trevor J. Dadson, Madrid, Centro de Estudios Europa Hispánica y Marcial Pons Historia, 2015, p. 338). Notemos ainda que o *Livro de Horas* dito *de D. Manuel* – poderá ter sido encomendado pelo rei e iniciada a sua feitura cerca de 1517, mas só ficou acabado muito depois da morte do soberano (c. 1538) – consagra, no santoral, uma entrada ao «Anjo custódio do reino de Portugal», e outra a S. Miguel, arcanjo este que, muitas vezes, igualmente se tem por o anjo da guarda de Portugal. Duas entradas estas que temos de relacionar *naturalmente* com a devoção do rei. Esta ainda poderia ver-se sublinhada pela iluminura dedicada ao anjo Rafael, guiador e protector de Tobias que fecha esse pequeno, mas incisivo, núcleo das imagens dedicadas aos anjos protectores (*Livro de Horas de D. Manuel*. Estudo introdutório de Dagoberto Markl, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, pp. 15, 22, 178-182 e fol.s 278, 279, 280 [estampas]). Dom André Wilmart, «Les prières à l'ange gardien» in *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age latin*, ed. cit., p. 558, também se refere a tal devoção, sem, contudo, apresentar qualquer documentação; Ana Maria Alves, *Iconologia do poder real no período manuelino. À procura de uma linguagem perdida*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.a. [1985], p. 136, assinalando os lugares das obras da conhecida «Leitura Nova» onde surge o «anjo único» (distinto dos dois anjos heráldicos que normalmente sustentam o escudo de Portugal), que «apresenta o escudo [crê que] é evidentemente o anjo de Portugal, S. Miguel [...] e representa, como parece claro, um especial privilégio divino em relação ao reino de Portugal». Maria J. Vilhena, «Anjo heráldico», in *Vi o reino renovar*, ed. cit., pp. 86, 135, (Agradeço *ab imo corde* à Srª Doutora Maria João Vilhena os preciosos esclarecimentos que me comunicou sobre este último aspecto do tema). Talvez, algum dia, tenha interesse apurar, documentalmente, qual, historicamente, era o anjo custódio de Portugal, pois, como nos teremos dado conta, este aspecto, como outros desta devoção, são, quase sempre, imprecisamente enunciados.



# A edição de 1515

ESTAMPAS

Exemplar da Houghton Library  
da Universidade de Harvard

Folha de rosto e verso (Dedicatória e prólogo)

Fólio 74r (fim do cap. CLIII e *cólofon*)



boosco de leptofo .



Compreuilegio  
del Rey nofo seño



Umuyto esclarescida e deuotissima iReinha dona Lyanoz  
molher do poderoso e muy manifesto iRey dom Joam segun-  
do de portugal. Como aquella q sempre foy inclinada a to-  
da virtude e bem fazer zelosa grademete de sua saluacaõ e de  
toda alma xpaa. abandonou em pimir ho seguinte liuro chama-  
do Boosco deleitoso veedo su alteza nelle tãta duçura espiritu-  
al e proseguido cõ tãtos empreendos e figuras por cõuidar  
a muytos aa doutrina de nosso redemptor Ihesu xpo Em  
nome do qual começa ho dito liuro pprimeiramente ho pro-  
logo do autor.

prologo.

Em nome do nosso senho: Ihesu xpo  
em que he toda nossa vida.



Este liuro he chamado boosco deleitoso: porque assy como o boosco  
he lugar apartado das gentes e aspero he ermo e viuem en elle anima-  
lias espantosas assy eneste liuro se contẽ muytos fallametos da vida  
solitaria e muytos dizes asperos: e de grade temor: pera os peccado-  
res duros de conueter. Outrosy em no boosco ha muytas cruas e ar-  
nozes e frolles e muytas manciças que são virtuosas pera saude dos  
corpos e graçiosas aos sentidos e corporaaes. E outrosy ha hy fontes  
e rios de limpas e craras aguas e aues que cantam doçemente e caças pera mantijne-  
mento do corpo. E assy eneste liuro se contẽ empreendos e fallamentos e doutrinas muyto  
aproueitosas e de grande consolaçom: e muy craras pera ha saude das almas: e pera  
mantijmento espiritual dos coraçoões dos seruos de nosso senho. E pera aquelles que  
estã fora do caminho da celestial cidade do paraíso poderem tornar a acarreya e ao  
estado de saluaçom. E poderem alcançar aquella mayor perfeiçom que ho homẽ po-  
de auer enesta presente vida: e auer ho mayor prazer: e aquella mayor doçura e consola-  
çom espiritual que ha alma pode receber em quanto esta em no corpo. E depois desta  
vida auer e possuir a gloria perduravel tomãdo empreito de huã homem peccado: que  
todo esto encaçou em vida apartada e solitaria dos negoçios do mudo segundo elle  
reconta de sy mesmo dizendo assy.



z amã no z toda a obra d'elles he louuo: sem  
de fallyçimẽto z sem trabalho. Que direy  
mays digo q' o lho nõ vio nõ orelha ouyõ  
nõ l'ubio e coraçõ de homẽ aq'illas cousas q'  
d's tẽ p'stes pa aquelles q' ho amã qual he a  
lingua q' pode dizer ou qual he outro sy ho  
entẽdimẽto q' he anõdoso pa receber quan  
tos som os prazeres da q'illa çidade cell'ftri  
al estar antre os coros dos angeos z cõ os  
beatt'fimos esp'ritos em na gloria do cria  
dor: z olhar z veer ho vulto z a face p'sente  
do se'hor: d's z a luz ellume inf'indo z nunca  
auer nõ huũ temoz e morte nõ de corrupçõ.  
Adas pa semp' viuer e prazer ally nõ ha nõ  
huũ dooz nõ tristesa d' pois do prazer ally  
nõ he nenhuũ mal nõ nenhuũ dooz: z todo  
bẽ nõ fallece ally he luz sem defalleçimẽto  
prazer sem gymido de seio sem pena amor  
sem tristesa fartura sem fastiojo faude sem  
vigio vida sem morte faude sem fraqueza.  
Ally tod' am huũ prazer: z huũ caridade  
todas estas cousas forõ dadas aaminha al  
ma de poyes q' entrey em na çidade cell'ftrial  
ca cu foy l'uatado ante ha cadeyra real do  
se'hor: d's. E ally foy feito rey z receby rey  
no de fremosura z coroa d' grãde apostura  
da mãõ do se'hor: z logo foy mudada to  
da aaminha misquinoade e gloria: z polla  
proueza q' padeçi e no mũdo por d's me foy  
dada alteza de riqueza: z por trabalho me  
foy dada folgũça pouraũil por trabalho  
que durou muy pouco. E po: vilieza z def  
hõra me foy dada honrra sem cõparaçõ z  
por a morte me foy dada vida: z foy dada  
aaminha alma visom crara: z amor: z segu  
ramẽto de d's: z cu começi cãtar ao se'hor  
d's disçõo ally. O se'hor: d's muy piadoso  
ger ramẽte nõ pode nenhuũ culdar nõ fallar  
tã grãde liberdade como esta q' me tu das:  
z tal honrra que se nõ pode cõparar esta bẽ  
anẽtrãca sem m'ioida. O se'hor: q' gro  
rioso guallarõ me õste ooque p'çioso dõ  
ooque fremoso dõ: ooque confusom d' nõ  
fices q' tal z tãta hõrra perdẽ cõfussom seja  
alluçifel z aos se' compãheiros q' cayrõ de  
tãta honrra ay de vos mããos q' nõca vijn  
redes aatal honrra. Ay dos neçios q' tam  
grãde honrra como esta muda fizes e onrra  
tẽporal o se'hor: muy doce quãto he bem  
auenturado aq'lle q' tu elcolheste: z tomaste

pa mozar enesta çidade z enestes teus paa  
gos quãto som nobres os q' mozarã enesta  
tua casa z te louuã pera todo sempre. O  
quãto som groziosos os barõdes q' semp'  
estã antey: z te veem face por: face doobõ  
jesu nõ he cõparaçõ do esterco ao ouro nõ  
da dooz ao prazer nõ he comparaçõ da pe  
na a agrozia nõ da morte auuida cu se'hor  
foy em no carcer das treuas do mũdo em  
vulto e muytos perijgos dado em muytas  
vaidades z e muytas carnalidades. E ego  
foy em muytas misquinoades z atna mise  
ricordia me tyrou do lago do misquino  
de: z do lodo das fezes z me fese fepareçey  
ro z quinhoeyro dos teus cõfiados e na ca  
sa do teu padre enesta çidade cell'ftrial hu se  
allegrà os angos z os arcãgeos: z tod' os  
santos q' corẽ em ooz dos teus ynguoen  
tos z andarõ de virtude em virtude ataa q'  
vijram z veem ho se'hor: d's enesta gloria  
sa çidade. E o se'hor: me disse ally eu de se  
ho z ordeno aty: z aos q' me figurõ o meu  
reyno q' vos allegredes ante my e toda per  
feição quando for: ha r'furreiçõ dos corpos  
entõ darey ao teu corpo quatro dozes muy  
p'çiosas ligeirice z sotilleza em tal guisa q'  
em huũ ponto sera e qual quer lugar z po  
dera passar p' qual quer cousa sem embar  
go z darlhey q' nunca ja possa mozer z cri  
ridade e tal guisa q' respãdeçera ally como  
ho solante my. Entõ vijra toda carne pera  
adozar ante aaminha face z entom todõs  
santos veerom os corpos seozetos da q'le  
les q' forom treedores contra my: z ho ver  
mẽ delles nõ mozerã z ho fogo q' as quei  
mara nom sera apagado.

**E** acabou se do exprimir este lyro cha  
mado boosco delleytofo solitario p. Ader  
mã de cãpos bombardeiro del Rey noso  
Se'hor: cõ grãca z preniliegiõ de sua alteza  
em ha muy nobrem z sempre leal çidade  
de lieboa cõ muy grande dilligẽcia. Anno da  
encarnaçã de nosso saluador: z. Reoentoz  
jhesu xpo. De mil z quinhentos z quinze  
a vinte quatro dias de. Mayo.



## CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

O texto-base desta edição é, naturalmente, o de 1515, cuja impressão terminou em 24 de Maio desse ano, na oficina lisboeta de Hermão de Campos. Não se tendo encontrado até hoje nenhuma cópia manuscrita datável de momento anterior (ou, mesmo, posterior), o texto oferecido pelo “bombardeiro d’el-Rei”, que havia de imprimir também, no ano seguinte, o *Cancioneiro Geral* organizado por Garcia de Resende, alcança o estatuto de original factício. Para o trabalho de transcrição recorreu-se aos exemplares desta edição conservados na Biblioteca Nacional de Portugal — ao qual falta a folha de rosto, a advertência atribuível ao impressor e o “prólogo do autor” — e na Fundação da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, onde integra o núcleo constituído pela Biblioteca de D. Manuel II.

A transcrição do texto é tendencialmente regularizadora, tomando como referência a ortografia em uso em Portugal entre 1945 e 2015. Todas as letras e sinais que não integram esta norma são substituídos pelos que nela lhes correspondem (por exemplo, a nota tironiana é representada por «e»). Os erros, acrescentos e correcções são assinalados em nota. As letras e palavras acrescentadas, assim como as conjecturas, vão entre colchetes e assinaladas em itálico. São acrescentados parágrafos, que o original não contém. Como o emprego dos sinais de pontuação no impresso de 1515 não corresponde ao uso actual, foram introduzidos alguns sinais necessários à boa compreensão do texto, tais como o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, o ponto de interrogação e o travessão.

1. Foram separadas as palavras de acordo com o uso moderno e desenvolvidas as abreviaturas. Manteve-se, no entanto, a grafia que representa a contracção

- da preposição «em» com os pronomes pessoais («enele»; «eneles»; «enela»; «enelas») e os demonstrativos («eneste»; «enestes»; «enesta»; «enestas»).
2. Foi introduzido o hífen unindo os pronomes apoclípticos às formas verbais, conforme a norma actual.
  3. O uso de maiúsculas foi regularizado nos nomes próprios e a pontuação foi modernizada.
  4. A acentuação das vogais segue as normas actuais; no entanto, utilizou-se o acento agudo para marcar a sílaba tónica das formas verbais correspondentes à 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do futuro do indicativo, quando poderiam confundir-se com as formas da mesma pessoa gramatical do pretérito perfeito simples do indicativo («guardaram» > «guardarám»; «sumiram» > «sumirám»; «responderom» > «responderóm»; «viverom» > «viveróm»).

### *Vocalismo*

5. As vogais geminadas são simplificadas, acentuando-se graficamente aquelas em que a dupla vogal é sinal de tonicidade («boosco» > «bosco»; «pees» > «pés»; «tribulações» > «tribulações»; «boo» > «bô»; «aa» > «à»; «vees» > «vês»; «teem» > «têm»).
6. As letras «y», «j» e «e» representando semivogal são substituídas por «i» («deleytoso» > «deleitoso»; «abayxamento» > «abaixamento»; «taães» > «tais»; «tijnha» > «tinha»);
7. A letra «y» com valor de vogal é substituída por «i» («parayso» > «paraíso»; «yigual» > «igual»; «ynferno» > «inferno»).
8. A letra «o» foi substituída por «u» de acordo com a norma actual, seja quando representa a vogal («molher» > «mulher»), seja nos casos em que representa a semivogal «u» («mao» > «mau»; «espargeo» > «espargeo»).
9. A grafia do ditongo «ei» foi actualizada («cea» > «ceia»; «amerçate» > «amerceia-te»), uma vez que no original já se encontra regularizada a grafia do ditongo «ai» em palavras como «baixo».
10. A grafia das vogais nasais foi mantida, tendo-se procedido apenas à substituição do til por «n» ou «m» para representar a nasalidade antes de consoante ou em sílaba final («quãdo» > «quando»; «cõprida» > «comprida»; «cõfortosa» > «confortosa»; «mũdo» > «mundo»; «nenhuñ» > «nenhum»).

### *Consonantismo*

11. As consoantes duplas foram simplificadas («donzella» > «donzela»; «pecador» > «pecador»; «honrradas» > «honradas»), excepto «rr» com valor de vibrante múltipla em posição intervocálica («desterrado») e «ss» com

- valor de sibilante surda em posi o intervoc lica; se o «s» falta em posi o intervoc lica,   restituído («outrosy» > «outrossi»; «dormise» > «dormisse»).
12. A letra «u» com valor conson ntico foi substituída pela letra «v» («mouida» > «movidav»); «mouimento» > «movimento»; «turuo» > «turvo»).
  13. As grafias das sibilantes são regularizadas de acordo com a norma actual («do es» > «doces»; «mezquindade» > «mesquindade»; « inta» > «cinta»).
  14. A grafia do «h» foi regularizada respeitando a etimologia e as regras ortográficas actuais: foi eliminado quando não   de origem etimológica («hum» > «um»; «ha» > «a»; «hy» > «i»; «he» > « ») e   restituído quando justificado pela etimologia («oje» > «hoje»; «auer» > «haver»; «ouue» > «houve»).
  15. A letra «g»   substituída por «j» antes de «a», «o» ou «u», quando representa a fricativa palatal, mesmo quando poderia ser justificada pela etimologia («ango» > «anjo»).
  16. O dígrafo «gi» antes de «o»   substituído pela letra «j», nos raros casos em que ocorre, ainda que justificada pela etimologia («angio» > «anjo»).
  17. O uso dos dígrafos «qu», «nh» e «lh»   regularizado, seguindo-se a norma actual.



Bosco delectoso





A muito esclarecida e devotíssima Rainha dona Lianor, mulher do poderoso e mui manífico Rei dom Joam segundo de Portugal, como aquela que sempre foi inclinada a toda virtude e bem-fazer, zelosa grandemente de sua salvação e de toda alma cristã, mandou exprimir o seguinte livro chamado *Bosco deleitoso* vendo sua Alteza nele tanta doçura espiritual, e prosseguido com tantos enxemplos e figuras, por convidar a muitos a doutrina de nosso redentor Jesu Cristo, em nome do qual começa o dito livro. Primeiramente, o prólogo do autor.

### **Prólogo**

Em nome do Nosso Senhor Jesu Cristo  
em que é toda nossa vida.

Este livro é chamado *bosco deleitoso*, porque assi como o bosco é lugar apartado das gentes e áspero, é ermo e vivem enele animálias espantosas, assi eneste livro se contêm muitos falamentos da vida solitária e muitos dizeres ásperos, de grande temor pera os pecadores duros de converter. Outrossi em no bosco há muitas ervas e árvores e froles de muitas maneiras, que som vertuosas pera saúde dos corpos e graciosas aos sentidos corporais. E outrossi há i fontes e rios de limpas e craras águas, e aves que cantam docemente e caças pera mantimento do corpo. E assi eneste livro se contêm enxemplos e falamentos e doutrinas muito aproveitosas e de grande consolação e mui craras, pera a saúde das almas e pera

mantimento espiritual dos corações dos servos de Nosso Senhor, e pera aqueles que estam fora do caminho da celestial cidade do paraíso poderem tornar à carreira e ao estado de salvaçom e poderem alcançar aquela maior perfeiçom que o homem pode haver enesta presente vida e haver o maior prazer e aquela maior dolçura e consolaçom espiritual que a alma pode receber em quanto está em no corpo, e depois desta vida haver e possuir a grória perdurável, tomando enxemplo de um homem pecador, que todo esto alcançou em vida apartada e solitária dos negócios do mundo, segundo ele reconta de si mesmo dizendo assi.

## Capítulo primeiro

Do homem mesquinho, desterrado e lançado do paraíso terreal e da bem-aventurança do paraíso espiritual, que é casa da boa consciência *et cetera*.

Eu, sendo pecador e mui mesquinho, desterrado do paraíso terreal das mui doces deleitações polo pecado dos primeiros padres, lançado em o vale da mesquindade deste mundo, padecia enele muitas coitas, e trabalhos, e mínguas e tribulações sem conto. E, como quer que fosse grande mal e agravamento a mi, coitado, as pressas corporais deste segre, muito mais era grande a minha tribulaçom e mesquindade, porque a minha alma era desterrada do seu paraíso espiritual, que ham as almas santas em esta vida, do qual se trespassam ao paraíso celestial.

Este paraíso espiritual da alma é a casa da boa consciência em que é tanta abundança de paz que a abstença obedece e serve a castidade e a devaçom se acosta à oraçom: e ali folgam a humildade em no temor de Deus e a pureza há folgança em o amor do Senhor Deus. Ali há limpeza do coraçom com a paz de Jesu Cristo per alegria e a fé pura folga em na verdade. Ali a justiça despõe e ordena todas as cousas brandamente e a temperança as tempera concordadamente. Ali a sabedoria ensina e a fortaleza afirma e a abstinência desseca toda sujidade de pecado e a esperança conforta e a humildade e a paciência reinam. Ca ali é o reino de Deus e o paraíso, u é o ajuntamento das virtudes; e, porém, a alma do homem virtuoso é em paraíso espiritual enesta vida presente. Deste paraíso mui deleitoso era eu, mesquinho, desterrado e lançado em na profundeza do lixo dos pecados, ca em na minha alma nom era paz nem

assesego, mais era movida e abalada com os movimentos turvos da carne e queimado era com as chamas dos acendimentos carnis, movediço era a todo odor luxurioso. O meu esprito derribado e abaixado sô a carne, sem orvalho de limpeza; a minha carne fagueira às deleitações carnis e desobediente aos usos e trabalhos espirituais e ajudador dos meus contrairos.

Afastado era do assesego divinal, movediço às injúrias que me fizeram e com toda persiguiçom. Nom havia firmeza da mente em nenhũa cousa de boa andança nem de contraira. Em tal guisa era o meu estado, que me parecia que jazia já em o inferno; ca já começava de sentir aqui, em esta vida presente, as penas infernais e todo era cercado de mui grandes trevas, que estavom e andavom sempre arredor de mi, em guisa que me parecia que sempre estava em lugar trevoso.

## Capítulo segundo

Sendo eu, mesquinho pecador, em tal estado, ia muito amiúde andar e espaçar per um campo mui fremoso, comprido de muitas ervas e froles de bô odor. Mais nunca se de sobre mi partiam aquelas trevas mui escuras que me cercavom em-derredor e dentro em a minha consciência. E acerca daquele campo estava um bosco mui espesso de árvores mui fremosas, em que criavom muitas aves que cantavom mui docemente, como quer que o bosco era escuro com névoa que havia em ele.

E andando eu per aquele campo, ouvindo os doces cantares das aves e mirando as fremosas froles e o mui gracioso odor das ervas e das froles, dizia muitas vezes ao Senhor Deus:

— Senhor, amerceia-te de mi! Quem me livrará destas trevas de morte?

E as aves do bosco me respondiam:

— A graça de Deus per Jesu Cristo te livrará.

Entom tive mentes à minha parte destra e vi estar um mancebo mui fremoso, vestido de vestiduras de fogo mui esprandecente, e a face dele era crara como o sol, quando nace em o tempo da grande quentura. E ele estava cingido com ùa cinta de ouro e em ùa mão tinha ùa vara de ouro e em a outra mão tinha ùa segur mui aguda de aço mui luzente, encastoadada em ouro, e em na sua cabeça trazia ùa grilanda de pedras preciosas e trazia alas<sup>1</sup> mui esprandecentes em seus pés.

1 No original: «aas» = asas. Do lat. *ala*, «asa» (sentidos próprio e figurado), era usado sobretudo no plural, como acontece aqui (MACHADO, 1977, I, pág. 22). Em todas as futuras

E eu perguntei-lhe, assi como homem espantado, que voz era aquela daquelas aves, e ele me disse:

— Estas aves som os santos doutores que ordenarom a santa escritura: e eles te confortam e eles te amoestam, eles te ameaçam muitas vezes, segundo tu bem sabes. E tu, coberto de trevas, nom queres entender pera te correger e pera bem obrar. Homem, pára mentes em sua doutrina e correge tua vida e confia em na misericórdia de Deus, ca tanto e mais quer ele limar os misquinhos da sua misquindade, como eles mesmos querem, ca ele os convida que lhe peçam misericórdia.

E certamente nom convidaria ele os homens, que lhe pidissem, se lhes ele dar nom quisesse. Mas ele diz: «Pidide e receberedes». E, porém, haja vergonça a priguíça dos homens, ca mais lhes quer ele dar, que eles querem receber; e mais se quer ele amercear, ca os homens querem ser livres da misquindade, e muitas vezes oferece a misericórdia de Deus ao homem aquelo que ele nom ousa de pedir; ca a sua misericórdia melhor é sobre todas as vidas, ca por muito louvada que seja qualquer vida dos homens, confusom será a ela, se for escoldrinhada sem misericórdia; e a sua misericórdia é sobre todas as suas obras e a sua propiedade é amercear-se e perdoar. E porém, amigo, toma fúza e esperança em a misericórdia do Senhor e nom desesperes com tristeza, ca com tal tristeza é derribado o esprito do homem em perfundeza de desesperaçom: mais consira que o Senhor Deus é justo e direito.

E porém, nom debes ter em pouco os teus pecados: pero, consirando que ele é piadoso, nom queiras desesperar, mas have temor da tua fraqueza e espera sempre na misericórdia do Senhor Deus e da benta Virgem sua madre, Maria, que é madre misericórdia; ca, como quer que ela seja mui louvada em todas as virtudes e se alegrem os homens com a sua virgindade e se maravilhem da sua humildade, pero a sua misericórdia é mais doce e mais saborosa a os misquinhos e com maior amor se abraçam com ela e da sua misericórdia se lembram e a chamom mais amiúde que as outras suas virtudes. E porém, amigo, a tua alma, que é seca, vá-se trigosamente a esta fonte e a tua misquindade recorra-se com todo cuidado a esta alteza da misericórdia da benta Virgem, ca ela escança vinho de consolaçom pera os tristos e desconsolados.

Quando eu, triste e mesquinho pecador, ouvi estas palavras daquele mui esprandecente mancebo, esforçou-se o meu coraçom e respondi em esta guisa:

ocorrências procedemos a esta alteração, sem novas advertências. Para as referências das fontes lexicográficas, ver o *Glossário*.

— Senhor, todo o meu merecimento, o amerceamento é de Deus e, porém, queiro tomar teu conselho, ca entendo que de todo nom perecerei, porque o Senhor é misericordioso e a sua benta madre, que nunca falece a aqueles que a chamom em nas suas necessidades.

### Capítulo III

Tanto que esto houve dito, tomei já quanto esforço em meu coraçom e comecei a dizer ao esprandecente mancebo:

— Senhor, rogo-te, por Deus, que me digas quem és, que tam grande cuidado hás do meu bem.

E ele me respondeu, dizendo:

— Amigo, nom me conhoces?

E eu lhe disse:

— Certo nom, ca nunca te vi nem outra criatura semelhável a ti.

E ele me respondeu:

— Verdade dizes, ca nunca me viste; mas se bem acordado fosses, bem te devia nembrar que muito amiúde me sentiste, ca, dêo dia em que tu naceste, sempre fui teu companheiro e me trabalhei de te guardar e pera te levantar e espertar do sono do pecado e, de noite, pera aproveitares em bem obrar; e trabalhei de afastar de ti os maus espiritos, e te ensinar e certificar em nas cousas duvidosas e ser teu guiador, que nom errasses, e acorrer-te tostemente, que nom caíesses.

E trabalhei de te ajudar contra os enemigos e de lutar contigo, pera te fazer usado em bem, e muitas vezes te trouve à memória os teus pecados, por haveres deles vergonça, e amostrei a ti a vontade de Deus, que nom errasses, e trabalhei de te tirar os embargos pera servires mais livremente ao Senhor; e amiúde te visitei por nom pecares e amansei as tuas tentações, que nom fosses vencido.

E orei ao Senhor Deus, merecendo a mi e a ti: ca sabe por certo que eu som o anjo de Deus, que som dado a ti pera te fazer estas cousas todas que te disse. E eu fiz quanto em mi foi; ca por mi nom faleceu, se te bem quiseres lembrar; mas, como revel e malicioso e fraco e mesquinho, nom te quiseste ajudar do meu proveito e consentiste, pola maior parte, ao anjo mau, que é contrairo a mi e a ti e ao Senhor Deus, que deu-me a ti por guardador; e fezeste-me haver muita tristeza em os teus caimentos; e como quer que com razam te devia desemparrar de todo, pero, porque eu da tua consolaçom som consolado e do teu padecimento hei compaixom, ainda quero usar contigo de meu ofício e

quero te guiar per tal caminho, per que possas achar consolaçom e remédio às tuas misquindades e tribulações, se nom quiseres ser revel como até aqui foste.

Quando eu esto ouvi, fiquei todo espantado, que nom sabia que fezesse nem que dissesse, e caí em terra, assi como morto: e ele me levantou da terra e disse-me:

— Homem fraco e coitado, está sobre teus pés».

E tanto esforço senti da sua palavra e de um odor mui precioso que saía da sua boca, que estive levantado; e, dêi i, lancei-me em terra e adorei-o. E ele me levantou outra vez da terra, e eu fiquei-me ante ele em giolhos e disse-lhe:

— Ó santo anjo do Senhor, que és meu guardador, pola piadade de Deus, rogo-te que salves e defendas e governe a mi, que som dado em tua encomenda.

E entom lhe disse mais:

— Senhor, rogo-te que me digas por que trazes tais vistiduras de fogo esprandecente, e por que trazes essa segur em tua mão e a vara de ouro e a grilanda e as alas em os pés e a cinta».

E ele me respondeu enesta guisa:

— A coroa das pedras preciosas, que eu e os outros anjos trazemos em as cabeças, demonstra a mui grande riqueza que havemos de muitas e desvairadas virtudes, que som demostradas pelas pedras preciosas; e as vistiduras do fogo significam o ardor da caridade e da boa vontade; e som assi luzentes, porque todos somos cobertos de lume em os intendimentos. E a cinta do ouro é porque todos os anjos somos em um coração juntos e apertados em virtudes; e as alas, que trazemos em os pés, som porque mui tostemente nos movemos pera adereçar as cousas da terra sem nosso abaixamento, e nom há em nós cousa pesada nem terreal. E a vara que trago em a mão é porque nós, sô Deus, regemos as cousas que som sô o céu e julgamos as cousas dereitas. E a segur que trago em a outra mão é porque nós havemos virtude e poder pera talhar e quebrantar os maus.

## Capítulo IV

Depois que o meu grorioso guiador, anjo de Deus, me houve dito esto, roguei-o que me guiasse e encaminhasse em tal guisa que pudesse achar consolaçom de minhas tristezas e remédio de meus pesares e coitas e tribulações da minha alma e do meu coração. Entom me tomou pela mão e levou-me per um caminho estreito, que ia per aquele deserto, e era todo coberto de ervas, com froles mui fremosas, que naciã per ele; mais, antre as ervas e as froles, havia espinhas

mui agudas e pedras miúdas, que me faziom grande dor em os pés; ca, como quer que eu ia calçado, pouco me valia a calçadura contra o pongimento e a dor, que sentia das espinhas e das pedras agudas; e outrossi os ramos das árvores me faziom muito nojo em o rosto e em todo o corpo, ca elas erom muitas e mui espessas e mui chegadas à carreira per que íamos; e havia espinhos mui agudos, que me pongiam mui duramente.

Pero com esto havia grande consolaçom em a boa esperança do anjo e em a vista das froles, que eram mui graciosas e de mui precioso odor, e outrossi os mui fremosos fruitos, que estavom em as árvores antre aqueles espinhos. E aquele mancebo ia comigo mui alegre e nom lhe fazia nenhum embargo nem nojo as espinhas. E assi andámos per espaço mui longo e saímos daquela carrera e achámos um prado mui fremoso: e em meio dele andava ùa dona mui aposta, pero que a sua catadura era mui espantosa, como quer que era mui fremosa, e era vistida de vistidura de duas colores, a meitade de color preto e a outra meitade de color alva, e em sua cabeça ùa coroa de ouro, com muitas pedras preciosas que chamom berilos; e ela tinha ùa regra mui derecha em ùa mão.

E eu preguntei ao anjo quem era aquela dona tam fremosa e tam espantosa: e ele me disse que era Justiça, que é mui espantosa aos maus e mui graciota aos bôs. E, porém, a sua vistidura é de duas colores: a color preta demostra a tribulaçom e a dor que a justiça faz padecer aos maus; e a color alva demostra o prazer e o galardom que ela dá aos bôs e a pedra priciosa que tem em a coroa, que há tal propiedade que queima a mão do homem que a tiver apertado, pero que é graciota à vista, demostra que a justiça queima os maus, corregendo-os, e faz prazer aos bôs; e a regra derecha que tem em a mão significa a obra da justiça, que dá a cada um dereitamente o que seu é.

Quando eu esto ouvi, fiquei os gijlhos em terra e roguei à dona que me desse consolaçom e remédio em minhas tribulações. E ela me catou de mui espantoso sembrante e disse-me:

— Homem coitado, nom te cumpre o meu remédio, ca tu hás mester misericórdia e eu som Justiça, que te devo dar galardom segundo tuas obras, que tu obraste em muitos pecados e em muita malícia e priguiza de bem-fazer.

E entom me tomou o anjo pela mão e levou-me adiante, e andámos muito per outro caminho, tal como o primeiro; e chegámos a outro prado mui fremoso; e em aquele prado estava ùa donzela mui fremosa e mui dilicada, e tinha em a cabeça ùa coroa de ouro com pedras priciosas, a que chamom topaças, e suas vestiduras eram brancas e em sua mão trazia uns açoutes mui sutis de cordas, com que os servos de Deus fazem diciprinas. E esta donzela estava encostada em um estrado mui fremoso, como se fosse fraca. E preguntei ao anjo que donzela



era aquela: e ele me disse que era a Temperança e que, porque a pedra topaça presta pera os movimentos da luxúria e faz fria a água quente, se a deitam em ela, porém, é posta em a coroa da Temperança, que dá remédio ao fervor da luxúria; e outrossi porque a Temperança faz o homem magro e dilicado, porém, é esta donzela assi dilicada e portanto está encostada, com fraqueza que há per razom da abstença; e tem aqueles açoutes em sua mão, porque a Temperança quebranta e atormenta a carne; e as suas vestiduras todas brancas, porque a Temperança nom requiere senom cousas símpreses e sem outras misturas.

E entom roguei a aquela donzela mui humildosamente que me acorresse com sua ajuda; mas ela me disse que o nom faria, porque eu lhe havia feitas tantas enjúrias com sua inimiga mortal, que é a gargantoíce, e com outros pecados seus inimigos, que me nom ajudaria nem poderia ajudar, em tal guisa me via afeiçoado com os seus contrairos.

Dês i, tomou-me o anjo pola mão e andámos outro mui grande caminho, bem tal como o primeiro, e chegámos a ùa torre mui alta e estevemos ao pé dela; e em cima dela estava ùa dona assaz fremosa e aposta e bem composta de seus membros, e tinha em sua cabeça ùa coroa de ouro e enela encastoadas muitas pedras preciosas, que chamom calcedónias; e suas vestiduras erom de cor preta mui luzente e mui fremosa, com muitas miscras de outras cores e em a sua mão um escudo de ouro com ùa cruz vermelha. E preguntei ao anjo:

— Quem é aquela dona?

E ele me disse que era Forteleza; e, porém, em sua coroa eram pedras calçadónias, que ham virtude de fazer o homem vencedor em os preitos e em as lides, assi como faz a virtude da Forteleza, que faz o homem vencedor em as lides espirituais. E as vestiduras pretas e miscradas demostram que a Forteleza recebe e consume todas as contrariadades e enjúrias que lhe sejam feitas, assi como a cor preta, que consume em si todas as outras cores; e as miscras demostram os muitos trabalhos que sofre aquele que há o coração forte; e o escudo demonstra que a Forteleza empuxa de si os dardos das tentações do inimigo.

E entom roguei a aquela dona que me ajudasse, e ela me respondeu:

— Homem fraco e de pequeno coração, como te ajudarei, que tam quite foste e és sempre de mi e tam afastado, como desta cima desta torre até u estás? E, porém, vai-te tua carreira.

E depós esto começámos a andar, eu e meu guiador, e andámos outro mui grande caminho e mui áspero; e chegámos a ùa tenda mui rica e mui fremosa, que estava em um grande campo, e o vento dava em nas portas da tenda e abria-as; e eu tive mentes dentro e vi estar ùa dona em ùa cadeira: e era mui fremosa e parecia que estava mui cuidosa e em sua cabeça tinha ùa coroa de

prata e enela eram encastoadas pedras preciosas, que chamom celidónias, e suas vistiduras eram verdes escuras e em sua mão ãa vara de um lenho mui fremoso e bem lavrado.

E eu perguntei ao meu guiador quem era aquela dona e ele me respondeu que era ãa virtude que há nome Prudência, que faz o homem sages e percebido em aquilo que há-de fazer por salvar sua alma e o aderença como deve em todas as obras que há-de fazer. E, porém, está assi cuidadosa e tem coroa de prata, que é metal de grande som, porque a Prudência, per ensinança de sabedoria, faz aos homens haver grande fama; e as pedras preciosas celidónias ham virtude de fazer os homens que as trazem bem-falantes e graciosos e idóneos pera toda cousa; e bem assi faz a virtude da Prudência. E as vistiduras verdes escuras mostram que ela é graciosa e prazível e escura de entender em algũas partes; e a vara, que tem em a mão, mostra que ela rege e aderença todos os juízes.

Entom lhe pedi por mercê que me aderençasse em tal guisa que achasse remédio de minhas tribulações. E ela me respondeu que assaz me ensinara e percebera per muitas vezes, e eu nunca quisera tomar seu ensino e que era já cansada em me ensinar e, porém, que me fosse a boa ventura, ca nam faria enesto mais. Entom eu, mui triste e coitado, fiquei mui sem conforto e estive em ponto de me tornar donde saíra. E o meu bom guiador me tomou forçosamente e levou-me consigo, dando-me sempre boa esperança. Entom andámos um caminho mui longo e mui fragoso, em que passávamos per muitas águas e per muitos passos prigosos; e eu sentia todo mui fortemente e ia mui triste e nom havia outro conforto senom a companhia do bô guiador e cantares de aves, que cantavam mui docemente per aquele deserto; e ainda havia i muitas animálias bravas, de que eu havia mui grande espanto; mas o meu guiador me defendia, que me nom comessem, pero me mordiam às vezes.

## Capítulo V

Indo nós per aquele deserto, achámos ãa casa de três cantos, mui fremosa e mui bem lavrada de pedra mármore mui branca; e o telhado dela era todo cor de azul, com estrelas de ouro, e era estrada de jaspes de muitas cores; e em cada um canto estava ãa cadeira, assi que eram três cadeiras de marfim lavradas mui fremosamente com ouro mui luzente; e em cada ãa das cadeiras estava ãa donzela mui fremosa; e todas três eram vestidas de semelhantes vistiduras, de muitas e desvairadas cores, e todas tinham mantos de ouro e em as cabeças coroas de ouro com pedras preciosas.

A ùa delas tinha ùa pedra esmeralda mui verde, e a outra tinha ùa mui grande pedra safira cor de céu e a outra ùa pedra rubi, em as coroas. E entom entrámos em a casa, eu e meu guiador, e eu fiz mui humildosamente reverença a cada ùa das donzelas e elas nom curarom de mi nem solamente nom me olharom: mas com o meu companheiro faziom elas grande prazer.

E eu lhe perguntei quem eram aquelas três donzelas; e ele disse que aquela que tinha a pedra esmeralda em a coroa era a virtude da Fé, porque a esmeralda é a pedra mais verde, bem assi a Fé nunca é seca em os escolheitos. E a outra, que tem a pedra safira, é a Esperança, porque a pedra safira é color do céu e a esperança é das cousas celistriais. E a outra donzela, que trazia a pedra rubi, que é color de fogo, esta [é] a Caridade, que arde em amor de Deus como o fogo.

Entom me lancei em terra ante cada ùa das donzelas e pidi-lhe mui humildosamente que me acorressem a minhas coitas, pensando que acharia em elas mais piedade. Mas elas me lançarom de ante si mais cruelmente que as primeiras donas. E disse-me a Fé:

— Nom accorrerei nem te posso consolar, porque tu me mataste em ti per más obras.

E disse a Esperança:

— Nom te darei conforto, ca tu puseste a tua esperança em as vaidades do mundo.

E disse a Caridade:

— Nom te darei remédio, ca o teu amor foi em amar o mundo e as cousas terreaes.

Quando eu esto ouvi, fui tam coitado, que nom sabia que fazer nem que dizer e quisera-me tornar pera a cidade donde saíra e jazer em minhas misquindades alagado como jazia. E o meu confortoso companheiro nom me quis leixar, mas confortava-me quanto podia com boa esperança de misericórdia do Senhor Deus, e tomou-me pola mão e ajudava-me a suster, ca eu era mui fraco; e andámos mui grande caminho mui fragoso e passámos muitas pontes e muitos rios mui fundos e de mui grande temor.

E chegámos a um virgeu comprido de árvores mui fremosas e que tinham muitos fruitos de muitas guisas; e havia i muitas fontes de água mui crara. E, acerca de ùa mui fremosa fonte, estava ùa videira carregada de uvas brancas; e, sô aquela videira, andava ùa donzela mui graciosa e de mui bom doairo; e ela andava vestida de panos verdes e cruces de ouro em eles, quantas cabiam em as vestiduras. E em sua cabeça trazia ùa grilanda de ouro, com ùas pedras preciosas que chamam jacintos, e em sua mão trazia um ramo de oliveira mui

verde, com olivas maduras, e em outra mão buceta de ouro; e o manto que [a] cobria era tam grande, com que podia bem cobrir muitas pessoas, e era tal como dito hei. E quando nos chegámos a ela, mostrou-nos mui bô sembrante e já quanto doroso; e recebeu-nos mui graciosamente.

E eu perguntei ao meu guiador quem era aquela dona e ele me disse:

— Esta é a Misericórdia, que trouve o filho de Deus do céu e o vistiu de carne: e ela o vendeu pera remir os pobres. Esta [o] humildou até abaixar-se pera lavar os pés dos homens. Esta é cruz de ouro que trouve Jesu Cristo dentro em si; e, porém, traz ela o seu manto com cruces de ouro e de color verde, porque ela é mais deleitosa aos apressados e consola os tristes; e, porém, trae em sua coroa pedras de jacinto, que ham virtude de confortar e tirar a tristeza e as vãs suspeitas. Esta trae o inguento e a mezinha pera os coitados; e, porém, trae o ramo das olivas em a mão. A misericórdia é mui poderosa ante Deus, ca ela lhe faz revogar as suas sentenças; ela luita com o Senhor Deus; ela vence o Senhor Deus.

Quando eu, mesquinho, esto ouvi, lancei-me em terra ante ela e roguei-lhe mui humildosamente que me acorresse. E ela respondeu com sembrante mui gracioso e dooroso e disse:

— Filho, eu te ajudarei e irei contigo ante o Senhor das misericórdias e Deus de toda consolação. E como quer que tu nom sejas merecedor do que demandas, pero eu o rogarei e forçarei que se amerceie de ti e dê remédio e consolação a tuas misquindades, se tu fores pera receber a tanta graça; ca já o eu forcei de maior força que esta e assi farei agora, ca Ele faz mui de grado todo aquilo que lhe eu rogo.

E tanto que ela esto disse, tomou-me pola mão; e o anjo, meu guiador, me tomou per outra mão e levarom-me per um virgeu deleitoso, em que havia árvores com frutos e ervas com froles; e o virgeu era mui grande. E, em meio do virgeu, estava ùa casa mui alta e mui fremosa e mui grande; e as paredes da casa erom todas de cristal tam craro, que os que dentro estavom viam per elas todo o de fora mais craramente que se nom tevesse paredes. A casa era coberta de ùa abóboda mui fremosa, de cantos talhados, e bem çarrada e mui ricamente lavrada. E em redor da casa estavom canos de prata e saíam das paredes da casa mui ricamente lavrados, e haviam as bocas em figuras de desvairadas animálias mui fremosas. E pelas bocas destes canos saíam águas mui craras avondosamente de um odor tam precioso, que passava todos os bôdores das cousas do mundo que bô odor dam.

Estas águas caíam em aquele virgeu pelas ervas e pelas froles, que eram de muitas maneiras e de muitas cores, e pelos pés das árvores abastadamente,

e dêi i caíam per todos os campos em redor a preto e a longe e regavom os prados e os pães e as vinhas e os campos e as árvores, que estavom em os boscos. E a mui graciosa donzela e o meu guiador me levarom dentro à casa; e ela era estrada de pedras lavradas de muitas cores: vermelhas e brancas e de outras muitas cores mui fremosas.

E esta casa era tam nobre e tam fremosa, que eu nom poderia dizer nem pensar os labores e a nobreza dela, ca nom a podia craramente ver, porque a minha vista era embargada e trevosa de trevas de muitas guisas. E em meio da casa estavom uns emparamentos tam fremosos e tam ricamente lavrados, que era mui grande maravilha. Mais ùa cadeira de prata, que estava i antre os emparamentos, era tam sutil e ricamente lavrada, que bem parecia que nom era feita per homens.

E em ela estava ùa dona mui fremosa e bem guarnida, vestida de panos de muitas e mui fremosas cores, tecidas com ouro em figuras mui sutis e mui bem lavradas; e erom forradas com ùa pena cor de ouro, em guisa que os cabelos da pena erom mais esprandentes que ouro. E a face dela era mui alva e corada, os seus cabelos compridos; e ùa coroa mui esprandente tinha em sua cabeça, com muitas pedras preciosas de muitas cores, que eu nom sei bem divisar nem entender craramente as cores delas; e a dona era assi coberta com um grande manto e mui fremoso, de cor honesta; e ela tinha um arco de besta em sua mão e em outra mão ùa bolsa cheia, nom sei de que cousas. E eu preguntei ao meu guiador que quem era aquela dona, e ele me disse:

— Aquela é a santa ciência da Escritura de Deus, que é senhora de todas as ciências; e, porém, as suas vistiduras som de muitas cores e a sua coroa tem pedras preciosas de muitas guisas. E ela contém em si o testamento novo, que enclina e amolenta a dureza da lei velha; e, porém, a corda do arco, que o amolenta e inclina, demostra o testamento novo; e contém em si as outras santas doutrinas e dá riquezas espirituais e consolações. E, porém, tem aquela bolsa em sua mão, que é cheia de todas as consolações e remédios e confortos que cumprem ao homem; e o filho de Deus, que é sabedoria perdurável e de sempre, alumia a Santa Escritura com o seu esprandor e a santa ciência dos santos doutores e sabedores.

Assi estava aquela dona mui rica e mui fremosa e arredor dela estavom mui ricos estrados de panos de sirgo mui fremosos e mui bem lavrados; e em eles estavom assentados muitos homens honestos e honrados, de desvairadas idades e de desvairadas vistiduras e em desvairadas guisas. E uns deles estavom à destra parte e outros à sestra, e eu preguntei ao meu guiador que companhas eram estas, que estavom assi. E ele me disse que erom os santos doutores e os

sabedores, assi cristãos come gentis e católicos, que algũa cousa escreverom em a Escritura de Deus, e eram ali ajuntados aquela hora pera, com ela, consolarem e confortarem todos os tristes e os coitados e lhes mostrarem remédios pera suas coitas e tribulações, se eles quiserem tomar o seu conselho e doutrina e obedecerem aos seus dizeres.

## Capítulo VI

Depois que me esto disse o meu guiador, começou aquela dona mui fremosa a dizer em voz mui doce e mui alta, dizendo:

— Vinde a mi todos aqueles que sodes em trabalhos e em tristeza e eu vos consolarei. Ca o espirito do Senhor Deus e a sua craridade é sobre mi e ele me enviou para amezinhar os contritos de coração e pera consolar os tristes e os chorosos, pera lhes dar óleo de misericórdia polo luito que houverem e pera lhes dar manto de alegria polo espirito do choro.

Tanto que esta voz foi ouvida, vierom ali grande multitudom de homens e ajuntaram-se arredor daquela casa; e eles vinham todos mui tristes.

Entom a mui piadosa donzela, de que já falei, que era a Misericórdia, chamou-me e os outros todos, que fôssemos empós ela. E nós assi o fizemos, e meteu-nos em aquela casa da luz; e a casa era tam grande que bem cabíamos enela sem embargo que fizessem uns aos outros; e era mui crara de dentro e de fora toda, assi como vos contei, ca mui mais craramente podia homem ver pelas paredes da casa o que dentro era que sem elas.

Entom nos apresentou a Misericórdia ante aquela dona mui fremosa, que era a santa ciência da escritura, e ela nos olhou com o sembrante mui gracioso e disse-nos:

— Meus filhos, cobrade vosso espirito e esforçade vossos corações, ca per mi haveredes consolação de vossas tristezas, se quiserdes crer os meus dizeres, que escreverom e disserom em mi e em minha ajuda os doutores e sabedores, católicos e gentis. Ora, meus filhos, dize as razões de vossas tristezas cada um per si.

Quando eu, misquinho pecador, esto ouvi, comecei a dizer:

— Ai de mi, mal-aventurado e misquinho pecador, que até ora nom achei nenhum que houvesse de mi compaixom, nem achei quem me confortasse! Mais agora, senhora, acorro-me ao regaço da vossa piadade e encomendo-me a vós com toda devaçom, que me consoledes em minha tristeza e me dedes remédio qual me cumpre, ca nom posso achar consolação.

Entom começou a mui fremosa dona pensar que diria, com os olhos baixos em terra; e bem parecia em sua face e em seu semblante, que era mui sabedor e mui entendida, e bem parecia avondosa pera ensinar e aconselhar e dar consolaçom a todos homens do mundo, tanto era graciosa e aposta em sua razom.

Entom levantou os graciosos olhos e começou ela a falar com mui doces palavras, dizendo:

— Ah, meu filho, pois tu és assi triste e desejas consolaçom, porque nom desejas a maior e melhor consolaçom que pode ser achada?

E eu lhe disse:

— Senhora, qual é essa consolaçom ou de quem a posso haver?

E ela me respondeu:

— Certamente esta consolaçom é daquele que é o melhor consolador que ser pode, o qual é Deus de toda consolaçom, que conforta os homens em toda tribulaçom, se da parte deles nom for posto embargo, demandando com desejo consolaçom humanal e terreal. E porém, meu filho, se tu demandares a consolaçom do Senhor Deus e nom puseres embargo a ela, logo haverás consolaçom comprida em esta vida presente e mui mais comprida em a outra vida; ca todo aquele que por Deus leixar qualquer consolaçom temporal receberá cem-dobro em esta vida e em a outra receberá vida e consolaçom perdurável: e assi o prometeu ele. Mas confusom será àqueles que nom crêem as palavras do Senhor, ca nom seróm defesos nem consolados per ele; e confusom será àqueles que perderom a ofrença e leixarom as carreiras dereitas e desviarom-se às más carreiras.

Que farám estes, quando o Senhor Deus começar de olhar por esto? Mas aqueles que temem o Senhor nom som descrentes à palavra dele; e aqueles que o amam guardarám a sua carreira; porém, tu, meu filho, crê e guarda bem aquilo que disse o Salvador andando em o mundo, que nom há i algum que leixar casas e irmãos, ou padre ou madre ou herdades, que nom receba cem-tanto agora em este tempo, e depois haverá vida perdurável.

E assi como é dito destas cousas, bem assi se entende de qualquer outra cousa temporal que o homem leixar por Deus, que receberá, porém, cem-tanto de consolaçom celestial. E porém, tu, filho, nom temas de despender tuas riquezas em serviço do Senhor, pois que tam grande ganho hás-de receber. Trabalha de dar a esmola e nom retornes os teus olhos, quando vires o pobre; nom despreces a alma faminta e nom sejas áspero ao pobre em a sua pobreza; nom afrijas nem atormentes o coração do pobre e nom perlongues o que hás-de dar ao apressado; e nom enjeites o rogo do tribulado.

E, filho, quando tu fores tal que te nom deleite nem ùa cousa terreal, entom receberás avondança da consolaçom celestrial e divinal; e segundo a multitudem das dores<sup>2</sup> que forem em o teu coraçom, as consolações do Senhor alegraróm a tua alma; e bem-aventurado é aquele que nom houve tristeza em seu coraçom e nom caiu da sua esperançã; e bem-aventurado é o barom que nom escorregou em a sua palavra e que nom é aguilhado de tristeza de pecado.

Filho, nom sejas triste por consolaçom terreal, ca aquele que tem prestes a consolaçom terreal mui adur e com grande graveza se abstém de usar dela; e desto se soe seguir que perde logo a consolaçom celestrial. O prazer e a consolaçom da espirital dolçura, dentro em a alma a sentirás quando houveres prazer e alegria dos verdadeiros bens que som dentro em alma; e entom haverás prazer e consolaçom verdadeira e nom cures do prazer terreal.

E sabe por certo que a consolaçom do Senhor Deus é tam delicada, que nom é dada àqueles que recebem outra consolaçom alheia; e, porém, pensa bem nom curar doutra; e pára mentes que assi aconteceu aos filhos de Israel em figura, que depois que comerom dos fruitos da terra, logo lhes faleceu a maná do céu, que havia em si todo deleitamento e toda dolçura e brandeza de todo sabor, per que se mostra que toda consolaçom devinal falece àquele que usa ou se farta da consolaçom terreal.

E porém, tu, meu filho, nom queiras receber consolaçom humanal, que nom é dina pera o teu espirito, que é mui nobre, segundo a criaçom que o Deus criou; ca a tua alma e o teu espirito é criado pera Deus tam solamente; e, depois que se dele partiu per pecado, nom pode achar nem ùa cousa que o avonde, até que se torne a ele. E em o teu coraçom é a imagem de Deus e tu a descoraste, encrinando-te<sup>3</sup> ao pecado: mas tu reforma esta imagem, fazendo nova a tua mente e a tua alma.

Ora te fica com que busques algũa cousa que seja melhor que o teu coraçom pera te reformares e haveres consolaçom; mas nom acharás outra cousa senom Deus. E, porém, Maria Madalena disse aos anjos que a queriom confortar, quando nom achou o Senhor em o moimento: «Todos estes me som confortadores pesados; agravom-me e nom me consolam; eu busco o consolador e o criador. E, porém, grave me é de ver toda criatura; nom quero eu ver anjos, nem quero ficar com os anjos, que me podem acrescentar a dor e nom ma tirar

2 No original: «dos doutores».

3 No original: «encrinando-te».



de todo. Se lhes eu quiser responder a todas cousas que me eles queiram contar, temo-me que embargaróm o meu amor».

E dizendo a mui fremosa dona esto de Maria Madalena, começou dizer em voz alta e mui graciosa:

— Oh Maria Madalena, de bem-aventurado merecimento, oh! se todas as pessoas esposadas com Jesu Cristo fossem assi despostas, nom amariom falar todo o dia com os messegeiros de Satanás por haver a consolaçom mesquinha humanal. E porém, tu, meu filho, sei bem certo que se tu, per tua vontade, leixares as consolações humanais, acorrendo-te a Deus tam solamente por tua consolaçom, nom tam solamente serás consolado, mais ainda haverás mui grande prazer e alegria, que ganharás.

E depois que fores renovado e perfeito da tua natureza em que foste criado, serás igual aos anjos de Deus. Senhor, esto há por certo todo homem que te serve, que em sua vida for provado será coroadado; ca tu, Senhor, nom te deleitas em as perdições dos homens, mas despois da tempestade fazes mansidom e assego e, despois do choro e das lágrimas, lanças mui grande prazer; e quanto o homem é mais afrito polo teu amor, tanto lhe dás mais dolçura e consolaçom.

E tu, Senhor, que és pura verdade, disseste pola boca do teu profeta: «Fugirá a dor e o gimido; eu mesmo vos consolarei; assi como a madre afaga o filho, assi vos consolarei eu, e seredes consolados em Jerusalém». Ora, filho, pára bem mentes em estas palavras de tam grande prometimento e ouve como se entendem; e certamente em estas palavras fez deferença o Senhor da consolaçom que o homem há-de haver em Jerusalém, que se entende o paraíso, e da consolaçom que o homem há per Deus em esta presente vida, que consola os homens, assi como a madre faz ao filho pequeno, convém a saber, com falamento mui doce, com o beijo da sua boca e com doce mantimento de leite do seu corpo próprio; e bem assi o Senhor Deus consola o homem com falamento da sua mui doce espiçom, que espira em a sua alma.

Outrossi consola Deus o homem com o beijo da sua boca, per que se ajunta o esprito do homem com o esprito de Deus, assi como pede a esposa, que é a alma devota, dizendo em os Cantares: «Beije-me o Senhor Deus com o beijo da sua boca», per que se demostra o ajuntamento do esprito do homem com o esprito de Deus.

Outrossi consola Deus o homem com mui doce mantimento do seu próprio corpo consagrado. E assi, per estas maneiras, consola Deus per pessoa o homem, maiormente aquele que nom quer receber consolaçom humanal; e per esta guisa se entende o que o profeta David, em o seu Salteiro, disse: «A minha alma nom se quis consolar com consolaçom terreal, mas com consolaçom divinal, ca eu

me lembrei do Senhor Deus e deleitei-me em ele; e tanto me usei com ele, que desfaleceu o meu espirito, assi como já transformado, quanto ser pode em esta vida, per trespassamento de toda sua afeiçam em a vontade do Senhor Deus».

## Capítulo VII

Calou-se um pouco a mui fremosa dona e o meu guiador lhe disse:

— Amiga, nom fique assi este apressado, ca ajuda há mester da nossa consolaçom.

E ela disse a mi:

— Homem, porque te agravas com tristeza? Ca tu hás o remédio prestes em teu poderio. Queres nunca ser triste? Vive bem, ca a boa vida sempre há consigo prazer e alegria e a pureza do coração; ela é prazer e consolaçom da alma; e u nom há pecado, ali é prazer; ca o pecador nom pode haver prazer verdadeiro; mas a esperança certa que há o homem que bem vive de ganhar e cobrar, a pouco tempo, vida sem tristeza, é sobreavondosa em todo prazer, quando ganhar o glorioso reino.

Esta tal esperança nom tam solamente consola aquele que padece tristeza, mas ainda logo lhe faz haver goivo e prazer mui grande; e, porém, por esta tal esperança, posto que os justos, que a Deus servem, padeçam quaisquer cousas tristes, nom leixam, porém, de se congradoar com goivo e com prazer continuamente. Ca nunca o sabedor, que é propiamente o justo, é sem prazer; e o prazer nom nace senom da virtude da consciência.

O coração culpado nunca pode ser seguro nem ledado. Nom cumpre tristeza àqueles que ham salvaçam em Deus e ham esperança em o reino dos céus. Sejam tristes os gentis, chorem os judeus, façam pranto continuamente os que vivem em pecado; mas os justos sejam alegres; ca, se aqueles que amam as cousas terreaes, que falecem e caem, se alegram com elas, os que atendem e esperam tanta glória perdurável, porque se nom gloriaróm de todo em todo com prazer?

A tristeza, que é pecado e amargura da consciência, e embarga a alegria espiritual; porém, o abade Santo Apolónio e seus monges, tanta alegria e goivo sobreguisa era em eles, quanta nom podia haver algum homem em a terra, ca nom havia antre eles algum triste. E tu, filho, nom sejas triste, assi como aqueles que nom ham esperança, e sei certo que todas as cousas que acontecem ao homem, tristes ou ledas, todas som dadas per Deus com grande caridade que há ao homem.

Porém, tu crê, certamente, que todas as cousas que te avierem, tristes ou de prazer, todas te avêm per tam grande amor de Jesu Cristo e tanto a tua prol, que tu nom querias nem devias querer que outra cousa aviesse a ti nem a outrem, senom aquelo que te avêm. E, porém, debes dar graças a Jesu Cristo por cada ãa cousa, ca ele nom leixa avir nem ãas cousas contrairas à alma fiel, senom quanto ele sabe que cumpre à santidade dela e à usança das virtudes.

E porém, tu, sei fiel; e quando te acontecer alguma cousa nojosa, recebe-a assi, como seja ãa prisom de ouro, que te pose Jesu Cristo, per que te tire pera o seu mui limpo amor. E tu logo, assi como consentidor, levanta-te quando te assi tirar pera si o Senhor e com diligência faze-te prestes pera elo per paciência e per agradecimento, por tal que o teu coração seja mais tirado pera Jesu Cristo, e entende que Deus, per estas cousas, quer obrar tua salvação.

### Capítulo VIII

Ditas estas palavras, comecei eu dizer à mui fremosa dona:

— Senhora mui graciosa, que o Senhor Deus compriu de muitos bens e de mui altos conselhos, bem vejo e entendo que é verdade quanto me vós dizedes e nom me nojam a tanto as aversidades do mundo, como me atormentam as tribulações de dentro do meu coração e da minha alma. E desto me querelo a vós, e desto demando conselho e consolação e remédio a vós, como a dona mui sages e de grande conselho; ca vos digo, mui piadosa senhora, que som mui atormentado com muitas tentações.

E logo a mui graciosa dona me disse assi:

— Filho, se até agora foste apressado com tentações e as suportaste com graveza, daqui em diante sofre-as com meor graveza e faze da necessidade virtude e suporta as tentações mais levemente, porque ser homem tentado é paixom que nom pode esquivar, e é comum e geral a todos aqueles que começam servir a Deus e que som recebidos do Senhor Deus. E outrossi ser tentado é sinal precioso do amor de Deus.

E mais te digo que nom pode ser que viva o homem em esta vida sem tentação. E porém, tu, meu filho, quando entrares a servir Deus, aparelha-te pera as tentações e sabe por certo que o Senhor Deus nom leixaria vir tentações aos seus escolheitos, se nom fosse por sua prol. Ca todas as cousas obram a eles em seu bem, ca lhes aproveitam pera haverem sabedoria de lidar com o imigo e pera lançarem de si a priguiça e a negrigência, e pera aproveitarem em si em virtudes e pera lançarem dele os alevantamentos do coração em vã

grória e pera saberem ensinar os outros per aquilo que ham provado em si e pera receberem coroa de glória; ca bento é o barom que sofre a tentaçom, ca receberá coroa de vida depois que for provado em ela.

Oh tentaçom, sinal de cousa mui boa de tam grande amor de Deus e sinal de tanta graça e de esperança mui firme da bem-aventurança perdurável! E tu, filho, quando te vierem tentações desvairadas, estima e entende que é todo prazer, ca certamente as tentações de muitas maneiras som todo prazer e matéria de mui grande alegria. Ca tanto e muito mais valem que todo o prazer do mundo. E, porém, tal estimaçam é verdadeira.

Mas tu, meu filho, se queres perder tristeza e ser ledo verdadeiramente, lida com a tentaçom e vence-a e nom te leixes chegar ao pecado, ca tanta é a justiça de Deus, que a alma que está em pecado nunca é sem amargura e sem angústia, que se levanta em ela. Ca o pecado faz grande dor e o coração mau é agravado com muitas dores. Porém, pois que o pecado é chagado e mais grave que toda a chaga corporal, nom a leixes apodrecer em tal guisa, que nom possas depois haver saúde, mas trabalha-te de a curar per pendenza, mudando tua má vida.

## Capítulo IX

Estando eu, mesquinho pecador, ante a mui fremosa dona, ouvindo as suas confortosas palavras, e o meu guiador comigo, que me ajudava e consolava da sua parte, estando i a mui graciosa donzela, vestida em panos verdes, com cruces de ouro, de que suso falei, a que vem a mui espantosa dona, com mui forte sembrante contra mi e foi-se logo ajuntar com a graciosa donzela; e logo a fremosa dona se levantou da sua cadeira e chegou-se a elas e feze-as assentar em senhas cadeiras mui fremosas e ricamente lavradas com ouro e com outras desvairadas cores.

A ùa das cadeiras era de marfi, em que siia a graciosa donzela; e a outra era de uma pedra mui alva e mui esprandecente; e a mui fremosa dona estava em sua cadeira de prata, segundo suso dito hei, e o meu guiador me fez ficar os giolhos em terra ante aquelas altas e nobres senhoras; e ele estava sempre levantado da terra.

E começou de falar a elas enesta guisa:

— Amigas, bem sabedes como Nosso Senhor me há encomendado este homem, que o haja de guiar e percurar em todo seu bem e afastar todo seu mal quanto em mi for: e, porém, o apresento ante a vossa honrada presença pera

poder cobrar consolação e saúde e remédio de seus males,<sup>4</sup> que som muitos. Ca ele é mui apressado e chagado de muitas chagas, novas e velhas, dos seus pecados, que nunca foram legadas nem curadas, em tal guisa que, dê a sola do pé até a cabeça, nom há em ele saúde de dentro nem de fora; e ele é preso e legado com mui sutis laços e com mui fortes prisões dos seus mui maus costumes, que muito usou, e dos negócios do mundo e das cousas terreaes e das más cobiças e desordenadas.

E nom tam solamente tem adobas em os pés, em guisa que se nom pode mudar do mau estado da sua vida, mas ainda tem colares fortes de ferro em a garganta, em guisa que se nom pode confessar como deve, nem dar louvores a Deus quais cumpre, nem orar devotamente; e tem algemas em as mãos, que nom pode fazer obras de piedade e de pendenza. O seu coração é mais duro que a pedra diamante, em guisa que nom há em ele contrição nem compunção.

Que vos direi mais? Todo este mesquinho de dentro e de fora é seco e sem proveito, todo é comprido de amarguras de muitas maneiras e de dores; a sua consciência é cheia de espinhas e vermes, que nunca quedam de a roer.

E porque este pecador é posto em tanta amargura e está em ponto de se perder de todo — ca, se o a morte arrebatat em tal estado, forçado é de ser condenado por sempre —, porém, amigas, o trouve à vossa mercê, que sodes donas de grande valor e de grande poder e saber, que lhe hajades remédio qual cumpre pera ele.

Tanto que esto disse o meu guiador, logo as nobres donas começaram a rogar-se antre si qual delas responderia primeiro e estiveram per grande espaço, que nom queriam falar por sua mesura e cortesia; e o meu guiador lhes disse:

— Amigas, eu vos rogo que nom estedes em tal demorança, ca é muito enojosa e perigrosa a este homem apressado; e comece algũa de vós, em o nome de Jesu Cristo Nosso Senhor.

Entom disse a fremosa dona ao meu guiador:

— Amigo, já eu comecei a falar e disse a este homem algũas cousas pera sua consolação e pera seu proveito, segundo vós bem sabedes, que estevestes presente. Ora digam estas nobres donas o que por bem tenerem e depois acordaremos aquelo que a ele cumpre de fazer. Mas porque estas donas som tam corteses que nem ùa delas nom se quer adiantar pera falar em esto, parece-me que é bem que este feito fique em vós, que digades qual delas comece a falar primeiro, e nom haja i outra detença sobre aquelo que vós determinardes.

4 No original: «maaes». Trata-se da forma antiga do plural males (VIEIRA, IV, 1873, p. 6). Em todas as futuras ocorrências faremos a substituição sem nova prevenção.

E logo o meu real guiador disse à dona espantosa:

— Como quer que este homem seja merecedor de todo padecimento, pero, porque, salvante a vossa reverença, as vossas palavras som mui ásperas e de grande rigor; porém, a mi parece e assi me prazeria que vós faledes primeiro e, depois vós, fale esta graciosa donzela, porque ela abrandará o vosso rigor e a vossa aspereza, como quer que seja justa cousa e dereito todo o que vós havedes de dizer. Mas a este apressado muito lhe faz mester temperança e brandeza pera a vossa sentença.

## Capítulo X

Quando esto disse o meu guiador, logo a dona espantosa começou seu falamento enesta guisa:

— Como quer que a mi nom seja mesura adiantar-me a esta donzela, que é mais auta e mais poderosa que eu, pero, pois que vós sodes esprito celestial per que o Senhor obra a Sua vontade, porém, praz a mi de fazer o que vós dizedes e se i avém algũa desensinança o engano seja vosso.

E, ditas estas palavras, tornou a dona espantosa os seus olhos contra mi, com mui fero catar, e começou a dizer enesta guisa:

— Oh homem mesquinho, comprido de muitas mesquindades, em quantas cousas ofendeste e assanhaste o Senhor Deus! Oh homem avorrido ante Deus e sem proveito, muito sobreavondou a tua maldade e arrefeceu a caridade em ti! E toda a tua vida é cheia de pecados e apodreces em teu estercó.

Tu és cheio de enveja e de homecídios, al de menos de vontade; tu és cheio de contendas e de engano e de mazela; tu és escarnidor e miscredor e profaçador; tu estás em ódio de Deus, tu és injurioso, tu és sobervo e levantado, achador de males, sem siso e sem ensinança e sem boa afeiçom e sem misericórdia.

Pára mentes como todo o mundo, espicialmente as cidades e as vilas em que tu vives, som cheias de tiranos e de perfiosos e de simoníacos e de hipócritas e de cobiçosos de honras e de riquezas, e de roubadores e de forçosos e de usureiros e de falsairos e de cruéis sem piadade e de sacrílegos e de tredores e de mintidores e de fagueiros e louvaminheiros e enganadores, e de palreiros e de gulosos e bêvodados e de adultérios e luxuriosos de toda maneira de luxúria, e de preguiçosos e vãos e estragosos e de sanhudos e sem paciência e de feiticeros e agoireiros e perjuros, e de persuntosos e de todos homens envoltos em todos os pecados.

Mas certamente eles faleceróm e se sumirám assi como fumo; e assi como se derrete a cera dante a face do fogo, assi pereceróm os pecadores ante a face do Senhor Deus. E tu, pois que tal és como eles e moras com eles, perecerás pera sempre. E sairá de ti o teu espirito e tornarás em terra, e em aquele dia perecerám todas as tuas cuidações. Erraste da carreira da verdade, e porende o lume da justiça nom te alumiou; e quando a tua alma sair do teu corpo, espantoso temor haverás e dirás aos montes que caiam sobre ti e aos outeiros que te cubram da ira do Senhor.

Entom farás pendenza pera sempre em pena, mas nom acharás perdoança. E esto é justa cousa e dereito juízo, pois que tu nom quiseste fazer pendenza e haver perdoança quando puderas, que nom possas quando quiseses; ca o Senhor Deus te deu lugar de pendenza e tu usaste mal de ti e do tempo que te deu. E, porém, o fogo do inferno te destruirá, fogo que sempre arde e nunca luze; sempre te queimará e nunca te consumirá, e sempre te atormentará e nunca falecerá nem será apagado, ca o inferno há mui grande escuridade, que maior nom pode ser, e crueldade de tormentos enfindos e misquindades sem conto perdurávis.

Ali padecerás penas em cada um de teus membros, por que pecaste; e entom desejarás morte e nom a poderás haver. Tu, misquinho, que perdiste a vida, nom te enganes nem te afagues, dizendo que o Senhor Deus nom será irado pera sempre, pensando que a pena do inferno haverá fim. Eu te digo que nom tomes vã esperança, dizendo que os amerceamentos de Deus são sobre todas suas obras, e quando for sanhudo nom se esquecerá da misericórdia, ca nom há ódio a nenhũa cousa das que ele fez e que o homem peca por tempo e, porém, Deus nom dará pena por sempre.

Oh pecador, que vã esperança é esta e que falsa presunçom? Nom creias esto, nem sejas enganado per tal error, ca sei certo que o inferno nom há nenhum remimento. Mas verdade é que em esta vida, posto que Deus seja sanhudo, àqueles que ham de ser salvos nom lhes será irado por sempre; mas é irado contra eles, castigando-os como padre a filhos per algum tempo, pera os correger. Mas aos danados é irado por sempre. Di-me, tu, pecador, porque recontas as justças de Deus e tomas o seu testamento em tua boca? Ca tu houveste ódio à diciprina e entejaste a ensinança e o castigo, e lançaste trás ti as palavras do Senhor. Tu amaste malícia mais que a bondade e, porém, o Senhor Deus te destruirá em a fim dos teus dias e arrincar-te-á da vida do mundo e fazer-te-á sair deste corpo em que moras, e tirar-te-á da terra dos viventes e a tua grória será em o inferno e pera sempre nom verás o lume e a luz celestial.

Quando eu, mui misquinho pecador, estas palavras ouvi tam espantosas, nom ficou em mi siso nem força, nem soube que dizer; pero esforcei-me e disse:

— Oh Senhor Deus, eu padeço força: tu responde por mi. Que direi ou que responderei? Ca eu mesmo fize todo que diz esta dona. Senhor, livra a minha alma, que nom seja perdida, ca o inferno nom dará a ti confusom de louvor nem a morte perdurável nom te louvará, mas os vivos em vida perdurável te louvarám sempre. Senhor, deixa-me e atende-me pera eu chorar os meus pecados, por tal que nom vá àquela terra trevosa e coberta de escuridade da morte, terra de misquindade, onde há espanto e tormento perdurável. Senhor, nom te nembres das minhas maldades antigas, mas a tua misericórdia me arrevate cedo, ca muito som feito pobre e minguado de todo bem.

Ajuda-me, Senhor, ca a minha vida guerra e batalha é sobre a terra, porque enmigos de muitas guisas nom quedam de me asseitar de cada parte, pera me tomar, e perseguem-me pera me matar; estes são os demónios e os homens e o mundo e a carne, que lidam fortemente contra mi. O diabo, meu aversairo, assi como bravo leom, nom queda cercar, buscando alguém que destrua; este acende os seus dardos de fogo contra mi. A morte da minha alma entra pelas frestas dos sentidos do meu corpo, e os meus olhos roubam a minha alma.

Mas tu, Senhor, que és esprandor da luz perdurávil, que és todo-poderoso, vem a mi com a tua graça e tira-me do cárcer em que jazo preso e seja<sup>5</sup> em sombra de morte. Senhor, amerceia-te de mi por ti mesmo e envia a tua misericórdia sobre mi. Salva-me, Senhor, ca as águas das tormentas dos pecados entrárom até a minha alma e a tempestade do mundo me alagou. Livra-me, Senhor, da profundeza do lago; que o poço das minhas maldades nom tape a boca sobre mi, em guisa que nom possa sair, ca a tua misericórdia é mui binina.

## Capítulo XI

Depois que eu, pecador misquinho, houve ditas palavras, logo a graciosa donzela me olhou com doairo confortoso, mostrando que se doía de mi, e começou de me falar enesta guisa:

— Filho, sabe por certo que todo aquilo que te há dito esta nobre dona, que a ti parece espantosa, todo é verdade; e assi te acontecerá, sem dúvida nenhũa, se acabares em teu pecado e nom corregeres tua vida; ca sei certo

5 Presente do indicativo (1.ª pessoa do singular) do verbo *seer* (lat. *sedio*) = permaneço.



que mui espantosa cousa é cáires em a sanha do Senhor Deus, que quanto te mais sofre e te mais atende, tanto fará em ti mais dura e mais cruel vingança.

Mas se quiseres correger e mudar tua má vida, ele é tam misericordioso, que te receberá em sua graça e te livra de todas amarguras da tua alma. E viste aquelas santas donzelas, per que vieste ante que chegasses a mi e que te nom quiserom receber nem consolar? Sei certo que, se enmendes e te puseres em tal maneira de viver, qual cumpre a tua salvaçom, logo se elas viróm pera ti e te ajudaróm e consolaróm mui de grado. E ainda sabe que moraróm contigo e haverás com elas tam grande prazer e consolaçom, qual nunca tu nem todos os homens houveram nem podem haver com todas as consolações e deleitações corporais nem terreais.

Pois, filho, pensa bem e pára mentes como hás posto tua alma em grande pirigo e és obrigado em grandes dívidas e hás-de dar mui estreito conto ao Senhor. Pára bem mentes que a tua vida há-de durar mui pouco; pensa bem e cuida os males que hás feitos quando eras em vã idade e, dês i em diante, e põe ante teus olhos os tempos trespassados da tua vida e os dias breves dela. E consira com diligência quantos trabalhos passaste em vão e quantas vezes amaste em vão os amores deste mundo, e assi saberás por certo em quantos males e em quantos perigos se revolveu a tua vida misquinha.

Pois busca remédio, e achá-lo-ás, ca o Senhor Deus, que foi feito homem por salvaçom dos homens, sabia mui bem a muita enfermidade e a muita misquindade da natureza humanal e nom quis leixar os homens sem mezinha, assi como o físico mui sabedor, e, porém, confez a mezinha da pendenza pera sarar a vontade pecador e escorregadiça, ca per pendenza ganha o homem perdoança dos pecados pela boa vontade da misericórdia do Senhor Deus.

E porém, tu, filho, curre tostemente a fazer pendenza e lava as sujidades dos pecados com lágrimas e remi as tuas maldades per boas obras, em tal guisa que a morte nom te arrebate e te leve sujo e lixoso. Ca em o inferno nom há pendenza nem confissom, mas, enquanto és vivo, renova a tua alma, que é destruída; ca a multidom dos amerceamentos do Senhor Deus nom podem ser contados, nem a grandeza da sua misericórdia nom pode ser medida; mas os pecados, por muitos e por grandes e graves que sejam, conto ham e medida. Ergo, os teus pecados, que ham conto e medida, nom podem sobrepujar nem vencer a misericórdia de Deus e os seus amerceamentos.

Porém, tu, filho, como quer que sejas mui pecador, nom desesperes pola multidoem dos teus pecados. Ca, se quiseres fazer pendenza, acharás perdoança pola piidade de Jesu Cristo, que espargeu o seu sangue polos teus pecados, e ele e toda a celistrial corte faróm grande festa com a pendenza, e prestes é

sempre pera te alumiar e receber. Ca, assi como o sol com o seu esprandor alumia àqueles que têm a sua face tornada pera ele, bem assi a luz de Jesu Cristo resprandecente é a todos, dando largamente a sua craridade; mas cada um toma parte dela, segundo seu desejo.

Ca o sol da justiça nom desfalece a nenhum daqueles que o querem olhar, nem costringe per força geralmente aqueles que per sua própria vontade escolhem as trevas dos pecados; mas tais como estes, assi como cegos, andam apalpando as paredes e caem em muitas covas. E as suas faces rascom-se e rompem-se com muitas espinhas, porque eles mesmos se privarom do lume do Senhor e se cegarom com o amor das cousas terreas, a que se aprenderom.

E porém, tu, meu filho, desempara as trevas com a sombra da morte; enteja o mundo e as conversações e as cousas dele. E entende que a tua carne é tua imiga, corre tostemente pera a luz verdadeira, e toma a cruz da pendenza sobre os teus ombros e traze-a continuamente e sigue Jesu Cristo e haverás grória com ele e mostrar-te-ás por herdeiro da vida perdurávil.

## Capítulo XII

Tanto que a mui piadosa donzela houve ditas estas palavras, com que confortou muito a minha alma, logo a mui fremosa dona começou seu falamento. Mais como ela começou a falar, a graciosa donzela tomou-me pola mão e alçou-me da terra, em que estava em giolhos, e feze-me assentar; e o meu guiador me mandou que fizesse todo o que me ela mandasse; e eu me assentei de grado, ca já estava cansado, como quer que as doces palavras da graciosa alivavom o meu trabalho.

A fremosa dona começou sua razom enesta guisa:

— Aqueles que temem o Senhor Deus guardam os seus mandados e ham paciência até que ele olhe sobre eles, dizendo: “Se nom fizermos pendenza, cairemos em a sanha de Deus; ca, segundo a sua grandeza, assi é a sua misericórdia com ele». E aquele que ama o Senhor Deus fará oraçom polos seus pecados e cavidar-se-á deles e será cumprida a sua oraçom.

Porém, tu, pecador humilda-te em todas cousas e acharás graça ante Deus, ca o coraçom duro haverá mal em a sua postumaria, e aquele que ama o perigo perecerá em ele. Porém, tu, filho, nom contradigas a palavra da verdade per nenhũa maneira; nom tardes de te converter ao Senhor, nem o perlongues de dia em dia, ca a ira do Senhor subitamente vem e em o tempo da vingança te destruirá. Porém, o teu cuidado põe-no em nos preceitos de Deus e usa

amiúde em eles, e ele te dará coração forte pera corregeres tua vida e te dará sabedoria pera te regeres.

### Capítulo XIII

Calou-se a mui fremosa dona, e eu fiquei com temor e com boa esperança e logo o meu guiador disse:

— Amigas, aqueste homem é bem aconselhado per vós; mas ora cumpre que acordedes que maneira de vida tomará pera emendar seus pecados e levar caminho de salvação.

Entom foi acordado per todas antre si a vida que eu tomasse e derom lugar à dona mui fremosa que falasse; e ela começou a dizer enesta guisa:

— Filho, toma o meu conselho e o destas groriosas donas e sabe por certo que se obedeceres ao Senhor Deus, que te chama pera tua saúde, e te chegares a ele com desejo e com prazer e o seguires com todo teu coração, enjeitando todas as cousas e aprendendo-te a ele só, tu haverás estas consolações e deleitações.

E quando severes<sup>6</sup>, serás seguro; quando dormires, em folgança dormirás e nom haverás temor de vir espanto sobre ti nem temerás os topos dos diabos tentadores; quando andares, serás forte e confiante, assi como leom, e viverás com prazer e serás alegre pera sempre e fugirá de ti dor e tristeza e gimidos.

Entom será a tua luz assi como é a manhã crara, e mui cedo nacerá a tua saúde e irá ante a tua face a tua justiça e a grória do Senhor Deus te colherá em si.

Mas, porque nom pode ser que algum homem converse a par do fogo, que nom fumegue, porém, mui crara cousa é de ser que tu vivas em os negócios do segre e em os cuidados e turvações e em os deleitos e em as riquezas e que possas andar pola carreira dos mandados de Deus e que possas guardar ti mesmo limpo. E, porém, te cumpre tomar vida solitária apartada das cidades e dos negociadores do mundo. E a maneira que tu debes ter em tal vida e os grandes proveitos dela, alguns destes santos homens e destes santos barões e sages, que aqui estam em minha companhia, te ensinaróm e mostraróm, segundo de mi aprenderom e provarom per si mesmo.

Ca estes leixarom todas as cousas do segre e apartarom-se dele e morarom em os desertos em que viviam apostados de virtudes, fazendo vida solitária e assessegada.

6 Futuro do conjuntivo (2.<sup>a</sup> pessoa do singular) do verbo *seer* (lat. *sedere*) = permanecer; estiveres.

E assi como anjos conversarom em a terra, servindo e louvando o Senhor, que estava em meio deles, e alguns viviam sós e alguns juntamente, poucos ou muitos, e assi houveram grória perdurável.

## Capítulo XIV

Entom disse a fremosa dona a um daqueles santos homens:

— Dom Jerónimo, pola caridade de Deus, ensinae a este pecador alguma cousa do que sabedes da vida solitária.

Entom se levantou um grorioso barom, vestido em hábito de ermitam, e em sua cabeça tinha ùa coroa de ouro, redonda, mais crara que o sol, e trazia em suas mãos dous livros mui ricamente guarnidos. E este grorioso barom se levantou em pé e começou sua razom mui graciosamente enesta guisa contra mi:

— Porque tu, homem pecador e apressado, traspastaste muitos espaços da tua vida em as ondas do mar deste segre e a tua nau da tua consciência e da tua alma e do teu corpo muitas vezes foi quebrantada com o revolvimento das tormentas das mui fortes tentações, e muitas vezes foi furada com os topos dos penedos da dureza e crueza dos graves pecados, e pois que tantas vezes perigaste em o mar deste mundo, eu te conselho e amoesto que te partas e te saias dele e entra em o ermo e em os lugares apartados, assi como em porto seguro.

Ca ali haverás pam pera comeres; e ali haverás verças, que regarás per tuas mãos; e ali haverás leite, que é viço e deleitação dos moradores dos montes e dos ermos. E estes manjares, como quer que sejom vis e de pequeno preço, pero são viandas e mantimentos de inocência e sem pecado.

E vivendo tu assi em o ermo, com tais comeres, o sono nom poderá estorvar-te da oraçom, nem a fartura nom te tirará de leres per santos e devotos livros. E se fazer grande quentura, as ramas da árvore apartada te faróm sombra. E se for tempo do Outono, a temperança do ar e as folhas das árvores, que jazem estradas em a terra, daróm a ti lugar de folgança.

E em o Veram, verás os campos pintados mui fremosamente, com froles de muitas maneiras. E, antre os cantares das aves, cantarás tu os Salmos mui docemente. Se for o campo frio e de neves frias, nom comprarás lenha em o ermo, mas quente vigiarás ou dormirás e almenos nom te gelarás com frio. Haja pera si a cidade de Roma, e as outras cidades, seus arruídos e seus tráfejos e suas luxúrias e suas visitações de mulheres e de homens.

Hajam pera si todos outros suas riquezas; bebam per vasos lavrados com pedras preciosas, resprandeçam com vestiduras de sirgo e deleitem-se com

o louvor e com o prazenteio do pobo e hajam outras muitas e desvairadas deleitações. Mas as riquezas daqueles que por Deus moram em o ermo som em pensar e meditar em a lei do Senhor, de dia e de noite, e bater à porta que nom parece, convém a saber, rogar humildosamente a misericórdia do Senhor Deus e receber os pães das graças e consolações da Trindade, que o Senhor dá àqueles que o afincadamente rogam. Estas som as riquezas daqueles que santamente fazem vida solitária.

E outrossi calcam e andam sobre as ondas do segre sem perigo, indo o Senhor ante eles por seu guiador. Mas em a cidade vêm a nós outros pera nos visitar e, se os vemos, perdemos nosso silêncio, falando com eles, e se os nom queremos ver, caímos em soberba e algumas vezes imos às portas dos soberbos, pera os visitar, assi como eles fazem a nós; e entramos pelas portas pintadas, recebendo palavras de perfaço<sup>7</sup> que dizem de nós servidores dos senhores.

Mas em a casa do Senhor, que é em o ermo, que é quinta de Jesu Cristo, sempre é silêncio, afora em cantar ou dizer salmos. Ali o lavrador anda com seu arado, cantando aleluia e louvores ao Senhor Deus. E o segador, que anda suando, com os salmos toma folgança; e aquele que anda podando a vide, canta algũa cousa dos salmos de David. Que direi do ermo e da vida solitária? Certamente eu digo que o lugar do ermo é forma da doutrina e o apartamento é pregaçom de virtudes. Espantosa cousa é ao monge a vila ou o castelo, mas o ermo é tal como o paraíso.

## Capítulo XV

Despois que aquele grorioso barom houve ditas as razões que havedes ouvidas, começou de dizer, cantando em alta voz mui graciosa:

— Oh morada do deserto, verde e frolida com as froles de Jesu Cristo! Oh montanha apartada, em que nacam aquelas pedras priciosas, das quais é feita e edificada a cidade do grande rei! O ermo familiar é achegado ao Senhor Deus e lugar muito alegre.

E quando eu, pecador, e mui triste e mui coitado, ouvi as palavras e o cantar mui doce do glorioso barom, entrou em meu coração já quanto de alegria e de desejo daquela vida solitária do ermo que o santo homem atanto louvava, e comecei a dizer ao Senhor Deus:

7 Palavras de maldizer; murmurações.

— Amerceia-te de mi, Senhor, ca eu som enfermo e fraco! Senhor, dá-me saúde, ca as forças da minha alma e do meu corpo som turvadas! Senhor Deus, aderença a minha careira ante a tua face!

Entom teve mentes em mi o grorioso barom e começou de me falar enesta guisa:

— Ó pecador, que fazes em o segre, tu, que és maior que o mundo? Quanto tempo te apremam e te apertam as sombras das casas e das moradas das vilas? Quantos tempos te há-de ter preso e ençarrado o cárcer das fremosas cidades?

Sei trigoso pera te partires do segre. Nom te detenham nem te nembres das riquezas. Ca o ermo paga-se muito dos nus e despejados. Demanda primeiro o reino de Deus, e todas as outras cousas necessárias haverás. Assaz é rico aquele que com Jesu Cristo é prove. Que fazes em a morada da cidade, homem delicado, que desejas ser cavaleiro de Jesu Cristo? Como lidarás em a sua batalha espiritual, que tu nom és usado às asperezas e trabalhos que os cavaleiros ham em as guerras e em as batalhas?

Tem mentes que o emperador celestial há-de vir em as nuvens do céu, armado pera lidar contra o mundo, e a espada aguda de ambas as partes que sai da boca do mui alto rei e talha a qualquer que acha, ante si; e tu, nom sendo usado pera lidar, queres sair da câmara em que vives viçoso pera a az da batalha, e da sombra pera o sol. Certamente o corpo, que há acostumado a camisa e a saia, nom pode sofrer o cárrego da loriga; e a cabeça, que há usado o pano delgado, nom sofre a capelina; e a mão, que é mole, porque nunca usa trabalho, muito se agrava com as luvas duras do ferro.

E lembra-te do dia quando foste feito cavaleiro novel de Cristo, em o dia do teu bautismo, em que foste soterrado com ele, e o teu aversairo se esforça de matar Jesu Cristo em o teu coração. Nom sei qual adoba ou qual prisom te embarga. Pára mentes que o teu aversairo, que é o diabo, assi como leom bravo e rugidor, anda em redor de ti, asseitando-te pera te tomar e destruir. E tu, coberto da sombra da árvore espessa, jazes em sono mole, pera te roubar o diabo, que te faz mil enganos. E tu, mal-aventurado, pensas que és vencedor, enquanto és cativo e roubado e tomado por preia deste cruel leom.

E tu, que és cristão, porque hás coração temeroso? O filho da Virgem nom houve lugar em que acostasse a sua cabeça; e tu queres morar em grandes casas e em anchos paços; e tu, que és herdeiro dos céus, se quiseres, com Jesu Cristo, nom atendas as heranças e as herdades do segre, nem queiras crer pola vida do segre, nem queiras ser seguro, posto que seja tam assessegado o mar deste mundo como água do pego; ca este grande campo deste mundo muitos montes tem ençarrados em si dentro, ca dentro é o perigo e dentro é

o enmigo. E, porém, te cumpre alçar a vela com sinal da cruz e saíres-te deste mar deste mundo, ca o assesego dele tempestade é. Pois vai-te ao porto seguro da vida do ermo.

Porventura te espantas do ermo, porque é só e mui apartado; mas tu, anda com a tua mente pelo paraíso e quantas vezes subires em o céu com a tua cuidaçom, tantas vezes te parecerá que nom estás em deserto; e posto que padeças em o ermo mínguas e tribulações, pára mentes, que diz o apóstolo: «Nom som dinos nem iguais em merecimento os padecimentos deste segre à grória que será mostrada em nós». Muito és tu delicado, se queres aqui haver prazer com o segre, e depois reinar com Jesu Cristo. Virá o dia da morte; bento é aquele servo que o Senhor achar vigiante.

Quando eu, mesquinho pecador, ouvi esto que o barom grorioso dizia, disse:

— Senhor Deus, amerceia-te de mi e vê o meu abaixamento e alevanta-me das portas da morte, que me nom cative o diabo, assi como leom, nem roube a minha alma, ca nom há i quem me faça salvo, senom tu.

E respondeu a mui groriosa donzela e disse:

— O Senhor Deus te ouça e cumpra a tua pitiçom em o dia da tribulaçom, e o nome de Deus te defenda de todo mal, ca o Senhor Deus é brando e manso e de muita misericórdia àqueles que o chamom.

Entom disse a espantosa dona:

— Justo é o Senhor Deus e o seu juízo é muito dereito, e ele é mui bom e é mui doce àqueles que som de dereito coração. E porém, tu, pecador, trabalha-te de servir ao Senhor Deus em temor e alegra-te a ele com tremor e aprende a diciprina, por tal que se nom assanhe o Senhor Deus contra ti e pereças da carreira dereita, quando se acender tostemente a sua sanha. Bem-aventurados som aqueles que ham fiúza em ele polas boas obras que obrarom e a boa vida que ham feita.

Quando eu, mui misquinho pecador, ouvi esto que a dona espantosa dizia, fiquei mui triste e com mui grande temor, em guisa que nom pude tornar palavra, senom tam solamente em meu coração dizia a Deus:

— Senhor, amerceia-te de mi, segundo a tua misericórdia mui grande.

E logo a mui fremosa donzela me chamou e fez-me seer aos seus pés e disse-me:

— Pecador, sei forte e obra come barom, e o teu coração seja confortado e sofre e espera o Senhor Deus, ca toda a terra é cheia e comprida de misericórdia do Senhor.

E tanto que eu esto ouvi, logo fiquei confortado com boa esperança, pero o temor nom se partia do meu coração.

## Capítulo XVI

E logo a dona sabedor e mui fremosa chamou um daqueles ermitães, que ali estavam, e disse-lhe:

— Dom Francisco solitário, meu amigo, rogo-vos que ensinedes este peccador aquilo que há mester e o que sabedes da vida solitária; ca vós o saberedes bem dizer, porque tal vida fezeistes vós e provastes o bem dela.

Entom se levantou logo um velho muito honrado, e havia em sua cabeça ãa grilanda de folhas de louro mui verde e mui fremosa, e teve mentes em mi e começou sua razom enesta guisa:

— Homem peccador, eu bem vejo aquilo que tu esperas de mi, convém a saber, aquilo que eu sempre tive em o coração e em a boca: o louvor da vida solitária e apartada e assessegada, a qual vida eu fize em outro tempo muitas vezes só e com outros.

Mas se eu me esforçar ou trabalhar a provar o louvor da vida solitária pelo pobo, em vão me trabalharei; e nom tam solamente nom poderei provar o louvor dela pelo pobo sem saber, mas a avondança das lêteras nom mora sempre em coração temperado e muitas vezes é grande contenda e grande departamento antre a palavra e a alma e antre a vida e a doutrina.

Mas eu falo daqueles que som embargados e carregados com as lêteras mais que apostados e mesturam o saber, que é cousa mui fremosa, com mui torpes costumes, com tanta vaidade do coração, que muito melhor fora que nom houvessem visto escolas, que tam solamente esto aprenderom enelas: ensobrevecer e, com fiúza das lêteras, ser mais vãos que todos os homens; e deleitam-se com as companhas e com o arruído; estes som os que trazem per toda a cidade a sandice leterada, assi como alfaia pera vender; estes som imigos da vida solitária e apartada e emigos da sua própria casa e adur tornam a ela à noite; e estes trazem em provérbio: «fremosa e bela cousa é ver as gentes e conversar com os homens».

Mas certamente melhor é ver os penedos e os matos e conversar com ussos e com as serpentes, ca o homem é animália vil e suja, maliciosa e vã e sem lealdade e cruével, se nom tomar e vistir em si humanidade e mansidoem per graça de Deus; e esto acontece poucas vezes.

E se tu preguntares a estes tais leterados porque cobiçam tanto estar com outros, se verdade quiserem dizer, nom responderóm outra cousa, senom porque nom podem ser consigo apartados; mas os errores que são altamente arreigados nom podem ser arrincados ligeiramente.

Eu creio que o coração nobre nunca há assessego nem folgança, senom em Deus, em que é a nossa fim, e em si mesmo e em seus cuidados de segredo,



ou com algum coração muito semelhante a ele; e, porém, se tu queres buscar o Senhor Deus ou queres achar ti mesmo, ou queres trabalhos e cuidados honestos espirituais, per que ganhes Deus e ti mesmo, ou se buscas coração semelhante ao teu coração, cumpre de te alongares da companhia dos homens e dos avolvimentos e tráfegos das cidades.

E isto, que eu digo, per ventura nom o negaróm aqueles que se pagam do achegamento do pobo, se tanto nom som abafados com falsas opiniões, que às vezes nom se tornem em si mesmos. Ca a vida do ermo solitária e apartada é vida angelical; mais a vida da cidade é arruído do inferno. E pera te eu mais ligeiramente mostrar a boa-aventurança da vida solitária, quero-te mostrar as dores e as misquindades da vida de entre as gentes.

E esto quero fazer demonstrando os autos e a vivenda dos homens que vivem pacificamente e assessegados em vida solitária e apartada, e a vivenda dos outros que vivem turvados e cuidadosos e sem assessego entre as gentes em as cidades e em os pobrados. E nom tam solamente louvo eu o ermo e o nome dele, mas louvo os bens que som em o ermo, nem me deleitava tanto o apartamento e o silêncio, quanto me deleitava o assessego e o vagar e a liberdade; nem fui tanto áspero e sem humanidade, que eu entejasse os homens, que devo amar como mi mesmo per mandado do Senhor Deus; mas entejava os pecados dos homens, e os meus primeiramente, e os cuidados tristes daqueles que moram entre os pobos; e quero-te mostrar os costumes e vida de dous homens contrairos ante os teus olhos, pera poderes entender a vida de todos os outros semelhantes.

## Capítulo XVII

Levantou-se à meia-noite o mal-aventurado morador da cidade, ocupado em os negócios do mundo; e ainda nom dormiu seu sono, ca o espertarom seus cuidados ou as vozes dos de sua casa e dos seus criados. E muitas vezes acorda estorvinhado com temor que há da luz, cuidando que é já manhã, ou por algúas visões espantosas que viu em sonhos.

E depois que é alevantado do leito, assenta-se logo e encosta o seu corpo a um mal-aventurado escano e o seu coração às mintiras e todo é envolto enelas, pensando como venderá suas mercadorias ou como enganará seu companheiro ou algum orfam, ou como demandará a mulher do seu vizinho pera fazer maldade; ou pensando como fará algúa demanda ou preito contra direito, sô encobrimento de justiça; ou pensa como corromperá algúa cousa

da prol comunal ou dalgũa pessoa privada; e ora está irado com sanha arreva-tada, e ora arde com grande desejo, que há, de acabar aquelo que pensa, e ora lhe vem em mente que o nom acabará; e fica frio e geado com desesperaçom; e per esta maneira, assi como mui malicioso mesteiral, ante da luz está urdindo a teia dos negócios, que entende obrar de dia, per que envolva si mesmo e outros.

### Capítulo XVIII

Levantou-se o solitário assessegado e bem-aventurado, recreado e avondado com um pouco espaço que folgou e com pequeno sono, nom quebrantado, mas acabado; e às vezes acorda com os cantares do rouxinol que canta per toda a noite. E levanta-se levemente do leito e, tanto que é levantado, lança de si a priguiça, cobiçando de cantar em as horas da folgança ao Senhor Deus, que é abridor da sua boca, e roga-lhe com devoçom que abra a sua boca pera saírem dela os louvores das matinas, e chama em seu ajudoiro o Senhor Deus, que é senhor do seu coraçom.

E porque nom confia nenhũa cousa das suas próprias forças e há temor dentro em si dos males e dos perigos que som prestes enesta presente vida, porém, roga aficadamente o Senhor Deus que venha taste pera o defender e ajudar, dizendo assi:

— *Domine labia mea aperies: et os meum annunciatibit laudem tuam. Deus in adiutorium meum intende: domine ad adjuvandum me festina*»; que quer dizer: «Senhor Deus, abre os meus beiços, e a minha boca demonstrará o teu louvor; Senhor Deus, entende em o meu ajudoiro; Senhor, sei trigoso pera me ajudar.

E este bem-aventurado solitário nom entende em tecer nem em ordenar nenhuns enganos, como faz o ocupado da cidade, quando se levanta da cama; mas canta e repite a grória de Deus e os louvores dos santos, nom tam solamente ùa vez em o dia, mas per todas as horas, com o serviço da sua língua e da sua mente, que faz piadosamente ao mui alto Senhor Deus, por tanto que a relembança dos dons e dos bens das graças do Senhor Deus nom lhe esqueça nunca, nem se partam do seu coraçom, pera os haver de conhecer e agradecer sempre ao Senhor e nom lhe ser sem conhecimento e sem agradecimento em nenhũa hora. Do que é muito de maravilhar, muitas vezes este bento solitário é cheio de temor com segurança e é cheio de esperança temerosa, lembrando-se bem das cousas trespassadas e daquelo que por vir, provendo-se com dor leda e alegre e com lágrimas bem-aventuradas avondosamente.

E tal estado como este é, e a tal vivenda como vive o solitário, nom se pode a ela igualar qualquer deleitação dos ocupados em os negócios, nem quaisquer viços das cidades, nem qualquer alteza de reinos ou de senhorios.

E depois que o solitário canta ao Senhor os louvores das matinas, de noite levanta os olhos ao céu e às estrelas e suspira com toda sua mente e com todo seu coração, desejando o seu Senhor Deus, que mora em os altos céus.

E estando ele assi enesta presente vida, que é lugar de seu esterramento, cuida e pensa em a grória celestial, que [é] a sua própria terra e morada, e logo começa de ler algũa lição de cousas honestas e de espiritual prazer e estudar enelas.

E per esta guisa ele, farto e avondado de tais manjares mui deleitosos, com muita paz do coração atende o começo da luz da manhã que há-de vir.

### Capítulo XIX

Em a luz da manhã, que atende o solitário e ocupado com desvairados desejos, e o ocupado acha a porta da sua casa cercada dos seus amigos, que som seus enmigos; e saúdam-no e fazem-lhe reverença, e rogam-no e demandam-no e tiram per ele, e quebrantam-no e apertam-no e prendem-no e esfarrapam-no.

Mas o bem-aventurado solitário acha pela manhã a sua porta desembargada e é livre e despachado pera estar e ficar em sua casa e em sua porta ou ir andar a qualquer lugar que lhe der o coração e a vontade; e vai o mal-aventurado ocupado à praça, triste e cheio de querelas, comprido de negócios, e começa logo o começo do dia em preitos e em demandas.

E vai-se o bem-aventurado solitário ao primeiro bosco que está junto com a sua morada, e vai alegre e cheio de folgança e de vagar e comprido de silêncio; e com grande prazer entra com seu pensamento em na mui alta porta da luz celestial. E o ocupado em os negócios vai-se aos paços dos soberbos poderosos ou às sédas espantosas dos juizes; e depois que ali é, mestura muitas falsidades com as palavras verdadeiras, per que abaixe e apreme a justiça daquele que nom é culpado nem obrigado; ou esforça a ousança daquele que é culpado e malfeitor, ou em toda maneira se trabalha de fazer ou dizer algũa cousa em sua própria desonestidade ou dano alheio, remordendo-lhe a consciência o coração.

E muitas vezes o medo lhe faz romper suas palavras, que as nom diz acabadas nem como deve, e muitas vezes reconta as cousas verdadeiras por mintiras, e responde e dá feridas por palavras e está cheio de vergonça; per guisa que muitas vezes tem a face ruiva e muitas vezes amarela e sem color e muitas vezes doesta si mesmo, porque ante nom cobiçou fazer vida em o deserto com fome

ca haver a fama e a grória do pobo, e porque ante nom quisera ser lavrador que vogado nem honrado em a cidade. E depois leixa os negócios por acabar e torna-se encobertamente pera sua casa e furta-se de antre os seus criados, assi como de emigos, escondendo-se deles temporemente.

Mais o solitário, depois que sai fora de sua casa pelo ermo, assenta-se em a primeira séda de froles que acha e sobe-se em algũ outeiro de bô e são ar. E depois que ali está, tanto que nace o sol, começa mui ledo cantar ou rezar os louvores do Senhor Deus com sua piadosa boca e, se per ventura acerca dele corre algũa água fazendo som pequeno e brando ou algũas aves cantam docemente, porém, canta ele ao Senhor com devotos suspiros mais brandamente, e primeiramente roga ao Senhor Deus que ponha em a sua língua freio que nom saiba lide nem contenda; e que ponha sobre seus olhos cobrimento, que nom veja as vaidades; e pede pureza do coração e afaste dele sandice e desacordo do coração e lhe dê austerença pera amansar a carne.

E depois, quando é hora pera os louvores da terça, honra e faz reverença à terceira pessoa da Trindade, e demanda e pede a vinda do Espírito Santo; e pede e roga ao Espírito Santo que faça a sua mente soar e cantar perfeitamente confissom de saúde e de salvação; e que lhe dê caridade acesa e inflamada com fogo celestial e que acenda os próximos em o amor de Deus.

E quando o solitário demanda estas cousas devotamente, já as há consigo, e muito mais bem-aventurado é ele com este ardor espiritual da sua alma e da sua vontade que com qualquer esprandor de ouro ou de pedras preciosas. E depois desto torna-se mui passo pera sua morada, quando o raio do sol, que alumiará a nova manhã, sobe em alto e acende e esquento o meio-dia; e nom demanda entom outra cousa a Deus, senom que sejam apagadas as chamas das lides e das contendias que o emigo levanta e cria; e roga ao Senhor Deus que lhe tire toda a quentura danosa das más cobiças, com que ele arde fortemente, e que lhe dê alma e mente sã em são corpo.

— Ora me di tu, pecador, disse a mi Francisco poeta, qual destes dous homens despenderom até aqui suas horas mais honestamente, se o solitário, se o ocupado?

## Capítulo XX

Quando eu, mesquinho pecador, ouvi e parei mentes enestas cousas que Dom Francisco solitário dizia, ia crescendo em no meu coração desejo da vida do ermo e avorrecimento da vida das cidades, dantre as gentes que eu longo

tempo vivera envolto em os negócios do mundo. E bem entendi que todo era assi verdade quanto ele havia dito, ca desto havia eu certa prova e experiência per mi mesmo, e bradei logo ao Senhor Deus e disse:

— Ó Senhor, até quando te esqueces de mi? Até quando tornas de mi a tua face? Torna-te, Senhor, pera mi e livra a minha alma e faze-me salvo pola tua misericórdia, e nom destruas nem leixes perder a minha alma com os ocupados e negociadores sem piedade; mas segundo a tua misericórdia lembra-te de mi, Senhor Deus, doce e dereito, pola tua misericórdia.

E logo me respondeu a mui graciosa donzela, dizendo:

— Pecador, espera em o Senhor, ca todas as suas carreiras som misericórdia e verdade àqueles que requerem o seu testamento e os seus testemunhos; e Ele, polo seu nome, se amerceará de ti.

E a dona espantosa disse:

— Pecador, faze sacrifício de justiça e espera em o Senhor, ca ele é juiz justo, forte e sofrido, mas se te nom converteres e tornares de má carreira, ele esgrimirá a sua espada e estenderá o seu arco e aparelhará enele vaso de morte perdurável.

E ditas estas palavras, tornou logo o nobre solitário a perseguir o que começara da vivenda e do estado do negociador, morador antre as gentes, e do solitário apartado, morador em no ermo; e começou sua razom apostamente enesta guisa contra mi:

— Ó homem pecador, já te hei recontado a maneira que tem em sua vida o ocupado e o solitário até o meio-dia, que é hora comum pera comer; e ora te contarei aquilo que faz cada um deles à hora do comer.

É o tempo de jentar, e entom o negociador ocupado vai-se pera um mui grande paço e assenta-se em estrado de cabeçais abafado e soterrado, e toda a fala é cheia de brados de vozes desvairadas e estam a redor dele os cães do paço, que som os mais e maiores seus chegados, e os mures domésticos, que som os servidores da casa. E está acerca dele a companha dos louvaminheiros, que o têm cercado, assi como az em redor, e a companha dos familiares e dos sergentes roazes com grande som e arruído apostando a mesa e anda a baixela de prata pelo paço em as mãos dos servidores. E cobrem o escano com panos de sirgo e as paredes com destalhos<sup>8</sup> e o chão com tapetes, e em tanto a companha dos servos mesquinhos estam nus tremendo; e depois que todas estas cousas som prestes, fazem sinal com tromba, assi como pera batalha.

8 Panos de armar; tapeçarias.

E logo os capitães e vedores da cozinha ajuntam-se com os vedores e mestres da sala e entom se levanta grande arruído e som ali trazidos muitos manjares, escolheitos do mar e da terra, e muitos vinhos de muitas maneiras e de muitas terras, em vasos esprandecentes. E nom abastam vinhos tais que-jendos a natura criou, mas ainda trazem outros vinhos confeitos com mel e com espécias; e da outra parte estam animálias monteses espantosas e peixes nom conhecidos e aves estranhas adubadas e cobertas com espécias e pós preciosos; e tantos manjares espantosos estam ante os comedores, que lançam de si fumo e bafo, que qualquer que os vir, como som feiamente coalhados e mesturados, posto que haja talante de comer, convém que se parta dali farto tam solamente da vista deles, ca ali verá as viandas da vossa terra mesturadas com as doutra parte, e as viandas do mar com as da terra, e as viandas negras mesturadas com as brancas e as doces com as agras, e as aves de pena com as outras que nom têm pena, e as carnes das animálias mansas co as bravas, em maneira que parece aquela mistura dos elementos que chama o poeta chãos de confundimento em um talhador ou escudela.

E os manjares quentes lidam com os frios e húmidos com os secos, e os duros com os moles; e em tanta mistura de desvairadas e contrárias cousas e em tantos manjares açafrados, negros e cárdeos e de muitas cores, e aquele que serve ante o senhor gosta primeiro e faz salva per razom de suspeita que ham da peçonha; e ainda outro remédio é achado contra os asseitamentos encobertos da poçonha, convém a saber, os cornos da serpente a que chamom escorpíam, que põem ante as viandas encastoados em ouro e em prata sutilmente lavrada.

E como quer que esto seja posto em a mesa per arte deleitosa contra a morte do mesquinho, nom leixa, porém, de vigiar a morte contra ele; mas o mal-aventurado seê com a fronte abaixada e com os olhos agravados com as sobrançelas sobre eles e o nariz enverrugado e as queixadas amarelas, alimpando os beiços que tem apegados e viscosos com a grossura das viandas que comeu. E adur<sup>9</sup> alevanta a cabeça, assi está espantado e atroado com os odores e com as cores dos manjares, em guisa que nom sabe u está, ca ele está cheio e inchado com o muito comer e beber sobejo, e está confundido e envergonçado com os negócios que traudou pola manhã, que nom pôde acabar à sua vontade; e está pensando em os enganos que há-de fazer e nom sabe per qual parte se torne ou que faça; e enesto sua e rota e cheira e bocija e mossega e gosta cada ùa das viandas que tem ante si, e enteja-as todas e é enfasiado delas.

9 No original: «aadiu».

## Capítulo XXI

Mas o solitário bem-aventurado é contente de poucos sergentes ou de um só ou de nenhum servidor, e está temperado do jejum do dia dante e, em sua morada igual, posta ele há sua mesa com sua presença mais que com outra cousa. E polo arruído que há o ocupado e negociador, que mora antre as gentes, há o solitário, à hora do seu comer, folgança e assesego e silêncio; e pola multidão das gentes, que o negociador tem consigo, tem o solitário si mesmo, e ele é companheiro a si mesmo e consigo mesmo fala, e ele é convidado de si mesmo e nom há temor de estar só, pois que está consigo. E em logo de paços, tem as paredes da casa, mais feitas de barro e de pedra, e coberta com madeiros monteses; e por cadeira de marfim, tem ãa séda de carvalho ou de faia pura e paga-se de olhar o céu e nom o ouro. E praz-lhe de ter seus pés sobre a terra e nom sobre a púrpura. E a bênção da mesa e as graças, que o solitário dá ao Senhor Deus, som a ele cantar mui gracioso, quando se assenta e levanta da mesa. E se tem algum caseiro, aquele é escanção e cozinheiro e servidor; e qualquer cousa que lhe põem diante, todo o faz e há por precioso o solitário, com igualeza do seu coração e com sua temperança; e o seu manjar é qualquer cousa que acham em os matos<sup>10</sup> estranhos ou em as ribeiras; e o seu beber é do vinho que fazem das parreiras monteses, que nadem em nos outeiros.

A sua frente e a sua face e o seu coração em usando destas viandas é gracioso em Deus e em nos homens; e tam ledo é ele com estes manjares comuns e sem nenhum adubo, que o seu coração é abastado e ele se tem por tam rico, que nom tam solamente tem por tam grandes aquelas cousas, que há, como as riquezas dos reis, mas ainda muito mais as tem e muito mais as preça; e nom há enveja a nenhum per nenhũa maneira; nem há ódio a nem um que seja; mas é contente do que há, e a fortuna nom lhe pode fazer torto nem injúria, ca ele nom teme nem cobiça nem ãa cousa; e ele sabe que nom dam peçonha àquele que come suas viandas em os vasos do barro; e sabe que poucas cousas avondam à vida dos homens e que as verdadeiras e mais altas riquezas som nom desejar o homem nenhũa cousa, e o mais alto senhorio é nom temer nenhũa cousa.

E assi passa o solitário seu tempo ledo e assesgado, havendo as noites prazíveis e os dias em vagar e em folgança, sem negócios e sem arruídos, pera trabalhar e fazer eneles o que lhe praz; e os seus comeres e com muitos som seguros, ca nom teme peçonha nem nojo nem outro mal, e ele seê livre e sem

10 No original: «mantos».

temor e nom está pensando nenhūs asseitamentos contra outrem nem se teme de os fazerem contra ele, porque ele sabe que aqueles que o amam nom amam as suas cousas nem a sua riqueza, ca a nom há, mas amam ele; e sabe que a sua morte nom é proveitosa a nem um, nem a sua vida nom é danosa a nem um, nem faz grande conta quanto há-de viver, mais que viva bem, nem tem em muito em que lugar ou quando moira, mas per que maneira morrerá pera sua alma; e em ùa cousa é todo seu entendimento: estudo que a boa vida que faz haja boa fim e bô acabamento.

Ora, pára mentes, pecador, como passa este solitário, sem comer, tam bem-aventurado; e quanto mal há o negociador do mundo em seu jantar, e quanto é desvairado e contraio o pensamento e o cuidado de um e do outro. E consira qual vida te cumpre de seguir.

E eu, pecador misquinho, quando ouvi todo aquilo que o nobre solitário houve dito, comecei a bradar em meu coração ao Senhor Deus e dizer:

— Senhor, lembra-te dos teus amerceamentos e das tuas misericórdias, que som de sempre; e nom te lembres dos pecados da minha mancebia. Castigue-me o justo em misericórdia, mas o óleo do afago e da louvaminha nom engrosse a minha cabeça.

Entom a mui graciosa donzela me olhou mui piedosamente e disse:

— Pecador, nom queiras haver enveja a os maus nem hajas receio<sup>11</sup> àqueles que fazem maldade; porque eles, assi como feno, tostemente secaróm, e cedo cairóm, assi como as ervas do campo. Mas espera em o Senhor Deus e obra bondade e mora em a terra da pendenza e da humildade, e serás governado em as riquezas dela, ca a misericórdia do Senhor Deus de sempre e pera todo sempre é sobre aqueles que o temem.

E logo a dona mui espantosa respondeu a esto mui toste, dizendo:

— O Senhor Deus parelho há sua cadeira real em juízo e Ele julgará o mundo da terra em igualdade e os pobos em justiça.

## Capítulo XXII

Quando eu, misquinho coitado pecador, ouvi as palavras da mui freiosa donzela, fui confortado em meu coração e houve temor mui grande com as palavras da dona espantosa, e a vontade me crecia cada vez mais de fazer vida apartada.

11 No original: «çeo».



E logo o nobre solitário ermitam começou a tornar à razom que havia começada da vida solitária e da vida do negociador e morador antre as gentes, dizendo em esta guisa:

— Enquanto o negociador está em seu jentar, vai-se escorregando o dia e fugem as horas; e acaba-se o jentar e o ajuntamento dos familiares o turvam, e os que andam achegados a ele o contorvam, assi como enmigos; e faze-se arruído em a casa com o derribar das mesas e com o levantar dos homens e com o bater de uns vasos com os outros, quando os colhem pera os guardar, e com os jogos daqueles que estam bêvodos e com as querelas dos que ficarom famintos, ca este mal nom é pequeno à mesa dos ricos sem igualdade, ca os uns ham fome e outros ham sobejo e nom ham nenhũa temperança. E a sala dá mui mau odor e todo o chão dela jaz cheio das salsas e dos caldos e das grossidades coalhadas e do vinho que entornarom, e com estas cousas é a sala escorregadiça e nojosa e avorrida e pejada com ossos, e mais parece carniçaria ou cozinha que paço, e tanta é ali a volta e o arruído, que parece que é gente que fazia algũa batalha.

E entom se vão cada uns pera sua parte e o senhor da casa, que, capitam daquela batalha, vai-se assi como chegado tremendo, e todos os outros feridos com vinho nom se podem ter bem sobre seus pés e vão-se abalando as cabeças e o corpo; e a mesa foi az daquela batalha. Ali a gargantoíce foi imigo brando e doce que os venceu e firiu; e dêi i, ficam-lhe as câmaras e as camas, em que se lançam, por sepulcros; e ham a consciência por inferno, em que acham muitos tormentos e vermes dos pecados, que os roem e atormentam.

### Capítulo XXIII

Mas ao solitário todas estas cousas lhe avêm em outra maneira sobre seu jantar, ca a sua cela mais parece que pertence pera convites de anjos que de homens; o odor dela e a color mui boa, que bem demostra os bôs costumes e dá testemunho da temperança. A mesa pacífica, em que nom há lixo nem arruído, é mesa amansador da gargantoíce e sem sujidade, mesa em que moram prazeres espirituais e honestos, mesa da qual é esterrada e afastada a má deleitaçom e o mau viço. Em aquela mesa é a temperança rainha. E depois daquele comer, fica o solitário em sua câmara e sua casa casta e a sua consciência lhe é paraíso.

Em tal guisa, como já dito hei, levanta-se da mesa o negociador bêvodo e sanhudo; e o solitário levanta-se manso e temperado; e o negociador levanta-se dormidoso, temeroso de cair em enfermidade per razom do sobejo comer

e beber ou de peçonha. Mas o solitário sabe bem como comeu e bebeu pouco e temperadamente e, porém, é seguro de todas as doenças que acontecem ao corpo per razão da destemperança do comer e do beber. O negociador, depois que come, ou se assanha ou joga e faz obras de pouco serviço de Deus; mas o solitário nom faz nem ùa destas cousas, mas dá graças ao Senhor Deus.

E ao negociador todo o dia se lhe escorrega e se vai antre luxúria e sono e cuidados, que o apressam, e negócios duros; mas ao solitário, antre louvores de Deus e estudos liberais e achamento de novas cousas proveitosas e renembrança das cousas velhas e vida assessegada e solazes honestos. Enesto passa todo o dia.

Quando eu, mui pecador e minguido destas cousas, parei mentes enesto que o nobre solitário disse, acendeu-se em o meu coração desejo de leixar os negócios do mundo e fazer vida apartada, e com gimidos bradei ao Senhor Deus, dizendo:

— Oh, Senhor Deus, levanta-te e nom te esqueças de mi, que som mui pobre de virtudes. Meu Senhor Deus, per quanto tempo poerei conselhos em a minha alma e dor em o meu coração cada dia? Senhor, pára mentes em mi e amerceia-te de mi, ca eu som deseparado e prove, e as trebulações do meu coração som acrescentadas. Livra-me, Senhor, das minhas necessidades.

E logo a mui fremosa donzela me disse:

— Pecador, esforça-te, ca o Senhor é acorrimento ao prove e ajudador em as necessidades e em a tribulação e nom se esquece do cramor dos proves e os seus olhos pára mentes em o prove e em o humildoso, ca o Senhor Deus é mui brando e mui doce a todos e a sua misericórdia é sobre todas as suas obras.

E logo a mui espantosa dona respondeu a esto, dizendo:

— O Senhor Deus será conhecido fazendo juízos e o pecador é compreendido em as obras de suas mãos. Sejam tornados os pecadores ao inferno e todas as gentes que se esquecem de Deus.

Quando eu, coitado pecador, ouvi estas palavras tam espantosas, houve mui grande temor do inferno e dos juízos de Deus e nom se partia do meu coração este mui grande pavor, que sempre me confortava com as mui doces palavras da graciosa donzela.

## Capítulo XXIV

Estando eu, pecador, espantado e temeroso, começou o mui nobre solitário tornar a seu falamento da vida que faz aquele que vive apartado e da vida que vive em o segre; e disse assi:

— Depois da hora de meio-dia, já o mal-aventurado negociador se acende e se apressa e é trigoso pera ajuntar todos os engenhos de burlas e de enganos, por tal que nom perca nem ãa cousa daquelo que há-de fazer em aquele dia e que per nenhũa maneira de prigiũa fique por fazer e poer em obra nenhũa daquelas cousas que deseja a sua alma, que está prenhe e cheia de mau conselho, em tal guisa que os enganos que ele tem em si encobertos pareçam e sejam demonstrados ante que se comece a noite, ca esto é ãa condiçom que ham aqueles que se trabalham e esforçam de mal obrar: serem mui trigosos e arrevatados; e a má vontade sem igualeza nom pode sofrer a tardança e mui gravemente sofre que aquelo que deseja se perlongue solamente um pouco de tempo.

Ca verdade que é aquele que quer ser rico, tostemente e cedo o quer ser, e esta condiçom há a cobiça, juntamente com suas irmãs, que som a sanha e a luxúria, que forom concebidas e nacidadas do padre infernal, que nom partem de si confusom e arrevatamento e avorrecimento espantoso e natureza da sua própria nacença do inferno. Estas som aquelas fúrias que som arrevatamentos sandeus, que disserom os poetas que som filhas do inferno e da noite, porque trazem consigo trevas de neicidade e de inorância e matéria de arrepreendimento.

Estas som certamente moradores do inferno e das cidades e andam sempre com os ocupados e negociadores, que moram antre as gentes, e sempre pugnam<sup>12</sup> e esseentam o coração cego e revessado com aguilhões ardentes, por tal que toda cousa má que pensou de fazer, que a ponha tostemente em obra, em guisa que em na tardança nom possa repreender pera leixar de fazer mal, e certamente nom praz a nenhum pecador ser refreado. E assi como pesar bem a cousa ante que se ponha em obra e a boa madureza som amigas da honestidade, bem assi o arrevatamento e trigança sem conselho é amiga dos conselhos desonestos e, porém, o negociador das cidades é mui trigoso pera poer em obra os males<sup>13</sup> e os enganos que tem pensados.

## Capítulo XXV

Per contrairo faz o solitário, ca ele nom faz arrevatadas suas obras; mas, vendo ele como o curso do tempo fuge e cobiçando ser em o paraíso, que é lugar em que vivem sem curso de tempos e sem medo de morte, torna-se outra vez

12 No original: «pungam».

13 No original: «maãos».

às preces e à oração depois de meio-dia, e demanda e pede ao Senhor Deus em galardom véspera crara nom tam solamente de ãa luz de um dia, mais de todo o segre, convém a saber, a glória da vida que nunca falece. Esta pitiçom faz o solitário, nom por seu merecimento, mas polos merecimentos da morte de Jesu Cristo, porque ele sabe bem que a ceestrial glória é maior cousa que aquelo que o homem merece, nem lhe é devuda, se nom fora a morte temporal daquele em que nunca houve pecado, que foi de tanta virtude e de tanta força, que pôde fazer perdurávis os homens, que som naturalmente mortais e que eram já mortos per pecado.

E depois desto, quando se vai saindo o dia, o solitário, pensando em as trevas e escuridom que se chega, demanda ao Senhor Deus ajudoiro do lume ceestrial e, com lágrimas, lho roga que a sua alma nom seja carregada dos seus pecados, per guisa que nom seja esterrada dos céus. E pede aficadamente ao Senhor Deus que lhe dê luz pura de fé e refrigério da sua mente de todo mau ardor, e que alimpe a sua alma de toda sujidade e lhe dê sustimento a todo quebranto e paz de toda lide à sua mente. E assi continua o solitário as preces e as orações das vésperas, com os cantares dos louvores da manhã, pela piedade do Senhor Deus.

## Capítulo XXVI

Mas o negociador misquinho, quando é hora de véspera, sai-se da sua casa e anda pela cidade a toda parte, ca lhe é forçado que assi o faça, e anda calcando o lugar e o lodo, conversando com aqueles que acha e suando e trabalhando e ardendo e afogando-se; e depois que se envolve em todas maneiras de enganos e desenvolve todos os laços e os nós da sua má sutileza e do seu mau engenho, torna-se cansado à tarde com muito ganho do seu artefício, ca ele nom leva pera sua casa nenhũa cousa de boa fama nem de pura consciência, mas per ventura leva algum pouco de ouro com muita maldade e com muito ódio.

Mas o solitário, depois de véspera, vai-se pera algũa fonte que está em lugar temperado e sem vento, lugar de sombra e de árvores do ermo, ou se vai pera algũa ribeira coberta de erva verde ou se vai pera as ribas do mar, se o lugar é acerca do mar, e está mui alegre, porque passou aquele dia sem mal fazer e entom reza suas competras, rogando a piedade acostumada do Senhor Deus, ante que se acabe a luz do dia, que lhe dê temperança vigrávil e esperta e estudo de coração e dê fé contra os perigos da noite que se segue. E contra os enganos e asseitamentos e a raiva do diabo aversairo, que ruge como leom, e que lhe

dê percebimento e vigília contra os sonhos e contra a poluçon e ensujamento que se faz de noite e contra as fantasias e más visões e imaginações. E depois que comenda o seu esprito em nas mãos do Senhor e chama os bôs anjos pera guarda da sua própia morada, entom entra em sua casa, assi como aquele que nom ganhou aquele dia nenhũa cousa contra justiça, e leva consigo pera sua casa muita honra espiritual e fremosura de luz e o seu coração muito mudado de cada dia em melhor.

E falando em soma: todos os dias o negociador, que mora antre as gentes, esbulha os vivos; e o solitário, que mora em no ermo, roga ao Senhor Deus polos mortos e polos vivos. E o morador da cidade tenta a castidade das virgens e das madres; mas o morador do ermo saúda cada dia mui devotamente a Madre Virgem Maria. O negociador do mundo faz cada dia mártires, mas o solitário cada dia honra os mártires. E o negociador ocupado persegue os santos, mas o solitário honra os santos cada dia.

## Capítulo XXVII

Quanto eu, pecador, mais ouvia recontar os louvores e os grandes bens da vida apartada e os males e os perigos da vida de antre as gentes, tanto se a minha vontade mais acendia em leixar a vivenda da cidade e fazer vida apartada. E comecei bradar ao Senhor Deus, dizendo:

— Senhor, amerceia-te de mi, ca a ti brado cada dia. Alegra a minha alma, Senhor; recebe a voz da minha oraçom. Leva-me, Senhor, à tua vida, ca tu, Senhor Deus, és amerceador e misericordioso, paciente e sofredor e de muita misericórdia e verdadeiro.

E logo a mui graciosa donzela me respondeu enesta guisa:

— Pára mentes, pecador, ca os olhos do Senhor Deus som sobre aqueles que o temem e sobre aqueles que esperam sobre a sua misericórdia pera livrar de morte as almas deles e pera lhe dar mantimento em a fome.

E a esto respondeu a espantosa dona e disse:

— Verdade é que os olhos do Senhor som sobre os justos e as orelhas dele som em nos seus rogos; mas o vulto da ira do Senhor é sobre aqueles que mal obram, pera perder e destruir a memória, a renembrancha deles da terra. A justiça do Senhor Deus é justa por sempre, e a sua lei é verdade.

Muito me espantavom as palavras da espantosa dona, mas confortavam-me as doces palavras da graciosa donzela. E logo o mui nobre solitário e devoto ermitam tornou a seu falamento do solitário e do ocupado, dizendo assi:

— Depois que vem a noite, vai-se o negociador pera sua casa, pera usar de gargantoíce; e diante dele e detrás dele vem grande pompa de companhia que o aguardam, tam longa que parece sepultura de homem vivo que levam a<sup>14</sup> enterrar.

E, depois que é em sua casa, assi como corpo morto mui custoso, com odores de grande custo é soterrado antre os cabeçais; e como quer que ainda a vianda muita do jentar nom é degesta nem esmoída, lança ele sobre ela ùa ceia grave e pesada, com a qual aparelha sobejo enchimento pera revesar em outro dia pela manhã e embarga o caminho pera o outro jantar. Mas o solitário tem-se por avondado do jantar como se ceasse, e nom cura de cear ou ceia tam pouco, que se nom farta, assi como diz o grande filósofo Plato: «Nom me praz per nenhũa guisa ser farto duas vezes em o dia».

### Capítulo XXVIII

Despois desto, vai-se o solitário e o negociador deitar a dormir, mui desassemelhados um do outro, em a maneira do corpo e do coração, ca o negociador vai cheio de cuidados e cheio de viandas e de vinho, cheio de medo e de enveja e derribado e abaixado per razom dalgũas cousas que se fizeram contra sua vontade, e levantado com soberva, anojado, inchado com sanha, desavindo e desigual a si mesmo, nom poderoso de seu coração, cercado e acompanhado de algozes, cuidadoso com cartas que lhe enviarom e chamarom per messegeiros, e suspesso da fama, espantado com novas que houve e com agoiros, e escarnido per mentiras que lhe mentiram e cansado com queixumes que lhe fizeram; e nem de noite nom é quite de lides e de contendias e tal vida dele é igual aos demões.

E de mais é odioso e malquerente aos vezinhos e grave aos cidadãos; e os seus ou ham dele grande temor, ou é escarnido deles; suspeito é a todos e nom é fiel a nenhum e muito amiúde se revolve em o leito apostado e guarnido, e prova todas as maneiras de luxúrias e trabalha pera usar das luxúrias que tem presentes, movendo o seu corpo mal-aventurado, e com o coração vago usa das luxúrias que nom tem em no presente, pensando enelas, e enfim adur, depois que é vencido do sono, começa dormir; e como quer que ele durma, vigiam os cuidados e vigia a mente coitosa; e o fogo, que nom pode ser apagado, queima a sua alma e a sua vontade, e o verme, que nom pode morrer, da sua consciência que o rói.

14 No original: «o».

Mas o solitário e morador do ermo, que faz vida apartada, cheio de prazer honesto, cheio de santa esperança e de piadoso amor e cheio de boa consciência inteira; com segurança dos homens e com temor de Deus e vazio de vianda que lhe possa empecer e vazio de cuidados sem proveito, só, calado e assesegado, semelhante ao anjo amado de Deus; e nom há nenhum dele temor, amado de todos: tal entra em seu lugar pera dormir seu sono, sem sujidade de luxúria. E assi toma sua folgança doce e sem turvaçom e, se vê algũas cousas em sonhos, muitas vezes vê tais cousas semelhantes às obras que faz vigiando.

E ainda mais bem-aventurado é o solitário enesta parte, ca muitas vezes vê melhores visões que aquelo que obra. E nom tam solamente com o coração mais ledo, mas ainda com o corpo mais sam usa e com o serviço mais apreste dos membros, ca certa cousa é que as virtudes do coração, maiormente a temperança, muito aproveitam à saúde do corpo e muitas vezes aqueles que mais servem ao corpo mais lhe empece.

Ora — disse o nobre solitário a mi — puge eu ante os teus olhos como vivem um dia o solitário e o negociador; e per esto podes entender todo o outro tempo da sua vida. E demais, que cada dia o trabalho do negociador tanto é mais amargoso e quanto a folgança do solitário é mais doce cada dia, quanto a condiçom e a afeiçom dos corações se faz mais forte pelo espaço do tempo que usarom, um em bem obrar e o outro em contrairo, e quanto se mais achegam ao estado perdurável pelos movimentos dos tempos, pera haver o negociador trabalho e tribulaçom pera sempre sem fim, e o solitário haver folgança perdurávil.

Grande temor entrou em meu coração quando ouvi que o negociador há-de haver trabalho e tribulaçom pera sempre; e muito se pôs em meu talante escolher vida apartada das gentes, mas as cadeias dos meus pecados e os cuidados dos bens terreaes e o sabedor da vã conversaçom das gentes me tem fortemente embargado.

E porém, comecei a bradar ao Senhor Deus, dizendo:

— Senhor Deus, tira a minha alma e o meu corpo do cárcer da morada de antre as gentes, pera eu confessar e louvar o teu nome, ca a tua misericórdia mui grande é. Livra, Senhor, a minha alma do inferno em que vive.

E a mui graciosa donzela respondeu:

— Em no Senhor Deus é mui grande misericórdia e mui avondoso remiemento. E ele cumprirá a vontade daqueles que o temem e ouvirá o seu rogo e fazê-los-á salvos.

E logo a mui espantosa dona disse:

— Justo é o Senhor Deus em todas suas carreiras e santo é em todas suas obras. O Senhor Deus guarda todos aqueles que o amam e destruirá todos os pecadores.

Muito espantado fiquei com estas palavras, porque entendi bem que eu era do conto dos pecadores e que nom era daqueles que amam o Senhor Deus, segundo as minhas obras. Mas confortei-me com as palavras da gloriosa donzela, esperando pola misericórdia de Deus Nosso Senhor a sair do conto daqueles que em pecado estam e vir ao conto dos amadores do Senhor.

## Capítulo XXIX

Estando eu, pecador, assi espantado e temeroso e desejando a vida apartada pera sair da vida má e pirigosa, tornou o mui nobre solitário ermitam a seu falamento da má e pirigosa vivenda dos que vivem em os negócios do mundo antre as gentes e disse assi:

— Homem pecador e coitado, já te hei dito que os negociadores som mal-aventurados e fazem vida trabalhosa com muita amargura e antre eles há mais mal-aventurada condiçom e vivenda é daqueles que som ocupados em os negócios alheios, que som regidos per arvidro da vontade alheia. E aquilo que lhes cumpre de fazer, aprendem-no em na frente e em a face alheia. Todas as cousas som a eles alheias, ca eles ham a porta alheia e a casa alheia e o sono alheio e o comer alheio; e o que é maior cousa, a sua mente e a sua vontade alheia é e a sua cara alheia é.

Ca eles nom riem nem choram per suas próprias vontades, mas leixam as suas afeições e vontades e investem-se em as alheias; alheio é o que trautam, alheio é o que cuidam, do alheio vivem e trespassam os paços e as portas dos reis; e pensam que é mui grande e mui alto bem viver em paço alheio.

E, certamente, antre estes atais e aqueles que som presos por sempre em os cárceres dos reis e dos senhores, nom sei que deferença há nem departamento, senom que aqueles que som presos em os cárceres som legados com adobas de ferro, e estes, que vivem em casa dos reis e dos senhores, som presos com adobas de ouro; a cadeia destes é mais freiosa que a cadeia dos outros, mais a servidom é igual e a culpa destes é maior. Ca estes som presos e fazem estas cousas per seu talante, mas os outros som presos e servem contra sua vontade, per força.

Eu digo que estes que assi vivem em casa dos reis e dos senhores som [os] piores de todos os negociadores e mais misquinhos que todos os misquinhos,



os quais tam solamente nom ham algum pequeno galardom das suas más artes e do seu mau mester, ca viveram per alheio mandamento e a seu próprio perigo morreróm e, trabalhando pera outros, fizeram pecados pera si mesmos. Ainda se erom de boa ventura, se houvessem trabalho sem culpa e sem galardom; mas fica-lhe tam solamentes o pecado próprio pera eles.

E como quer que digamos que é dura condiçom [a] do lavrador que trabalha e sementa a árvore, da qual nunca há-de ver o fruto, pero bem pode confortar a sua ventura, porque aquela árvore pode aproveitar depois a outrem. Quanto som mui misquinhos aqueles que semeam aquilo de que eles ham de colher penas e tribulações e os outros ham de colher deleitações pera haverem tormentos e penas, aos quais eles empecerom, fazendo-lhes prazer, e lhes aparelharom licença de pouco tempo pera pecarem, aparelhando pera si mesmos morte perdurávil.

Cegos e mui sandeus som estes tais, que vivem em casa dos reis e dos senhores, e lançados em trevas, que se trabalham de levantar os outros em honra e em poderio, e eles ficam derribados e abaixados. E porventura aqueles mesmos que eles ensalçarom os apremam e derribam, assi como vimos muitas vezes; e como quer que assi vivam, desejam sempre ser ocupados em os negócios e viver sempre em tais cuidados.

E certamente eu tenho e julgo que todo homem ocupado em os negócios do mundo é misquinho; mas aquele que é ocupado e negociador sô poder de outrem e vivendo com outrem é duas vezes misquinho, porque ele há sua misquindade e nom há fruto nem proveito dela; ca todo seu trabalho e cuidado é pera outrem.

### Capítulo XXX

Quando o nobre solitário ermitam acabou estas razões suso ditas, levantou-se logo um velho honrado que i estava, vestido em maneira de doutor sagral mui honestamente, e em sua cabeça tinha ùa grilanda de louro seca e sem verdura; e começou sua razom mui apostamente contra aquilo que o nobre ermitam católico havia dito.

E disse enesta guisa:

— Maior cousa é segundo natura receber e padecer mui grandes trabalhos e grandes nojos e tribulações por conservar e ajudar todas as gentes, se puder ser, que viver em o ermo vida apartada, posto que nom haja o homem nenhuns nojos nem tribulações em o ermo e que haja avonança de todos

os viços e haja fremosura e forças do corpo. E porém, qualquer home de bô entendimento e de bô engenho grande vantagem dá a esta tal vida sobre a vida apartada.

Quando eu, pecador e fraco de coração, ouvi esto, conturbei-me já quanto, e perguntei quem era este doutor que assi falava ousadamente; e foi-me dito que era um poeta filósofo que havia nome Ciceram; e porque fora gentil e nom fora católico, porém, a grilanda que trazia, que pertence aos poetas, era seca.

E tanto que ele disse sua razom, logo o nobre solitário Dom Francisco respondeu e disse assi:

— Dom Cicerom, eu outorgo o que vós dize[de]s, quando as cousas assi som como havedes dito. Mas eu falo daqueles ocupados que nós vemos, dos quais é cheia a vida do pobo; mas os outros tais como vós dizedes, nom há i nenhuns em o mundo; ou som tam poucos, que nom parecem em nenhum lugar.

E eu bem sei que foram já em o mundo e per ventura som agora alguns barões mui ocupados e mui santos, que aduzerom pera Jesu Cristo si mesmos e consigo as almas que andavom desviadas da carreira da salvaçom. E quando esto assi é, eu confesso que é mui grande bem que nom pode ser estimado nem apreçado, e é dobrada bem-aventurança, em contrairo daquela dobrez daquela misquindade dos ocupados que vivem com outrem.

Qual é a cousa mais bem-aventurada e mais dina em o homem ou mais semelhávil a Deus, que guardar ou ajudar muitos? E aquele que esto pode fazer e nom o faz parece-me que enjeita e lança de si officio mui nobre de humanidade. E quando tal poder é dado ao homem, deve sujar o seu próprio desejo à prol comunal e pera seu talante deve desemparar o ermo, em que aproveita e serve a si só, e tornar-se ao lugar u seja proveitoso ao mundo.

Mas destas cousas todas o meu juízo é este: certamente a doutrina e a ensinança geral, que é verdadeira, nom se abala nem é movida nem quebrantada per mui poucas razões contrairas. Muitos som que prometem e razoam as ocupações proveitosas do comum e mais santas que qualquer vida apartada do ermo. Mas rogo-te que me digas quantos som aqueles que cumprem aquelo que prometerom e razoavam. Som per ventura alguns ou som muitos? Mostra-me um e calar-me-ei.

Eu nom nego que há em o mundo alguns barões ensinados e bem-falantes e que disputam muito contra estas cousas, mas nom é a nossa questom sobre o engenho e da sutileza, mas sobre os costumes. Eles andam pelas cidades e pregam e razoam em as praças e falam muitas cousas das virtudes e dos pecados; e adur pode [*home*] achar um que per obra cumprisse o que razoava.

E per ventura dirás tu: «Eu ouvi alguns falar muitas cousas proveitosamente, que muitas vezes aproveitaram aos outros». Digo-te que eu creio que assi é. Mais nom é logo são o físico que com seu conselho ajuda o enfermo, mas muitas vezes morre o físico daquela enfermidade, da qual livrou muitos. Eu nom enjeito as palavras fresas per estudo e bem compostas per arte pera saúde e salvaçom de muitos. E qualquer que seja mesteiral, a mi praz muito da sua obra proveitosa.

Mas nom é o ermo ao solitário escola de retórica pera bem falar, mas escola de vida pera bem viver; nem temos mentes nem entendemos em a vã grória da língua, mas em haver folgança firme da mente e da alma. Ca me nom esquece aquilo que disse Séneca filósofo: «Leixa todos os embargos e vaga pera haveres boa mente». E nom alcança nengum a boa mente, se for ocupado em negócios. E eu nom contendo nem digo que o ermo dá ao homem boa mente e boa vontade, mas digo e contendo que a vida apartada em o ermo conserva e guarda e ajuda muito a mente e a vontade boa.

### Capítulo XXXI

Depois que esto disse o nobre solitário Dom Francisco, logo um velho honrado, que i estava vestido em panos negros sagrais e honestos, disse, contra aquilo que o solitário havia dito, ùa tal palavra:

— Nom aproveita nem ajuda muito o lugar ao assesego e folgança da mente e do coraçom e da alma do homem.

E eu, pecador, fui desto anojado, porque eu pensava sempre e tinha o contrario. E entom perguntei quem era aquele velho que tal palavra dissera; e foi-me dito que era Sénica, o mui sabedor filósofo, e porque ele mesmo se matara com peçonha, porém trazia aqueles vestires<sup>15</sup> pretos.

E logo o nobre ermitam solitário respondeu àquelo que Sénica dissera enesta guisa:

— Dom Sénica, posto que assi seja como vós dizedes, que o lugar nom proveite muito, pero, sem dúvida, algũa cousa presta, ca se assi nom fosse, porque dissestes vós em outro lugar que nom tam solamente pera o corpo, mas ainda pera os costumes, devemos escolher lugar de saúde? E outrossi dissestes: «Eu fugirei longe da vista e vizinhança da praça e do mercado e do conselho, porque, assi como os lugares graves e pesados tentam com doença

15 No original: «visteres».

as cousas, ainda que sejam mui firmes, bem assi alguns lugares som pouco sãos à mente boa, que ainda nom é perfeita e está em crescer em virtudes e em sarar das suas enfermidades.

E pois assi é como vós, Dom Séneca, dizedes, donde vem esta saúde e este dano dos costumes, se nenhũa cousa nom é em os lugares que ajude nem estorve? E, porém, eu digo que algũa cousa é em os lugares que aproveita ao assesego da mente e muito é esto que fazem os lugares; mas confesso que nom é todo em os lugares, ca aquelo que presta à folgança e ao assesego da mente, mais é em o coração. Ca o coração é aquele que louva e encomenda todas as cousas a si mesmo, segundo vós, Dom Séneca, dissestes em outro lugar, e eu digo que dereitamente é dito em sua guisa. Mas donde vem ao coração o lume da verdade e igualdade do juízo? Sem dúvida de outra parte lhe vem.

E, porém, aquelo que eu disse do lugar, esso mesmo digo do coração, que em ele é algũa cousa e que enele é muito pera o assesego e folgança da mente e da vontade; mas nom é todo enele, mas é em o Senhor Deus, que deu aos lugares tal convença e tal condiçom, e deu ao coração razom e entendimento. Porque grande cousa e divinal é a craridade assesegada do coração e nom é dom<sup>16</sup> de outra cousa, senom de Deus só, o qual dom ele soe muito amiúde dar àqueles que vivem apartadamente em o ermo, segundo verás e se mostrará adiante per nobres exempros. E certamente a boa-aventurança nom está em palavras soantes, mas é em as cousas caladas e em a verdade de dentro da mente e nom em os sons de fora ou em a mui enganosa opiniom dos homens.

E sem dúvida assi o confessara a consciência de dentro daqueles leterados bem-falantes que se pagam de pregar e ensinar os pobos per palavras, se alguém pudesse poer a orelha do seu coração à consciência deles; ca ali ouviria muitas cousas mui contrairas daquelas que eles pregam aos pobos e entendera tamanha deferença há ante o que parece de fora e o que está dentro em consciência.

E esto nom é maravilha, porque naturalmente o homem que tem o entendimento aficado fortemente em ãa cousa convém que seja negrigente e deleixado em muitas cousas; e desto vem que aqueles que som estudiosos pera falar apostamente mui amiúde som vagarosos pera as obras. E aqueles que som fazedores de grandes cousas nom ham as palavras tam apostas; e bem assi aqueles que se pagam e usam de temperança, fugem da deleitaçom; e aqueles que se preçam da deleitaçom, avorrecem e despreçam a temperança. E outrossi aqueles que ham grande cuidado e estudo de acrecentar as suas próprias cousas, muito amiúde

16 No original: «doa».

despreçam a prol comunal e as amizades e nom som grados nem liberais, mas vivem escassamente; mas aqueles que som grados e liberais de coração e que ham cuidado da prol comum, muitas vezes som negrigentes e debaixados<sup>17</sup> em as cousas próprias da sua fazenda.

Nem pode nenhum vento prazer igualmente àqueles que querem navegar pera contrairos lugares. E isso mesmo é enesto de que falamos; ca o estado e a vida dos cuidados e dos negócios do mundo se paga do arruído e se deleita com o muito falar. Mas a contempraçom é amiga do silêncio e do calar e tem-se em seus termos, e a vida de antre as gentes enteja o silêncio e a vida apartada enteja o arruído. Mas qual destas carreiras é mais segura, esto é aquelo que enqueremos per nosso falamento.

E logo a dona fremosa disse:

— Dom Bernardo, grorioso doutor, falade algũa cousa, ca vós provastes a vida contemprativa e autiva.

## Capítulo XXXII

Entom se levantou um monge vestido em ùa cugula mui alva; e a sua face mui crara e mui leda. E ele tinha em sua cabeça arredor ùa coroa mais luzente que o sol. E começou sua razom per esta guisa:

— A mente que é costumada às boas obras recebe consolaçom de folgança, quantas vezes é tirada à luz da contemplaçom, assi como soe fazer.

Qual é aquele que, enquanto vive eneste corpo, nom digo continuamente, mas ainda per muito amiúde, usa do lume da contempraçom? Mas quantas vezes cai da vida contemprativa, tantas vezes se recebe em a vida autiva; e nom é maravilha de ser assi, porque logo acerca familiarmente se há-de tornar à contempraçom, ca estas duas vidas som antre si conjuntas e ambas moram desum. E posto que a vida contemprativa caia do lume da contempraçom, nom padece nem sofre, porém, em nenhũa maneira de cair em trevas de pecado ou em preguiça de bem obrar, mas retém-se em luz de boa obra, fazendo algũa cousa de bem.

Eu vos falo prova e enxemplo, que eu provei, que, se algũa vez eu soube que alguns aproveitavam em seus costumes pelos meus amoestamentos, entom nom me pesava porque leixara a folgança da contempraçom e o assesego próprio da

17 Desleixados? Parece ser este o sentido, ainda que nem Machado nem Vieira registem o termo *debaixado* (nem o verbo *debaixar*), nem sequer *delaixado* ou *deleixar*.

minha mente polo cuidado das palavras e da pregaçom, e sofria com paciência ser arrincado dos abraçamentos da contempraçom, por tal que me viesse avondança dos frutos dos proveitos dos outros; porque a caridade, que nom demanda nem cata aquelas cousas que suas som, ela me amoestou já tempos há ligeiramente que nom anteponha nenhũa cousa dos meus próprios desejos aos proveitos das almas dos outros.

E, porém, eu leixava de orar e de ler e escrever e meditar e pensar em as cousas espirituais por proveito dos outros, ca eu tinha por perda e por quebranto fazer estas cousas, leixando de aproveitar aos outros. E certamente esto há a verdadeira e casta contempraçom, que a mente e a vontade do homem que ela acender fortemente com o fogo do amor de Deus, tanto a enche de zelo e de desejo de ganhar pera o Senhor Deus outros que o amem assi como ele o ama, que de boa mente e mui de grado leixa a folgança da contempraçom polo estudo da pregaçom.

E depois que ganha per esta parte aquello que deseja per algũa guisa, tanto mais ardentemente se torna à contempraçom quanto se lembra que fez mais fruto em aquele espaço que a leixou; e outra vez, depois que gostou<sup>18</sup> a contempraçom, mais fortemente e mais valente torna e recorre a catar ganhos das almas pela vida ativa ledamente, assi como há em uso.

### Capítulo XXXIII

Tanto que o griorioso monge Sam Bernardo acabou sua razom, logo a fremosa dona disse:

— E vós, Dom Tomás de Aquino, que dizedes eneste departamento? Praza-vos dizerdes o que sentistes.

Entom se levantou um frade da Ordem dos Pregadores e tinha ãa estrela em o peito, mais crara que o sol, que dava mui grande lume, e começou sua razom enesta maneira:

— Pode acontecer que algum em algũas obras da vida autiva merece mais que outro em nas obras da vida contemprativa, assi como se por avondança do amor de Deus, por ser cumprida a sua vontade pola sua grória, algum homem sofre às vezes ser apartado per tempo da dolçura da contempraçom divinal. Assi como dizia o apóstolo Paulo: «Eu mesmo desejava ser apartado de Jesu Cristo polos meus irmãos».

18 No original: «gusto».

A esto emadeu mais um doutor que i estava, dizendo:

— Esto que disse Sam Paulo se pode entender per esta guisa, que ele, pola saúde dos irmãos, desejava ser tirado do segredo das suas orações, em que ele folgava mui docemente antre os braços de Jesu Cristo, e ser tornado ao arruído do mundo; e desejava ser tirado daquela alteza da contempraçom, que nom pode ser dita per língua, em que ele via com os olhos mui puros os segredos celistriais escondidos, e ser partido daquela dolçura da mui graciosa compunçom, que enchia a sua alma de pungimentos mui brandos de afeições espirituais. Como quer que a sua alma houvesse mui grande desejo das cousas celistriais, pero de todo esto desejava ele a ser<sup>19</sup> apartado e chamado pera proveito e salvaçom dos próximos.

Entom perguntei quem era este doutor, que tam bem e tam sagesmente decrarava a santa escritura de Sam Paulo. E foi-me dito que havia nome Calredo. E logo começou aquela dona fremosa e disse:

— Dom Inocência, pastor da santa Igreja, dizede algũa cousa sobre este preito.

Entom se levantou um sacerdote em vestiduras de papa e disse enesta guisa:

— Verdade é que o homem pode ser contempetivo e ativo, assi como fazia Moussés, que às vezes subia em o monte pera olhar a grória do Senhor mais livremente, e às vezes decendia às hostes, pera prover os proveitos do pobo.

E nom deve nenhum bispo leixar seu ofício sem licença do papa, porque, assi como o mais pequeno bem deve ser ensalçado pelo maior bem, assi a prol própia e privada deve ser leixada pola prol comum, e, eneste caso, dereito é e razom que se leixe o silêncio pola doutrina e a contempraçom polo cuidado, e a folgança polo trabalho; ca, como quer que a vida contempativa seja mais segura, pero a vida autiva é mais frutuosa; e, como quer que a vida contempativa é mais doce, pero a vida autiva é mais proveitosa e nom pode ser maior caridade ca poer o homem a sua alma por seus amigos.

## Capítulo XXXIV

Quando eu, pecador e mui misquinho, ouvi os dizeres dos santos homens suso ditos, ficou o meu coraçom com grande coita, porque o meu desejo era mais fazer vida assesgada sem cuidados e sem negócios, como quer que a conversaçom das gentes e o muito falar, que sempre houvera usado, me

19 No original: «seem».

retinham preso mui fortemente, e a mui grande auctória da minha mente, que me persegue cada dia.

Entom bradei ao Senhor Deus e disse:

— Senhor Deus, a minha alma é seca; faze-me ouvir a tua misericórdia, ca eu esperei em ti; faze-me saber e conhecer a carreira em que ande e ensina-me a fazer a tua vontade, porque tu és meu Deus.

E logo a mui espantosa dona respondeu contra mi, dizendo:

— O barom linguaz e palavroso nom será bem aderençado em a terra, e o barom que nom é justo será tomado e preso dos males em na morte, ca eu sei certamente que o Senhor fará juízo e vingança.

Com estas palavras fiquei eu, pecador, mui triste e desconsolado e com grande temor, entendendo que eu era tal como a dona havia dito; mas logo a mui piadosa donzela me confortou com suas doces palavras, dizendo:

— Pecador, trabalha<sup>20</sup> de obrar bem fortemente come barom, e espera em o Senhor Deus, que é de muita misericórdia e verdadeiro; e ele dá saúde àqueles que som contritos e quebrantados em seu coração.

E logo a mui freiosa dona tornou sua face contra o nobre solitário e disse-lhe:

— Homem bô, muito há que nom razoastes vosso preto. Praza-vos tornardes àquele que havedes começado e respondede àquele que ham dito estes groriosos barões.

Entom se levantou o nobre solitário e começou razoar comigo enesta guisa:

— Verdade é que aproveitar a muitos é cousa de grande merecimento e acorrer a muitos é muito de louvar; mas o começo da caridade ordenada bem o sabemos que é começar em si.

Irmão, crê tu a mi, que nom é cousa de pouca fiúza prometer ajuda aos que lidam e andam em contenda, e conselho aos duvidosos e lume aos cegos do intindimento e alegria aos tristes e prometer segurança aos temerosos e esperança aos derribados e saúde aos enfermos e folgança aos cansados e refrigério aos que som afritos e mostrar o caminho aos errados e sumeter os ombros aos que caem, pera os alevantar, e dar a mão aos derribados pera os erguer.

Grandes cousas som estas, se se fazem, e pequenas som do prometer, ca o prometimento da grande cousa ou da pequena, pouco é; mas cumprir per obra é maior da grande cousa. Pero eu nom tanto ponho lei aos outros, quanto exponho e decraro a ti, pecador, a lei da minha mente, e aquele que a louvar, tenha-a e guarde-a; e aquele a que nom praz, enjeite-a e leixe o ermo e

20 No original: «trabalhe».



o apartamento àqueles que som tais como eu foi, e haja pera si seus cuidados e desprece e desempare o ermo e a mata pera aqueles a que praz e viva contento em as cidades.

Eu confesso que eu desejei ser tal que pudesse proveitar a muitos e ainda dar saúde a todo o mundo, e todo homem deve esto desejar; mas aproveitar a muitos de poucos é, e dar saúde a todo o mundo é próprio de Jesu Cristo tam solamente. E certamente qualquer homem que está em seguro peca em na lei da natureza, se nom dá ajuda àqueles que pode [e] o ham mister. Mas a ti, pecador, que ainda trabalhas em grande perigo em que és, avonda-te de demandares ajuda ao Senhor Deus, que pode dar ele só aquilo que lhe pedem.

Cobiçarias tu grandes cousas fazer, mas contenta-te de pequenas; querias tu ser salvo com todos ou almenos<sup>21</sup> com muitos; assaz é a ti, se nom pereceras, muito, e pera ti avondosamente e bem-aventuradamente. Pois di-me tu, pecador, falando daqueles de que é feita mençom, que se trabalham ajudar e reger e aproveitar aos outros, vivendo antre as gentes, quantas vezes pensas tu que o pastor foi perdido per seu officio; e quantas vezes, em achegando ele e legando a ovelha, que andava vaga e fugida, caiu ele em o laço; e em indo depós ela pera a fazer tornar, quantas vezes pensas que caiu o pastor? Quantas vezes crês tu que o físico bem são e bem valente, em visitando os doentes, caiu em enfermidade, e quantas vezes o soterrador dos mortos recebeu em si azo de morte pelo achegamento deles?

Nom te enganes pensando que nom som tam grandes as peçonhas e os cajões dos costumes come os dos corpos. Certamente maiores som os empeçoamentos que o homem recebe dos costumes daqueles com que conversa ca dos tangimentos dos corpos peçoentos, e mais gravemente danam e mais altamente decem e mais em ancho se estendem. Ai, quanto é de recear que nem per ventura alguns daqueles que querem ser chamados guardadores das ovelhas enfermas e fracas sejom lobos que as espedaçam e destroem! Cada um pense em si qual cousa e qual vida é melhor pera si mesmo, ca nom é cousa que possa ser que pertença nem cumpra a todos seguir ãa carreira de vida, posto que todos entendam ãa fim.

E, porém, cada um deve pensar mui descretamente quejando o fez a natura e quejando ele fez si mesmo; ca alguns há i de tal condiçom, que a vida solitária é a eles mais grave que a morte e lhes dará e trazerá morte, a qual cousa maiormente soe acontecer àqueles que nom sabem lêteras, aos quais, quando lhes falece com quem falem, nom ham cousa que falem consigo nem

21 No original: «almeos».

com os livros; e assi som mudos, ca certamente a vida apartada sem lêteras esterramento é e cárcer de tormento; mas com lêteras é própria terra natural e liberdade e deleitação. E como quer que eu esto sei per experiência de mi mesmo, que o provei, ainda assi o aprendi destes dous filósofos, Dom Séneca e Dom Cicerom, que aqui estam.

### Capítulo XXXV

E logo a mui fremosa dona disse a Dom Séneca e a Dom Cicerom:

— Dizede, filósofos gentis, que vos parece desto que diz o solitário?

Entom respondeu Dom Séneca, dizendo:

— Eu disse, e digo, que a vida apartada e folgada sem lêteras é morte e sepultura de homem vivo.

E logo Dom Cicerom disse:

— Eu digo: qual é a cousa mais doce que a vida folgada e apartada com lêteras?

— Verdade é esto que dizedes vós, filósofos, disse o solitário. Mas às vezes a vida apartada e folgada é mui nojosa aos homens leterados.

Mas aprestes é a razom por que se faz, ca esto acontece àqueles que som presos e legados com algũa má deleitação e pagam-se do seu cárcer da deleitação que os tem encarcerados e cativos; ou acontece àqueles que buscam seu mantimento per mercadoria do pobo e per negócios das gentes, trautando os negócios do mundo pera haverem em que se mantenham; ou acontece àqueles que querem subir em graus de honras e de dinidades, que mui tostemente falecem, per rogos e per ajudas ventosas dos pobos; e acontece àqueles a que as lêteras nom som luz do coração nem boa deleitação de vida, mas som as lêteras<sup>22</sup> a eles estormentos pera ganhar riquezas.

E destes som muitos enestes tempos, e pera aprender estas lêteras enviam enesto tempo os padres seus filhos moços com grande despesa de seus haveres, mas com muito maior esperança de ganho, nom assi como a estudo liberal, mas assi como a mercadoria de servidom, em tal guisa que nom se deve maravilhar nenhum de estes tais usarem das lêteras vendendo-as e com avariza, pois que as demandarom e buscarom pera as vender, e muitas vezes levarom onzena, nom tam solamente cem-tanto, mas ainda em mil-tanto polas lêteras que vendem.

22 No original: «leteradas».

E todas estas cousas devem ser pensadas e traçadas com diligência em a escolhença da vida. Ca eu nom chamo tais como estes pera a vida apartada do ermo e, posto que eles viessem pera ela, eu nom os receberia de boa mente. Ergo tu, pecador, bem vês que muitos lanço fora da vida apartada, que nom som pera ela. Ca aquilo que faz o peixe longe da água, esso faróm estes tais que forem, alongados das cidades, fazer vida.

E esto disse eu em outro tempo [*a um*] vogado mole e fraco de coração come mulher, que começou vir amiúde ao lugar apartado u eu vivia, nom o fazendo ele com amor do asseseço [*de*] coração, ca ele nom sabia que cousa era, nem que desejo da folgança e do vagar, ca ele o havia em ódio, mas nom sei com qual entençom e com qual estudo, nem som certo se fazia mais nojo a si ou a mi. Mas logo ele com anojamento do lugar e com desejo dos viços da cidade vencido, foi-se e tornou-se pera a cidade, pero ele era meu amigo, e ambos, sendo moços, conversámos em estudo; mas a fim de nossos estudos foi mui desvairada, assi como se mostrou per obra.

E quando eu, misquinho pecador, ouvi esto que o nobre solitário dizia e entendi que a vida apartada nom era pera todo homem, fiquei mui triste, com grande temor que havia de nom ser eu pera poder fazer tal vida, maiormente sendo eu envelhecido em na conversaçom do mundo, com mui grande cárrega de pecados. E com grande coita, bradei ao Senhor Deus, dizendo:

— Senhor, amerceia-te de mi, ca o olho do meu intindimento é turvado e envelheci antre os meus imigos, e os meus ossos e as forças da minha alma envelhecerom e os meus dias falecerom assi como fumo, e eu som seco, assi como o feno. Levanta-te, Senhor, e amerceia-te de mi, ca já é tempo, ca já som em fim de meus dias.

E tanto que eu esto disse, logo a mui espantosa dona recudiu contra mi com estas palavras:

— O Senhor Deus será conhecido fazendo juízos e o pecador será compreendido em as obras das suas mãos. Levanta-te, Senhor, nom seja confortado o homem pecador. Sejom julgadas as gentes ante a tua face; quebranta o braço do pecador e daquele que é aceso em mal fazer, ca o Senhor Deus requererá verdade e dará avondosamente aos sobervosos o galardom que merecerom.

Mui espantada e com grande tristeza ficou a minha alma com estas palavras tam duras que me a espantosa dona dizia, com seu sembrante mui grave de suportar. Mas logo a mui graciosa donzela me confortou, assi como havia em costume, dizendo assi:

— Tu, Senhor Deus, salvarás os homens e as bestas, que som as gentes símpreses, assi como tu, Deus, multipricaste a tua misericórdia e os filhos dos

homens esperaróm em no cobrimento das tuas alas, e como quer que os teus juízos som verdadeiros e justificados em si mesmos, pero som desejados mais que o ouro e as pedras priciosas e mais doces sobre o mel e o favo.

Com estas palavras foi a minha alma consolada, mas logo a fremosa dona disse a um ermitam que havia sua face angélica:

— Dom Joam Clímaco, dizede algũa cousa per que se conhoça melhor este pecador.

E logo ele começou a dizer assi contra mi:

— Homem, se tu deras a Jesu Cristo os trabalhos da tua mancebia, alegraras-te em a vilhice, ca as cousas ajuntadas e apanhadas em na mancebia consolam e criam os que som magros e desfeitos com gram velhice. Trabalhar deveras e correr ferventemente vigiando, ca a hora da morte nom é certa. Enquanto a chaga é recente e quente, ligeira é de amezinhar e ser sã; e as chagas frescas que nom som logo curadas som graves de sarar<sup>23</sup> e de curar e ham mester muito trabalho e ferro e navalha pera receberem mezinha, mas as chagas antigas e de muito tempo nom podem ser sãs, mas todas as cousas pode fazer o Senhor Deus.

Quando eu esto ouvi, fiquei mui espantado, ca bem entendi que em minha alma havia muitas chagas antigas de pecados e que nom podiam ser sãs segundo curso natural e segundo a maneira como recebem saúde as chagas novas dos pecados, mas que ham mester espicial graça do Senhor, que as faça sãs, assi come per milagre; ca ele pode fazer todas as cousas, posto que pareçam que nom podem ser feitas.

## Capítulo XXXVI

Estando eu, pecador, mui coitado, com muitas chagas de pecados novas e velhas e mui antigas e mui acostumadas, em guisa que me parecia que nom podia começar aquela vida que pensava pera emenda de meus pecados, disse a mui fremosa dona ao solitário:

— Homem bô, tornade a vosso dizer e encaminhade este pecador per vossa doutrina à vida apartada que ele deseja; e esta graciosa donzela o ajudará, que é a Misericórdia, ca se lhe ela nom acorrer, perdido é per juízo do rigor da justiça de Deus.

Entom começou o nobre irmitam sua razom enesta guisa:

23 No original: «saar».

— Certamente, se a míngua do bô conselho, que sempre anda com a mancebia, nom embargasse, boa cousa seria que logo em o começo da idade cada um homem pensasse com grande cuidado algũa maneira de vida que tomasse e nunca se partisse nem se desviasse daquele caminho de viver que escolhesse ãa vez, se nom fosse por grandes razões ou por grave e pesada necessidade.

Mas pois que assi é que os homens esto nom fazem e os mais deles nom vivem per seu juízo, mas per aquelo que o pobo julga por bem, porém, andam rastando-se per caminhos desviados, e assi como andando per trevas seguindo as pegadas alheias; muitas vezes entram em caminhos perigosos, de que nom podem sair, e som trazidos a tal estado, per que som feitos tais que nom sabem que cousa som ante que hajam espaço de olhar e eisiminar quejendos querem ser.

E porém, qualquer homem pense e cuide quejendo é em sua pessoa feito per natura ou per ventura ou algum error. E, se esto nom pode pensar sendo mancebo, cuide-o e pense-o sendo velho consigo mesmo; e assi como soe fazer o caminheiro que erra o caminho — se se nom torna à dereita carreira enquanto é alto dia, torna-se ante que venha a noite — bem assi tu, pecador, que és já velho e acerca da fim de teus dias, have conselho pera tua salvaçom, ante que venha a noite da morte, pois que o nom fezeste em tua mancebia. E sabe que os costumes que som per longo uso ou per natureza nom podem ser arrincados ligeiramente; e, porém, quando em o começo desta carreira da idade do homem em na mancebia, em que nom há i conselho verdadeiro, lhe esprandecer algum lume celestial, em guisa que tome algum caminho de vida segura, ou algũa vida de mais pequeno perigo de que se possa retornar ligeiramente, dê porém muitas graças ao Senhor Deus.

Mas tu, pecador, a que aveio a mais contraira parte, escolhendo o caminho de vida contraira à salvaçom, tens mais que trabalhar. Pero depois que começares a abrir os olhos do intindimento e entenderes quanto é duvidoso o caminho da vida em que vives, trabalha-te quanto puderes com todo cuidado que, a menos em a velhice, correjas os errores e o caminho desviado da mancebia, e lembra-te do velho filósofo Dom Terenciano, que aconselhou que o homem deve mudar sua vida em a fim dos seus dias de mal em bem, e de bem em melhor, e ser-lhe-á deleitaçom e proveito.

E como quer que tal negócio seja caro em os começos, e pero em os começos é proveitoso e pode-se fazer, e nom deve pensar nem cuidar o homem que é tarde pera fazer aquelo que entende que lhe cumpre pera sua salvaçom. E quero-te trazer em prova um fremoso dizer do mui grande emperador César Augusto, que disse que qualquer cousa que é assaz bem feita, tostemente é feita; e posto que se nom fizesse mais cedo, porém, nom deve homem deixar

fazer o bem. E diz Dom Prato: «Bem-aventurado é aquele ao qual acontecer nom tam solamente em a mancebia, mas ainda em a vilhice, possa seguir a sabedoria e as opiniões verdadeiras». Este Dom Prato foi nobre filósofo mais antigo; e certamente Deus é tam misericordioso que em todo tempo da idade do homem o recebe, se torna a ele.

## Capítulo XXXVII

Grande esperança tomou a minha alma em poder alcançar o que desejava, quando ouvi as palavras suso ditas do mui nobre solitário com as outras dos nobres filósofos gentis. E bradei ao Senhor Deus, dizendo:

— Senhor Deus, aviventa-me segundo a tua misericórdia, e guardarei os testemunhos da tua boca.

E logo a mui espantosa dona recudiu contra mi, dizendo:

— Os aversaios do Senhor Deus o temeróm e os pecadores e sem piedade estaróm calados em as trevas; ca o barom nom será feito forte em a sua própia fortaleza.

E eu fiquei logo espantado com estas palavras, mas a mui graciosa donzela me confortou, dizendo:

— O Senhor Deus é amerceador e misericordioso de coração e espaçoso e muito misericordioso e nom faz aos pecadores segundo os seus pecados nem lhes dá galardom segundo as suas maldades, mas segundo a sua misericórdia usa sempre em os homens.

Entom a fremosa dona chamou o padre Joam Clímaco e rogou-lhe que dissesse algũa cousa do que sabia sobre a razom da vida solitária; e logo ele começou a dizer enesta guisa:

— Aqueles que querem servir sagesmente a Jesu Cristo ante todas as cousas devem buscar e fazer esto que se segue: que escolham os lugares e as maneiras e os costumes e os estabelecimentos e os achamentos e os estudos que sejam convenientes pera si mesmos.

E esto devem escolher per obediência que hajam aos padres espirituais e polo conhocimento familiar que eles ham com Deus, ca nom pertence a todos viverem em moesteiros nem pertence a todos ermidas, per razom da tristeza e da sanha furiosa e da ouciosidade e da aucídia; e, porém, cada um veja e entenda mui bem sua calidade e sua condiçom e sua afeiçom. Em três maneiras em que está toda a vida monástica — em viver o homem só sem outro companheiro, ou viver com um ou dous sob obediência de um padre espiritual em assesgo, ou

em o moesteiro com paciência — nom te desvies à destra parte nem à sestre<sup>24</sup>, mas andarás pola carreira real. E a carreira da meatade das ditas três carreiras das três maneiras de vida foi a muitos mui conveniente, ca, certamente, ai do só, que, se cair em aucídia ou em sono ou em negrigência ou desesperança, nom haverá em os homens quem o ressucitar; e u som dous ou três ajuntados em o meu nome, i som eu em meio deles, disse o Senhor.

Concordando com ele, falou o nobre irmitam Dom Francisco enesta guisa:

— Certamente em todo conselho de começar ou de mudar vida, primeiramente deve o homem haver ante os seus olhos, quando houver de tomar a carreira da vida, nom seja guiado pola cobiça, tomando aquela vida que cobiçar, mas haja por guiador a natura, em guisa que nom tome aquela vida que lhe parecer mais fremosa, mas aquela que lhe for mais pertencente.

E pera esto há mester outro algum que estime e julgue a sua calidade e condiçom dereitamente e com grande rigor de justo juízo, por tal que nom seja enganado per deleitaçom da vista ou do ouvir e caia em erro; ca eu sei que esto aconteceu a alguns, que pararom mentes aos outros como viviam e nom se lembravom de si mesmos nem da sua condiçom, e provarom de fazer tal vida como viam fazer aos outros, e nom puderom perseverar e fezerom de si escarno e riso ao pobo, tornando atrás do que começaram.

E este conselho tomei eu dos filósofos, que qualquer homem que quiser tomar vida solitária ou viver em as cidades ou outra qualquer vida concordável com sua natureza e com seus costumes, saiba cada um o que lhe pertence. E se esto é proveito aos que começam em a mancebia, quanto mais àqueles que começam em na velhice, aos quais é trabalho de escolher e de arrincar a sua sentença velha, que tem arreigada em si. Mas quanto pertence a mi e àquele que eu entendo, sem dúvida a vida singular apartada e solitária é nom tam solamente mais assessegada, mas ainda mais alta e mais segura a mi. Digo que nenhũa cousa que eu saiba nom houve comum com o pobo, e houve tanta ciência de lêteras quanta deleitou o meu coração sem inflamento e me fez amigo da vida solitária do ermo, u as eu aprendi sem ensinador e sem priguiza e prouguera-me que se nom seguira enveja de alguns contra mi.

E em tal guisa perseverei em a vida solitária, que nunca me vencerom nem tirarom dela amiga nem mulher nem riqueza nem usura nem depósito nem banho nem taverna nem pressa de cidade; e confesso em verdade que nom me moveu pera a vida solitária meu próprio estudo e trabalho nem amoestamento de outrem pera assi sentir.

24 O mesmo que “sinistra”; esquerda.

Mas a natura me amoestou e demoveu pera amar e fazer vida solitária; e tanto me paguei dela, que havia mui grande temor das turvações das gentes e dos cuidados dos negócios do mundo, e se me a conciência per necessidade acontecia costrar-me ir à cidade, eu havia aprendido per um artefício, que nom sabem todos, a fazer pera mi apartamento e ermo antre o pobo e fazer porto em a meatade da tempestade da gente. Ca per artefício sabia eu asse-nhorar-me dos sentidos meus em guisa, que nom sentiam aquilo que sentiam. E assi o trouxe em costume, provando per mi mesmo.

### Capítulo XXXVIII

Tanto que esto disse o nobre solitário ermitam, levantou-se logo um filósofo gentil, que i estava, a que chamavam Dom Quintiliano. E começou a falar enesta guisa:

— Dom Francisco, honrado barom e sages, vós dissestes grande verdade em todo vosso dizer, ca, por certo, assi é que vigiar e alumiar e despoer as escrituras é ùa maneira mui boa de apartamento, quando se o homem poem a esto com o coração inteiro e folgado. Mas o silêncio e o apartamento e o coração livre de toda parte, que som cousas que cumprem pera tal obra, nom se podem sempre haver.

E, porém, quando se homem poem a tal estudo, se algũa turva vier, nom deve logo a leixar os livros e perder o tempo; mas deve catar remédio contra tais perdas, e entom fazer em si tal uso, que a entençom vença todas as cousas que fazem embargo. E se tu com toda tua mente aderençares a entençom em toda tua obra, nom chegará ao coração nenhũa daquelas cousas que correm aos olhos e às orelhas, e tal cuidaçom como esta muitas vezes faz que nom veja o homem aqueles com que encontra.

Nom deve o homem perdoar às razões da preguiça e do deleixamento, ca, se nom entender que nom deve estudar senom assessegado e avondado e ledado e fora de todos cuidados, sempre i haverá algũa razom e azo pera leixar de estudar. E, porém, antre as gentes e em o caminho e em os convites, faça o homem apartamento e segredo per sua cuidaçom.

E tanto que esto disse Dom Quintiliano, logo Dom Francisco falou e disse:

— E eu outrossi este só remédio achei em a necessidade, que em nos arruídos das cidades fazia a mi mesmo per imaginaçom ermo e apartamento quanto podia, em minha cuidaçom vencendo a fortuna per meu engenho; e deste remédio usei muitas vezes; mas, quanto é per minha vontade e per minha escolhença, sempre me paguei de morar em o verdadeiro e próprio ermo



e apartamento; ca certamente o apartamento do ermo e a vida dele é santa e simpres e sem corruçom e verdadeiramente mais pera [*querer*] que todas as cousas humanais; ca aquele que faz vida apartada em o ermo nom há a quem se mostre em os boscos, nem há pera que se afeite antre as espinhas; nem há i a quem faça engano, senom aos peixes, tomando-os com o anzolo, e às aves, tomando-as com visco ou com o laço.

Nom há em o ermo nenhum a que o solitário faça afagos com seu gesto ou com seu cantar, nem há i a quem faça deleitaçom com cores, nem a quem aposte o vestido da púrpura, como fazem aos senhores os que os querem afagar, nem há em no ermo a quem venda o solitário o óleo das louvaminhas, nem a quem teça grilandas frolidas de palavras, nem há i a quem louve si mesmo, nem há i a quem se trabalhe de prazer, senom ao Senhor Deus.

A vida apartada do ermo nom quer enganar nenhum nem faz nenhũa cousa fingidiça nem paleia nem afremosenta nenhũa cousa, mas toda é crara e descoberta e de todo sem nenhum afeitamento nem encoberta, e nom há enela jogos nem sons peçonhentos pera as almas, mas tem Deus por testemunha da vida e de todas as cousas e nom outrem, e nom crê nenhũa cousa de si ao Diabo nem ao pobo cego e mintideiro, mas à sua conciência própia e de algũas cousas duvida, lembrando-se daquelo que é escrito em o salmo: «Quem é aquele que entende os pecados?»; e outrossi daquelo que diz Job: «Se eu for simpres, a minha alma nom o sabe». E lembra-se quanto é doce e brando o Senhor Deus a todos, e que o Senhor Deus levanta todos os que caem e alça todos os quebrantados.

E nom lhe esquece que o Senhor Deus é acerca daqueles que o chamom e que nom fez a nós segundo os nossos pecados, nem nos deu galardom segundo as nossas maldades, porque, segundo a alteza do céu à terra, afortelegou a sua misericórdia sobre aqueles que o temem, e que tanto é afastado o Oriente do Ocidente, tanto alongou de nós as nossas maldades; e nom olha o Senhor Deus os homens assi como juiz, mas como padre, assi como é escrito: «Assi como se amerceia o padre dos filhos, assi se amerceia o Senhor Deus daqueles que o temem, porque ele conhece aquilo de que somos feitos e nembra-se que somos pó, e o homem, assi como o feno e a frol do campo, assi sai ao mundo e assi é quebrantado, e fuge assi como sombra; mas a misericórdia de Deus é de sempre e pera sempre, porque ele nos fez e nom enteja nenhũa cousa daquelas que ele fez».

E lembrando-se o solitário dos dizeres das Escrituras, que ameaçam de ãa parte e da[m] esperança de outra parte, nom é certo de si mesmo nem sabe se é dino do amor de Deus ou de ódio, e há temor e esperança e conforta si mesmo com a misericórdia do seu rei, que acerca

conhecida<sup>25</sup>. E per esta guisa o solitário ocupado enestas cousas vigia e olha de cada parte os asseitamentos dos demões e com a defensom do Senhor Deus, que tem consigo, despreça as tentações e os enganos do diabo.

E assi é a vida solitária bem-aventurada e assessegada em paz, e é propiamente torre forte e guarnida e porto de todas as tempestades. E aquele que fuge dela nom há porto em que esté seguro; e, porém, envolva-se em o pego, viva em os penedos e moira em as ondas do mar do mundo.

### Capítulo XXXIX

Quando eu, misquinho, ouvi esto que o nobre solitário dizia, entendi que andava eu em as tormentas do mundo e da carne e do Diabo e bradei ao Senhor Deus, dizendo:

— Senhor, envia a tua mão do alto e livra-me das águas muitas e do poder dos filhos alheios, ca eu caí em a altura do mar e tempestade me alagou; e venha sobre mi a tua misericórdia e a tua saúde, segundo a tua palavra.

E logo recudiu contra mi a mui espantosa dona, dizendo:

— Senhor Deus, quando se levantarem os pecadores assi como o feno e aparecerem todos os que obram maldades pera morrerem pera todo o sempre? Mas tu, Senhor mui alto, duras perduravilmente. Quanto som feitas grandes as tuas obras, Senhor, e mui profundas som feitas as tuas condições! O barom nécio nom conhecerá e o barom sandeu nom entenderá estas cousas.

Grande temor meteu a espantosa dona em o meu coração com tais palavras como estas, mas logo a mui graciosa donzela me acorreu com seu conforto, assi como havia em costume, dizendo assi:

— Confessem-se ao Senhor Deus as suas misericórdias, porque aqueles que decendem em o mar e obram em as águas muitas vezes viram as obras do Senhor e as suas maravilhas em o profundo e bradarom ao Senhor, quando se viram em tribulação, e livrou-os das suas necessidades e mudou a tormenta em vento manso e assessegaram as ondas; e alegrarom-se eles e trouve-os o Senhor ao porto da sua vontade.

E bem assi tu, pecador, que andas em os negócios do segre, que som mui grandes tormentas e tempestades e ondas de grande mar, se bradares ao Senhor

25 A frase pretende traduzir Petrarca: «...sed et sperat ac se ipsam de certa et nota sui regis misericordia consolatur» (I, IV, 11), pelo que o sentido deverá ser: “e conforta-se a si mesmo com a misericórdia do seu rei, que é de si bem conhecida”.

Deus, leixando a tua má vida e fazendo pendenza, o Senhor Deus, que é sol de justiça, te alumiará e te livrará das tuas necessidades e mudarás as tempestades da tua consciência em grande paz e consolaçom.

## Capítulo XL

Tanto que esto disse a donzela graciosa, logo a dona mui sabedor começou a dizer contra mi assi:

— Filho, se tu queres escapar da persiguiçom de Satanás, praza-te de viver em o ermo e nom vivas antre a companha mundanal, que ham por condiçom embargar a santidade da alma e da mente, que se nom possa estender continuamente nem crescer em Deus. Mas a vida solitária eneste crescimento em Deus há outra companha mais dina e de mais proveito, convém a saber, a companha das santas cuidaçõs. E esto que dito é, falei eu polo nobre doutor Dom Joam Boca-de-ouro<sup>26</sup> e per Orígenes, doutor grego, e per Dom Sénica, gentil filósofo, e pelo doutor Dom Ambrósio grorioso, que aqui estam.

E logo se levantou Sam Joam Boca-de-ouro, vestido em vestimentas de bispo e ùa cruz de ouro em a mão, e as barbas dele eram mais esbrandentes que o sol em cor de ouro, e começou dizer contra mi:

— Homem pecador, parte-te da carreira e pranta-te em lugares apartados, per tal guisa que o mundo nom haja lugar comum contigo nem tu com o mundo, ca assi como amiúde é em o mar tempestade, bem assi há eneste mundo perseguiçom de Satanás.

Outrossi Orígenes, doutor antigo, disse:

— Enquanto qualquer homem é mesturado com as companhas e em a multidoem das deleitações escorregadias e movediças, e nom vaga a só Deus nem é apartado do pobo, nom pode ser santo.

E Dom Sénica, filósofo, disse:

— Pecador, se tu queres viver antre as companhas, nunca vivirás seguramente. Enmiga é a conversaçom dos muitos, ca o pobo com que nos mesturamos lança ou empresta ou empreme em nós o pecado.

E logo Dom Santo Ambrósio, vestido em vestimentas pontificais e assi como mui honrado bispo, e tinha ùa coroa de ouro arredor da cabeça que lançava raios como o sol, de grande resprandor, e começou dizer assi:

26 S. João Crisóstomo.

— A Virgem Maria, quando entrou o anjo a ela, achou-a só em sua câmara, sem companheira, por tal que nenhum nom quebrantasse a sua entençom nem fizesse arruído e turvaçom, ca ela nom desejava companheiras, porque havia boas condições por companheiras e ainda entom parecia a ela que era mais pouco só quando era só; mas como poderia ser só, que tinha consigo tantos livros e tantos arcanjos e tantos profetas?

E quando esto disse Santo Ambrósio, logo o grorioso doutor Jerónimo, em ajuda de seu companheiro, disse assi:

— O sabedor nunca pode ser só, ca ele tem consigo todos aqueles que som bôs ou foram, e tem o coração livre e torna-se e fala com qual lhe praz, e aquele que nom pode com o corpo alcança-o e abraça-o com a cuidaçom e, se nom tem consigo companha dos homens, fala com Deus, e nunca é menos só.

E logo Dom Séneca concordou com esto que Dom Sam Jerónimo havia dito, dizendo assi:

— Cousa leda e de grande prazer é ao homem ser consigo, quando ele per grandes tempos fez si mesmo dino pera usar de si.

E porque a mui fremosa dona sabedor pensou que eu, pecador, nom entenderia estas palavras de Dom Séneca, decrarou-as enesta guisa:

— Pára mentes ao que disse Séneca, que era cousa de prazer ser o homem consigo. Esto quer dizer nom ser com outros, mas ser só; esto é cousa leda, mas esto entom é, quando, per longo uso e trabalho de virtudes e per estudo deleitoso de sabedoria, fez tal si mesmo, que dinamente em si mesmo haja o uso do estudo perfeito da sabedoria.

E digo ainda mais que a vida solitária e apartada faz ao homem haver folgança do coração e acendimento de amor, e o Senhor Deus seê em a vida apartada, assi como em cadeira real; ca o ermo e a vida solitária faz o homem ser cadeira real enflamada e luzente e crara do Senhor Deus; e certamente a vida apartada faz o homem cadeira emperial em que o Senhor Deus, rei da grória, rege emperialmente o reino da alma, ordenando enela todas as cousas brandamente, ca o Senhor Deus seê em a alma e em a mente pacífica e assessegada assi como em cadeira, e per seu assentamento faz que as forças mais baixas da alma obedeçam as mais altas.

E porém, tu, amigo, debes a pensar que a mente e a alma do homem muito aproveita em alteza pola vida apartada, ca nom é dúvida que a carreira do Senhor Deus seja altamente levantada e nom é maravilha que tal alma como esta mais alta é que o céu; ca a natura inteleitual, quando é perfeita per graça, mais alta é que a corporal; e, porém, a alma, que é inteleitual natura, quando é perfeita per graça de Deus, mais alta é que o céu, que é natura corporal.

E ainda dinamente debes emaginar que aquela cadeira real, que é a alma do solitário, é esprandecente com mui grande apostamento de virtudes, em cuja comparaçom o ouro e as pedras priciosas e o aljôfar e todas as outras cousas tais devem ser contadas por vis e de pouco preço. E que verdade seja esto que dito hei, rogo ao grorioso apostólico Sam Gregório que me seja desto testemunha.

E logo Dom Sam Gregório, papa, falou enesta guisa:

— Eu digo que cadeira real inflamada som os monges e os ermitães e os outros que moram em um lugar, que se trabalham de servir ao Senhor Deus, e nom andam descorrendo per outros lugares; e o Senhor Deus seê dentro em os seus corações, que som de folgança e de assesego. E tais como estes com razom som ditos chama de fogo, porque som acesos e inflamados per amor de Deus e do próximo e com desejo da terra e do reino celestial.

E logo o grorioso doutor Sam Jerónimo disse:

— Aquelo que fazem os anjos em os céus, esso fazem os monges em a terra.

E com esto acordou o nobre monge e abade Sam Bernardo, dizendo assi:

— Verdaderamente a craustra é paraíso; assi, ali som os prados verdes das Escrituras; ali som as águas dos rios das lágrimas que correm avondosamente, as quais o amor lança e coa das afeições e das vontades mui puras. Ali som as árvores mui altas, que som os coros dos santos, e nom há i tal que nom tenha e que nom dê muita avondança de fruto.

Ali som ajuntadas as riquezas espirituais do mui poderoso Deus e ali é a grória dos anjos. E nom penses que estam ociosos aqueles que som moradores em ùa casa e em um costume; ca tu verás ali um que lê em os santos livros, e outro que está em santas orações, e outro verás chorar por seus pecados e outro que está louvando o Senhor Deus com grande alegria; e outro vigia, e outro jajua, e cada um faz o officio da piadade de um ao outro e levanta-se de noite pera se confessar e louvar o Senhor Deus; e à véspera e à manhã e ao meio-dia recontam e denunciam o louvor do Senhor, e todo o tempo se revolve antre eles em serviço do Senhor Deus; e o paraíso da craustra tanta avondança há de virtudes com a brandeza do vento do anjo do Espirito Santo, quantas froles há em ele.

E quando o grorioso monge Sam Bernardo disse estas palavras, disse logo a dona fremosa e mui sabedor:

— Certamente eu tenho que em na claustra é o fruto do lenho da vida, e ali há avondança de froles e de frutos de honra e de honestidade, e àquela pessoa que vive em a craustra ou ençarrada ou em o ermo, continuadamente lhe som contadas tantas pedras priciosas quantas palavras de oraçom há em

sua mente e quantas cuidações devotas, e assi o viu em visom ùa monja, que em as horas da benta Virgem Maria, quantas palavras saíam pela boca de outra monja, tantas pedras preciosas lhe caíam da boca. Ca as santas palavras som comparadas às pedras preciosas e esto em semelhança, ca, em verdade, posto que pusessem a cada ùa palavra da oraçom devota outros tantos reinos do mundo nom seria igualada.

## Capítulo XLI

Quando eu, pecador alongado de todo bem, ouvi os dizeres daquele doutor com as mui nobres palavras dos outros santos doutores que ele trazia em sua prova, prouverom muito à minha alma e creceu-me<sup>27</sup> o desejo de mudar minha vida amargosa, que vivia. Mas as prisões dos meus pecados e do costume de muitos tempos me tinham preso e legado mui fortemente e, porém, bradei ao Senhor Deus e disse:

— Senhor Deus, nom alongues de mi os teus amerceamentos, ca me cercarom tantos males, que nom ham conto, e comprenderom-me as minhas grandes maldades e as cordas dos pecados me legarom em redor. Senhor Deus, praza-te de me livrares e pára mentes pera me ajudar.

E logo a mui espantosa dona recudiu contra mi, dizendo assi:

— Senhor Deus das virtudes, Deus de Israel, entende pera visitar todas as gentes e nom te amerceies de todos aqueles que obram maldade. A saúde alongada é dos pecadores, porque nom buscarom os teus juízos<sup>28</sup>.

E quando eu, misquinho pecador, ouvi as ameaças da dona espantosa, fui mui coitado com temor, porque entendi bem que as suas palavras me comprendiam, porque era pecador e obrador de muitas maldades que me tinham preso e legado. Mas logo a mui graciosa donzela me confortou, dizendo:

— O Senhor Deus solta os presos; o Senhor Deus alumia os cegos; o Senhor Deus alevanta os quebrantos. Cousa bem prazível é ao Senhor Deus sobre aqueles que o temem e em aqueles que esperam sobre a sua misericórdia.

27 No original: «creçou-me».

28 No original: «juízes».

## Capítulo XLII

Depois que esto disse a piadosa donzela, logo a fremosa dona disse ao nobre solitário:

— Amigo, praza-vos tornardes a vosso fremoso falamento sobre a vida solitária e apartada.

E logo se levantou Dom Francisco e começou sua razom enesta guisa:

— Todos os homens, pela graça de Deus, podem bem viver, ca a misericórdia de Deus e a sua piadade dele, Senhor Deus, enfinda é e nom enjeita nenhum, mas muitos a enjeitam. Pero nom podem todos ter o mais alto grau de vida, mas todos aqueles [*que*] querem viver sem infâmia som teúdos de divido a esquivar as obras sujas e torpes e feias. Mas ir pera alteza da vida é virtude e chegar à alteza de vida é bem-aventurança.

Quatro graus de virtude põem Dom Patrom, filósofo que aqui está, e Dom Macóbrio com ele. O primeiro e mais baixo é das virtudes políticas que som. E estas virtudes podem ser dos ocupados em os negócios do mundo, mas nom de todos, senom daqueles que a fim das suas ocupações é a eles sua própria virtude e muito maiormente a saúde da prol comunal; mas mui poucos som aqueles que se ocupam em nos negócios do mundo por serem virtuosos ou por bem da prol comunal de todos.

O segundo e mais chegado grau a este primeiro som as virtudes que chamom purgatórias, quando o homem é em tal guisa virtuoso, que arrinca as paixões do coração, que forom temperadas pelas primeiras virtudes políticas. E eneste grau de virtudes som aqueles que leixam as cidades e dos que vivem em assego e dos verdadeiros e bôs filósofos.

O terceiro grau é mais alto, que chamam das virtudes do coração purgado; e em este grau som aqueles que esquecerom já as paixões do coração, depois que as amolentaram pelas virtudes políticas e as arrincarom pelas virtudes purgatórias. Este grau é dos perfeitos; e u estes tais som, eu nom sei; mas aqueles que tais foram, pagarom-se do ermo e da vida apartada, e se agora algum tal i há, como quer que seja segura per tal governmento de virtudes com que navega em alto, pero eu creio que ele ama o porto da vida apartada e do ermo.

O quarto grau é daqueles que som sobre a natureza dos homens; e, segundo dizem estes filósofos, estes atais moram em na mente de Deus só e estes tais nom tam solamente amolentaram e arrincarom as paixões do coração e as esquecerom, mas ainda ser ouvido o nome da paixom do coração têm eles por cousa mui má e excomungada.

Mas torno-me falar da vida solitária, que é vida celestrial e angélica em toda guisa, se o estado dela é de dentro, em guisa que o homem entre dentro em no apartamento e em o ermo e em o trespasse, ca as lapas do deserto e os outeiros e os boscos pera todos estam igualmente sem embargo, ca nengum nom aperta os que entram, nem lança fora os que entraram, ca em no deserto nom há porteiro nem guardador.

Mas que aproveita a entrada só dos lugares que trazem as águas que correm polo ermo? Que ajudam as matas andando per elas? Que aproveita seer e andando pelos montes, se o coração do homem o segue? Tal é em o ermo qual era em nas cidades. Mas aquele que quer fazer vida apartada ou viver em no ermo, primeiramente deve aleixar o seu coração em na casa e ante todas as cousas o deve lançar de si, rogando ao Senhor Deus mui humildosamente que lhe praza de criar enele coração limpo e renovar dentro em sua mente e em sua vontade esprito dereito.

E entom com esto trespasaria as cousas escondidas e os lugares de dentro apartados e segredos da vida solitária; ca se homem vai à vida solitária nom mudando seu coração, tal vida, como quer que seja do ermo, nom é, porém, tal vida solitária qual eu desejei, como quer que pareça semelhante a ela, porque é tirada das companhas dos homens, mas nom é desembargada das paixões danosas.

E quando eu, pecador, esto ouvi, bradei ao Senhor e disse:

— Senhor Deus, tu cria em mi coração limpo e renova em a minha alma esprito dereito e o teu esprito bô me leve à terra dereita.

E logo a espantosa dona recudiu contra mi, dizendo:

— O Senhor chove sobre os pecadores laços, e o fogo e o enxufre e os espiritos das tormentas é parte e quinhom do cales deles, ca o Senhor é justo e amou justiças.

Muito me desconfortaram estas palavras, mas logo me confortou a mui saborosa donzela, dizendo assi:

— Alumeia aqueles que sêem em trevas dos pecados e em na sombra da morte, e pera aderençar os pés dos pecadores em na carreira da paz e de pendenza e pera dar sabedoria de salvaçom em remimento e perdoança dos pecados. E porém, tu, pecador, tira os teus pés e as tuas afeições de todo mau caminho e descubre ao Senhor Deus a tua vida per confissom e espera enele, e aduzerá assi como lume a tua justiça que fezeres em ti per pendenza. Sei<sup>29</sup> sujeito ao Senhor Deus e ora a ele, ca ele é de muitas virtudes, e aqueles que sofrem o Senhor herdaróm a terra dos viventes, que é a celestrial grória.



Com estas palavras da mui piadosa donzela, recebeu o meu coração conforto e esperança, como quer que o temor das palavras da dona espantosa nom se partia de mi e todo o meu pensar era como leixaria a vida do segre e me apartaria em lugar u fizesse justiça de pendenza em mi pera poder escapar do forte juízo daquela dona tam esquiva. E aquele nobre ermitam, que i estava, teve mentes em mi com led e gracioso sembrante e começou logo suas palavras enesta guisa:

### Capítulo XLIII

— Irmão em Jesu Cristo, eu te rogo e te amoesto com caridade, que nom tardes mais de te converter e tornar ao Senhor; e conselho que te venhas à vida solitária; e leixa e tira de ti o coração e a vontade e a afeição que hás em o segre e entra à vida apartada com coração limpo, criado de novo, e persevera enela, obrando aquelas cousas que a ela pertencem, e verás e sentirás qual é aquela dulçura que os santos homens recebem quando se lembram dos pecados e males que passaram vivendo em o segre, e do prazer que ham e que esperom que lhes há-de vir perdurável.

E verás e entenderás com quais forças vence o enmigo e com quais cousas foi muitas vezes vencido e é ainda por vencer, e verás como deve sempre estar o servo do Senhor Deus em az, prestes pera batalha contra o enmigo com esperança certa de vitória, e que nom há-de lidar só, mas ajudado e armado com a companhia do anjo, e como está vestido em as armas de Deus, convém a saber, em grória de justiça e com escudo de fé e com espada do esprito e com capelina de saúde espiritual contra os poderios das trevas; e esto per muitas vezes.

E esta batalha nom é vista per homens mortais, mas per mui grande hoste de cavalaria celistrial, que estam esguardando aquela batalha que há o solitário com os enmigos e lhe dam todos grande favor e ajuda; e o Senhor Jesu Cristo, que está ali por maior, olhando aquela batalha, outrossi verás; e sentirás a folgança dos suspiros profundos que sobem pera o céu, que som mui graciosos ao coração fagado<sup>30</sup> e tribulado; e sentirás qual é aquela brandeza e dulçura das lágrimas que caem da mui pura fonte [*d*]o coração, e verás quais som as

30 Fatigado? Nem Vieira nem Machado registam a forma *fagado*; pode tratar-se aqui de um lapso do tipógrafo, que omitiu uma sílaba na forma *fadigado*, que Frei Domingos Vieira regista (VIEIRA, III, 1873, p. 557). É o mais lógico, uma vez que “fagado” pretende traduzir o termo “fatigato” do texto de Petrarca... (cf. I, V, 6: “...quenam illa suspiriorum quies de profundis ad excelsa tendentium, fatigato animo gratissima”).

vigílias dos cavaleiros de Jesu Cristo, que vigiam cantando e rezando salmos em as torres de Jerusalém e em os cadafaises de Siom, que é a santa igreja, vigiando e velando contra a hoste de Babilónia, que<sup>31</sup> é os contrairios do mundo e dos diabos. E verás os cavaleiros de Jesu Cristo cantar toda a noite cantares espirituais, guardando o cerco e hoste em lugar alto e bem guarnido e bastecido, em que nom mingua mantimento e água.

E ali ham eles confiança que, como quer que possam ser tentados dos inimigos, pero nom podem ser dirribados, e ham por graça os combatimentos que ham contra o mui cruével enmigo, ca esto é prazer a eles e tormento a ele; e porque lhe nom pode empecer, muitas vezes lhe aproveita pera sua grória e per tais lides e combatimentos que os cavaleiros de Jesu Cristo ham com os enmigos infernais, usando esto, faze-se a cavalaria mais percebuda pera lidar e pera se guardar e a vitória é feita mais forte e mais nobre dos cavaleiros de Cristo lidando em a lide e perigo desta vida presente.

Pára mentes, irmão, que prazer e que alegria é haver solaz conestas cousas presentes, vencendo e lidando com os enmigos, e esperar outras cousas melhores depois desta vida, ca per um pouco de tempo que vive o homem vida solitária e apartada dos homens, espera a companhia dos anjos pera sempre e a vista da face de Deus, em que é fim e perfeiçom de toda santa cobiça e de todos os desejos; e espera riso e prazer sem termo e sem fim por ùas poucas de lágrimas; e, por jajuns temporais, espera convites mui deleitosos perdurávis.

Pára mentes, irmão, quanto é grande o prazer por proveza de vontade esperar mui verdadeiras riquezas que nom podem ser estimadas, e pola morada do ermo esperar de morar por sempre em na cidade celistrial, e por ùa choça fumosa esperar os paços de Cristo esprandcentes, e por sepençom<sup>32</sup> que guarda em no ermo esperar os cantares dos anjos e a dolçura do canto celistrial e esperar a voz de Jesu Cristo, quando chamar os seus servos pera a folgança perdurávil depós tantos trabalhos, a qual voz sobrepoja toda dolçura de sons.

E pára bem mentes, irmão, e pensa que prazer é esperar todas estas cousas que te disse e haver por elas aqui enesta vida prometedor e fiador mui rico e mui verdadeiro, o Senhor Jesu Cristo, que todas estas cousas prometeu e as pode dar.

31 No original; «quer».

32 Suspensão? Silêncio? Não encontrámos registado o termo *sepençom* em nenhum dos dicionários ou glossários consultados. De acordo com o texto de Petrarca, deve entender-se “silêncio”, uma vez que o autor está a traduzir a passagem seguinte do “De vita solitaria”: “...pro agresti silentio cantus angelicos et celestis dulcedinem armonie...” (I, V, 7).

E pensa, irmão, que solaz é ao solitário cuidar o que leixou e aquilo que tem e qual cousa é aquela que padece e qual é aquele bem que espera e quanto é o que semeia e quanto colherá, e estimar que por mui pequena perda de tempo em que leixou o segre, a qual nom é perda mas ganho e escapamento e fugida de muitos nojos sem conto, merca e ganha bem-aventurança perdurável, e leixando os enfadamentos e fastídios dos homens e os perigos das cidades, em que é o inferno dos vícios, vão-se tostemente pera a terra celistrial e já aqui, enesta presente, começa ser bem-aventurado, ca certamente o acabamento da misquindade começo é de bem-aventurança; e porém, todo homem que leixa a vida do segre, que é comprida de misquindade, acaba-se aquela misquindade e começa-se a bem-aventurança.

#### Capítulo XLIV

Quando eu, mui misquinho pecador, ouvi as groriosas palavras do verdadeiro solitário ermitam, o meu coração se revolvía dentro em mi, com temor da má vida que fazia em o segre e com desejo da vida apartada, que tanto era louvada com verdade, comecei a dizer:

— Oh, misquinho de mi, e quem me dará penas assi como de pomba, e voarei e folgarei e, fugindo, me alongarei do segre e ficarei em no ermo; ca eu vejo maldade e contradição em nas cidades todo o dia, e toda a noite maldade sobre os muros da cidade que a cerca toda em redor, e em meio dela trabalho e torto e obrar contra justiça.

E como eu esto disse, logo a espantosa dona me olhou em través e disse contra mi:

— E tu, homem pecador, grande parte hás em as maldades dos moradores das cidades, ca o seu coração é vão e nom há verdade em a boca deles. A sua garganta é tal come o sepulcro aberto e com as suas línguas obram enganosamente; e, porém, o Senhor Deus os julgará e cairám das suas cuidações e destruí-los-á segundo a multidom das suas maldades e cruezas, porque eles assanham o Senhor Deus; e assi fará a ti, pois que tu és do conto deles.

E com estas palavras foi todo posto em grande tristeza, porque bem entendi que todo era verdade canto ela havia dito. Mas logo a mui confortosa donzela me consolou, dizendo:

— Homem pecador, torna-te ao Senhor Deus per coração e per obra e espera enele, ca todos aqueles que ham esperança em o Senhor devem a ser alegres, fazendo os seus mandados e conselhos, e por sempre se alegraróm e ele

morará eneles per graça enesta vida presente e per grória em a outra vida, ca ele dá a sua bênçom àquele que faz em si justiça per pendenza. E tu, pecador, assi faze e viverás em espiritual prazer enesta vida e depois em na outra perdurávil.

Tanto que esto disse a mui piedosa donzela, logo o mui gracioso solitário, concordando conela, disse assi:

— Irmão meu em Cristo, sabe por certo que esta confortosa donzela te conselha com verdadeiros remédios, e, segundo quanto eu entendo e sei per certa prova e expiriência, estas cousas que ela diz podés tu fazer e haver em na vida solitária e outras muitas consolações, com certa esperança de muito melhores; ca ali haverás cuidações e pensamentos mui altos e os espiritos bôs, que falaróm contigo, e visões bem-aventuradas.

E amiúde chamarás Jesu Cristo familiarmente, como se chamasses algum homem com que houvesse companhia; ca ele é presente em todo lugar e ele vê e ouve e entende as pitições dos homens ante que eles falem e cumpre os seus rogos ante que os façam, se som tais que devam ser cumpridos; ele pára mentes em as suas neceidades<sup>33</sup> ante que venham e ele vê e esguarda as suas mortes ante que sejam nados e per tal guisa os olha, que se amerceie deles, ainda que ache que nom som eles merecedores nem dignos de misericórdia, contanto que eles nom enjeitem a sua misericórdia com perfiosa contumácia e revelia.

E pois que tu, pecador, há tal padre e tal juiz e tal testemunha, convém a saber, Jesu Cristo, que é presente a todas as tuas obras, nom há tu mester aquela testemunha que conselham alguns filósofos, dizendo que deve homem a maginar e fingir que sempre está em presença de algum nobre homem pera se refrear de mal fazer. Mas a ti, que és cristão, nom te faz mester tal fingimento, pois sempre estás ante a presença de Jesu Cristo e, de mais, este anjo bô que é dado a ti per Deus pera guarda de tua vida e por teu companheiro, que sempre é presente, em tal guisa que nom devias tu, pecador, ser ousado fazer perante ele aquelo que haverias vergonça de fazer perante outro homem, maiormente que Jesu Cristo é presente em todos lugares e em todos tempos, verdadeiro testemunha nom tam solamente de todos os feitos, mais ainda de todas as cuidações.

Aqui cumpre levantar o coração e pensar qual foi nunca homem tam sem vergonça e tam desenfreado em mal fazer, que estivesse em presença nom tam solamente de Jesu Cristo, mas ainda dalgum amigo de Cristo, que se nom abstevesse e leixasse de fazer luxúria. E como quer que todo cristão sabe que Jesu Cristo sempre é presente dentro em na alma e em no coração do homem e vê abertamente todo aquelo que se i faz, e pero nom se abstêm os homens

33 No original: neçessidades.

de fazer mal, almenos<sup>34</sup> por temor e por reverença de tam grande e tam noble testemunha, como Jesu Cristo é.

Oh, que cousa é esta tam espantosa ou que faz esto assi ser, senom que, porque como quer crêem os homens que Jesu Cristo é presente em no coração, nom o vêem com os olhos, e porque grave cousa é tirar a mente dos sentidos do corpo e tirar a cuidaçom do seu costume. Porém, esforça-te bem com grandes forças, que amanses todos os teus sentidos corporais e venças o teu costume, por tal que vejas algũa cousa com o coração. Abre bem e alimpa bem os olhos de dentro da alma com que vêem as cousas que nom podem ser vistas com os olhos corporais.

E entom verás tu Jesu Cristo estar presente e assi haverás vergonça de mal viver perante a sua vista e de mal morrer e fazer algũa torpe ou má cousa ante tam grande e tam noble testemunha como Jesu Cristo é, que é verdadeiro sem falicimento perdurávil. E pero Jesu Cristo assi é presente em todos os lugares, nom há i lugar em que a ele praza de ser mais prestes e mais grado e mais familiar pera ouvir o homem e falar conele que em no ermo. E nom é maravilha, ca em o ermo nom há i quem faça volta nem arruído nem cousa que tire o coração e a mente da sua boa entençom.

E per esta maneira o coração humanal aveza-se às cousas celestiais e, falando assi ameúde com Jesu Cristo, concebe feúza enele; e aquele que ante era hóspede e avindiço<sup>35</sup>, é feito doméstico e conhecido do Senhor Deus; ca pelo grande amor e pelo fiel continuado serviço tanta é a familiaridade e a conhocença antre Deus e o homem, quanto nom é antre um homem e outro. Pola qual razom eu creio que os homens trabalhosos e envoltos sempre em as cousas mortais e abaixados e alagados com toda sua entençom em as ocupações terreaes, já aqui eneste mundo ham os começos e as primícias das ocupações perdurávis e do trabalho do inferno.

E assi penso por verdade que os solitários amigos de Deus, que som usados e acostumados aos cuidados piadosos, já enesta vida sentem os deleitos da vida perdurávil. E eu nom digo cousa que nom seja de crer, ca tenho que algum solitário pode subir a tal grau pela misericórdia do Senhor, que, vivendo ainda sobre terra, ouvirá o coro dos anjos cantar em os céus e será levantado em sua mente, que verá tal cousa que nom poderá dizer per sua boca depois que tornar em si mesmo.

34 No original: «almeos».

35 No original: «amindiço».

## Capítulo XLV

Quando eu, misquinho pecador, ensujado antre as gentes do segre, ouvi as altas bem-aventuranças da vida solitária, que o grorioso ermitam solitário recontava, todo o meu coração começou a arder com sanha que havia contra mi, porque tanto tardava, morando em as cidades e vilas, em os negócios do mundo. E disse ao Senhor Deus:

— Oh, Senhor, quem dará água à minha cabeça e fonte de lágrimas aos meus olhos, que chore de dia e de noite os meus pecados e a minha priguiça e o perdimento do tempo? Quem me levará aos ermos dos desvairados caminhos que servem ao Senhor per desvairadas maneiras, e leixarei o pobo das cidades e do segre e partir-me-ei deles? Ca eles som confortados com as cousas terreaes e passam-se de um mal pera outro. Livra-me, Senhor, e aloja-me acerca de ti.

E logo a mui espantosa dona irosamente respondeu e disse:

— Bem sei eu que o louvor dos maus dura mui pouco e o prazer do hipócrita é semelhante ao ponto. Se a sua soberva subir até o céu e a sua cabeça tanger as nuvens, em na fim será destruído assi como a esterqueira e aqueles que o viram dirám: «U é?» Assi como o sonho que voa, nom será visto. Os seus ossos seróm cheios de pecados da sua mancebia; e as riquezas que gastou e comeu, bonsá-las-á, segundo a multidom das más cousas que achou; assi padecerá e destruí-lo-á o fogo que nom será apagado.

E quando eu, misquinho pecador, ouvi estas palavras, aguilhom mui agudo pungiu o meu coração, sentindo-me daquela mágoa de que ela falava; mas a mui piadosa donzela abrandou a minha dor com suas mui doces palavras, dizendo:

— Homem apressado, muito é cousa aproveitosa pera ti de te lembrares das tuas maldades, encobertas e conhecidas, e haverás dor e pungimento em o teu coração. E o Senhor Deus te poerá mezinha, se fores chagado per pendenza; e se te ferires polos teus pecados, as mãos do Senhor te daróm saúde e livrar-te-á em as tribulações, que te nom tangerá o mal; em a batalha das tentações do emigo te livrará do poder da espada e serás guardado da morte perdurávil. Cuida bem esto em teu coração, ca a misericórdia do Senhor avondosa é pera todo.

Conestas palavras, abrandou o pungimento forte do meu coração, ficando em ele dor e temor com esperança boa. Entom o solitário gracioso começou em alta voz a dizer:

— Oh bô Jesu, em como quer que os homens som criados per ti a tal fim, pera folgarem sempre em ti e pera esto som nacidos, e sem esto sem proveito e mal-aventuradamente nacerom, pero muito devem eles preçar aquelas cousas

que se podem haver enesta vida, que som mui doces e proveitosas pera saúde espiritual, as quais cousas há em a vida solitária.

E quanto pensas tu, irmão, que som de preçar estas cousas, que ham os que vivem vida apartada das gentes? Convém a saber: viver u quiseres, ir pera u quiseres, estar onde quiseres, folgar antre os montes das froles vermelhas e de color de púrpura e jalnes, brancas e índias e doutras muitas colores, em o Veraom; e folgares em o Outono, antre ajuntamento das folhas que caem das árvores, e chegares-te aos lugares abrigados em o Inverno, e, em o Estio, aos orvalhos, em guisa que nom sentirás frio nem calma, e u quer que fores, serás contigo alongado dos males do mundo e alongado dos enxemplos das maldades; e nom serás empuxado nem quebrantado nem constringido nem afeiçoado, assi como avém àqueles que vivem em os negócios do mundo.

Nom te levaróm pera comer ao convite, quando tu querias ante padecer fame que ires alá comer; nom te constringeróm que fales, quando tu querias ser calado, e nom te saudaróm sobejamente nem travaróm de ti, nem te faróm deter em nas praças, nem te faróm despende todos os dias em anojamentos com cortesia sem sabor e sem descriçom; nom haverás de esguardar os que passam pelas praças, se te olha alguém assi como maravilha, maravilhando-te daquele que vai tostemente e esteve quedo olhando-te, e daquele que olhou trás si contra ti, falando algũa cousa mui passo à orelha de seu companheiro, ou perguntou algũa cousa de ti a algum com que topou em a carreira.

Nem verás quem acena com o olho a outrem contra ti, nom envelhecerás antre os nojos nem serás apremudo nem apremeerás a outrem antre os ajuntamentos daqueles que te saúdam, e o teu espirito nom será apertado nem bafejado dos bafos<sup>36</sup> nojosos dos outros, nem te faróm suar assi como eles suam, ainda que faça grande frio. Nom te entejarás as cousas com fastídeo, nem haverás ódio aos homens, nem entejarás aqueles que amas e ainda ti mesmo, e nom te esquecerás das tuas cousas próprias por requerer as cousas de muitos sem agradecer, nem padecerás nojo da vilhice, ca te nom virá subitamente e sem suspeita.

Todas estas cousas avêm e padecem os homens que som ocupados em os negócios do mundo; e de todas estas cousas serás livre, se te apartares das gentes em vida solitária; ca, ante que venha a vilhice, per grande tempo terás mentes enela e aparelharás o teu corpo inteiro e o coração igual pera a sofrer, e conhecerás que esta vida é sombra de viver, e nom é vida, e é lugar de pouadia de ãa hora, e nom casa de morada; e nom é esta a terra própria do homem, mas é caminho, nem é câmara, mas campo pera lidar.

36 No original: «bavejado dos fauooos».

Nom curarás amar as cousas que fugem e falecem, mas desejar as cousas que duram per sempre e as cousas que te avierem, sofrê-las pacificamente. Sempre te lembrarás que és mortal, pero que te é prometido que hás-de viver pera sempre; a tua memória anda per todos os segres e tempos que passaram, e per todas as terras andarás passo com o teu coração, e falarás com todos os que foram groriosos barões, assi como se os tevesse presentes, e esquecer-te-ás dos obradores de mal e muitas vezes te esquecerás de ti mesmo e poerás o teu coração levantado sobre si em as cousas celestriais e pensarás em aquilo que se faz em o paraíso.

E com tal pensamento acenderás o desejo de teu coração e às vezes serás apertado e, assi como fochas de palavras ardentes, chegarás à tua alma, a qual cousa é um dos grandes frutos da vida solitária, mas nom a entendem<sup>37</sup> aqueles que a nom provarom. E antre estas cousas há i outras mais conhecidas, convém a saber: ler as escrituras e escrever e abrandar o trabalho com outro solaz, e lerás as cousas que escreveram os que forom ante, e escreverás o que lerám os que vierem depois.

Todo esto haverás em a vida solitária. E eu sento as agudezas que a vida solitária dá ao coração e as alas que ela dá ao engenho do homem e o tempo de vagar pera obrar; e todas estas cousas nom sei u as busques, senom em a vida solitária. E nós dizemos que o tempo de vagar é fonte das lêteras e das artes; e, porém, diz Plato filósofo que os sacerdotes dos gentis moravom apartados de todo o pobo, por tal que a castidade deles nom se ensujasse; e Cheremom<sup>38</sup> filósofo conta que os sacerdotes gentis leixavom todos negócios e os cuidados do mundo e sempre erom em o tempo, e ali contemplavom as naturezas das cousas e as razões das estrelas e nunca se mesturavom com mulheres e nunca viam seus parentes nem seus filhos nem seus provincos, dêa aquele tempo que começaram a servir a seus deuses. E sempre se absterom da carne e do vinho e haviam em costume muitas vezes nom comerem senom de dous em dous dias e de três em três dias, pera compremer e castigar asperamente os humores do corpo que lhes naciã per razom do vagar e do assesego corporal.

E eu creio que a abstença do comer e do beber e do dormir faz haver ao homem santa avondança de bô engenho e de bô entendimento; e certamente eu hei provado, que nom achava o meu engenho mais bem-aventurado que em nos boscos e em os montes, e em outro lugar nom achava tam grandes e

37 No original: «entendã».

38 Quéremon de Alexandria, filósofo estoico egípcio do século I.



tam proveitosos sentidos como em o ermo, e com esto ligeiramente saía-me pelos matos e pelos lugares verdes em a ribeira das águas que correm com som rugindo, pera poder perder a graveza e o cansamento do corpo e do espirito.

E, porém, te digo, irmão, que a vida apartada do ermo nom tam solamente é pertencente e proveitosa pera fazer pendenza dos pecados e contemprar e fazer as outras cousas que convêm à vida espiritual, mas ainda é mui conveniente pera ler pelas escrituras e pera escrever e ditar e fazer outras quaisquer obras de letaradura. E porém, pecador, esperta-te tu, que dormes em sono de preguiça, e levanta-te dante os homens do segre, que som mortos em pecados, e Jesu Cristo te alumiará.

### Capítulo XLVI

Ouvindo eu, mui coitado pecador, estas cousas que dizia o bento solitário, nom soube que dissesse, senom que bradei ao Senhor em meu coração, dizendo:

— Senhor, levanta-te e ajuda-me e livra-me polo teu glorioso nome, que é Jesu Salvador, ca a minha coita e o presume dos meus pecados mais pesada é que a areia do mar; e, porém, as minhas palavras som compridas de dor, porque as setas tuas, Senhor, som em mi e o meu espirito bebeu a sanha delas pola grande carga dos meus pecados, e os teus espantos, Senhor Deus, lidam contra mi. Quem dará a mi que venha a minha pitiçom e que me dês aquilo que eu atendo, ca em mi nom há ajudoiro nenhum?

Como eu houve ditas estas palavras, logo a espantosa dona, irosamente, tornou a mi e disse-me:

«Porque dizes tais cousas como estas? Per ventura Deus todo-poderoso fará torto? Certo nom, mas convêm que faça justiça de ti, ca os dias do homem som assi como a sombra sobre a terra e as carreiras de todos aqueles que esquecem Deus mui toste som secas e a esperança do hipócrita perecerá, ca a sua sandice nom praz ao Senhor Deus e a sua fiúza é assi como as teias das aranhas. Qual é o homem que é sem mágoa e pareça justo? Er, que antre os santos de Deus enesta vida presente nom [há] i tal que nom seja mudávil; quanto mais tu, misquinho pecador, que beveste muitas maldades assi como água!

Mui fortemente me espantou a mui esquiva dona, ca bem me sentia eu daquelo que ela dizia, mas logo a mui confortosa donzela tangeu o meu coração com seu dedo, dizendo-me assi:

— Homem pecador, tem mentes enesto que diz minha irmã e nom te esqueça, ca todo assi é verdade como ela diz. Mas tu estende as tuas mãos

ao Senhor Deus e faze firme o teu coração, ca se tu tirares a maldade de ti e fezeres enmenda de teus pecados, entom poderás levantar a tua face ao Senhor Deus e serás estávil e nom temerás e esquecerás as misquindades; e quando cuidares que és confundido, entom nacerás como a estrela da manhã e haverás fiúza com esperança e dormirás seguro e defeso, ca o Senhor Deus é tam misericordioso, que nom enjeita o pecador que se a ele torna.

Muito me consolou a graciosa donzela com suas palavras mui doces. E outrossi o grorioso solitário, que logo me começou a falar enesta guisa:

— Irmão, eu te rogo e amoesto pola caridade e pola boa vontade da piedade de Jesu Cristo, sem o qual toda vossa vida é vaidade do segre; e vem-te com a bênçom do Senhor à vida do ermo e tira de ti sandice e aquele mudamento que nace das más paixões, e sei estávil e firme em santo propósito, ca a vida solitária nom é pera os sandeus nem pera aqueles que som mudadiços pelas más paixões que ham em si, assi como é a má tristeza e o mau temor, que som mui cruéis e mui ásperas paixões, e as outras que som semelhantes.

Ca, como quer que a vida solitária seja pertencente pera aqueles que som estudiosos das virtudes e das lêteras, quanto aos outros primeiramente convém que mudem sua vida e entom poderóm escolher lugar convinhávil pera morada e aqueles pera que é pertencente a vida solitária nom devem, porém, despreçar os amigos em aquelas cousas que pertencem aos direitos da amizade; ca eu digo que deve o homem a fugir das companhas e das gentes, mas nom dos amigos. E, porém, o solitário deve arreceber seus amigos e deve de desejar que venham a ele singularmente apartados, mais que ajuntadamente em companhia, em tal guisa que nom façam nojo ao seu vagar, mas que lhe dem conforto e ajuda.

E seja o vagar e a folga do solitário temperada e branda, e o apartamento do ermo seja assessegado e pacífico e nom cruel e fero, em tal guisa que aqueles que i vierem maravilhem-se da humanidade e da caridade que virem e acharem morar em o ermo, a qual é vida esterrada das cidades; e maravilhem-se quando virem que acham homem angélico em o ermo e entendam que em os pobos do segre acham e vêem homens tais come ussos e leões; e bem pode o solitário tomar solaz honesto com seus amigos e eles com ele, e tomarem bô enxemplo do que enele acharem.

Porém, te digo, irmão, que te nom espantes da vida solitária, ca bem podes contigo ter teus amigos e companheiros; ca diz o filósofo tarentino<sup>39</sup> que nom há em as terras algum homem, posto que haja avondança de todas cousas e que haja conhocimento das estrelas e do mundo, que possa ser bem-aventurado,

39 Arquitas de Tarento (435-347 a.C.), filósofo grego.

se nom houver com quem participe aquilo que há; e assi a natureza nom amanhã cousa solitária de todo, ca se todas as cousas que pertencem pera mantimento e pera os outros apostamentos viessem de seu aos homens, assi como per vara de Deus, pero qualquer homem que houvesse bô engenho alugaria si mesmo todo em conhecimento e em ciência e cataria companheiro do seu estudo, quando quisesse ensinar ou ouvir ou aprender.

E, pois que a vida solitária é apostada com tantos bens e parece que a nom podem sofrer sem companheiro com que participem aqueles que ham os corações feros e sem humanidade, mas querem ter consigo algum com que partam aquilo que ham, quanto mais aqueles que ham os corações mansos e ham em si humanidade e caridade devem querer ter consigo companheiros e amigos com que participem e a quem dem parte daquilo que ham! E, se assi é que aqueles que nom sabem que é amizade ham tanto solaz e conforto com algum que fale com eles, que farám aqueles que verdadeiramente usam da amizade e da conversaçom do amigo fiel em o qual vejam si mesmos e ouvem dele a verdade e falem conele todas as cousas, assi como consigo mesmos, e nom hajam dele nenhã suspeita nem haja enele nenhum engano? E que todo trabalho que por ele hajam lhes seja doce e sem ele nom lhes seja nenhã folgança doce, e que dele lhe venham defensões em a desventura e apostamentos em a boa andança.

Se eu entendesse que tal amigo como este nom deve ter o solitário em a vida apartada, certamente eu seria duro e nunca me parecerá que a vida solitária é quebrantada pela presença do amigo, mas entendo que per ele é bem apostada, e se me fora forçado leixar o amigo ou o ermo, ante quisera leixar o ermo que o amigo; ca eu em tal guisa me paguei do ermo, que nom enjeitava a amizade nem esquivava nem enjeitava a companhia do homem, senom se ele for de tais costumes de que devesse fugir em as cidades quem quisesse fazer vida assessegada.

Toda a nossa tençom enesto é que, assi como o solitário deve partir todas suas cousas com os amigos, bem assi deve partir a morada e a vida do ermo coneles; e som certo que concordará comigo Dom Séneca, que aqui está.

E logo o honrado filósofo Dom Séneca disse assi:

— Eu digo que nom há i nenhã possiçom de algum bem que seja com prazer sem companheiro, pero eu nom duvido que a vida solitária e apartada é grande e doce bem.

E disse logo o honrado solitário:

— E eu lanço fora da vida solitária nom solamente os maliciosos, mas ainda aqueles que som priguçosos e que nom ham arte nem engenho pera fazer nenhum bem. Ora, irmão, já entendes quais som aqueles a que eu reconto as

cousas que ditas hei e que hei-de dizer da vida solitária; mas, enquanto tens tempo, ajuda-te dele, ca, depois que passar, nom há i esperança de o cobrar; e passa-te a vida solitária e apartada; e ali cuidarás e pensarás as cousas proveitosas e lerás e haverás outros cuidados prazíveis e haverás o coração desembargado das prisões das cousas boas.

E haverás o teu corpo tirado de sô grave jugo e servirá a tua carne à tua alma; e, se algũas vezes revelar, logo tornará a fazer o que lhe mandar a alma, e haverás outrossi o teu corpo tirado e livre de mil trabalhos e de mil perigos e de mil escarnos, e poderás ir u te aprouver e seer e falar e calar e pensar ao teu talante. E nom te embargaróm nem turvaróm os homens negociosos e de grandes cuidados, aos quais nom avonda ser misquinhos, mas ainda pera ajuntamento grande da sua misquindade usam mal das misquindades alheias.

E, irmão, que te direi do prazer que há o solitário do mal trespassado? Ca muitas vezes é doce cousa nembrar-se das amarguras trespassadas e dos perigos que passarom; e outrossi a boa andança há em si seus perigos, e nom som mais poucos nem mais leves, e certamente mais enganosos que a má andança. Quanta, ergo, é a deleitação e a segurança da vida do solitário que reconta os males e temores que passou há já grande tempo! Quanto prazer é ao homem que chegou a dous caminhos e em um deles tinha prestes a morte, e esteve pensando qual deles escolheria e em fim tomou o caminho da parte destra, per que passou em salvo, e deixou o da parte sestra, que era mortal, nom o sabendo ele!

Ca esto há o homem naturalmente: que quanto maior e mais prestes foi o mal de que se lembra do mal passado, tanto há maior prazer. E esto se mostra craramente depois das grandes enfermidades e depós os ventos espantosos e tempestades do mar que o homem passou, e depois que saiu da prisom do cárcer dos enmigos, e depós as batalhas de grande temor. E, porém, vemos que aqueles que som já sãos das grandes enfermidades e os que escaparam dos grandes perigos do mar e som já em salvo em o porto e os que foram livres das prisões sem havendo esperança de ser soltos e os vencedores das lides muito ameúde e com prazer recontam as estórias dos perigos que passarom.

E bem assi, irmão, se tu leixares a vida do segre por amor de Jesu Cristo e te passares à vida solitária, quanto pensas que docemente te lembrarás em teu coração dos afagos do mundo que despreçaste e das honras e das riquezas que leixaste e das deleitações da carne e das ameaças que despreçaste e das tribulações grandes que teveste em pouco e as passaste com alto coração, e de qualquer outra cousa que te pudera enganar e nom te enganou? Certamente todas estas cousas te lembraróm com grande prazer e deleitação, maiormente quando escapares de todo em todo delas, em tal guisa que nom há i medo de nenhum perigo.

## Capítulo XLVII

Quando eu, pecador misquinho, ouvi o gracioso falamento do nobre solitário, o meu coração se alegrava com a esperança de tomar tal vida como ele me aconselhava, em que há tantos bens. Mas logo era comprido de tristeza, entendendo que havia grande embargo dos meus pecados pera haver tam grande bem, de que nom era merecedor. E, porém, comecei a bradar em meu coração ao Senhor Deus, confiando da sua misericórdia, e disse:

— Senhor Deus, lembra-te de mi, ca a minha vida é vento. Que fortaleza é a minha pera eu sair do poder dos pecados? Nom há em mi ajudoiro nenhum nem merecimento. Os meses da minha vida som vazios de todo bem e as noites de grandes trabalhos vãos e compridos de maldade. Senhor Deus, perdoa-me, ca os meus dias poucos e maus traspassaram mais toste que a teia talhada, e amerceia-te de mi, Senhor, ca pequei e som feito mui grave e mui pesado a mi mesmo, em guisa que nom posso sair do lago mui profundo, se tu, Senhor, nom tirares de mi os meus pecados e as minhas maldades.

Como eu houve ditas estas palavras, logo a mui espantosa dona, com fero sembrante, disse:

— Homem pecador, abre os olhos do entendimento e entende que assi como se consume a nuvem e trespassa, assi será de ti, se decenderes aos infernos, e nunca sairás deles nem tornarás mais a esta vida, ca o Senhor Deus é justo e nom estenderá a sua misericórdia aos maus: ora vê, homem, se és tu do conto deles.

Como eu, misquinho pecador, ouvi estas palavras, nom ficou em mi palavra nem siso, ca bem entendi que era do conto dos mui maus. E com grande coita do meu coração, olhei a mui confortosa donzela, esperando dela consolação, assi como havia em costume; e logo me ela olhou com graciosa face e disse-me assi:

— Homem apressado, pára mentes e nom desesperes. Verdade é aquelo que minha irmã diz, que o Senhor nom se amerceará dos maus que em sua maldade querem perseverar. Mas se tu, pecador, te levatares das tuas maldades per pendenza e rogares o Senhor Deus, ele te fará justo e limpo e amansará a sua justiça e os bens da tua alma seróm acrescentados.

Quanto pensades que foi confortado o meu coração com boa esperança que pôs enele a mui graciosa donzela? E logo o grorioso ermitam solitário tornou a aquelo que tinha em vontade, a contar os grandes males da vida do segre e os grandes bens da vida solitária. E disse assi:

— Irmão, já bem vês como esta mui honrada dona e esta mui piadosa donzela te movem e amoestam pera pendenza por salvação de tua alma.

E como quer que as palavras delas pareçam desvairadas, pero todas vem à fim de tua salvação.

E pois que convém a fazer pendenza e te sentes carregado de muitos pecados, certamente o ermo e a vida solitária te é pera esto mui prestes; e porém, irmão, nom tardes, sai-te do arruído do segre e haverás muitos e grandes proveitos. Nom te pareça pouco nom haveres aquele nojo, que adur há o morador em as cidades que o nom haja, que nom tam solamente há discórdia com os outros homens, mas ainda consigo mesmo, porque a sua mente enferma lhe pare cada dia discórdia; e em nas praças todo o dia virám a ti os ajuntamentos dos sandeus que nunca outra palavra amiúde trazem em a boca senom “pesa-me”, “anoja-me”; e esta palavra: “nom sei que faça”. Eu creio que eles dizem verdade, que nom sabem que façam, ca se eles soubessem que fazer logo todas as suas querelas quedariom. Rogo-te que me digas qual é a cousa que anoja estes sandeus, senom a sua própria neceidade<sup>40</sup> e a sua própria sandice.

E logo disse Dom Séneca:

— E eu assi o digo, que toda sandice trabalha com fastídio e com enfadamento de si mesma, ca nenhum homem nom há prazer com as suas cousas, senom o sabedor.

Calou-se Dom Séneca e o sages solitário tornou a sua razom, dizendo:

— Verdaderamente assi é, ca estes tais sandeus nom lhes praz a vida que fazem. E nom é sem razom, porque a sua vida nom há nenhũa cousa firme nem prazível; nem sabem que façam, nem sabem pera que vivam.

Pois como pode ser que eles amem nem lhes praza aquilo que nom sabem pera que o usam? E muitos vivem em tal guisa como que nom cuidam que naceram senom pera servir a gargantoíce e ao ventre, e per esta guisa som eles em todo mal-aventurados servos, pois servem a tais senhores; e que esto seja verdade sem dúvida, soe haver questom antre eles: se a natureza desse ao homem tal vida que nom houvesse mester sono nem companha de mulher nem comer nem beber, e sem estas cousas houvesse folgança e filhos e sempre fartura temperada, se era melhor tal vida e mais pera desejar, que esta nossa vida misquinha, que é sujeita a tantas necessidades sempre e a tantas mínguas. Quantas vezes, per algum aquecimento, foi sempre a estas repartições! E, parando mentes calado ao acabamento das razões, poucas vezes vi algum que nom dissesse e determinhasse ousadamente que esta cousa de nossa vida misquinha era melhor que aquela bem-aventurança, dizendo ledamente com sandice: “Se nom comêssemos nem bevêssemos nem dormíssemos nem houvêssemos

40 No original: «necessidade».

ajuntamento carnal, que é aquelo que havíamos de fazer? Ou que vida é aquela que há-de vir, em que nom haverá os prazeres e os officios desta vida?”

Em tal guisa, que confessam sem vergonça que nom vivem pera outra cousa, senom pera aquelas cousas que havemos comües com as animálias brutas, e nom ham por perdido aquele tempo que partimos com o sono e com os deleitamentos carnaes, que se pode despender em melhores cuidados ou em contempraçom de Deus ou em conhocimento das cousas e em usança das virtudes. E o que é mais grave: eu dou por testemunha o Senhor Deus e a minha memória, que mais vezes ouvi todas estas cousas da boca dos velhos que dos mancebos, tirada toda esperança de mais saom conselho. Ca esta é agora a madureza e o siso dos velhos deste tempo, haver por misquindade serem tirados das deleitações, nom embargando que têm a morte ante seus olhos e mui toste há-de ser arrincada a sua deleitaçom da morada dos lembros podres e caidiça.

E entanto, é o nome da deleitaçom amado dos homens dê-la mancebia até a velhice maior, que nom querem a fartura que faz deleitaçom sem havendo a deleitaçom, nem cobiçam chegar àquelo que desejom, senom por atalho de caminho fedorento e lixoso. E assi som de todo em todo mal-aventurados caminheiros, que estam acerca do termo u ham de chegar e pagam-se do caminho e entejam o termo.

### Capítulo XLVIII

Antre aqueles nobres barões que ali estavam em companhia daquelas santas e honradas senhores, estava i um bispo mui honrado, com sua coroa de ouro, lavrada com muitas pedras preciosas, que davom mui grande craridade; esta coroa tinha ele a redor da mitra pontifical. A este honrado bispo disse aquela mui fremosa dona:

— Dom Agostinho, grorioso e icelente doutor, parece-me que estas palavras que ora disse o honrado solitário som já quanto escuras; praza-vos falardes algũa razom, per que este pecador as possa melhor entender.

E logo aquele grorioso bispo e maravilhoso doutor começou sua razom enesta guisa:

— Aqueles que despreçam e têm por vil a saúde do corpo, mais querem comer ca ser fartos, e ante querem usar de seus lembros desonestos ca nom haverem o movimento e o desejo da obra deles. E outros há i, que mais lhes praz dormir que estarem espertos em folgança.

E, pero toda a fim de todas estas deleitações seja nom haver fame e sede, por tal que hajam folgança e deleitação em comer e em beber. E querem haver ardor de luxúria por haverem deleitação carnal e querem ser cansados por haver folgança do dormir. Estes tais se pagam de haver minguá e mester, que é começo de mui grandes dores da alma e do corpo. E, porém, esto que eles amam será acrescentado eneles em no inferno, u haveróm choro e apertamento e estrangimento dos dentes.

### Capítulo XLIX

Depois que esto disse o grorioso doutor Agostinho, chegou um religioso mui honesto, per sembrante e per vistiduras da Ordem dos Pregadores. E trazia em sua cabeça um barrete mui fremoso, assi como ham costume de trazer os mestres em teolisia; a sua saia era mui alva e o escapulairo outrossi sem mágoa nenhũa, ca sua capa de color prata mui viva. E os doutores que ali estavam o receberam mui bem e assentaram-no consigo, em a fim do assentamento. E este doutor me olhou um pouco, com sembrante sanhudo, pero nom turvado, mais assi como de homem que me conhecia e que me havia boa vontade. E eu conhoci-o mui bem, ca muitas vezes o havia visto, sendo ele vivo sobre a terra, e muitas vezes falara com ele e recebera dele muita doutrina de saúde, como quer que a eu nom cumprisse per obra.

Este religioso trazia ãa capa toda molhada, em guisa que corriam dela muitas goteiras de água e esso mesmo a saia e as outras vestiduras e toda sua cabeça e corpo era todo banhado em água. E eu entendi que ele havia perigado em o mar pelo azo do Diabo, por torvar algũas cousas do serviço de Deus Nosso Senhor, que per ele puderam ser feitas. Entom lhe disse a mui fre-mosa dona:

— Amigo mestre Vicêncio, pois que vos Deus aqui adusse, dizede algũa cousa em ajuda deste feito em que estamos, ca assaz saberedes falar em toda cousa do proveito dos pecadores; ca como quer que a vossa morte fosse em perigo do mar, nom deve ser teúda por perigosa à vossa alma, pero que travom enelo aqueles que menos<sup>41</sup> sabem, dizendo que nom foi boa. Mas estes, que esto têm<sup>42</sup> e razoam, nom param mentes às mortes dos santos, quanto foram desonradas e cruéis e perigosas aos corpos, e nom se lembram ou nom

41 No original «meos». Como em «aas» (=alas) e «maaes» (=males), corrigimos para «menos».

42 Sustentam; defendem.



sabem como o vaso escolheito Sam Paulo, recontando as mortes dos santos, diz que alguns deles foram alagados per perigo. E tal foi a vossa morte, que nom deve, porém, ser teúda por má nem as vossas palavras nom devem, porém, ser menos preçadas; e, porém, dizede a este pecador o que entendedes pera sua salvação.

Entom começou ele a falar contra mi enesta maneira:

— Ai tu, homem pecador, peregrino e esterrado da terra e dolçura celistrial, porque te retém tanto a vida do segre, vida triste e nojosa e revoltosa, vida trevosa e fragosa, cercada e comprida de espinhas, e estreita e lodosa e cheia de muitas coitas e cheia de trabalhos e de temores e de dores e de muitas quedas, vida comprida de mui misquinhos cuidados?

O temor nom te leixará dormir nem folgar, mais firirá e pungirá a tua alma. Ca o homem que vive em o segre há muitos temores, ca ele há temor de morrer em água ou em fogo ou per espada ou em forca ou em cova e per cair casa sobre ele; e há temor de lhe fazer a mulher adultério ou de lhe morrer o filho e há temor de ser esbulhado ou espeitado, e teme de cair em proveza e em míngua e teme-se de ser confundido e envergonçado per mal-dizer que dele digam, e teme de ser condanado per falso testemunho e há temor de muitas outras misquindades que lhe podem vir, posto que nunca lhe avenham.

Muito atormenta o homem a esperança que há de algũa cousa, quando se perlonga, ca assi é anojado como se estevesse pendurado. E quando acontece que de todo é perdidoso da esperança, entom o seu coração é todo traspassado com tristeza e tanto se dói mais, quanto maior prazer esperava. Pára mentes, homem pecador, esterrado da terra celistrial, e consira quantas misquindades padeces enesta vida, ca a terra e o ar e todas as cousas vivas e as que nom ham alma som armadas contra ti, porque quebrantaste os mandamentos do Senhor Deus, por tal que per juízo de todas as cousas sejas atormentado, pois que fezeste enjúria e desonra e dano a todas as criaturas, ca toda criatura deseja e espera a grorificação dos homens, e tu a fazes retardar quanto em ti é, per pecado, porque andas navegando per teu coração, ca tu ali te vás u te leva o coração, que é corredor e andador mui arrevatado que nunca há estança nem assessego.

Ó tu, mal-aventurado seguidor de um andador que nunca é estávil, camineiro mui ligeiro e mui trígoso mais que os ventos: o teu coração busca folgança em muitas cousas e nunca a pode achar em nenhũa cousa nem lugar. Ele muda os conselhos e cambia as afeições e faz novas razões e corrige os juízos e edifica e pranta e destrue e ainda arrinca e abaixa e alevanta e dá riquezas e deita em proveza; ora despreça, ora dá honra, ora louva, ora pensa que está assentado

com o príncipe em cadeira e em honra. E logo cuida como é prelado e dêi i pensa como está em conselho dos mais honrados, e logo joga com os moços e dêi i entra em nos lugares da luxúria e em as praças trauta os negócios do seu amigo e mui toste o quer destruir com sanha, ora se vai ao açougue, ora salta em a peleja e ora é em o inferno e mui poucas vezes vai ao céu; e quer julgar os feitos do Senhor Deus.

Cai logo em muitos cuidados estranhos. Nom há no mundo escritura que pudesse avondar pera demostrar as carreiras do coração, duras e desvairadas e pirigosas e sem segurança. Pecador, sei percebido, ca sabe por certo que em todo lugar som os demões armados e asseitados com laços e com dardos e setas de fogo pera ferir e chagar o teu coração e em todo lugar e em toda hora está preste o demo e em todo lugar estende os seus laços e a sua rede, assi como caçador mui cruel, pera te caçar e pera te matar. Mas o teu coração embargado com os cuidados do mundo nom pára mentes per u vai e é turvado com revolvimento e, nom se percebendo, cai em o abisso e em a revolta dos pecados e tostemente é alagado em as ondas do mundo e em o pego do abisso das maldades.

Peregrino[no] misquinho e esterrado, porque te têm preso as possiões das cousas terreaes, que ham de perecer<sup>43</sup>, ca mais é verdade que elas possuem ti que tu a<sup>44</sup> elas. Tu és mais misquinho que os pobres, ca o rico é tal come o cam vermeoso e como a toupeira que jaz sô a terra e nom se avonda dela, temendo-se de lhe falecer, e é tal come o sapo sempre minguido. O rico é cortiço de moscas e peixe envolto e reteúdo em o limo do fundo do mar; e é camelo giboso e é homem encurvado com grave pesume.

As riquezas consumem o bô ardor da mente e da vontade do homem e degastam os melos da alma; a riqueza é febre contínua e mui grande cuidado do coração que sempre dura, e é servidom e cativo misquinho de que se paga o homem mui misquinho, e a riqueza é engenho dos ladrões e convidador dos roubadores e perigo daquele que a possui e é matéria de trabalhos e açoute espinhoso e traça que rói o coração.

A riqueza é peçonha das virtudes e sementeira de soberva e de enveja e de sanha, e é espada de sandeu e estormento de mintira e criamento de luxúria e de avareza e de gargantoíce. Pecador misquinho, tu pensas que com a riqueza escaparás da mesteirice e da míngua? O contraio é a verdade, ca certamente

43 No original: «parecer».

44 No original: «es».

aquele que muito há muitas cousas há mester; ca mester há casas e fechaduras e firmes çarramentos; há mester servos e há mester bestas e há mester armas pera defender si mesmo e as suas cousas, e há mester muitos criados e muitos servidores; e per esta guisa se faz que as riquezas enganom o homem; ca ele pensa que é senhor delas e elas fazem-no servo e misquinho e fazem-no seu procurador e seu vigiador e cheio de muitos cuidados.

O rico misquinho vigia sobre o seu tesouro, e pera ele trabalha e pera ele obra: ali é o seu coração, ali é o seu olho e a sua mão prova e atenta muito amiúde a fechadura. As riquezas som peso e cárrega de cuidados e som deleitação que atormenta e som leito espinhoso e afagamento do esprito e roda de desassesego e causa<sup>45</sup> de fastio e de lides e de discórdias e de enmizades e despoboações e de cativeiros e adur trazem consigo algũa cousa de proveito, mas tiram ao homem a segurança e a folgança e geram proveza e míngua em a alma. E as riquezas nom sabem o nobre dom da amizade e queimam o coração e atam e legam as mãos. Pois tu, misquinho homem, que tens de fazer com as riquezas que tanto mal fazem? Ca bem sabes tu que todo esto é verdade; porém, faze com elas amigos os proves de Jesu Cristo, por tal que sejas recebido em as moradas perdurávis, e aparta-te do segre.

## Capítulo L

Despois que esto disse, aquele honesto religioso calou-se um pouco e eu, misquinho pecador, que bem entendia que todo era verdade, assi como ele razoava, disse assi:

— Senhor Deus, anoja-me a minha vida, porque vejo que todas as cousas do segre som vaidade e afriçom do esprito; e com todo esto, eu, misquinho, preso som enele, assi como em cárcer. Mas tu, Senhor Deus, a minha alma com angusturas brada a ti e o meu esprito coitoso. E ouve-me, Senhor, e amerceia-te de mi, porque tu és Deus misericordioso; amerceia-te de mi, ca eu pequei ante ti, ca tu és perdurávil e nom perecerei por sempre. Senhor, ouve agora a minha oraçom, que som morto em pecados, porque nom ouvi a tua voz, e som grudados e apegados a mi muitos males. Nom te queiras lembrar das minhas maldades, mas lembra-te da tua poderosa mão e do teu santo nome eneste tempo, ca tu és o Nosso Senhor Deus, e louvar-te-ei por sempre.

45 No original: «cousa».

Tanto que eu disse estas palavras ao Senhor, logo a mui espantosa dona tomou razom contra mi enesta maneira:

— Ouve tu, morador em a terra e que estás afundado em os negócios do segre, ouve e entende o juízo do Senhor que virá sobre ti. Nom é verdade nem misericórdia nem ciência de Deus em a terra, mas há i maldizer e mintira e homecídio e furto e adultério sobreavondosamente; e, porém, chorará a terra, e todo barom que mora em o segre e em os negócios do mundo será fraco e enfermo. E tu cairás grande queda, porque nom hás a ciência do Senhor Deus nem queres crer e obrar per ela e porque a tu empuxaste e afastaste de ti e enjeitas os seus conselhos. Porém, o Senhor Deus te empuxará de si. Tu esqueceste a lei do teu Deus e porém ele se esquecerá de ti e lançar-te-á em confusom perdurável. O Senhor visitará sobre ti as tuas carreiras e dará a ti galardom, segundo as tuas cuidações; leixaste o teu Senhor em nom guardando os seus mandados. E, porém, serás ferido mui cruevelmente pera sempre em o inferno.

E quando eu, misquinho pecador, ouvi estas tam espantosas palavras, nom ficou em mi fortaleza nem esprito; mas logo a mui piadosa donzela me olhou com os seus misericordiosos olhos e começou de me confortar com tais palavras, dizendo assi contra a dona espantosa:

— Irmã amiga, quanto vós sodes mui graciosa aos justos e quanto sodes áspera e espantosa aos pecadores tais como este! Ca verdade é, quanto vós dizedes que assi lhe avirá, se se nom tirar do cárcer em que jaz per seu grado. Mas ele estenda sua mão ao Senhor Deus e quede de obrar mal e comece obrar bem, e o Senhor, pola sua misericórdia, o livrará da mão dos príncipes das trevas; se ele bradar ao Senhor de todo coração, virá sobre ele a misericórdia do Salvador. E assi como ele agora vê o seu cativo em que jaz, assi verá mui tostemente a sua salvação, que virá sobre ele com grande honra e com esprandor perdurável.

Entom se tornou contra mi e disse:

— Pecador, torna-te ao Senhor Deus de toda parte e sofre e padece pendenza e o teu inimigo, que te perseguiu e te derribou em pecado, tostemente verás a sua perdiçom e subirás sobre o seu pescoço. Filho, anda pelas carreiras da pendenza com paciência; e assi como foi o teu siso pera errares e te partires do Senhor Deus, dès tanto te tornarás e converterás pera ele pera o buscares, e ele trazeirá sobre ti prazer e alegria perdurável.

## Capítulo LI

Calou-se a graciosa donzela e eu fiquei confortado com boa esperança, pero com grande temor da espantosa dona. E logo a mui freiosa dona disse ao honesto religioso que tornasse a seu falamento tam proveitoso e tam verdadeiro. E ele o fez mui de grado e começou logo contra mi razoar enesta maneira:

— Per ventura pensas tu, pecador que vives em o segre, que, se fosses mui poderoso, que serias enxemplo de seres isento e livre de misquindades? Rogo-te que preguntes àqueles que têm provado as dinidades e os poderios do mundo, e eles te dirám quanto sabem da sua má ventura e do movimento do seu estado. Quebrantados som de muitos males sem conto; sempre é em o coração do príncipe batalha de graves cuidados continuados e arruído dos negócios que nunca queda, e revoltoso arruído de preitos e de negócios, e ondas de tormenta de desvairadas necessidades e contrairas, que quebram em o coração com grandes temores e topam enele arrevatosamente e rompem o seio do coração, que nom há assessego.

E o coração do príncipe com grande confusom de fortes ondas soa: ali é torvám de sanha; ali é névoa de soberva que fumeça; ali é vento de vaidade que nunca cessa de reinar em o coração do poderoso; ali cantam os louvaminheiros, assi como sereias do mar; ali seê o ajuntamento dos vogados mentirosos, e tal é o coração do príncipe como o mar: ali som os conselheiros luxuriosos, assi como as moreias, que saem a terra pera se juntarem com os covros; ali é a avariza assi como baleia; ali é a amargura da aucídia; ali é comprimento de temor e de movimento.

Os príncipes som fundamentos que têm sobre si todos os súditos, porque eles de necessidade ham suster sobre si todo o cárrego do pobo e da prol comunal, ca todos os mesterais e os cavaleiros e homens de armas e lavradores e mercadores e os justos e os roubadores, e todos os outros homens de qualquer condiçom, todos trilham o coração do príncipe e ali som deitadas e escondidas todas as sujedades do comum, assi como em lugar mundanal, porque ao príncipe som recontados os homecídios e os adultérios e os enganos e as ladroíces e todos os outros malefícios, ca de todos os malefícios convém a ele haver cuidado e dar conselho e desembargo: e, porém, é ele mais misquinho, porque em no seu coração som ajuntadas as misquindades de todos os homens e de cada uns.

E, se o príncipe tem coração piadoso, afrige-se, porque a lei manda atormentar e matar os malfeitores e teme de ser contra a justiça, se o assi nom fez. E de outra parte teme-se de o terem por cruel, fazendo justiça, e teme de assanhar os amigos e os parentes daquele que quer justiça, e teme-se de despreçar

os rogos daqueles que lhe rogam polo culpado. E, de outra parte, teme as vozes do acusador e do agravado, que soem entrar em as orelhas do Senhor Deus.

Misquinho é o estado do príncipe, ca, se som muitos aqueles que o puseram em aquele estado, forçado é que ele de necessidade que tome de muitos pera dar àqueles que o fizeram príncipe; e dali donde espera ganhar amigos, dali levanta contra si maiores enmigos. E aqueles que comprou per preço e nom per vertude nom som seus amigos fiéis nem estávis, e convém que tema aqueles de que tomou o seu pera dar aos outros; e, porém, fica sempre em grande cuidado, ca nom sabe de quem se segure nem em quais haja fiança, se em aqueles que comprou por preço, se em aqueles que esbulhou. Porque aqueles que houve pera si por preço amam o preço e nom a pessoa, e os outros tanto som anojados, que lhes prazeria que a pessoa do príncipe e os outros perecessem e fossem destruídos; e porque se trabalha de defender-se de todos, porém lhe é forçado ser servo dos seus defensores. Ca ele teme os nobres que criou e manteve com o haver do mau ganho, e muito mais teme os pequenos e os baixos, que som sanhudos, porque lhe tomou o seu. Se o príncipe nom dá mui largamente, faz criação de enmigos e nom sabe como possa escapar destas cousas. Oh, que mal-aventurado estado é o do rei ou do príncipe, porque nom é seguro de nenhũa parte, ca, se faz justiça, logo é turvado pelo alevantamento dos maus, e se leixa de fazer justiça, há temor de ser acusado pela boca os bôs; se despende largamente, há temor de perder o amor do pobo e se leixa de dar gradamente, teme a traiçom dos grandes; e se muito conversa com as gentes, despreçam-no, e se se aparta das gentes, dizem dele que é apartadiço e nom é amado; se é piadoso, acusam-no que é negrigente e deixado e se é rigoroso em a justiça, dizem que é cruel.

Ora pára mentes, pecador que vives em o segre, quantos males ham aqueles que som moradores em o segre; e, porém, tu nom desejes senhorio, se queres tirar de ti os mordimentos dos cuidados grandes, se cobiças esquivar os tormentos e os pungimentos dos maus. Ca a grória do senhorio, que os baixos têm e cuidam que é mui alta, sujeita é a muitas quedas e junta e obrigada é a mil perigos. E, porém, os príncipes e os senhores do mundo som mui misquinhos e ham muitos e graves cuidados e pressas dentro em seus corações. Ca, se eles som nobres per sua geraçom e per sua nobreza ham o senhorio, muito amiúde os atormentam os escorpiões da soberva, e, se nom som senhores per nobreza, mas per ventura, muitas vezes som anojados e tristes em si mesmos, quando entendem que nom som nobres per si nem per sua geraçom. E qualquer honra que lhes fazem nom lhes abasta, ca entendem que a fazem à sua dignidade e todo lhe parece que é assi como desonra à sua pessoa, que sabem que nom é nobre nem merecedor

daquelo que lhe fazem. E, porém, a honra que lhe fazem é-lhe grave e nojosa, porque entendem que a nom fazem a eles, mas ao grau em que estam.

E se acontece que antre os príncipes e os senhores haja algum deles humil-doso — que é tam caro de achar como antre os cirnes algum negro — e este tal, porque sabe que estas duas cousas som juntas, convém a saber, ódio e reino, e que a alteza sempre traz consigo enveja, ele mesmo é testemunha certa da sua má-ventura a si mesmo. Outrossi, quanto o poderio é maior, tanto é sujeito a maior temor, assi como as cousas altas mais fortemente as ferem os ventos e coriscos e as tempestades, e os ramos mais altos das árvores qualquer vento os abala. Bem assi, pára mentes, pecador, que aqueles que vires em maior alteza em o mundo, aprestes lhe som muitos aquecimentos e muitas quedas; ca os grandes do segre sempre estam em temor e nunca seguros, nem ham paz em seu coração, e aqueles que ham senhorio ou poder sobre os outros mais temem que outros alguns.

O mundo arma todos os seus algozes contra o príncipe e faz-lhe batalhas dentro em a sua terra com os seus, ca os que vivem em casa do rei e os estranhos e os do pobo e os cavaleiros e os oficiais e os conselheiros, todos cortam polo rei com espadas das suas línguas e o espedaçom; ca uns dizem dele que é negligente e deleixado, e outros dizem que é cruel e rigoroso; e outros o chamam nêicio e sem saber, outros dizem que é falso e enganoso; e outros o chamom escasso e avarento; e outros dizem que é estragoso e outros dizem que é atrevudo como nom deve, e arrevatado; e outros dizem que é temeroso e covardo. E tantos talhos som feitos enele, quantas cabeças há em o reino e quantas consirações dos homens podem consirar. E nunca o rei come um bocado seguramente, com temor de peçonha; e quanto a vianda é mais saborosa, tanto há i maior temor. Nem mora seguramente com o seu próprio filho, porque se teme que é cobiçoso de reinar mais que deve.

Todas estas cousas avém e padece o rei, posto que seja bô, ca ele é triste polas cousas que se fazem em o reino contra justiça e mui cuidadoso polos malefícios e pecados. Ele é escudo dos súditos, que recebe em si os dardos e os golpes; e é muro em que ferem os engenhos, pedra é em que topam todos e pedaço de ferro em que lavram e ferem os martellos e é lago de tribulações; e, demais, o espanto do juízo de Deus nom o leixa ser seguro, porque entende que há-de dar conto por todos seus sujeitos.

Pára mentes, pecador, quantas misquindades há em o príncipe, ainda que bô seja. Mas que te direi do mau príncipe e do tirano, que todos há por suspeitos, assi os bôs como os maus? Ca a vertude alheia faz a ele que haja temor, e ele, que é cheio de maldades, teme a maldade alheia. Ele sabe que a justiça

naturalmente é contraria à maldade e ele nunca queda de contrariar à justiça com sua maldade percebida. E aquele que é ousado de fazer muitos males teme-se de padecer muitos males.

O tirano há grande temor da ousança dos treidores e, porém, se trabalha de ser cercado das espadas das suas guardas, por tal que o temam os outros. Ele é cheio de temor e mui merecedor de morte e é guardado da morte pelo ofício dos que o aguardam. As mãos do tirano contra todos e as mãos de todos contra ele; ca assi os que som bôs e justos, como os que som maus e nom justos, todos fazem fala e ajuntamento contra ele. Os bôs som contra ele por tal que a justiça seja livre e a prol comunal seja salva, e os que nom som justos som contra ele, por tal que a maldade dele fosse punida e o seu poderio sobervoso fosse abaixado. Ora pensa, pecador, que é aquele que há em o segre e em a vida segral, pois que aqueles que ham maioria padecem tantas misquindades?

Mas per ventura pensas tu que os prelados e pastores da Igreja ham muito bem e muita folgança em o mundo. Sabe por certo que nom há cousa mais misquinha ante Deus e ante os homens que o pastor que nom é dino; ca ele vê sobre si um requeredor mui rijo que lhe demandará conta do dom que lhe deu, e com grande diligência lhe requererá as ovelhas que lhe encomendou e deu em guarda. Ca o Senhor Deus diz: «Eu requererei as minhas ovelhas da mão do pastor». E fala espantosamente contra o pastor deleixado, ameaçando com morte perdurável. Todas as riquezas e os viços e os serviços dos servidores e as reverenças que fazem aos prelados, todo lhes amarga, quando som tintos com a fala de tam forte ameaça. Ca nom é doce nenhũa cousa àqueles que esperam em engolir mui grave bocado que nom pode ser escusado.

O prelado há em si grande confusom e vergonça, quando vê que os súditos fazem boa vida e ele vive mal, e quando vê que traz sobre si pele de ovelha, e sô ela encobre o coração do lobo; voz há de pomba e há a vontade de corvo. A sua vida é de porco e a sua pregação é de anjo. Especialmente percude o prelado muito, porque enele páram mentes os olhos deles todos; e se per ventura algum prelado ou pastor for tal qual deve — a qual cousa acontece mui poucas vezes, assi como aquela ave fénix, que nom é mais que ãa em todo o mundo — tal prelado ou pastor, que é bô, cercado é de muitas misquindades. Ca os bôs prelados sabem que eles som guiadores daqueles que lidam com o diabo e contra as suas obras e contra carne e contra o mundo. Eles som marinhos daqueles que andam em os perigos do mundo. Eles som tais, que ham de guardar o paço do rei celistrial, que é a santa Igreja, e as ovelhas do Senhor. E sabem bem que eles som caçadores das almas e pescadores dos homens do mundo. E, porém, com todo cuidado se trabalham que em todas cousas usem



per tal guisa, que, enquanto trabalham e servem em ùa cousa, nom os repreendam que som negrigentes em outras.

Ai! Em quantas partes convém serem partidos aqueles que som feitos fiadores e obrigados por muitos, ca eles choram por aqueles que pecam e estudam por aqueles que erram. Eles seguem aqueles que os despreçam e abraçam aqueles que os ferem e condecendem com piadade aos minguidos e levantam os que caem, e consolam os que choram, repreendem os que riem, alimpam os sujos, louvam os virtuosos e castigam os que usam dos pecados, amoestam os sobervosos, confortam aqueles que som fracos de coração; e fazem tornar os desesperados a boa esperança e sujugam os atrevudos, apacificam os desacordados e departem os que som desconcordados em mal.

Ora, pára mentes, pecador, que estes bôs prelados, que som partidos em tantas partes, em tantos cuidados, como podem ser bem-aventurados em a vida do mundo? Como nom som misquinhos aqueles em que primeiro ferem todos os levantamentos das tentações? Ca o diabo junta todas suas forças e todos seus engenhos e todas suas artes e enganos e todo seu esforço pera enganar o prelado pera sua má sabedoria e pera o fazer fraco per seu aficamento ou pera o dirribar, vencendo-o em batalha de tentações, por tal que, depois que ele for em defalecimento ou vencido, ou livremente engane as ovelhas que ficam desemparadas.

O prelado é muro dos sujeitos, em que ferem os engenhos das tentações de dentro e de fora; assaz é misquindade ao prelado ser teúdo fazer bem àqueles que nom ham vontade de o receber e ser teúdo de contra[r]iar aos amigos e àqueles que ama. Quanto é misquinho aquele que nom confia poder satisfazer por seus pecados e teme ser condanado polos alheios, ca os pecados de cada uns som contados a ele!

## Capítulo LII

Quando eu, pecador, ouvi as cousas suso-ditas pelo mui honesto religioso, entendi que assi era como ele havia razoado. E muito avorreceu a minha vontade haver ofício de regedor per nenhũa maneira grande nem pequena, entend[*end*]o que há i grandes cuidados e grandes perigos; e disse:

— Verdadeiramente, eu bem entendo as muitas<sup>46</sup> misquindades, que há em na vida dos príncipes e senhores e prelados e dos outros regedores do mundo. Mas parece-me que a vida dos outros créligos é em grande paz e em

46 No original: minhas.

grande assesego e que som livres das misquindades que ham os homens que vivem em no mundo.

Entom respondeu aquele honesto religioso enesta guisa:

— Homem pecador, pero assi a ti parece como tu dizes, sabe por certo que a ordem dos créligos sujeita é a muitas misquindades, assi de culpa como de pena, segundo se mostra per experiênciã. Ca eles, que som gente santa e real sacerdotio, geraçom escolheita, há muitos som desvairados e desviados desto e contrairos per seus costumes e per suas vidas; e posto que sejom alguns que vivam bem e como devem bôs créligos, assi como som alguns ministros sacerdotes piadosos, pero estes tais, muitos som protegidos com aguilhom muito agudo em a sua consciênciã duvidosa, quando pensam em aquela palavra que é dita a eles pelo Senhor, que diz assi: «Eu te dei por atalaiador e esguardador à casa de Israel» — que se entende o pobo cristão — «eu requererei a sua alma da tua mão».

Qual é aquele que tem o coração tam duro, que se nom espante de tal sentença, e qual é aquele tam sem siso, que nom senta esta seta tam aguda desta palavra, que a verdade falou pela boca do profeta? Porém, o sacerdote que é justo e temente Deus amiúde repete e pensa com grande coita em seu coração, dizendo: «Per ventura pecarom os meus filhos? Per ventura foi negligente em os correger? Per ventura tive maneira de correger mais altamente que de vera? Ca fize aspereza u de vera fazer piadade. Ai de mi! Porque me calei? U de vera falar cousas mais proveitosas, falei cousas de mais pouco proveito; anojei e escandalizei os homens com palavras enjuriosas e curiosas e escoimadas. Houve receio da fala do poderoso e recebi a pessoa do rico; nom curei do pobre e nom arrependi o poderoso. E, porém, per ventura a minha alma cairá em morte pola alma dele. A mi é necessário denunciar e repreender os pecados e, fazendo assi, vem sobre mi o juízo de que julgo os outros e condano mi mesmo. Eu, que som guloso, prego o jejum. Eu, rico e avondoso, prego proveza. Pregos os conselhos de Jesu Cristo e adur cumpri eu os preceitos. Dicipulo som eu dos fariseus e nom de Jesu Cristo, que fazia e ensinava; mas eu, com os fariseus, ponho cárregos mui graves sobre os ombros dos homens e nom os quero tanger com o meu dedo. Quando quero cantar louvores a Deus, o meu coração deve ser aprestes pera tentaçom, ca dura batalha é reter e assesegar em cousa certa o coração, que nom é estávil, e o escorregamento da mente e o seu olvidamento da memória, maiormente em o tempo do rezar e do orar, em no qual o enmigo aparelha muitos estorvos».

Estas cousas e outras muitas padece o sacerdote em sua consciênciã, posto que bô seja e bem viva. Qual é o sacerdote que se nom ensuja em algũa guisa quando lava as sujidades dos outros? Qual é aquele que nom sente pungimentos

em sua consciência, pensando que foi mais piadoso que devera àquele que se confessou a ele? Ou que lhe foi mais áspero ou menos percebido em lhe dar remédio ou menos sages em lhe dar conselho, ou se perguntou mais que devera, ou se foi mais pouco sabedor em perguntar? Qual é aquele que tem em seu coração e em sua memória todas as cousas da Escritura que cumpre pera a pendenza? E, porém, por estas cousas e por outras semelhantes vive o sacerdote em temor e em misquindades, posto que bô e piadoso seja. Pois tu, pecador, qual vida querias fazer ou que vida fazes em no segre, e qual maneira querias ter antre os negócios e os arruídos e muitas e grandes fadigas do mundo?

### Capítulo LIII

— Per ventura pensas tu, pecador, que aqueles que vivem em as cortes e em os paços dos senhores som bem-aventurados? Oh! Se bem pára mentes, quantas misquindades e quantos tormentos padecem! A sua vida é mui coitada, ca eles, quando estam com o príncipe ou com o prelado, oferecem-lhe louvaminhas. Estes som testemunhas nom de verdade, mas de falsidade, mesteirais som de enganos e de error; em tanto louvam o príncipe, que o querem mostrar igual a Deus, sendo homem mortal. Estes som cães gargantuões e aves garridas<sup>47</sup>, ca mordem e matam quando querem. Estes nom retêm nenhũa cousa da sua vontade, ca toda a sua vontade é segundo lhe mostra o príncipe a sua. Eles riem com o senhor que ri e choram quando ele chora, e som sanhudos quando ele é sanhudo e mansos quando é amansado, e louvam quem ele louva e brasfamam quando ele brasfama.

Estes misquinhos nom ham per si nenhum teor, senom tam solamente aquelo per que querem aprazer aos senhores. E em no paço parecem anjos, e em sua pousada som demões, ca mostram em praça que som vogados pola justiça e em sua casa som roubadores daqueles que têm dereito e nunca perdem enveja nem suspeita; quando vêem falar outrem com el-rei, ou o ham per enmigo ou o temem por suspeito. E gabam muito seus padres e sua geraçom e chamam-se de linhages estranhas e apropriam a si nomes e alcunhas e títulos. Trabalham-se por irem ante os outros e querem vantagem em nos assentamentos e em as outras cousas e padecem grande tristura e vergonça quando

47 Apesar de não estar registado por nenhum dos lexicógrafos consultados, o contexto parece sugerir que o sentido do termo “garridas” estará aqui associado a “garras”, designando “aves de rapina”.

lhes esto nom vem à sua vontade. Oh, vida misquinha, em que nom há nenhum lugar de segurança! Todos lhe ham enveja, àquele que é mais chegado ao rei. E, porém, muitos o mordem e espedaçom com suas línguas.

Aquele que vive em o segre, alongado do rei, nom é preçado; aquele que é conjunto conele, trabalham-se muitos polo dirribar; e aquele que é meãmente, este há temor do outro, que é mais chegado e mais poderoso. E, porém, aqueles que vivem em nos paços dos reis e dos senhores antre si mordem-se uns os outros e antre si se despreçam e se miseram e se enganom e mentem uns aos outros e profaçom e murmuram uns dos outros e acusam uns os outros. Verdadeiramente, eles som corrutos e avorrecidos em seus feitos e em suas cuidações, e nom há i tal que faça bem. A sua garganta é sepulcro aberto e obram enganosamente com suas línguas. Peçonha mui forte é de sô as suas línguas. Ora, pecador, pára mentes, em a vida dos negócios do mundo e como vivem em tanta misquindade todos aqueles que vivem em no segre, de qualquer estado que sejam. E, porém, se bem aconselhado queres ser, deixa o segre e toma a vida apartada, pera escapares de muitos males e de tantos perigos quantos avêm aos negociadores do mundo.

## Capítulo LIV

Já ouveste e sabes os males e os perigos daqueles que parece que ham o melhor enesta vida, assi como som os príncipes e os seus achegados, e os prelados e os créligos, que per ventura tu pensas que vivem mais folgadamente. Mas eles padecem muitas tribulações e muita má-ventura, segundo te é recontado. E muito mais, pois, que será dos casados, ca o homem casado há consigo pena e padicimento que nom pode esquivar e tormento continuado e mal necessário e batalha de dentro de si mesmo? Porque a mulher desseca o homem per muitos e desvairados cuidados: enmiga é da contempraçom. Sem conto som os cuidados do casado, ca ele há mui grande cuidado dos filhos, ora cuidado dos servidores. Posto que nom queira, nunca a sua mente há folgança. E ainda que a mulher seja mansa e temperada — que adur pode ser achada antre mil — nom pode tê-la o homem sem amargura de graves cuidados.

Grave cousa é ao pobre manter mulher, e grande tormento sem termo é ao rico satisfazer a vontade de sua mulher, ca ela há mester muitas vestiduras e muitos e desvairados apostamentos sem conto, em tal guisa que as rendas nem os bens nom podem avondar. Mester há homens e mulheres que a acompanhem, e quer que a honrem u quer que for; e se lho nom fazem quando ela vem pera

casa, quem poderá sofrer os seus dizeres e os seus achaques e traieitos contra o marido? Quem poderá sofrer os seus ciúmes sem razom e as suas suspeitas? E se ela ãa vez tomar o poderio de reger e o senhorio da casa, logo o marido será servo por sempre. E se o marido lhe nom der o regimento da casa, ela nom é fiel a ele, pois que suspeita que o marido nom se fia enela. Com quantas artes e com quantas lágrimas se trabalha de haver o senhorio em a casa, e se per esto nom podem, muito é de temer a peçonha e as amavias. E, porém, disse o sabedor: «Achei a mulher mais amargosa que a morte, e mais me praz morar com o dragom e com o leom, que com a mulher má».

Qualquer que este jugo do casamento pôse sobre seu pescoço, convém que o sofra sempre, ca forçado é ao casado que retenha consigo sua mulher, ainda que seja de maus costumes ou feia ou aleijada; ca, se a leixa, cai em pecado mui grave, e se a tem consigo mal-acostumada ou aleijada, padece dor continuamente e nojo. Se fremosa é e casta, o marido que se trabalha de a guardar toma trabalho em vão; se nom é casta, nom lhe proveita seu trabalho, ca mui cara é de guardar aquela que muitos amam. Pois tu, pecador, nom penses que os casados vivem em assesgo da sua alma em o segre. Ca bem entendes e sabes que todos estes males, e outros muitos que se nom podem contar, padecem os casados e os outros quaisquer que vivem envoltos em os negócios do mundo e que ham de ter e reger casa e manter em as cidades e em as vilas e em os outros lugares. Mui misquinho é o coração daquele que vive em os cuidados do mundo, que solamente em um pouco de tempo nom pode cuidar em si mesmo. O seu coração nom é com ele, mas ali u tem o cuidado, e é partido em tantas partes quantas som as cousas e os negócios de que tem cuidado.

Nom há em o segre ofício nem mester em que nom haja muitas misquindades, ca em cada um estado e ofício e mester há pressa e misquindade dê lo maior até o menor; em tal guisa, quando se algum bem entender, cada um per si nom ousará ter por mais bem-aventurado um que o outro. E um ofício é enmigo do outro e muitos som enmigos de um, em tal guisa, que em todos e em cada um dos ofícios do segre, acharás afriçom do esprito e querelham-se todos uns dos outros. Ca os que trabalham se querelham da folga dos créligos, e os usureiros se querelam dos prelados que os excomungam e os príncipes se querelam que os seus sujeitos nom som fiéis; os vogados se querelam dos juízes e os mercadores se querelam dos portageiros e dos que requerem os direitos do rei ou da comunidade. E lavradores se querelam dos caçadores e os regedores dos navios se queixam dos carpenteiros e os obreiros se aqueixam dos ricos e, per contraio, cada uns destes se querelam dos outros e enganam-se, quando podem, uns os outros e embargam-se e envolvem-se em muitas penas.

Quando eu, misquinho pecador, parei mentes enestas cousas que dizia o honesto e sages relegioso, entendi que era verdade e disse:

— Senhor Deus, amerceia-te de mi, ca o meu coração partido é de mi e espedaçado em muitas partes, segundo os desvairados cuidados do segre, e o lume do meu entendimento nom é comigo.

Tanto que eu esto disse, logo a dona espantosa me catou com fero semblante e disse-me assi:

— Tu, pecador sem piadade, nom quiseste nem queres ouvir a voz do teu Senhor Deus, pera fazeres e guardares os seus mandados. E, porém, virám sobre ti todas as maldições que som escritas em a santa Escritura e compreender-te-ám até que moiras. Porque tu nom quiseste nem queres servir ao teu Senhor Deus em prazer do teu coração com avondança de todas as boas cousas. E, porém, servirás ao teu enmigo, que é o diabo infernal, em fome e em sede e em nuidade e em míngua de todos bens. E poerá jugo de ferro sobre o teu pescoço e sobre tua cabeça, até que te quebrante de todo.

Oh Senhor bô, Jesu Cristo, como foi apressado o meu coração com as palavras da espantosa dona! E tornei-me à mui graciosa donzela e disse-lhe:

— Ó senhora, per ventura esquecer-se-á o Senhor Deus de se amercear ou pera sempre será iroso contra mi, em guisa que hajam de vir sobre mi as tormentas e tempestades da sua ira?

E a mui graciosa donzela respondeu-me em esta guisa, mui piedosamente, e disse:

— Filho, pára bem mentes, que verdade é esto que te disse minha irmã, esta dona que a ti parece espantosa. Mais, quando vier sobre ti aquela maldiçom que te ela diz, se houveres em ti arrependimento em o teu coração e te tornares ao Senhor Deus e obedeceres aos seus mandados em todo teu coração e em toda tua alma, tirar-te-á o teu Senhor Deus da tua catividade e amercear-se-á de ti e circuncidará o teu coração, tirando dele toda cousa sobeja, pera amares o teu Senhor Deus, com todo teu coração e com toda tua alma, pera poderes haver vida.

## Capítulo LV

Calou-se a graciosa donzela e eu fiquei confortado. Mas logo a fremosa dona me olhou com grande autoridade e disse:

— Eu chamo per testemunhas o céu e a terra, que eu proponha e faço propoer antre ti a vida e a morte e o bem e o mal e a bënçom e a maldiçom. Pois tu,

pecador, escolhe a vida, por tal que vivas e ames o teu Senhor Deus e obedeças à sua voz e que te aprendas a ele, ca ele é tua vida perdurável, e crê o conselho e a doutrina destes meus amigos e criados, santos homens e doutores, que te mostram a carreira que debes tomar, e leixa a vida dos negócios do segre e passa-te pera a vida solitária e apartada dos negócios e da conversaçom do mundo.

E logo ela fez sinal com seus olhos e com sua mão a um santo abade que i estava, em vestiduras de ermitam, e disse-lhe:

— Amigo abade Isac, rogo-vos que digades a este pecador o que sentides da vida de antre as gentes e da vida apartada.

E logo a aquele honrado abade começou sua razom enesta guisa:

— Como quer que os que vivem santamente em nas cidades e em as vilas vejam o Senhor Jesu Cristo em suas mentes, pero nom o vêem em aquela craridade em que apareceu àqueles que das baixas e terreais obras e cuidaçõs da vida autiva sobem e se apartam conele em o monte alto do apartamento solitário. Ca estes som livres do arruído de todas as cuidaçõs e turvaçõs terreais e apartados da mistura de todos os pecados levantados com mui pura fé e com alteza de virtudes. E a estes demostra Jesu Cristo em suas mentes a imagem da craridade da sua face, que merecem de o olhar com os olhos mui limpos da sua alma. E assi apareceu ele a Moisés e falou a Elias profeta em o ermo, a qual cousa Nosso Senhor Jesu Cristo querendo confirmar, e pera nos leixar enxemprom de limpeza e de pureza perfeita, como quer que ele fosse fonte de santidade inteira e perfeita e nom houvesse mester ajudoiro do apartamento, pero apartou-se em o monte, só, pera orar, ensinando-nos per esto que se nós queremos orar ó Senhor Deus com coração puro e inteiro, que nos apartemos de todo arruído e de toda confusom das gentes.

Tanto que esto disse a aquele santo abade Isac, logo o nobre solitário, que per espaço de tempo estivera calado, tornou a falar enesta guisa contra mi, dizendo:

— Amigo, já bem debes entender quanta melhoria há em a vida apartada sobre a vida dos arruídos do mundo, e quanto é perigosa a vida dos negócios mundanais. Porém, lança de ti a tardança, ca a perda do tempo mui grande é, pero seja de pequeno espaço. Ca tempo é que tornes a tua barca, em que andas navegando em as tormentas deste mundo, e que te venhas ao porto mais chegado<sup>48</sup>, onde lances âncora pera haveres folgança e assessego e leixa aos outros os cercamentos dos andares do mar e das terras, que som cheios de muitos perigos e de muitos trabalhos sem conto. Assaz provaste já e sabes quanto atormentam os cuidados da noite e quanto fadigam e enfadam os negócios e

48 No original: «chegada».

cansam os negócios de dia, e quanto fazem suar e anojar; bem sabes quanto espanto faz a noite e as trevas em as ondas do mar, quando é bravo e irado. E bem entendes quanto é grande o temor quando os marinheiros bradam pola nave que quebra em o penedo.

Já passaste per lodos e per pós e per tormentas e per ventos e per chuvas; já passaste frios e quenturas e asseitamentos de ladrões e de enmigos e de bestas feras; muitos males provaste já. E, assi como a ti pode ser deleitação de recontar os perigos de que escapaste, bem assi é a ti mui grande misquindade nom te apartares deles. Pois, leixa já os perigos e os tráfeços do segre àqueles que os ainda nom provarom. Passa-te ao apartamento solitário: nom hajas temor de padecer frio ou chuva, ca assaz te emparará a tua vistidura, posto que seja rústica e sem lavor, quando pensares como fugiste da cidade turvada e avolta, sem asseseço e sem folgança, assi como aquele que fuge e escapa das tempestades pera o porto seguro, com prepósito de viver em asseseço, escondido das tempestades do mundo, em aquela maneira e em aquele trajo que convém ao ermo e ao apartamento solitário.

Pois, amigo, di-me, que esperas ainda? O muito esperar é de fraco e enfermo coração. Ca, assi como o desasperar vem do coração vão, e tu, segundo me parece, nom hás o teu coração em teu poder, nom som maiores riquezas ao homem que haver o seu coração em seu poderio. A poucos acontece haver si mesmos em seu poder: nom há o homem maior nem mais nobre poderio que este. Per ventura receias de nom ter com quem fales contigo? Ca falar com outros todo o homem o pode fazer, mas falar consigo poucos o podem suportar. Sei tu um dos poucos. Às vezes falarás com outros e às vezes contigo, meditando e pensando, ca a meditação paga-se e ama o coração; e quantas vezes com os passos da razom subires a mui alta torre da mente celistrial per contemporanea das cousas celestriaes, tantas vezes te parecerá que tens as nuvens sô teus pés, assi como se esteesses em cima de mui altos montes.

Entom verás como enesta vida que fazes em o segre és cercado e coberto de mui grande escureza das cousas do mundo e de muitos errores. Entom verás em quantas trevas andas e entom entenderás que todas as cousas com que te alegras ou de que te dóis nom som nenhũa cousa. Enesta vida nom é nada todo aquilo que cobiças ou que avorreces: todo é chufas aquilo que te atormenta e te anoja. Entom verás que todas as cousas de que os homens em a mancebia ou em a velhice ham temor, todo é parecença assi como carantonhas e toda cousa que derriba e abaixa o homem ou o enxalça e levanta é vento mui pequeno, que o abala, assi como canaveia leve. Entom verás craramente que, afora a vertude, toda a outra cousa que é chamada bem-aventurança dos homens mortais nom



há em si nenhũa cousa firme; tam solamente a virtude faz bem-aventurados aqueles que abraça consigo e faz misquinhos aqueles que desempara.

Quando o nobre solitário estas cousas dizia, logo um filósofo que ali estava, segundo a mi pareceu, nom se pôde ter de falar e disse assi:

— Dom Francisco, e u vos fica dizerdes que cousa é vertude mais craramente? Ca assaz o saberedes vós dizer, se vos prouver.

E o nobre solitário lhe respondeu, dizendo assi:

— Dom estóico, filósofo mui sabedor, eu direi o que aprendi de vós e dos outros filósofos da vossa tençom. Eu digo que vertude é sentir de Deus dereitamente aquelo que deve e dereitamente obrar antre os homens. Ca, certamente, aquelo que tal coração houver nom lhe pode nunca avir ventura nojosa, mas sempre haverá boa ventura. Esto poderás tu alcançar em a vida apartada, ca ali entenderás e sentirás aquelo que te cumpre sentir do Senhor Deus. O que nom podes fazer em os arruídos da vila do segre, ali obrarás dereitamente, antre aqueles com que viveres e com que conversares.

## Capítulo LVI

Calou-se o nobre solitário, e logo a mui fremosa dona teve mentes aos doutores que ali estavam e aos outros santos homens que estavam calados. E disse assi:

— Amigos e criados, ainda nom é tempo de leixar assi este pecador, ca ainda está duro e vagaroso em seu bem. Levante-se antre nós um que lhe diga do que sabe e entende eneste feito.

E eles responderom:

— Senhora, mandade vós quem vos prouguer que fale, e logo será cumprido vosso mandado.

Entom disse ela a um doutor mui honrado que i estava antre os outros:

— Dom Reimondo amigo, praza-vos falar eneste feito em que estamos, segundo vosso bô entender.

E ele se levantou logo e começou seu falamento enesta maneira contra mi, dizendo assi:

— Amigo, como quer que este nobre solitário avondosamente falou e te disse já o que te cumpria fazer pera tua saúde, pero, pois que nossa senhora tem por bem que eu fale, a mi praz cumprir seu mandado. Ca se eu algũa cousa sei, ela mo ensinou. Porém, amigo, sabe por certo que, assi como te há dito o nobre solitário, que, se te passares à vida solitária apartada, ali haverás maior conhecimento do Senhor Deus e da mui santa Trindade. Porque, se tu

quiseres que o teu entendimento conheça da santa Trindade aquilo que lhe abaste, cumpre-te que o levantes sobre a natureza das cousas sensíveis, convém a saber, sobre as cousas que se podem compreender pelos cinco<sup>49</sup> sentidos do corpo, que se som: vista e ouvir e cheirar e gostar e palpar.

E outrossi cumpre que levantes o teu entendimento sobre a natureza das cousas que se podem imaginar, ca enquanto o teu entendimento quiser razoer segundo a natureza das cousas que se podem sentir ou imaginar, nunca será alto pera olhar e entender as cousas espirituais. E, porque a santa Trindade nom se pode sentir nem emaginar, necessário é, se algũa cousa dela queres saber, que tires pera ti o teu entendimento desnudo das cousas sem fim e sensíveis e imagináveis, e que sobre ele consires as semelhanças e as dinidades da beatíssima Trindade. E assi o entendimento será desposto pera receber a enfluência da graça de Deus, que o levantará pera conhecimento e sentimento do Senhor Deus. Nom, porém, que o teu entendimento possa compreender a santa Trindade, como quer que dela atanga<sup>50</sup> aquilo que lhe avonde, assi como quando alguém gosta a água do mar: per ùa pouca dela, entende que toda a água do mar é salgada assi como aquela que ele gosta. E se toda a água do mar gostasse, mais sentiria do salgamento dela que aquilo que sente em parte.

Bem assi, como quer que este enxemplo seja grosso, porque de Deus e da criatura nom podemos igualmente poer enxemplo, o intindimento do homem atange da Trindade aquilo que lhe abasta enesta vida presente, sendo alevantado assi como dito é. Mas nom compreende aquilo que mais é da santa Trindade, bem assi e muito menos sem comparaçom que o homem nom compreende em si toda água do mar gostando ùa parte dela. Ora me di, amigo, pensas tu que em na vida dos negócios do mundo poderás tu alevantar o teu entendimento pera conheceres e atangeres aquilo que te abaste da benta Trindade, assi como dito hei? Certamente, adur pode ser, ou nunca. Porém, se tu queres acalçar virtude, em que está tam solamente o bem, passa-te à vida apartada e ali poderás acalçar virtude, que é sentir de Deus dereitamente e obrar antre os homens dereitamente.

49 No original: «cinque».

50 Forma de 3.ª pessoa singular do Presente do Conjuntivo do verbo *atanger*: atinja; alcance.

## Capítulo LVII

Depois que o doutor Dom Reimondo acabou sua razom como dito é, calou-se e logo a mui fremosa dona disse a outro doutor que i estava:

— Dom Ricardo amigo, rogo-vos que dedes algũa doutrina a este pecador, per que seja ajudado pera aderençar sua vida.

Entom se levantou aquele doutor e começou sua razom enesta guisa, falando contra mi:

— Verdade é o que disse este nobre doutor Dom Reimondo, ca, se for apartado dos arruídos do mundo, pode o homem melhor saber e acalçar a santa sabedoria e a ciência da fé católica.

Mas ainda te mais digo, que se tu te queres esforçar pera subir o teu coraçom a alteza da ciência da santa Trindade e da encarnaçom do Filho de Deus ou doutra qualquer alta ciência, primeiramente e principalmente te convém trabalhar pera saberes e conoceres ti mesmo. Ca grande alteza de ciência é conocer homem perfeitamente si mesmo, e o conhecimento comprido do esprito razoável é monte mui alto que trespassa todas as altezas de todas as ciências mundanais e toda a filosofia do mundo. Ca, certamente, se os filósofos conheceram si mesmos perfeitamente, nunca adoraram os ídolos e nunca enclinaram a sua cabeça à criatura, e nunca alevantaram o seu colo contra o Criador. E porém, amigo, sabe por certo que quanto tu cada dia aproveitares e acrescentares em conhecimento de ti mesmo, tanto levarás caminho pera cousas mais altas, e quando houveres conhecimento perfeito de ti mesmo, entom estarás em cima do mui alto monte.

Queres tu subir eneste monte? Sigue Jesu Cristo, leixa os arruídos do segre e trabalha-te de conocer perfeitamente ti mesmo. Nom te espante o trabalho do caminho e a careza da subida deste mundo, que é aquele monte, nom te faça afastar afora nem retardar. Ouve e pára mentes ao fruto que haverás depois que subires eneste monte do perfeito conhecimento de ti mesmo. Queres tu ver Jesu Cristo trasfegurado em a craridade da sua majestade? Sube eneste monte, aprende a conocer ti mesmo. Queres entender a lei e os profetas? Queres ouvir o segredo de Deus Padre? Sube eneste monte do conhecimento de ti mesmo. Mas pera esto te cumpre trabalho e estudo do bem obrar e meditar e pensar e orar. Ora me di, amigo, como pensas tu, antre os arruídos do segre, haver estas cousas e ver Jesu Cristo em sua craridade? Certamente nom o vêem assi os moradores das cidades e das praças.

Pois trespassa-te do segre, que é o Eigito, trespassa-te dele com o corpo e com o coraçom. Leixa o mundo; vence ti mesmo, faz tua vida apartada em

que possas parar bem mentes em ti mesmo, e que possas despreçar ti mesmo e provar-te e reprovar-te. U pensas tu poder fazer esto? Certamente nom em nos negócios do mundo nem antre a conversaçom do segre, mas em a vida solitária e em no apartamento do ermo. Oh, que mui grandes cousas e espantosas! Oh, que milagres de tam grande prazer! Oh, que maravilhosos beneficios em tantas revelações divinais e em tantas visitações do Senhor e em tais conso-lações provam e gostam e honram; e honram com grande maravilha aqueles que som ensinados, per vida apartada do ermo e per conhecimento da sua própria infirmitade e fraqueza, nom confiar da sua própria força e virtude, mas presumir todo da piedade do Senhor Deus e que som ensinados lançar o seu cuidado em Deus e poer em o Senhor Deus a sua esperança!

Mas quem poderá recontar quantos sinais da fraqueza humanal provam e sentem os moradores do ermo que servem a o Senhor Deus, e quantos argu-mentos e provações da piedade do Senhor vêem e como chegam aos termos da perfeita humildade? Ali provam eles e a dolçura do manjar celestial quanto é grande a multidom da dolçura do Senhor, que ele tem ascondida pera aqueles que o amam. Ali gostam e vêem quanto é brando o Senhor, e quanto é bô o Senhor Deus àqueles que ham o coração dereito. Ali estam aos pés do Senhor e recebem a sua doutrina e provam e razoam e confessam quanto é mui grande a sua vertude e a sabedoria dele, que nom há conto. Ca ali há experiência e prova quanto é grande o Senhor Deus e muito pera ser louvado e nom há fim a sua grandeza. E ali o coração do homem, despreçando si mesmo e as suas cousas, trespassa-se todo em aquele Senhor em que é todo dom e toda graça perfeita, e retorna-se todo per mui forte amor em o Senhor Deus, que é fonte de vida.

E se tu queres chegar a este tam alto estado, cumpre-te que, com diligência, pares mentes e per grande tempo e amiúde enqueiras ti mesmo, até que aches entendas quejendo e qual és. E depois que conheceres ti mesmo, entom, per demonstramento do Senhor Deus, tu conhecerás quejendo debes ser e qual edificio debes aparelhar ao Senhor em a tua mente e em o teu coração, e entenderás com quais serviços cumpre a ti amansar o Senhor Deus. Mas enquanto a tua mente e o teu coração é derramado per desejos desvairados e per cuidações vãs, quando cuidas que merecerás receber esta graça? Certamente o coração e a mente, que nom pode ainda recolher si mesma em um e que ainda nom sabe entrar em si mesma, como poderá [*subir*] sobre si per contempraçom? Porém, amigo, aprende e trabalha pera apartar os vaguejamentos do coração e parte-te das conversações terreaes, se queres haver a contempraçom das cousas celistriaes. Porém, leixa a vida do segre e vai-te ao apartamento solitário, ca ali podes cobrar esta graça, se viveres justamente e percebido.

## Capítulo LVIII

Calou-se o doutor Dom Ricardo e logo a mui fremosa dona disse a ùa mulher ermitã que i estava:

— Amiga Dona Sinclética<sup>51</sup>, falade aqui algũa cousa sobre este negócio.

E ela começou a dizer assi:

— Como quer que eneste segre nom seja segurança, ca todos navegam em cousa nom certa enesta vida, que é assi como mar, pero assi como em o mar há lugares pedregosos e outros cheios de bestas marinhas, e outros lugares assessegados, bem assi enesta vida os que vivem apartados do segre navegam em parte assessegada, e os do segre navegam em lugares perigosos; e os solitários e apartados navegam em o dia, guiando-os o sol da justiça, mas os do segre andam em noite de neicidade, como quer que muitas vezes acontece que os segrais, navegando em a tempestade e em escuro, bradando a Deus e vigiando com o temor do perigo, salvam a sua nave, e os apartados e solitários em o assesego, per negrigência e per despercebimento, som alagados, porque leixam o governalho da justiça. Porém tu, amigo, se te passares ao apartamento solitário, sempre sei percebido e vigiante, que nom perezas da carreira justa.

## Capítulo LIX

Depois que esto disse Dona Sinclética, honrada padressa, logo a mui fremosa dona mandou ao nobre solitário que tornasse a seu falamento; e ele começou logo enesta guisa:

— Verdadeiramente os homens que vivem em no segre em os negócios e deleitações do mundo, se alguns deles querem levantar o entendimento em alteza espiritual, logo som cegados com o pobo e com o fumo do pobo e dos erros das gentes e ham o seu espirito coitado e sem grória. E como quer que às vezes a melhor natureza purgue e amoeste estes tais aficadamente que se partam de maus costumes, logo som tornados pelo arruído e pelo error do pobo antre que vivem, como dito é. Ca de ùa parte os embarga o ódio da vida que fazem, que entejom; da outra parte, a raiz do nojo e sobre todo o

51 Sinclética de Alexandria. Nasceu em Alexandria no século IV. Anacoreta e virgem cristã, viveu no deserto sem esconder a sua condição feminina. Foi uma das *Madres do deserto* que, de acordo com fontes da literatura egípcia, será autora dos *Apophthegmata Matrum*.

mudamento e desassessego do coração, que é a peor cousa que o homem padece enquanto vive.

Pois nom é maravilha que os feitos e os conselhos destes tais se mudem e escorreguem e que nunca hajam deleitação nem prazer em qualquer cousa que começarem, ca nom é aquelo o que eles queriam, porque nunca som certos de todo em todo daquelo que querem. Ca querer sempre ùa cousa certa é sinal do sabedor, e nom haver firmeza em as cousas que deseja, grande prova é de sandice; e o nécio nom há vento nenhum seu com que ganhe porto. E, porém, estes tais que vivem em nos negócios do mundo, ora som tristes, ora som ledos; ora som humildosos, ora sobervosos; ora som assesegados, ora som buliçosos e ora movediços come moços; e ora os velhos ham própia condiçom serem buliçosos e sem assesegado, assi como os moços pequenos. E esta condiçom é mais danosa e mais pirigosa em os velhos, porque som mais livres e sem prema pera usar de sua livreza, e despreçam aqueles que os castigam e encobrem-se com a autoridade da velhice. Empecem aos outros per mau enxemplo, ca, como quer que a natureza de cada um homem seja avondada de vícios e de males, pero grande parte dos males vêm do mau enxemplo; e peores som já aqueles que aprendam dos outros que aqueles que os guiarom pera mal.

Ora rogo-te, irmão, por Jesu Cristo, que me digas donde vierom tantas desvairadas maneiras de vistiduras e do modo do falar. Certamente desvestem os homens do segre a sua própia natureza e enjeitam os bôs costumes de sua terra e de seus padres; e nom honram nem lhes praz, senom as cousas alheias e estranhas, e logo se mudam, tanto que vêem algũa cousa de que se maravilhem; e todas as cousas alheias e estranhas lhes prazem e as suas lhes desprazem e queriam ser outrem e nom quem som; mas nenhum deles nom determina quem queria ser, per qual trajo ou per qual fala ou per qual razom; e porém cada um é desassemelhávil e desacordado a si mesmo.

E os mancebos tomam enxemplo e má ensinança dos velhos sandeus e sobem à maior alteza da sandice, e assi vai a sandice de uns em outros. E certamente eu nom sei donde nace aos homens enfadamento das cousas suas e própias e da sua terra e pagarem-se das cousas estranhas e alheias. Ca os mancebos do nosso tempo e, o que pior é, os velhos, têm que ganham algũa cousa grande, quando fazem algũa vestidura que vêem trazer a algum estranho, desonesta ou torpe, quando vai a algũa terra, e torna pera sua casa com ela, com algum trajo espantoso e desvairado.

E todas estas cousas som a mi atam grande tristeza, quando as vejo, como se pertencessem à minha desonra. E quando primeiro vi estas maneiras desvairadas de vistiduras e de trajos, com espanto do coração esguardo: «Que

modo é este e tantos desvairos, ou que é ou em que se acabará?». Os achadores e os obradores destas cousas nom som bôs, segundo diz Dom Aristótilis, mas som maus. Nom faziam assi os que ante nós foram, ca nom andavom pelas terras pera conquerer estas sandices, pera mudar a honra de Itália em costumes bárbaros, mas andavom pera acrecentar o empério de Roma e andavom pelas terras estranhas pera trazer pera suas terras vitórias e sobrenomes de nobreza, e nom pera trazer fealdade dos trajos da sua terra; e nom despreçavom, porém, as cousas das outras terras, mas amavom qualquer cousa que era dina de louvor que achavam em nas terras dos amigos ou dos enmigos. E traziam pera suas terras e pera suas casas qualquer cousa de virtude do coração ou de bôs costumes de paz ou de guerra ou de fala ou de engenho ou de apostamento humildoso ou de boa doutrina, que achavom antre os estranhos e antre os vezinhos, entendendo que nom podiam trazer maior ganho nem maiores esbulhos que tais como estes.

E certamente assi é, ca nom há i nenhūas riquezas mais certas que aquelas que o homem possui em no coração; mas, assi como os daquele tempo tomavom e traziom os bôs costumes que achavom em as terras estranhas, bem assi despreçavom qualquer cousa torpe que alá achavom, e porém mereciam grória e fama e vertude que dura por sempre em memória dos homens. E todo este mal é porque os homens nom sabem a fim das cousas, ca os homens sem conselho nom sabem o que fazem nem a que fim o fazem. E, porém, qualquer cousa que fazem, tanto que começam logo se lhes torna em avorrecimento e parece-lhe o dia grande. E dizem muitas vezes: «Empuxemos e lancemos este dia fora». E assi é a eles dia longo, e a noite mais longa, e a vida longa, com fastídio e com enfadamento que ham. E quando é Inverno, pedem e desejam o Veraom, e quando é Veraom e quentura, desejam Inverno; e desejom a manhã quando é noite, e quieriam noite quando é manhã; e quando vêem cada ũa destas cousas, que assi desejam, despreçam-na.

Esto fazem os ricos deste tempo, queixando-se; e som cheios de dores e pelejam sempre com a natureza das cousas, dizendo mal das horas que tardam; e parece que estes tais quieriom que lhes viesse a morte, que eles temem mais que todas as cousas, e que trespassasse a vida que desejom sobre todas as cousas, assi bradam tam aficadamente que fuja e que traspasse o tempo; e desto aconteceu que alguns se matarom per suas mãos, avorrecendo a vida.

De todos estes males e deste tam grande nojo guarda e livra o homem o prazer da vida solitária; ca o solitário usa ledamente das cousas e do tempo presente, e espera com igual coração o tempo e as cousas que som por vir. Nom está em suspenso pera em outro dia, nem perlonga pera o dia que há-de

vir aquilo que se pode fazer em o dia presente; e esto faz ele com grande razom, porque qual é a cousa de maior sandice que ser homem negrigente e periguiçoso pera fazer aquilo que cumpre em o tempo presente, que é seu e é certo, e desejar e esperar o tempo que é por vir, que é alheio, e podem acontecer mil aquecimentos per que nom poderá fazer aquilo que cumpre? E esta cousa é o maior mal da vida do homem: com esperança de viver, nunca bem vivem.

Mas o solitário já tem provisto aquilo que quer fazer, ca já ùa vez ordenou e estabeleceu aquilo que há-de fazer em toda sua idade. Nunca lhe é o dia nem a noite longa, mas muitas vezes lhe parece pequena mais que ele queria, porque está ocupado em nas cousas honestas. E se passa o dia ou a noite, mas sabe ele enader o dia à noite e a noite ao dia quando se sai o dia ou a noite ante que ele acabe sua obra, que tem começada; e quando cumpre, mestura ele o dia com a noite. E se tal mester nom é, parte os officios da noite e do dia e todo seu estudo e seu conselho põe enesto, que o tempo que lhe é dado nom passe sem proveito; e com esperança do dia que é por vir, nom deixa ele de fazer suas cousas, porque bem sabe ele que tal esperança muitos enganou e soe enganar e mentir muitas cousas, e sabe mui bem o solitário quais maneiras e quais palavras e quais costumes cumprem à mancebia e quais à vilhice, e assi tem prestes seu coração, e nom tem guiadores que haja de seguir pera maus costumes, nem de que tome mau enxemplo, mas pára mentes ao bem da natureza e este sigue com as virtudes e dões da graça do Senhor.

Eu sei homem vivo em verdadeiro corpo, que mora em o ermo e mantém-se de vianda do monte, contento de seus estudos, que sem visitaçom de muitos homens e sem nojo e sem apresamentos do coração, todo o ano é a ele assi como um dia ledamente em assesego e em paz. E estes dilicados das cidades, antre os vinhos e os manjares e antre as rosas e os inguentos e antre os cantares e os jogos, som cheios de vinho e de sono e cansados com os nojos das cousas de cada parte e deleixados com as deleitações, e porém, lhes parece o dia mais longo que um ano, e adur podem passar ùa hora sem fastédio e sem enfa[da]mento e sem murmuraçom.

## Capítulo LX

Depois que estas cousas disse, o grorioso solitário calou-se e eu, misquinho pecador, estava maravilhado com espanto da mui alta doutrina que saía da sua boca, e comecei a dizer com grande dor do meu coração estas palavras:



— Assi como o cervo deseja a sombra e assi como o jornalista queria a fim da sua obra, assi houve eu, misquinho, os meses e os tempos vazios de bem obrar e sem proveito, e contei a mi as noites trabalhosas. Se durmo, digo: «Quando me levantarei?», e depois atenderei a noite e serei comprido de dores até as trevas. A minha alma adormeceu com nojo: «Senhor Deus, tira-me da carreira da maldade e amerceia-te de mi».

Tanto que eu, misquinho pecador, esto disse, logo a espantosa dona tornou a sua razom contra mi, segundo que havia em costume, e disse assi:

— Confusom será a ti, priguçoso e negrigente pecador e pesado com maldade. O Senhor Deus te criou e te enxalçou, e tu despreçaste-o e nom conheces nem entendes, mas a tribulaçom te espantará e a pressa e a angustura te cercará para sempre, porque estendeste contra Deus a tua mão e correste contra Deus com o colo estendido per soberva, nom obedecendo aos seus mandados. Nom serás partido das trevas e ante que teus dias sejam cumpridos, perecerás, porque tu és hipócrita, e porém todas tuas obras som sem proveito.

Bem podes pensar quanto foi espantado e desconfortado com tais palavras da espantosa dona! Mas a mui piadosa donzela nom me leixou sem consolaçom, dizendo assi:

— Homem de fraco coraçom, nom desmaies nem desasperes, como quer que de todo é verdade quanto diz esta dona, se te nom tornares da tua má vida. Mas tu, pecador, converte-te ao Senhor, e nom tardes de dia em dia, e serás salvo. Lava-te das mágoas dos teus pecados per pendenza e sei limpo, e tira o mal das tuas cuidaçoes de ante os olhos do Senhor. Queda e cessa de fazer mal e aprende a fazer bem, e o Senhor Deus te salvará, ca ele disse: «Tornade-vos e converte-vos pera mi, e seredes salvos». Sigue o conselho deste nobre solitário, que é bô guiador e sages, e nom cures dos guiadores do segre.

E logo o grorioso solitário começou sua razom mui apostamente enesta guisa:

— Irmão, bem sabes tu como os regedores das províncias, quando entram enelas, soem a alimpar a terra dos malfeitores em no começo; e, como quer que te pareça pequena, província é o estado do teu coraçom e da tua alma, que há-de reger e de correger. Pero quando quiseres compreme os movimentos do teu coraçom revel com o senhorio da razom, entom entenderás quanto é grave batalha e quanto é cara província reger homem si mesmo; e o perigo é mui grande do cuidado da tua alma, que te é encomendada. Di-me, irmão, qual é a cousa de maior perigo que pereceres tu, como quer que só perecerás? E porém tu, pecador, empuxa e lança fora da província da tua alma as maldades e os graves pecados.

Faze fugir as luxúrias, compreme a soltura, castiga a má fraqueza e levanta o teu coraçom per aquelas cousas que som melhores. Enforma a tua mente

tenra com estudos mais ásperos. Os príncipes reguam<sup>52</sup> sua cidade do pobo e reguam as hostes da cavalaria; mas tu tem cuidado da cidade da tua alma contra os enmigos grandes que há. Ca te convém de lidar contra o mundo e contra a carne e contra os demões. Quejendos te parecem estes emigos? Quanto som concordados! Quanto cuidado ham e quanto som cruéis contra a alma! Quantas almas ouvimos dizer que caírom e quantas vimos derribadas! E quantas vezes tu mesmo caíste, e ainda estás sujeito a muitos perigos pera cair! Todas as cousas som cheias de temores e de espantos, as afeições e as vontades moles e sem forteleza: enmigos som, muitos e mui bravos! E a batalha e o perigo grande é e aprestes, e nom há i lugar nem tempo pera dormir nem pera prigiça.

Teu é o perigo, se fores vencido; teu é o galardom, se venceres, convém a saber: saúde da alma e vida perdurávil. E porém, tira e empuxa de ti com mui grande diligência todas as cousas que embargam o bô propósito. Quem poderá tirar e extorcer dos ricos a luxúria, e dos servos os furtos e dos proves os choros e do pobo a enveja e dos nobres a soberva e da corte dos senhores o engano, e dos que usam as praças a má deleitação, e da multidom dos homens a discórdia e avareza comunalmente de todos? Prazer-me-ia que pudessem ser tiradas todas estas cousas, mas nom espero que o sejam. E mais ligeiramente tenho que pode ser tirado o lodo de todas as alagoas, ca estes males e estes ardores de maldades e estas sujidades de costumes serem tirados da sentina das cidades, u é mui má séda de tais mercadorias.

Pois, irmão, que será? Torna-te ao meu conselho, que fugas destas pestelenças, pois que nom podem ser lançadas fora das cidades. E pera u fugirás? Certamente, eu sei que o ermo e a vida apartada é porto e couto e acorrimento pera fugir pera ela destas cousas todas. E assi o fezerom nom tam solamente os santos homens, mas ainda os filósofos e os poetas, que por levantarem os seus entendimentos em maior alteza, primeiramente se puseram em no ermo. E desto seria longo conto pera falar, mas dos santos homens mais longa estórea é e mais conhecida, que per sua vontade se esterraram das cidades e dos lugares pobrados e honraram e fezerom nobre e alumiarom o ermo pela sua santa presença.

Quando esto disse o nobre solitário, logo a mui fremosa dona o rogou, dizendo:

— Amigo, rogo-vos, por caridade, que [é] o amor do Senhor, que vos praza de recontar a este apressado pecador quais foram aqueles santos e nobres homens que alumiarom o ermo e a vida apartada e solitária pera sua

52 Vieira não regista o verbo «reguar», mas apresenta «regrar» como sinónimo de «reger» e «reguante» como equivalente de «regrante» (V, p. 166).

presença, ca vós o saberedes bem contar pera este pecador tomar enxemplo e consolaçom e esforço pera se partir do segre e seguir a vida apartada pera salvaçom de sua alma.

E a dona espantosa assi lho rogou.

## Capítulo LXI

O mui nobre solitário começou mui apostamente falar e contar dos santos e nobres homens que honraram per si mesmos o ermo e a vida solitária e apartada das gentes; e disse enesta guisa:

— Eu quero logo contar dos primeiros que foram em no mundo, e digo que Adam, padre da geraçom humanal, enquanto esteve só em o paraíso terreal, nom foi outrem tam bem-aventurado; mas, tanto que foi acompanhado com sua mulher, logo foi mal-aventurado. E quando era só, esteve em sua nobreza, e, acompanhado, logo caiu; quando era só, era cidadão da terra bem-aventurada, e acompanhado, logo foi pelegrim de mal-aventurado esterro. E quando era só, esteve em folgança e em prazer e tal, que pudera nunca morrer; e tanto que houve a mulher por companheira, logo houve muitos trabalhos e muitas dores e foi feito mortal. E já entom foi sinal craro que devia esperar a geraçom que dele viesse da companhia da fêmea. Só era Adam, e nom traspassou o mandado do Senhor, porque a sua mente e a sua vontade era apressa a Deus; mas depois que a mulher esteve conele, nom se pôde aprender aos mandamentos celestiais.

Nom há peçonha tam pestilencial àqueles que se trabalham de vida espiritual como companhia de mulher. Ca o apostamento da fêmea, quanto é mais brando, tanto é mais de temer e mais enganoso e mais travesso; e os seus costumes, que nom há no mundo cousa mais movediça nem mais contraira ao estado<sup>53</sup> da folgança, ca qualquer que tu és, que buscas folgança, cavida-te da fêmea, ca ela é celeiro perdurávil de pelejas e de trabalhos. Mui poucas vezes moram sô um telhado a paz e a mulher; o leito dos casados sempre ham antre si batalha e arruído, e maiormente com a barregã, e que há fiança mais pequena e maior infâmia e a lide e o arruído igual. Aquele que nom há ruído, casto é. Qual é melhor cousa que nom letigar? Qual é a cousa mais de boa-ventura que o apartamento, maiormente de noite, e o silêncio e a folgança e liberdade do leito que há o que dorme só em seu leito? *Ergo*, nom há i cousa

53 No original: “estudo”.

mais bem-aventurada que castidade, e nom há i lugar que mais convenha à castidade, que o apartamento e a vida solitária.

Pois, se queres fugir a o arruído, fuge à fêmea, ca, posto que a fêmea haja seus costumes mansos, a qual cousa poucas vezes acontece, pero a presença da fêmea é sombra que empece e, quanto a mi parece, aqueles que querem paz e vida solitária assi devem esquivar a face e as palavras da fêmea, como a vista do basilisco, ca ela assi mata com os olhos, come o basilisco; e, porém, demostro a todos aqueles a que é mandado guardar o vaso do seu corpo em honra de santidade, que fujam e esquivem os afagos da mulher e a conversaçom dela. E aquele que esto nom fezer, seja certo que essa mesma razom o lançará fora do paraíso do ermo e da vida solitária, que lançou o primeiro homem do paraíso fora dos deleitos; ca só era Adam quando foi posto em no paraíso terreal, mas nom era só quando foi lançado fora dele.

## Capítulo LXII

— Aquele grande Abraom, padre de muitas gentes, mereceu que o Senhor Deus falasse conele, nom em os paços, antre as deleitações carnis, mas em os tendilhões e em os vales do ermo. E aqueles grandes prometimentos que lhe Deus prometeu, que continuamente som cumpridos em nós, nom os recebeu em paço afeitado com cortinhas nem estrado com tapetes, mas em o chão ervoso e montesinho; em o vale, a par do carvalho de Mambré siia<sup>54</sup>, quando foi dino a ver os anjos por convidados. E aquele convite rústico nom foi feito sô os olíveis de laços dourados, mas sob a sombra de ùa grande carvalheira. Este mui santo Abraom foi barom de tanta obediência, que, por obedecer ao mandado de Deus, quisera matar seu filho, nom havendo mais que um. E o Senhor Deus nom quis que o fezesse, e foi o moço livre de morte; e todo esto foi feito em o ermo.

## Capítulo LXIII

— Que cuidas que fazia o santo Isaac, filho deste Abraão, quando lhe trouveram sua mulher de longa terra: estava, per ventura, em a praça ou em conselho, vogando os preitos ou julgando? Vendia algũa cousa ou comprava e

54 Forma de 3.<sup>a</sup> pessoa, singular, do Imperfeito do Indicativo do verbo «seer» (do lat. *sedere*): estava sentado.

dava emprestado ou pidia ou pagava ou demandava aquilo que emprestara? Certamente nom fazia nenhũa destas cousas. Pois, que fazia? Andava em aquele tempo per ãa carreira que vai pera um poço que há nome daquele que vê e que vive, quer dizer aquele que perduravelmente vive e vê todas as cousas: o Senhor Deus todo-poderoso, acerca do qual é o poço e a fonte da vida a que chega o homem nom dormindo, mas andando. E assi andava Isaac pela carreira, ca ele saíra pera andar, pensando e meditando em no agro. Certamente ele saíra fora da casa do seu corpo, ca saíra fora de si e fora do cárcer da misquindade mortal, pera pensar e meditar em as cousas do Senhor Deus, ca nom é a vida do homem outra, nem cousa que faça em que se departa das animálias brutas, senom cuidar e pensar em as cousas boas; e pera esta cousa nom é a cidade nem a praça idónea, mas tam solamente o ermo e o agro e a vida apartada.

#### **Capítulo LXIV**

— Que fazia Jacob, neto do gram patriarca Abraom, quando viu a escada alçada da terra até o céu e os anjos que subiam per ela e deciam e o Senhor Deus encostado à escada? Onde estava entom este mui grande patriarca Jacob? Per ventura estava em algũa grande cidade ou em algũa rica câmara? Certo nom, mas era nom tam solamente alongado das cidades, mas ainda alongado da casa, jazendo em lugar ermo e descoberto e sua cabeça sobre as pedras. E quando se tornava pera sua casa e pera sua terra com suas mulheres e com a companha de seus filhos e dos servos e das servas e com seus gados de toda guisa acrecentados e sua riqueza acrecentada, aparecerom-lhe os anjos. Mas em que lugar lhe aparecerom? Per ventura estava folgando em as cidades? Certo nom. E indo ele per seu caminho, apareceu-lhe o anjo e luitou conele e pôse-lhe aquele nome Israel novamente, nome nobre que durou depois e ficou aos que depós ele vierom. E esto nom foi em as praças nem antre as companhas dos homens, mas ficando ele só em passagem do regato em o ermo.

#### **Capítulo LXV**

— Em que lugar era aquele Mousés, mui familiar e amigo de Deus, quando houve o falamento com o Senhor Deus e recebeu a sua lei, e quando ganhou vitória pera o povo de Israel, nom sendo ele presente, mas só com armas tam solamente de oração? Certamente, nom estava ele em algũa cidade de Síria

ou do Egito, mas em o ermo e em cima do mui alto monte. Em no ermo era, quando fez doces as águas amargosas com o lenho que lançou enelas e quando fez aquelas muitas e mui grandes maravilhas que adur se podem contar. E ele mesmo proveu àquela mui grande hoste do pobo de Israel, em que eram tam muitos pecadores e sem agradecer.

E donde lhe proveu? Nom de cadeira de ouro, mas espantoso deserto, procurando-lhes maravilhosa avondança de ùas cousas e de outras em tam grande fame. Ca lhe procurou muitas cordornizes que caíam do céu em no arraial avondosamente, e o pobo, que havia fame, as apanhava; e fez-lhes haver avondança de água doce do penedo, que beberam em sua sede. E quando lhes fez haver manjar da maná do céu, nom foi em as cidades nem em as praças, mas em o deserto, per quarenta anos. Pára mentes, irmão, como o ermo é tam amigo dos beneficios e dos falamentos de Deus e dos aparecimentos dos anjos e, assi como o ermo foi dado à nobre vida de Moisés, bem assi foi dado à sua gloriosa morte, dizendo-lhe o Senhor: «Sube em o monte e morrerás». A qual cousa devemos muito seguir em todo conselho da vida ou da morte.

## Capítulo LXVI

— U era Elias, profeta santo de Deus, quando foi conhecido per mui craros milagros e maravilhas, quando os pobos pereciam de fame em as cidades e ele era governado em no ermo per um corvo, que lhe trazia de comer per mandado de Deus, ali u ele jazia escondido? E quando os pobos eram afritos com secura, porque havia três anos que nom chovera e ele fez vir chuva do céu, fazendo oraçom em cima do monte Cramelo, jazendo em terra? E quando matou, em esse mesmo monte, oitocentos e cinquenta falsos profetas? Pola qual razom, a rainha Jajabel foi mui irada contra ele e queria-o matar, e ele se foi pera o deserto e, jazendo, dormindo sô a sombra de ùa árvor, espertou-o o anjo e feze-o comer um bolo de soborrvalho de tanta virtude, que andou em na forteleza dele caminho de quarenta dias e quarenta noites, jajum, atá que chegou a ùa lapa em que morava. E era visitado per falamento do Senhor Deus, que lhe mandava que fosse untar os reis e os profetas. E sendo ele em cima do monte, mandou com grande fiúza que decesse fogo do céu sobre cinquenta cavaleiros d'el-rei, e logo assi foi feito. E quando lançou o manto em o rio de Jordam e partiu-se a água per meio, em guisa que ele passou com os pés enxutos, assi que os elementos honravom o santo barom solitário. U era Elias quando fazia estas cousas? Certamente em no ermo era; e, em fim, foi levado do ermo arrevatadamente em um carro ao céu.

## Capítulo LXVII

— U era Eliseu, profeta, quando recebeu esprito de profecia dobrado do que havia Elias e quando fez nadar o ferro contra natura, que jazia em fundo da água e o fez vir acima e deu-o a seu dono? E esto fez em a riba do rio de Jordam. E quando acorreu a três reis, com suas hostes, que nom percessem com sede, fazendo encher o regato, que entom era seco, sem nenhũa chuva e sem orvalho, e beberom os reis e suas hostes? E esto aconteceu em o deserto de Idumeia. E quando departiu as águas do rio de Jordam com o manto do profeta Elias, em guisa que passou per ele em seco? Certamente em o deserto era e só era. E u eram tam muitos profetas que foram alumiados per tam certas visões e per tam certas profecias, dos quais seria longo de contar? E nom solamente os profetas, mais ainda os filhos dos profetas, certamente em no deserto eram e assi o testemunha a santa escritura.

E logo Dom Jerónimo, que i estava, concordando com o grorioso solitário, disse assi:

— Quantos monges lemos em o testamento velho, que edificavom suas caselinhas acerca do rio de Jordam e desemparavam as gentes e as cidades e mantinham-se em porretas<sup>55</sup> e em ervas montesinhas!

## Capítulo LXVIII

Tornou logo o nobre solitário a falar em aquelo que havia começado, e disse assi:

— Nom devemos a calar do profeta Jeremias, que per sua palavra deu testemunho à vida solitária, ali u disse: «Boa cousa é com silêncio atender salvação do Senhor; boa cousa é ao barom, quando trouver sobre si o jugo do Senhor dê la sua mancebia». E, assi como determinhando que estas cousas nom pode o barom fazer senom em no ermo, disse logo: «Será solitário e calar-se-á, porque levantou si mesmo sobre si»: eis aqui a bem-aventurada paciência do barom que atende a salvação; eis aqui a cárrega do jugo do Senhor Deus, que é melhor que qualquer liberdade; eis aqui o alevantamento do coração em

55 O autor, que aqui traduz a obra de Francesco Petrarca (*De vita solitaria*, Liber secundus, III, 3), usa o termo *porretas*, isto é, “os alhos-porros e o caldo que com eles se faz” (VIEIRA, IV, 1873, p. 852), como equivalente da palavra *polenta*, que se encontra no original de Petrarca, a qual designa um prato confeccionado com farinha de aveia, que constituía a base alimentar da população e legionários romanos.

Deus; eis a folgança da séda e do silêncio<sup>56</sup>; e todas estas cousas som conteúdas em o ermo e em na vida solitária e apartada.

Oh verdadeiramente vida pacífica, mui semelhante à vida celestial! Oh vida melhor sobre as vidas, vida vazia de trabalhos mundanais, vida em que cabem todos os bens, em que é atendida e esperada a salvação! Vida em que traz o barom sobre si o jugo brando do Senhor e seê calado e, em seendo, é levantado em esprito em Deus. Vida de salvação aos homens e espantosa e temerosa aos demões e, porém, tentam eles os solitários e os apartados com tantas tentações e de tantas maneiras! Vida reformador da alma e repairador dos costumes e ennovador das afeições espirituais, e lavador das sujidades dos pecados, e vida que purga as maldades e reconcilia os homens com Deus e refaz e aduba e torna em bô estado aqueles que caem em quedas de pecado, que som sem conto. Vida em que os homens despreçam os corpos e em que acrescentam seus bôs engenhos. Vida que tempera as cousas, que se nom façam arrevatadas e de topo. Vida que faz alevantar e ser aguçosos os priguçosos e os modornos, vida que é madre de nobres desejos e apetitos, vida criador das virtudes e amansador dos pecados e dos vícios e matador deles. Vida que é campo dos luitadores e dos lidadores, que lidam com a carne e com o mundo e com o diabo. Vida que é arreal dos que correm per esta vida pera a outra perdurável e é arco dos vencedores e almário dos livros pera os ledores e cela daqueles que meditam e pensam em as cousas espirituais e celestiais. E é câmara apartada dos oradores, e monte alto dos contempadores.

E que direi da vida solitária? Vida bem-aventurada, mui pertencente e mui idónea pera todo bem, vida filosófica, vida poética, santa e profética, vida dita singular, nom sem merecimento. E, se ousar dizer o que sento dela, vida tam singular e tam estremada, que ela só é verdadeira vida, e a todas as outras vidas convém ãa palavra que disse Dom Cicerom, filósofo, e depós ele este grande doutor Agostinho, que aqui está; a palavra é esta: «Esta nossa vida, que é dita vida, morte é». Oh vida solitária, que nom és conhecida, senom daqueles que te provam, vivendo apartados; e assi como tu és amadoira àquele que te há, assi te deve muito desejar aquele que te nom há.

E isto sabia mui bem o profeta Jeremias, quando foi aquela destruição pública dos judeus, que ele desejava lágrimas piadasas e o apartamento do ermo, que é lugar pertencente pera elas, dizendo assi: «Quem dará à minha cabeça água e aos meus olhos fonte de lágrimas?» E porém, porque ele bem sabia que esta fonte nom nacia crara e limpa e nédia em as cidades, nem antre

56 No original: «scenço».



as gentes, emadeu mais e disse: «Quem me dará em o ermo dos desvairados caminheiros?» Ligeiramente podes tu pensar que é aquele que cumpre a ti, irmão, que és cheio de pecados, quando parares mentes que aquele barom santo Jeremias, cheio do Senhor Deus, desejava e pidia piadade e apartamento pera aquele ofício honesto e dino, convém a saber, pera chorar os matados do seu pobo, sem estar em no ermo apartado.

E debes parar mentes que, desejando ele seer em o ermo dos caminheiros, logo emadeu, dizendo: «Leixarei o meu pobo e partir-me-ei deles, porque todos som obradores de adultério e companha de quebrantores da lei e dos mandamentos de Deus, e estenderom a sua língua, assi como arco de mentira e nom de verdade. Confortados som da terra, porque saírom de mal em mal e nom conhecerom o Senhor Deus; cada um se guarde do seu próximo e nom haja fiúza em todo; seu irmão enganará seu irmão e todo amigo andaré enganosamente; e o barom escarnecerá seu irmão e nom falará verdade, ca eles ensinaram a sua língua falar mintira e trabalharom-se pera se fazer torto e nom quiserom saber o Senhor Deus. A língua deles é seta chagante e falou engano: fala pela boca paz com o seu amigo e, escondidamente, lhe poem asseitamentos”.

Todas estas cousas tam avorridas, nom tam solamente pera falar, mais ainda pera cuidar, tam propriamente convém enesto tempo aos pobos, ca nom há i fiança, nem verdade, nem segurança, nem humanidade; e esta foi a razom só, maior e mais justa, porque leixei as cidades e as gentes e morei em o ermo apartado. Irmão, muito é pera amar a vida solitária, nom tam solamente per razom da honestidade, mas ainda per razom da segurança. Porque, assi como poucas vezes a destemperança e a desonestidade é em o ermo, bem assi mui poucas vezes é a temperança e a honestidade em as cidades. Como pode haver lugar a razom ou a verdade, onde o senhorio é em os maus enxemprom e em os maus conselhos, onde todas as cousas som ocupadas de falsas opiniões, todos se regem per error do costume de qualquer cousa em que haja deleitação, e aquilo têm que se deve fazer? E nom demandam qual é a cousa dereita, mas que é aquele que se soe fazer ou que é aquele que parece bem aos muitos. E certamente nom há i testemunho mais enganoso que este, convém a saber, haver por bem de se fazer aquilo que pareça aos muitos.

Crê-me, irmão, se queres seguir a verdade ou fugir ao pecado, muito é a ti pirigosa a tardança antre os pobos. Pára mentes, que nom verás i senom contendas, adultérios e enganos e enjúrias, furtos, roubos e homicídios. Estas artes receberás em a entrada da cidade; tais imagens avoaróm arredor de ti; estes enxemprom faróm arruído acerca de ti. Mui cara cousa será que tu sejas outro, nem de outros costumes, senom que sejas feito tal quais achares os outros.

## Capítulo LXIX

— Ai de ti, irmão, se per ventura te afaga melhor esperança de ouvires ou veres outra cousa afora esto, que te eu digo, pensando tu que estarás forte e poderás ter teus pés estávis em os lugares escorregadiços. Aprende que debes esperar per enxempro de outro tempo passado e de mais alto barom. Certamente David, rei, era santo e sabedor e profeta; e pero ele, triste e conturvado com grande temor de morte e coberto de trevas, que viu outra cousa em a cidade, senom maldade e contradiçom? E, sôbelos muros dela, maldade, e trabalho em meio dela e torto e engano e usura? Nom defaleceu usura e engano, pola qual razom ele mesmo, sendo regedor de tantos pobos e devedor a eles pola sua saúde própria, alongou-se e fugiu e morou em o ermo, esperando o Senhor, que o fez salvo da tempestade do coração. Porque ele certamente se lembrava que em no ermo lhe fora ofericado o reino e que fora anteposto nom tam solamente a seus irmãos maiores que ele, que viviam em as cidades, mas ainda a el-rei de Israel, escolhendo-o o Senhor Deus pera rei e enjeitando os outros seus irmãos e Saul, rei de Israel. Outrossi lembrava-se David como em o ermo houvera em seu poder rei Saul, seu enmigo, que o perseguia pera o matar, e ele nom lhe quis empecer, mas leixou-o ir em salvo; e enesto pensava, como duas vezes em o ermo fora vencedor da sua vontade, que é grande enmiga do homem. E nom há i mais nobre vitória que vencer a vontade; e esta vitória houve David em ermo, mas em a cidade de Jerusalém foi ele vencido per luxúria e fez grande maldade, que nom pertencia à majestade real, ca fez adultério com a mulher de seu leal vassalo e servidor e per falsura mui grande o mandou matar. E, consirando ele como morando ele em a cidade antre as gentes lhe acontecera tam grande maldade, com razom fugiu ele da cidade perigosa e foi-se pera o ermo bem-aventurado e seguro, em que lhe vierom tam grandes bens, como dito é.

## Capítulo LXX

— Nom é de maravilhar que o homem pecador e cercado de tantos enmigos fuga pera os lugares apartados e seguros, lembrando-se da sua fraqueza, sendo amoestado per tantos enxempros nom tam solamente dos homens, mas ainda do Senhor Deus, quando aquela cousa que nom podia ser vencida e que em todo era forte, convém a saber, esse mesmo Salvador, Cristo, que é fonte de todos os enxempros de salvaçom, subiu só em o monte pera orar. Como quer

que nom lhe fosse mester ermo nem apartamento, nom lhe fizesse embargo o ajuntamento das gentes, mas por tanto que afirmasse a sua doutrina per suas obras e per seus feitos, fazendo ele per si aquelo que ensinava aos outros, em no ermo jajuou e em o ermo venceu o diabo que o tentava, e em o ermo deu mantimento duas vezes a muitas gentes que haviam fame, com mui poucos pães e com mui poucos pexes, fartando-os maravilhosamente, e foi grande milagre dos pedaços que sobejaram.

E quando ouviu a morte de Sam Joam Bautista, logo se foi pera o deserto, assi como pera lugar de paz e de consolaçom, e em no lugar de campo ensinou as companhas e, em no alto do monte, foi trefigurado e ali veio sobre ele a voz do Padre, dizendo: «Este é o meu Filho amado». E em no monte estive toda a noite, orando, e outra vez subiu ao monte pera orar, quando havia de ser preso pera o matarem; e em na sua derradeira oraçom que fez em no monte, ante que o prendessem, apartou-se dos seus, buscando lugar mais apartado, ensinando per esto aos homens que, quando se virem em grande pressa e apertamento, busquem o ermo e o lugar apartado.

E esse mesmo Jesu Cristo, quando as gentes o queriam fazer rei, fugiu só pera o monte, enjeitando o cárrego do reino; e ùa vez que o quierom matar, porque ainda nom era o tempo cumprido, foi-se pera o ermo. E ensinando os homens, per estas duas cousas, que quando a fortuna do mundo os afagar, querendo-os poer em alteza temporal ou em outro bem grande terreal, ou os espantar com ameaças de morte ou de outro grande mal, que fugam pera o ermo, despreçando o bem e o mal terreal. E, como quer que todas estas cousas sejam verdadeiras e conhecidas pelos testemunhos do avangelho, pero ainda os homens cristãos duvidam do grande bem da vida do ermo, sabendo que o nosso mestre e guiador e senhor tanto bem dela entendeu e sentiu. E tantos dos seus amigos esta tal vida escolherom, ante que ele viesse ao mundo e depois.

## Capítulo LXXI

Só estava a Virgem Maria, quando falava com o anjo; só, em quando veio sobre ela o Esprito Santo e a virtude do Mui Alto a assombrou; só estava, quando obrou a saúde do mundo e concebeu o remidor de todos. E sendo ela prenhe de Deus, madre virgem, trigosamente subiu às montanhas, ao ermo, levando em no seu ventre aquele cárrego mui bem-aventurado, e nom é de duvidar que o Esprito Santo a guiava.

## Capítulo LXXII

Aquele Joane, maior entre os nados das mulheres, que foi santo do ventre de sua madre, o qual Jesu Cristo, havendo de vir da alteza do céu ao mundo, enviou-o ante si, assi como rei manda seu messageiro e o juiz manda seu pregoeiro; e assi como o dia, ante que venha, manda e envia primeiro a manhã, e o sol envia ante si a estrela da luz; este tam santo Joane nom se teve por seguro, se se nom metesse em as lapas do deserto, sendo ainda em tenra idade. E, porém, logo em seu começo, fez sua vida em o ermo solitário.

E só estava Sam Pedro, quando lhe foi mostrado em visom que todo o mundo havia de ser consagrado per salvaçom de todas as gentes pola fé de Jesu Cristo Nosso Senhor. E Maria Madanela, depois que leixou os seus pecados, nom escolheu morar em os ricos paços nem andar pelas praças, mas, fugindo de sua terra, veio-se para terras mui alongadas da sua terra. E por casa, morou em rocha feita em ùa pena cavada, e ali viveu ela, nom acompanhada de moças louças, mas acompanhada de anjos, que a ministravam.

## Capítulo LXXIII

Antônio, príncipe dos monges do Ouriente, trespassou um ermo em que nom morava outrem, senom bestas feras, e creceu tanto sua fama do seu nome e de dar saúde aos enfermos, que vinham a ele muitas gentes de toda parte. E ele, temendo-se de cair, porém, em vã grória ou ser azo de algum error ou falsa opiniom aquela honra que lhe faziom, tomou uns poucos de pães e assentou-se em riba do rio, pensando como fugiria daquele lugar. E veio-lhe ùa voz do céu. Mas que voz foi aquela? Per ventura lhe disse: «Fuge do ermo, vai-te pera as cidades, ca este lugar é nojoso e as cidades som lugares de prazer e de folgança»? Certamente nom lhe disse esto, mas disse-lhe a voz: «Antam, se queres haver folgança, vai-te logo pera o deserto mais de dentro».

E ele logo lhe obedeceu e foi-se pera o deserto mais alongado e ali morou, estando sempre armado de vertudes em batalha contra os demões, e ali venceu as suas fortes tentações e lides que contra ele faziom; e a filosofia e a sabedoria do mundo, que faz o homem sobervo, foi vencida e derribada per ele, que era humildoso e velho sem lêteras, vencendo-a ele per mui craras e per mui fortes razões. E os emperadores de Roma lhe mandavam suas cartas, honrando-o come padre; e quando receberom seu recado, foram mui alegres conele, porque eram dinos receber sua reposta.

E sendo ele em idade de noventa anos e pensando que nom havia em o ermo outro ermitam senom ele, foi-lhe revelado que outro ermitam havia i mais velho e mais apartado que ele, que morava em outro deserto, convém a saber, Paulo de Tebas. E foi amoestado que o fosse buscar; e foi-o buscar e achou-o e assentaram-se a par de ãa fonte pequena, à sombra de ãa palma, e ali lhe foi enviado pam do céu, que os avondou. E depois, a poucos dias, António soterrou Paulo e dous liões o ajudaram a fazer a cova. E, em fim de sua vida, quise que sua sepultura fosse escondida, por nom ser tangido de vã grória. E este solitário António tanto foi santo grorioso e nobre, que Cristo o fez ser conhecido em África e em Espanha e em França e em Itália e em Ilírico e ainda em Roma, que é cabeça do mundo, como quer que ele fosse escondido em os desertos mui apartados do Eigito, assi como em outro mundo.

#### Capítulo LXXIV

Hilário, seguidor das virtudes do Santo António, fugiu pera o ermo sendo mui mancebo, e perseverou até idade de vilhice em ãa choça mui pequena e depois em ãa cela tam angosta, que mais parecia sepulcro que casa. E porque vinham a ele muitas gentes, pensou como fugisse; e quando foi sabudo, juntaram-se mais de dez mil homens pera o embargar, que se nom fosse, e em cabo fugiu pera os desertos mais baixos. E chegou ao lugar u vivia Santo António, que pouco havia que morrera, e dali se foi a outros desertos, pera viver assesseadamente. Mas a sua fama nom o leixava, e, porém, ele propôs de se passar às terras dos bárbaros, pera nom ser conhecido nem entendido; mas a fama do seu nome o seguia e foi-se à ilha de Cipre, que era mui desassemelhada dos seus costumes, e ali se meteu em ãa rocha mui espantosa e lugar mui apartado, e ali acabou sua vida.

#### Capítulo LXXV

Doroteu, barom grorioso, sassenta anos morou escondido em ãa cova, e Amom, homem de Deus, leixou sua mulher, com quem vivera per grande tempo em contença virginal, e o outro tempo de sua vida morou em o deserto de Nítria e ali deu sua alma a Deus, e Santo Antom, que entom era vivo, a viu ir aos céus, em companhia dos anjos mui alegres. E eneste monte de Nítria viveu o abade Paulo, que, segundo dizem alguns que escreverom dele, maior foi que Santo António em

dar suas repostas mui sagesmente; e ali morou um seu discípulo, que havia nome Amónio, que havia grande conhecimento das Santas Escrituras; e, porém, o tomaram per força pera ser bispo e, porque viu que nom podia escapar nem fugir per outra guisa, e por nom ser tirado do ermo, talhou a sua mesma orelha, por nom ser pertencente pera bispo. E porque o nom queriom porém leixar, disse que, se o mais afixassem, que talharia a sua própia língua, pola qual o queriom fazer bispo.

### Capítulo LXXVI

E os dous Macários, maravilhosos barões, em os ermos fezerom maravilhosas obras de virtudes e um deles viveu até noventa anos, e o outro chegou a cento em aqueles bem-aventurados desertos. E Mossués de Etiópia, de ladrom que ante era, foi feito sacerdote do ermo e foi servo de Jesu Cristo, solitário perfeito em vida autiva e contemplativa. E o abade Arsénio, que primeiro foi senador mui honrado e depois foi mui grande amator de Jesu Cristo e foi mui grande despreçador de si mesmo, ao qual foi dita aquela voz celistrial: «Arsénio, fuge dos homens e serás salvo»; e outra voz lhe disse: «Arsénio, fuge, cala-te e assessega». E Paulo Simpres, que ganhou este nome per seus costumes, viu sua mulher fazer adultério e fugiu pera o ermo e ali foi tam familiar e achegado ao Senhor Deus e tanta graça ganhou dele, que o príncipe dos espiritos sujos, que Santo António confessava que nom podia lançar fora dos homens, este Paulo Simpres o lançou fora, per seu mui puro rogo. Todos estes viverom em no ermo.

### Capítulo LXXVII

Pacómio e Estêvam, groriosos solitários, em o ermo vencerom muitas e mui fortes batalhas dos corpos e dos corações; e o abade Panúcio, per bô conselho, levou três amigos de Deus das cidades pera o deserto, assi como pera lugar mais seguro e mais chegado a Deus. E o abade Elpídio, quantas companhas de monges trouxe pera o deserto per maravilhosa virtude! E o abade Serapiom, com mui forte caridade, duas vezes se fez servo pera livrar seus senhores da servidom dos pecados. Quem contará a piedade de Efrém, diago, e a firmeza do abade Pior e os trabalhos e suores do ermitam Adólio e a aspreza misericordiosa de Inocência, e a indústria e o sutil engenho e trabalhos do abade Evágrio? Como poderia contar como o monge Malco em o ermo guardava os gados do seu mui bravo senhor, que o tinha em cativo, e como se escondeu

em ùa cova com ùa mulher, que ele dava a entender que era sua, com temor de seu senhor? E ali ùa leoa lidou por eles contra seu senhor, que os queria matar.

### Capítulo LXXVIII

Quando eu, pecador misquinho, ouvi contar ao grorioso solitário estas cousas da vida do ermo e dos moradores dele, tam santos e tam groriosos amigos de Jesu Cristo, bradei e disse:

— Oh Senhor Deus, tu me faze aquinhoeiro e companheiro de todos aqueles que te temem e daqueles que guardam os teus mandamentos!

E logo recudiu a mui espantosa dona contra mi, dizendo:

— Que participaçom há a luz com as trevas ou que companhia há Cristo com Belial? E que igualdade de galardom ham de haver os pecadores com os justos? Certamente, nem companhia, nem galardom nem participaçom há antre eles; e tu, pecador trevoso, queres haver parçaria com os justos, que som luz em no Senhor? Ca os pecadores nom sabem nem entendem e em trevas andam e, porém, todos os fundamentos da terra se moverám contra eles, ca todo o mundo e todas as criaturas lidaróm contra os sandeus e sem siso polo Senhor Deus, a que eles errarom. E esto será em o tempo da morte, que é dia de juízo singular a cada um homem, e muito mais em o dia do grande juízo geral.

Quem poderia contar a coita e o temor do meu coraçom de tais palavras tam espantosas e verdadeiras? E logo a mui graciosa donzela me confortou, assi como havia em costume, dizendo assi:

— Nom desaperes, pecador, e com esperança nom leixes o temor desta dona, ca todo assi é verdade como ela diz; e, porém, com a boa esperança que tu tomas das minhas palavras, sempre avém temor e tribulaçom por seus pecados. E faze pendenza e torna-te ao Senhor de todo; e se o quiseres fazer logo, o Senhor Deus se amerceará de ti, ca quando ele é sanhudo, entom se lembra da misericórdia. Entra em a pedra e esconde-te em a cova da terra d'ante a face do temor do Senhor, e entra em as rochas das pedras d'ante a face do espanto do Senhor Deus, quando se levantar pera percutir e ferir a terra. Esta pedra é Jesu Cristo, que debes entrar pensando em a sua paixom e em as suas chagas, e apartares-te em o ermo e em vida apartada, em guisa que, quando ele ferir a tua carne per trebulaçom ou per morte, que tu serás emparado da sua sanha e do seu espanto. E se esto quiseres fazer, entom as trevas dos pecados, que em ti som, serám feitas craridade e comerás e lograrás os bens da terra celestial.

Quando esto sentiui o meu coração duro, e teve mentes enestas cousas que a donzela mui graciosa dizia com as outras palavras da dona espantosa, entendi que ambas diziam verdade. Ca os meus dias traspasaram e as minhas cuidações som destruídas e, se enesto viver, o inferno é minha morada, porque eu estrei e fize o leito da minha consciência em trevas.

### Capítulo LXXIX

Depois que eu, misquinho pecador, disse estas palavras, calei-me com grande amargura; e o grorioso solitário me olhou com gracioso semblante e disse:

— Irmão, escuita bem e ouvirás quantos moradores honraram o ermo e a vida solitária, e quantos foram honrados e nobres feitos per ela, ca, se sofreres, ainda mais ouvirás. Per ventura, irmão, ouviste tu falar do mui grorioso ermitam Joane do Egipto e per qual virtude foi tam grorioso, que sabia as cousas que haviam de vir. Em tal guisa que, morando ele mui alongado do emperador Teodósio, esse mesmo emperador mandava a ele seus messegeiros pera saber o que havia de fazer; e este emperador cristão católico, armado com o conselho deste Joane, pobre solitário, cometeu e venceu mui grandes e piadosas batalhas. E outro guiador das hostes de Roma, por seu conselho, lidou e venceu os de terra d’Etiópia. E queres saber, irmão, quem é este Joane, tam grorioso? Sabe por certo que este é que aqui está em companhia destes nobres senhores conestes outros groriosos padres.

E entom me mostrou com o dedo um ermitam mui gracioso e mui honesto que ali estava; e eu tive mentes em ele e fize-lhe reverença, e logo ele disse ante todos:

— Eu digo que muito aproveita a morada apartada e a conversação solitária e muito aproveita a conversação apartada e a morada do ermo mais de dentro, pera fugir aos perigos e aos caimentos e pera ganhar a graça de Deus e pera receber mais craro conhecimento da devindade do Senhor Deus.

Tanto que esto disse o grorioso ermitam e solitário Joane, logo Dom Sam Jerónimo, que i estava, olhou contra os que i estavom e disse:

— Vedes vós este Joane? Nós o vimos<sup>57</sup> em as partes de Tebaida, em o ermo, que está acerca da cidade de Lico, quando andávamos visitando os santos padres do ermo. E ele morava em ùa rocha, mui alto monte, e a subida pera ele era mui trabalhosa e a entrada do seu mosteiro era tapada e çarrada em tal

57 No original: «ouvimos».



maneira, que, em sendo ele de quarenta anos quando ali entrou, até idade de noventa anos, em que era quando o nós vimos, nunca nenhum entrou em seu mosteiro, mas per ùa fresta se mostrava àqueles que vinham a ele.

### Capítulo LXXX

Depois que esto disse o grorioso Sam Jerónimo, tornou logo o nobre solitário a seu recontamento, dizendo a mi:

— Pecador irmão, escuita, ca ainda te darei muitos maravilhosos enxemplos da vida solitária e dos moradores dela. Como poderia eu recontar a morada de um, que havia nome Elias, morada acerca<sup>58</sup> maravilhosa mais que todas as outras, ca o deserto em que ele morava era mui espantoso e mui grande e mui espesso, que adur se pode contar. E ali morava ele em ùa rocha santa em um penedo e o simideiro pera ela era tam estreito, que se aquel que alá fosse nom tevesse mentes em seus pés, forçado era que se ferisse em eles. E ali viveu ele satenta anos, de cento e dez que ele havia. Ora, irmão, pensa per ti mesmo: grande mestre poderia este ser da vida solitária, que tanto tempo e com tanto estudo perseverou enela, e agora homens deste segre parece-lhe grande tormento, se per três dias leixam o estudo da avareza ou as tavernas e os outros lugares desonestos das cidades.

Ainda, irmão, te dou por enxemplo, antre os outros, aquele santo solitário Eutiquiano, que morava aquém do castelo Olímprolo de Bítima<sup>59</sup>, nobre barom per graça de Deus e muito amigo do príncipe da terra; e Teonas, ermitam, homem manso e temperado, que nunca jurou nem disse mentira e teve silêncio<sup>60</sup> per trinta anos continuamente e foi mui maravilhoso em ciência de leteradura; e o solitário Apolinis, que viveu quarenta anos escondido em no deserto mais de dentro de Tebaida; e um velho romão hidrópico, que dava saúde aos enfermos que lhe traziom e nom curava de sua enfermidade e confortava os outros e dizia-lhes que rogassem a Deus pola sua alma e nom polo corpo, «ca este meu corpo, enquanto foi saom, nom me aproveitou nenhũa cousa»; e Epifano, que foi ermitam de grande fama em o ermo, e porém, foi feito depois

58 *Acerca* é aqui um advérbio que traduz o advérbio latino do original de Petrarca *prope* (*De vita solitaria*, Liber secundus, I, 7). Assim, deverá entender-se que a morada de Elias estava perto de ser mais maravilhosa que todas as outras.

59 De Olímpia (de Bitínia).

60 No original: «scenço».

bispo de Cipre; e Sena<sup>61</sup>, solitário mui velho, que morava em as rochas do ermo e saiu às cidades ao mandado do emperador, pera responder mui altamente pola santa fé; e Isaac, monge, que quebrantava a crueza do emperador com a ameaça do juízo de Deus; e Macedónio, que continuamente morou em o ermo, barom de enfinda simpricidade e de grande firmeza; este decendeu do alto monte pera refrear a sanha do príncipe piadoso que estava mui sanhudo. Outro mui devoto ermitam solitário, que havia nome Acessanas<sup>62</sup>, que morou em ùa cela ençarrado em silêncio<sup>63</sup> per sassenta anos, que nunca foi visto; e Ceumácio e Dídimo, ambos cegos, nobres ermitães, obravom todas as cousas como se vissem, e o Dídimo era mui letrado em a Santa Escritura; e outros muitos solitários e ermitães, que adur podem ser contados, nem os nomes deles escritos em livros, aos quais o ermo tam solamente foi a eles céu em a terra, e o falar das vidas deles e as suas histórias é liçom avondosa e mui deleitosa que trespasa e acende os corações em no amor de Deus.

### Capítulo LXXXI

Tanto que esto disse, o nobre solitário calou-se um pouco e logo um bispo mui honrado começou a falar em esta guisa:

— Oh vida apartada, vida santa, vida angelical, vida benta, viver das almas, pedreira das pedras priciosas celistriais, corte dos altos príncipes! O teu odor vence e sobrepuja todos os odores das espécies e dos enguentos que bem cheiram, o teu sabor faz doce a boca do coração alumiado, mais que o mel nem as outras dulçuras. O deserto é morada de grande espanto aos maus espiritos, em no qual as celas dos ermitães som assi como as tendas em nas hostes mui ordenadas; e, assi como as torres do monte Siom em nos muros da cidade de Jerusalém, som apostadas contra os emigos pera contrariar e lidar contra eles.

Ofícios de desvairadas maneiras som feitos enelas, ca em ùa cela cantam salmos, e em outra cela rogam o Senhor Deus per devota oraçom, e em outra fazem obras de mãos, e em outra fazem outras obras santas espirituais. Dinamente pode

61 Desconhecemos a razão para o autor ter indicado aqui o nome Sena, quando está a seguir Petrarca, o qual atribui estes factos ao ermitão Afraates: “non seu Afratem inopem ac pannosum seniculum, quem pietas fideique zelus e speluncis in urbes medias eduxit, imperatori impio responsurum premordaciter atque acriter” (II, I, 8).

62 Aceptsena.

63 No original: «scenço».

ser dito delas: «Oh, como som fremosos os tabernáculos de Jacob e as tendas de Israel!» Assi como virgêus que som prantados acerca dos rios, que sempre som regados, e assi como árvores de cedros prantadas acerca das águas, assi som as celas dos ermitães em o ermo, em nas quais é a fráugua em que os vasos do rei celestial som obrados e tornados ao perdurável esprandor. E estes som os verdadeiros ermitães e solitários, que som vasos e órgãos do Espírito Santo, feridos e batidos com martelo de pendenza e limados com lima de correïom de saúde. E ali é toda a ferrugem da alma consumida e as cortiças dos pecados som leixadas. A cela é tenda de especiaria dos mercadores celistriaes, em que acham tais cousas per que é comprado o reino dos céus. E polas cousas terreaes som dadas as celistriaes, e por pequena afriçom da carne compra o solitário o celistrial convite, e por poucas lágreimas acalça riso e prazer perdurável.

Depois que esto disse, o grorioso bispo calou-se. E eu, pecador, perguntei quem era aquele honrado bispo, e disserom-me que era Sam Basílio, nobre e antigo doutor.

## Capítulo LXXXII

Com tais santos falamentos, o meu coração se acendia a desejar a vida apartada do ermo, mas as prisões dos meus pecados e a vileza do coração me retinham. Eu dizia a Deus: «Oh Senhor, atá quando? Ca a minha alma é mui turvada». E propoinha em minha vontade de mudar minha vida e me tornar ao Senhor Deus; mas entom sentia eu o meu esprito duro e trabalhoso pera vir à craridade e ao assesego e paz da luz divinal. E sentia retorcer o meu coração com a escuridade das cobiças terreaes. Em tal pressa como esta e em tal turva, dizia eu ao Senhor Deus:

— Torna-te, Senhor, a mi e ajuda-me, per tal guisa que perfeitamente me torne eu a ti. E livra a minha alma, que está presa aos laços e revolvimentos deste segre, e quando se quer tornar pera ti padece e sente em si as espinhas dos desejos terreaes e carnaes, que dirriçam per ela.

E dizendo eu, pecador, estas cousas, falou-me o grorioso doutor Sam Agostinho, e disse-me assi:

— Homem de vil coração, nom entendas tu que o Senhor Deus é cruel. Porque lhe dizes: «Senhor, atá quando livrarás a minha alma»? Mas ele, assi como bô amoestador da alma, demonstra-lhe quanto mal ela mesma pariu pera si, quando ela peleja com as suas enfermidades. E o Senhor Deus, que é seu físico, a leixa assi prolongar e retardar em seus pecados e em suas enfermidades, pera

ela ver e entender que males tam grandes som aqueles em que se ela dirribou, pecando, e que conheça ela quanta e que grande é a pena que é aparelhada aos maus que nom ham vontade de se tornar a Deus, pois que tanta graveza padecem aqueles que se querem tornar ao Senhor. Mas tu, pecador, torna-te perfeitamente ao Senhor e logo o acharás preste, ca assi o diz o profeta que bem assi o acharemos prestes como a luz da manhã, ca o nom perdeste tu por nom ser ele presente sempre, ca ele em todo lugar é, mas a tua avessia o fez que o perdesse, ca a tua sujidade dos teus pecados nom pode ver a sua face.

Per estas palavras do grorioso doutor Santo Agostinho entendi eu, pecador, donde vinha a minha tardança e a graveza de me tornar de todo ao Senhor Deus. Fiquei porém mui triste, e logo o nobre solitário tornou a seu recontamento dos santos homens que fizeram as santas obras e a vida espiritual em o ermo, e disse enesta guisa:

### Capítulo LXXXIII

— Irmão, ainda te quero contar dos outros nobres barões que honraram o ermo per suas presenças, por acender o teu coração per enxemplos deles. No monte de Sorante<sup>64</sup>, viveu escondido aquele padre santo, Silvestre, que foi o primeiro papa rico. E do ermo foi chamado, quando ganhou pera a Igreja as mui grandes riquezas que lhe deu o emperador Constantino; e entom ganhou todos aqueles ornamentos e vistiduras que o papa trae e de que usa por honra da Santa Igreja. E este nobre doutor Ambrósio, que aqui está, bem sabe que, como quer que ele nom ousava fazer vida solitária continuamente per razom do encárrgo do ofício, por quantas vezes ele podia e per qualquer guisa que o ele podia fazer, morava em um lugar, em que ora é a igreja em que jaz o seu corpo, e per quanto se pode certamente entender bem parece que em aquele tempo era o lugar solitário e apartado da cidade Milam. E quantas vezes ele era livre dos cuidados do bispado, logo se acolhia em aquele lugar, em uma casa-pena, e ali havia ãa mata pertencente pera a contemplaçom, como quer que fosse acerca da cidade; ainda chamom ao lugar «a mata de Ambrósio». Em aquele lugar, segundo dizem, e eu assi o tenho, espargeu as froles mui doces dos seus livros, e agora per toda a Igreja é o gosto brando e mui doce deles e odor mui bem cheirante.

Depois que esto disse, o nobre solitário fez sua reverença a Sam Ambrósio e disse:

64 Monte Soracte.

— Doutor mui honrado, dize de se é bem e é assi a verdade, como eu digo, da vida solitária.

E o doutor Dom Sam Ambrósio respondeu e disse:

— Verdadeiramente, eu nunca era menos só, que quando era só, nem era mais pouco ocioso que quando estava de vagar sem negócios. Ca entom, per meu arvidro e per minha vontade, chamava aqueles que queria e juntava comigo aqueles que mais amava e aqueles que entendia que eram mais pertencentes e nenhum nom me estorvava. Ca quando os servos de Deus estam sós, entom oferecem si mesmos a Deus e lhe abrem a sua mente e desvestem de si a sua cobertura do engano. Só era o Senhor Jesu Cristo quando remiu o mundo, ca nom fez ele salvo o mundo per messegeiro, mais ele só fez salvo o seu povo, como quer que nunca ele foi só, porque sempre o Padre era conele. Porém, o servo de Deus, praz-lhe de ser só, por tanto que o Senhor Deus seja conele.

#### Capítulo LXXXIV

Depois que esto disse o grorioso doutor Dom Santo Ambrósio, logo o nobre solitário tornou a seu falamento e disse assi:

— Este estado da vida solitária cobiçou Sam Martinho dès a sua mocidade. E como quer que ele sempre fosse perfeito em todo estado, pero depois que foi bispo, quando se achava desembargado, nembrava-se de outra cousa mais alta e mais perfeita, do tempo em que era só e livre, quando usava os lugares do ermo. E um tempo morou em ùa cela acerca da casa de Santo Ambrósio e muitas vezes estavom ambos juntamente. Oh bô Jesu, quejendo par de barões! Quejendas palavras e quais gimidos e que suspiros havia enestes santos homens, quando estavom juntos em ùa morada!

Qualquer cousa que os príncipes mandam, qualquer cousa que os cónsules livram, qualquer cousa que os corregedores e os juízes ordenam, qualquer cousa que os legistas estabelecem, qualquer cousa que os pobos falam, qualquer cousa que os filósofos disputam, qualquer cousa que os regedores bradam, eu nom receio dizer que todas estas cousas, em comparaçom daquele santo falamento e assesego daqueles groriosos barões, todas som chufas e vaidades. Horácio, poeta, e Plócio e Varo<sup>65</sup> e Virgílio se ajuntarom, certamente fremosa companhia de barões mui sabedores e muito amigos antre si. Oh quais abra-

65 Lucius Varius (e não *Varus*, com quem Petrarca o confundiu), um dos editores da *Eneida* de Virgílio, juntamente com Plotius Tucca, ambos do círculo de Mecenas.

çamentos e quais prazeres em aquela casa que chamom Edepol, u estiverom juntos, segundo creio, e quantas cousas ali foram ditas antre tais barões frefmosamente e sagesmente!

Mas eu creio que mais doces abraçamentos e mais santo prazer foi antre Ambrósio e Martinho em Milam, em aquele lugar que parece em que soíam a se juntar e falar antre si. E ante eu quisera ser presente aos seus ajuntamentos e falamentos, que aos conselhos de todos os reis do mundo, que eles fazem com os seus privados, vistidos de púrpura, quando estam fartos de vinho ou cheios de avareza ou crueldade. Oh que bem-aventurado ermo, que tais dous moradores mereciste haver em um tempo!

### Capítulo LXXXV

— Ainda, irmão, te quero dar mais moradores e honradores da vida solitária e apartada, antre os quais foi este eicelente doutor Dom Santo Agostinho, que aqui é ajuntado conestes outros santos homens, em companhia desta nobre dona e desta graciosa donzela, pera te ensinarem e amoestarem pera tua salvaçom. Este Agostinho, que tu vês era envolto em muitos errores, e o Senhor Deus, como Padre piadoso, enviou-o, assi como seu filho enfermo, a este doutor, Dom Santo Ambrósio, como a físico que o curasse com doutrina de saúde e que o lavasse com as águas do santo bautismo. E ele, nom sabendo aquele que a piadade de Deus obrava por ele, veio-se à cidade de Milam, u vivia este doutor, Dom Santo Ambrósio. E estando ali, propôs de mudar sua vida e leixou a cidade e foi-se per um lugar apartado, por tanto que ele, que em companhia dos muitos era sem siso, que tornasse a ser sesudo só.

E depois que o grorioso solitário esto disse, tornou-se contra Dom Santo Agostinho e disse-lhe enesta guisa:

— Bem sabeodes vós, honrado doutor, que em aquel dia que o vosso coração começou de arder coneste santo desejo, estando vós em a cidade, antre as tormentas e as tempestades do vosso coração, polas quais o navio do vosso conselho, por regimento do Senhor Deus, aportou à terra dos viventes, que é porto de saúde. Certamente, quando primeiro houvestes este santo desejo, nom vos fostes à praça da cidade, nem fostes recontar ao pobo aquele que haviades de fazer; mas leixastes o vosso companheiro mui fiel e, porque o apartamento era a vós lugar mais pertencente pera chorades, apartastes-vos em canto de um horto e ali falastes convosco mesmo, mui amargosamente com muitas lágremas e antre muitos saluços, depenando vossos cabelos e ferindo em vossa

face, e outras cousas tais que faziades com a grande dor santa que haviades, porque nom podíades firmar o vosso coração em o santo propósito; e entom firmastes e estabelecestes firmemente aquilo per que sodes alegre pera sempre. E bem sabedes vós que, por toda vossa vida, sempre vos pagastes dos lugares solitários e assessegados, espicialmente do monte de Pisa, em que morastes per grande tempo em hábito de ermitam.

Tanto que esto disse o nobre solitário, logo o grorioso doutor Agostinho falou contra mi, dizendo:

— Cara cousa é de ver Jesu Cristo antre as companhas; e, porém, necessário é apartamento e ermo à mente do homem que quer ver Jesu Cristo, ca o Senhor Deus é visto per um apartamento e ermo da entençom e a companha, que sempre faz arruído; e esta visom de Jesu Cristo deseja segredo e assessego. E porém tu, pecador, se queres ver o Senhor Deus, nom te aprendas às cousas terreaes e aos arruídos do mundo. Ca o Senhor Deus nom se pode ver, senom com o coração limpo, ca o pecado e a maldade noite é e trevas; e se tu tirares de ti o pecado, trespassará a noite e vinrá a luz pera veres o alto Senhor Deus. Ca, como quer que tu entendas a verdade, pero ainda és pecador e nom és justo, porque nom te fazes firme nem ficas em a verdade que entendes, ca amas aquelas cousas que te desviam da verdade, que trazem consigo sua escuridade, que é o mau costume e o amor de pecar. Mas se tu quedares de pecar e fugirem de ti o amor e o costume de pecar, será santa luz em ti, per tal guisa que nom tam solamente entenderás a verdade, mas ainda te aprenderás a ela.

## Capítulo LXXXVI

Ditas estas palavras do nobre doutor, tornou logo o nobre solitário a seu recontamento e disse assi:

— Eu nom calarei um pregoeiro mui grande da vida solitária, convém a saber, este doutor, santo bispo Basílio, que esta vida viveu e muitos louvores dela disse, segundo já ouviste.

E logo Dom Basílio, que ali estava, começou a dizer assi:

— Oh vida apartada, vida solitária, vida santa! Nom te pode ser dado tanto louvor, como pertence à tua dinidade, ca língua de carne nom pode falar nem dar a entender aquilo que de ti sente o espirito, que é cousa que se nom pode ver, nem o grande dulçor que em ti é da parte de dentro, nem se pode esprancar decraradamente per palavra. Aqueles te conhecem que te amam; aqueles conhecem os teus odores que folgam em os abraçamentos do teu odor. Oh vida

bem-aventurada! Sem dúvida nenhũa, toda pessoa que estudar e perseverar em o desejo do teu amor, ele é teu morador e Deus mora enele, e o diabo o tenta, porque se dói fortemente, porque o solitário vai pera aquele lugar d'ú ele foi derribado, e o vencedor do diabo é feito companheiro dos anjos, e o despreçador do mundo é feito herdeiro do paraíso.

E quando eu, misquinho pecador, ouvi estas palavras do grorioso bispo Basílio, o meu coração crecia em desejo da vida apartada, mas as adovas dos meus pecados me retinham mui fortemente. E logo o nobre solitário tornou a seu falamento, dizendo:

— Ainda nom calarei o grande barom Gregório Nazareno<sup>66</sup>, que foi dicípulo mui nobre de Sam Basílio, que se pagou muito da vida solitária.

E tanto que esto disse, o nobre solitário tornou os olhos pera o grorioso Dom Jerónimo, doutor mui estudioso da Santa Escritura, que ali estava, segundo suso escrito é, e começou a lhe dizer assi:

— E vós, Dom Jerónimo, nom sodes pera esquecer deste conto dos ermitães, ca vós leixastes a cidade de Roma e despreçastes as riquezas dos romãos, com esperança e com desejo da celistrial corte, e assi como vós mesmo confessades em vossos escritos, por temor do inferno fostes morar a um deserto mui grande. E rogo-vos, pola caridade de Jesu Cristo, que digades algũa cousa desto.

E logo o grorioso doutor Jerónimo disse enesta maneira:

— Quantas vezes eu mesmo, estando em o ermo em aquele mui grande deserto, queimado com os ardores do sol, que é morada espantosa e mui aspressa aos monges, cuidava que estava antre os deleitos de Roma! E, seía<sup>67</sup> só, porque era comprido de amargura, os meus membros eram escabralhados e feios vestidos em sacco; e o meu coiro era mui negro, assi como de etiópico. Cada dia lágrimas, cada dia gimidos; e quando me forçava o sono, encostava os meus ossos apressos com o coiro em a terra seca.

Do comer e do beber me calo, ca ali os monges nom beviã senom água fria e tinham por luxúria comer algũa cousa cozida. E outrossi eu que, por temor do inferno, condanara mi mesmo em tal cárcer, sendo companheiro tam solamente dos escorpiões e das bestas-feras, muitas vezes me parecia que andava antre as danças e os cantares das moças. As minhas faces erom amarelas com jejuns, e a minha mente era esquentada com maus desejos em o meu corpo frio, e antre mi, que era homem já morto em minha carne, os

66 Nazianzeno.

67 Permanecia. É 1.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo do verbo SEER (do lat. *sedere*).



acendimentos sós da luxúria buliam e eu, desamparado de todo ajudoiro, jazia aos pés de Jesu Cristo e regava-os com lágrimas e alimpava-os com os cabelos. Continuadamente chorava e sujugava a carne, que lidava contra mi, com fortes e continuados jejuns, juntando o dia com a noite; nem quedava de me açoutar, até que o Senhor Deus me dava paz e assesego da tentaçom. E havia temor da cela, porque me parecia que ela sabia todas as minhas cuidaçõs. E porém eu, sanhudo e rijo contra mi, ia-me pelos desertos só. E o Senhor Deus é a mi testemunha, depós muitas lágrimas, muitas vezes me parecia que estava antre as companhas dos anjos.

### Capítulo LXXXVII

Depois que o grorioso doutor Dom Sam Jerónimo houve acabadas estas razões susoditas, mui doces e de grande edificaçom, logo o nobre solitário lhe falou assi:

— Dom Jerónimo, como quer que vós vencêssedes a braveza da vossa carne per tam trabalhosa cavalaria como havedes contado, nom vos tornastes vós, porém, a Roma com a vitória, assi como vencedor seguro, mas fugistes pera Belém, e ali vos escondestes em aquele lugar u nasceu o Salvador do mundo; e em esse mesmo lugar se apartou aquela nobre mulher, santa e piadosa, Paula de Roma, que em no seu tempo foi espelho de virtude a todas as mulheres, e esqueceu-se da terra u fora nacida, por tal que pudesse morrer a par do presepe u nasceu o Senhor. Como quer que nom faleceu quem mordesse a sua vida com dente de enveja, ca adur é que algũa virtude nom seja tangida com dardos de enveja, posto que seja a virtude alta ou escondida, mas o vento do pobo nom pôde abalar a verdade que é forte.

Tanto que o nobre solitário disse estas palavras, logo Dom Sam Jerónimo disse assi:

— Eu digo que o sabedor nom pode seer só, ca ele tem consigo todos aqueles que som e que forom bôs, e o coração livre e traspassado, e leva-o pera u quer. E aquelo que nom pode com o corpo, acalça-o com o coração e, se há míngua de homens, fala com Deus, e nunca é menos só que quando é só.

Estas palavras ditas, tornou o nobre solitário a seu recontamento, e disse assi:

— Que direi a ti, mui boa das fêmeas, groriosa Melânia? Tu, filha do cônsul de Roma, sobrepujaste a tua linhagem e as riquezas e a honra de teus padres com as tuas virtudes. Tu honraste honestamente o estado da tua virgindade com tanto estudo de limpeza de castidade e com tantas obras de misericórdia,

que acerca que trespassaste o louvor da virgindade e esqueceste a tua geraçom e esqueceste os filhos e esqueceste o poderio, lembrando-te tam solamente de Jesu Cristo; e, por tanto que te vistisses em Jesu Cristo, desvestiste-te da afeição da terra u naciste e da vista e do amor dos teus, e avorreciste o cuidado do teu corpo e, segundo o conselho da tua boa vida e o conselho de Jesu Cristo, entejuste a tua alma eneste mundo, por tal que a tevesse guardada em a vida perdurável. E com grande cuidado andaste buscando os santos padres em os desertos e seguiste-os em o esterramento, servindo-os<sup>68</sup> com teu trabalho e dando-lhe piadosa esmola das tuas riquezas. Tu, honrador dos santos e corregedor dos errados, madre dos peregris e, em no começo, defensor e conselheira dos teus, tu despendeste as tuas mui grandes riquezas e o teu mui grande património em mantimento dos pobres com bem-aventurada largueza do teu coração e, assi como ãa fonte de bens que nunca falece per nenhũa largueza de doações, nunca entendiste em outra cousa. E per trinta e sete anos, nunca faleceu riqueza das tuas cousas, que despendeste com caridade do teu coração continuamente; e depois que foste em idade de sassenta anos, houveste desejo, nom carnal, mas espiritual, pera ver os [*teus*] e tornaste a Roma, e aderençaste em a carreira de Jesu Cristo e em amor da vida solitária um teu filho e tua nora e todos os teus, em tal guisa que derom enele<sup>69</sup> esmola todos seus patrimónios, assi como tu fezeste.

Maravilha grande é renembrar quanto ouro e quanta prata e quantas vestiduras de sirgo e quantas somas de dinheiros a tua honrada e nobre neta, seguindo as tuas carreiras, deu e espargiu às igrejas e aos pobres religiosos per todo o mundo, e grande maravilha é contar quantos milhares<sup>70</sup> de servos fez livres por serviço de Jesu Cristo, quantas possissões vendeu, nom solamente em Roma, mas ainda em terra de Guiana e em Gália e em Espanha, e tornou o preço delas em obras de misericórdia. Mas muito é de maravilhar em que idade era esta tua neta quando fez estas cousas, ca ela era em idade de vinte anos; e acesa com os teus amoestamentos e per teu enxemplo, renunciou o segre e despreçou a frol da sua vida e o nobre casamento que pudera haver e tantas riquezas e tantos deleitos. Bem mostrou que, assi como ela havia nome Melânia, assi como tu, bem assi tal houve o seu coração e o seu propósito semelhávil a ti, ca ela todo aquele mui grande preço que houve das suas possissões que

68 No original: «servidoões».

69 Entenda-se: em nome de Jesus Cristo.

70 No original: «mulhares».

vendeu e todo o seu tesouro espargiu e deu aos pobres, e assi como espedida e desembargada dos grandes cárregos e pesumes das riquezas, de boa vontade deu si mesma e as suas cousas a Jesu Cristo.

Mas tu, bem-aventurada velha, depois que cumpriste todas as cousas que fazem o caminho pera o céu, achaste a fim de todas as cousas que trespassam e achaste a saída da bem-aventurada da tua vida louvável, e Jesu Cristo te deu tanta honra, que por ti, que eras ùa fêmea só, perdoou a tantos milhares de barões e de mulheres, e parece que por ti espaçou o tormento e a sentença que estava ordenada sobre os de Roma, ca tanto que tu te partiste de Roma e passaste desta vida, logo aquela destruiçom espantosa daquela gente bárbor a veio sobre Roma. Oh mui grande mulher e nobre per esterro piadoso! Nom sei se foste mais bem-aventurada per tal vida qual fezeste, se per tua morte! Certamente muito mais nobre e mais honrada jazes enterrada em o pobo solitário, ca, nom havendo tu estes merecimentos, jouvesses enterrada em Roma, em moimento de mármore com títulos de vaidade. E muito mais groriosamente parece ali a casa de Jesu Cristo, fundada pelas tuas mãos pera os pobres, que o paço de teus avós, que havia de ser queimado pelos bárbaros ou cair com vilhice.

### Capítulo LXXXVIII

Depois que o nobre e sages solitário houve razoado esto que sobredito é, tornou a face contra um mui honrado bispo, que i estava antre os outros groriosos barões. E ele estava em ùa cadeira, vestido em vestimentas de bispo, e em sua cabeça ùa mitra mui alta, de um corno tam solamente, assi como pertence ao papa, e tinha em sua mão um bordom de ouro com ùa cruz em cima. A este grorioso barom começou a dizer o nobre solitário enesta guisa:

— Que direi de vós, padre santo, grorioso Gregório, mui alto bispo da sé de Roma? Certamente, quanto vos prougue a vida solitária e apartada bem amostrastes, ca vós tornastes muitas e grandes casas em templos solitários do Senhor Deus, e tirastes de vossas antigas possissões e deste-las a Jesu Cristo, em tal guisa que, quando ser pôde, vós fezestes ermo e apartamento em na cidade de Roma, por tal que em aquelas casas e paços em que o pobo se ajuntava pera honrar e servir vossos avós, em aqueles lugares servíssedes ao Nosso Senhor Deus.

E, como quer que o esprandor da vossa fama vos fez tirar donde vivíades escondido e apartado pera serdes alagado em o grande pego dos cuidados em a maior alteza de dinidade, da qual alteza vós muitas vezes vos querelastes

com mui triste renembrancha. E muitas vezes catávades lugar apartado pertencente pera chorar, em que, almenos um pouco, folgássedes da tempestade das cousas segrais, em tal guisa que, sendo vós papa, quando vos nembrava a vida solitária que ante faziades, padeciades grande tormento e bem confessávades que érades misquinho em comparaçom daqueles que vivem apartados em assesego.

Tanto que esto disse o nobre solitário, logo aquele grorioso doutor e papa Gregório lhe respondeu enesta guisa:

— Certamente, amigo, quando eu vivia em o mosteiro, havia poder de refrear a minha língua das palavras ouciosas e ter a minha mente em a entençom da oraçom, que pouco lhe falecia. Mas depois que sumeti os ombros do meu coraçom à cárrega do officio do papado, o meu coraçom amiúde nom se pode recolher a si mesmo, porque se esparge a muitas cousas; e ele, mal-aventurado, chagado com chagas da sua ocupaçom, nembrava-se quejendo era em o mosteiro, e como todas as cousas do mundo erom sô ele e quanto era posto sobre todas as cousas temporais, em guisa que nom havia em costume cuidar cousas senom celistriais. E, como quer que o tevesse eu dentro em o meu corpo reteúdo, pero ele per contempraçom traspassava e saía do ençarramento da carne e amava e desejava a morte, que a todos é pena, assi como entrada de vila e galardom de seu trabalho. Tal era o meu coraçom, quando eu vivia apartado do segre; mas agora, per azo do cuidado do officio de pastor, padece o meu coraçom os negócios dos homens segrais e, depós tam fremosa apostura de folgança que ante havia, agora é feito feio com o corpo, que é pó dos autos terreaes.

Ditas estas palavras polo grorioso papa Gregório, tornou-se contra mi, pecador, o nobre solitário e disse-me:

— Irmão, aparelha bem a orelha do teu coraçom às palavras tam certas e tam proveitosas deste doutor maravilhoso, ca te digo ainda mais, que sempre ele chorou a alteza em que era posto, rogando os seus amigos que chorassem conele, desejando morte, e que rogassem a Deus por ele. E per esto, irmão, entende tu como ele entendia o seu perigo em aquele estado em que era. E tam percutido era e tam anojado, que dizia ele que adur o podia contar; e per estas cousas parece como era a ele mui nojosa cousa a cárrega da dinidade da Igreja, assi como é a todos aqueles que a guardam sem mágoa e sem corrompimento. E era-lhe doce a nembrancha da vida solitária, senom que lha fazia amargosa o mudamento do estado em que era, mui desigual dela.

## Capítulo LXXXIX

— Mas u nos fica, irmão, o guiador dos monges do Ouriente<sup>71</sup>, Sam Bento, e qual é o fiel cristão que o nom conhece? E quem nom ouviu o seu conselho, sendo ele mancebo? Que, como quer que ele, dêa a sua primeira idade, fosse hóspede de virtudes e enemigo das deleitações carnaís, começasse de andar pela alta carreira do céu, pero, por tal que andasse mais seguramente, leixou a cidade de Roma, em que foi criado, e a cidade de Murça<sup>72</sup>, em que naceu, as quais ele amava muito polo uso e pola natureza. E pero venceu as afeições carnaís, com o cuidado que havia da sua alma, e, sendo moço, foi-se pera o deserto e meteu-se em ùa rocha cavada mui devota, e é tal que, àqueles que a vêem, parece-lhes que vêem portal do paraíso. E per como ele viveu, bem o sei, mas quero-me calar, ca assaz me abasta por agora honrar a vida apartada e solitária, fazendo renembrança dele, que é tam grande em santidade, que foi morador dela, e firmar o meu propósito per tal testemunha; que longa cousa seria contar quantos e quais barões seguirom depois as suas pegadas e fundarom muitas religiões sem conto, e morarom em desvairados apartamentos e ermos. E desto é prova os santos mosteiros e as mui devotas casas de Jesu Cristo que estam antre as rochas e antre as montanhas dos ermos. E os barões destas religiões, como quer que, per celestial acrecentamento de devaçom, som depois espargidos per muitos lugares chãos, pero, se buscares donde nacerom, estes, assi como as fontes dos grandes rios, acharás que nacerom e manarom dos mui ásperos montes e das montanhas do ermo.

Outrossi, irmão, consira os milagres ajuntados do ermo de terra de Itália; pára mentes a Frorentino, que morava em o mosteiro só, e era mui achegado a Deus pola sua simprizidade, ao qual pediu em oraçom que lhe desse algum solaz em aquela vida solitária que vivia. E logo foi ouvido, e veio-se pera ele um usso e foi feito tam manso, que assi como pastor lhe guardava ùas poucas ovelhas; e outros frades, com enveja, matarom-lho e ele, com sanha, pidiu a Deus vingança. E logo foram atormentados mui gravemente e ele teve-se por bem culpado em toda sua vida, gemendo, porque fora tam tostemente ouvido e cumprido seu rogo. E porém, em todos dias da sua vida, nunca foi sem choros e sem dor, que tomava em si. Ora te rogo, irmão, que me digas quais hostes

71 Ocidente. O autor equivoca-se ao traduzir Petrarca, que, logicamente, se refere a S. Bento como «dux occidentalium monachorum» (De vita solitaria, II, VI, 3).

72 Nursia. O autor parece confundir a cidade natal de S. Bento, em Itália, com a espanhola Murcia.

ou quais legiões de cavaleiros ou quais reis puderom chegar a tal poderio, per seus trabalhos, ao qual chegou este solitário, vivendo assessegado em folgança da sua alma?

Consira outrossi o solitário Martinho, morador de monte Mársico, ao qual o penedo forte dava água, estilando-a, assi como foi feito aos filhos de Israel; e, na cova deste Martinho, morou conele ùa serpente, em que jazia o enemigo escondido per três anos. E era mui espantosa, e ele conversou com ela com grande paciência, atá que se foi e ele ficou só, vencedor. Outro ermitam há, que nom é sabudo o nome, mas o seu nome escrito é em o céu; morava em um monte que chamavam Argentário. Este ermitam esfregou a face de um morto com pó e logo ressurgiu da morte. Outrossi um solitário, que havia nome Menas, barom de tanta inocência e de tanta fiúza, que nom tam solamente os bárbaros, que destruíam os lugares vizinhos, refreavam-se de mal-fazer pola reverença e fama do seu nome, mas ainda os ussos mui grandes e mui feros, que lhe queriam fazer dano em as suas colmeias, castigava-os com ùa palmatória, que havia por costume trazer em a mão, assi como se fossem seus moços de casa, e fazia-os fugir.

## Capítulo XC

— Per ventura algum vivendo em sua terra, ou Sam Bento vivendo em Murça<sup>73</sup>, achegara a tam grande grória como chegou? Certamente nom. Ou Sam Francisco, se ficara em a cidade de Assis, donde era naural, nom creio que houvera aquela virtude, que ouviam as aves as sua pregaçom. Nem creio que houvera aquele ardor de serafim mui maravilhoso, porque a sua mente era arrevatada em alta contemplaçom, nem houvera aqueles mui nobres sinais das santas chagas de Cristo, pelas quais os seus nembros chagados mostravom que em o seu coraçom era chagado com o mui grande ardente amor de Jesu Cristo. Nem creio que houvera tanto acrecentamento de geraçom de filhos espirituais do casamento da proveza, com que se ajuntou, em tam pequeno tempo. Este grorioso Francisco, como quer que escolhesse pera si e pera os seus cavaleiros velas e vigílias perigosas ante as batalhas da vida dos homens, e esto por saúde de muitos, per conselho e revelaçom de Deus segundo dele contam, pero ele foi grande amador da vida solitária e seguidor do ermo, ca eu tenho que em três maneiras há i apartamento solitário: de lugar, do qual espicialmente é o meu

73 Nursia.

falamento; e outro apartamento solitário de tempo, assi como é a noite; e o terceiro é apartamento solitário de coração, e este tal é daqueles que ham a mui profunda e mui alta contempraçom, que em o meio da luz do dia e em as praças cheias de gentes estando, nom sabem aquelo que se i faz. E estes tais, em todo lugar e em todo tempo, som sós quantas vezes quiserem. Estas três maneiras de apartamento solitário, nom sei outro que mais amiúde as usasse que Sam Francisco, ca ele andava pelos ermos e jazia às vezes em os tempos velhos dirribados per toda a noite. Muitas vezes, antre as gentes, de dia, era a sua mente arrevatada, que nom sentia as cousas presentes, e como quer que o empuxassem a ãa parte e à outra, a sua mente era ficada em as cousas celistriais. E esta segurança havia ele antre as gentes, pero que muitas fossem, e esto lhe fazia o mui fervente amor de Jesu Cristo e a sua carne, que era sujeita ao espirito em maravilhosa maneira; e por esto penso que ele quis tomar morada pera si e pera os seus antre as gentes, osmando que todos poderiom fazer ligeiramente aquelo que ele podia fazer.

E porque a sua alma era mui alta em abaixando-se, e apurada de todo quebrantamento das cousas terreaes, nom podia ser apartada de Jesu Cristo per nenhuns arruídos do mundo. E aquelo que ele havia provado em si, prosu-mia ele que mais ligeiramente o poderiom fazer os outros; e esto presumia ele pola sua própria humildade, per que tinha de si que nom era igual dos outros em virtude. Ca ele de si mesmo tinha que era o maior pecador de todos os homens e assi respondeu ele a um frade, que lhe perguntou que sentiu de si mesmo. E como quer que estas cousas assi sejam, muitas vezes me disserom alguns seus sucessores, homens de grande relegiom e de muita ciência, que se os estabelecimentos do padre os leixassem, que de todo coração desejavom a vida solitária. E ele outrossi, quanto amou sempre o apartamento solitário, testemunha é a sua vida escrita e testemunha é a regra da vida que ele primeiro ditou a si mesmo e aos que viessem depós el em o monte. E depois que se ela perdeu, nom a reformou, senom em o ermo apartado; e testemunha é a sua espicial morada, que parece assi como a de Sam Bento, mui apartada. E certamente o apartamento solitário pungiu Sam Bento e Sam Francisco com espora muito aguda, e moveu os seus corações, que erom despostos pera altas cousas, per tal guisa que eles, que se escondiam em nos apartamentos solitários e despreçavom a grória do mundo, e apartamento os fez mui conhecidos e mui nobres per todo o mundo.

## Capítulo XCI

— E o grorioso mártir Cipriano, barom mui bem-falante e mui fremoso ditador em seus livros, quando quis usar do seu mui sutil engenho, disse assi: «Nom demandemos pera esto câmara escondida, cercada de mouros e cerrada com fechos; nom casa de mármore, coberta com abóveda, ou algum tal lugar, mas peçamos tal lugar apartado, em que haja videiras envoltas e dependuradas e enlaçadas pelas canaveias, em guisa que façam casa de vides e de folhas, assi como alpênder». Ora pensa, irmão, quejendo alpênder e quejenda casa este santo, mui fremoso falador, desejava pera fazer e ditar seus livros e aproveitar-se de seu sutil engenho! Ca ele desejava videiras e folhas e canaveias pera apartamento mui desejadoiro pera os estudiosos.

Nem é de esquecer o grorioso mártir Brásio, que foi um daqueles per que o ermo foi nobre, que, jazendo ençarrado em as covas, era visitado das bestas feras e governado pelas aves. Nem é[de] calar Lionardo e Lifardo, irmãos, monges solitários, nem Veridímio, ermitam santo, e seu companheiro Egídio, que foi natural de Atenas, da linhagem real. Este Egídio leixou sua geração e sua terra e suas riquezas e sua leteradura grega, de que havia avondamento, e veio ser prove em França; e com desejo e prazer do ermo e do apartamento solitário, despreçou todas estas cousas. E, vivendo em o ermo, fez muitos milagres, antre os quais era manteúdo per leite de ùa cervo, que estava conele; e andando el-rei de França a sua caça, correrom os cães com aquela cervo e ela fugiu pera a cova do santo homem, que era toda cercada de matos e de espinhas, em guisa que, com grande trabalho dos cavaleiros, forom tirados os matos com estormentos de ferro. E quando el-rei viu a face mui honrada do velho e a cervo acerca dele, maravilhou-se muito e fez apartar todos; e el-rei só com um bispo entrou e chegou a ele; e tal barom achou, que lhe ofereceu muitas doas, e ele as nom quis tomar e mandou-lhe que as despendesse em outras obras de misericórdia; e depois fez el-rei ali um mosteiro per seu conselho e em cada um ano o vinha visitar, sem nenhũa pompa real. Tal honra como esta nom lhe naceu da sua real linhagem, nem de sua terra, mas da honrada vida solitária.

Que falarei do Santo Egídio<sup>74</sup>? Qual foi aquela cousa que, pola sua nobre fama, o fez ser bispo, sendo mancebo, em que usou com grande virtude e com grande sabedoria per satenta anos? E ele foi o primeiro que converteu à fé de

74 Remígio. Equívoco do autor, que confunde Remígio com Egídio, talvez porque acaba de falar de outro Egídio (*vide* Petrarca, *De vita solitaria*, Liber Secundus, VII, 3).



Jesu Cristo el-rei de França e a gente, e untou el-rei com crisma, que contam que lhe foi enviada do céu, e dali nasceu que acostumam a untar os reis de França. Rogo-te, irmão, que me digas donde subiu este santo Egídio<sup>75</sup> a esta alteza, senom dos seus humildosos começos da vida solitária? Que diremos de Narciso, bispo de Jerusalém, barom nobre e maravilhoso, que, sendo perseguido sem razão e desejando fazer vida apartada e solitária, viveu muitos anos em os lugares desertos, como verdadeiro sabedor? E que fez Guilherme, barom forte e de grande linhagem antiga, que, em a frol da mancebia<sup>76</sup>, usou de cavalaria, e depois mais lhe prouve envelhecer em o deserto e morrer? E assi consagrou os frutitos derradeiros da sua vida à cavalaria celistrial. E outro Guilherme, desse mesmo propósito e estado, que primeiro foi posto em algum tempo *com grande alteza de segre e depois foi em humildade mui grande de monge, ca leixou e despreçou o segre e desejou o ermo pera viver em proveza e em silêncio*<sup>77</sup>, *ca ele era senhor de ùa nobre vila, que chamom Mompile, em França, e feze-se monge em o mosteiro que chamom de Grande Silva. E em aquele mosteiro lançou ele âncora, assi como em porto, pera escapar das tempestades desta vida. Este barom de grandes feitos em o mundo, mais muito maior foi em fugir do segre.*<sup>78</sup> [*«E de vós, Dom Cicerom, que direi que, primeiro, fostes posto no apartamento*] contra vossa vontade?<sup>79</sup> Ca vós, sendo mui grande razoador e praticador das leis e dos direitos, o apartamento solitário vos fez ser filósofo mui nobre, que foi grande acrescentamento de sabedoria. E, porém, vos rogo, que vos praza de falardes enesto como vos aveio.

E logo Dom Cicerom começou dizer assi:

— Eu, vivendo em a cidade, trautando em os negócios dos direitos em os juízos, lançaram-me fora per força contra justiça; e, porém, me foi pera ùa aldeia, em que muitas vezes estava só. E ali revolvía, lendo e estudando com

75 Remígio.

76 No original encontra-se «frol da montanha», o que não tem sentido; seguimos, por isso, a sugestão de Magne, que corresponde ao texto de Petrarca. Cf. Petrarca, *De vita solitaria*, Liber Secundus, VII, 5: «...qui etatis florem ipsum cum terrene militie dedicasset...».

77 No original: «seênço».

78 Certamente por erro da cópia que utilizou, ou devido a distração do tipógrafo, no original a sequência da frase anterior foi deslocada para o final do capítulo 92, de onde a transcrevemos para aqui. (cf. Petrarca, *De vita solitaria*, Liber Secundus, VII, 5).

79 O texto apresenta neste ponto um hiato lógico: não termina a referência a Guillaume de Montpellier (vide Petrarca, *De vita solitaria*, Liber Secundus, VII, 5) e passa a interpelar diretamente Cícero. Magne preencheu este hiato reconstituindo de modo conjectural o texto em falta e ofereceu, assim, uma solução que aproveitamos.

folgança em pequeno tempo muitas cousas que eu escrevi em muitos anos, estando em a cidade.

Tanto que Dom Cicerom esto disse, logo o nobre solitário começou a dizer a mi, pecador:

— Certamente, nom ficou enganado Dom Cicerom enesto, ca quem poderá recontar os nobres assessegos e vagares deste barom? E os seus apartamentos solitários groriosos e os lugares dos seus apartamentos? Ali fundou as leis, ali corregeu a Academia, ali se armou por orador dos direitos e praticador deles, ali ordenou os officios, ali pintou as formas e as naturezas dos corpos celistriaes, ali destruiu a maneira de adivinhar, que é raiz dos errores, e o adorar dos ídolos; ali declarou a fim dos bôs e dos maus, ali se achegou mui altamente à filosofia e fez um livro, que é mui proveitoso pera mudaçom da vida e é guiador pera estudar a verdade. Ali ensinou ele a despreçar a morte e vencer com paciência a dor do corpo e lançar fora de si a enfermidade e tristeza do coração com a razom, e ensinou ùa cousa que de clara e faz nobre a filosofia, convém a saber, que é a virtude que nom há mester outras ajudas pera viver bem e bem-aventuradamente, mas per si mesma é contenta, contra a sentença de mui grandes homens, que enesto secamente e jajunamente palraram; mas ele mui avondosamente e mui froidamente o determinhou a o departiu com grande proveito e com mui fremosas e mui deleitosas palavras. *Ergo*, bem parece como o apartamento solitário acendeu o engenho e a sutileza deste barom. E quando o apartamento, que foi contra sua vontade, há feito a ele tanto bem, que pensas que fezera, se o ele desejara e fora per sua vontade? Ou quanto cuidas que deve ser desejado o apartamento solitário, que tanto aproveita, nom tam solamente àqueles que o desejam, mas ainda aos que o nom querem?

## Capítulo XCII

Depois que esto disse, o nobre solitário tornou-se contra Dom Cicerom e disse-lhe:

— Amigo Dom Cicerom, como quer que vós queirades viver em as cidades, porque érades sabedor das leis e dos direitos pera os praticar e usar, pero rogo-vos que me digades qual é a maneira da vida que vós desejávades e qual devem desejar os filósofos e os amadores da sabedoria.

E Dom Cicerom disse assi:

— Muitos desejaram viver em assessego e leixar os negócios do mundo e, porém, fugiram pera a vida apartada e assessegada; e antre estes foram mui nobres filósofos e outros homens de mui estreita justiça e de grande peso,

que nom podiam sofrer os costumes do pobo e dos príncipes. E alguns destes viveram em suas herdades, deleitando-se tam solamente em sua fazenda por nom haverem mester outras cousas, nem serem sujeitos a nenhum homem, mas viverem livremente. Mas como quer que a vida dos autos do mundo bôs seja mais frutuosa à prol comunal, pero a vida assessegada e apartada é mais legeira e mais segura e menos grave e mais pouco nojosa, e é pertencente pera quaisquer que, com justa razom, a podem fazer, mas extremadamente àqueles que sobrepujam os outros em engenho e em doutrina e em ensinança. E eu mesmo, sendo mui anojado e mui triste por morte de ùa minha filha muito amada, desejava pera mi esta vida apartada, ca eu todas cousas enjeitava, nem havia cousa que pudesse sofrer, senom o apartamento solitário. Ca o ermo era a mi provência e fugia da cidade por muitas razões, e nom podia estar antre as companhas e nom havia outra cousa que mais me prouvesse, senom aquele apartamento solitário, em que nom havia falamento com outrem. E pela manhã, metia-me em ùa froesta espessa e áspera e nom saía dela até tarde. Nom era cousa mais amiga pera mi que o ermo e o apartamento solitário.

Tanto que esto disse Dom Cicerom, logo falou o nobre solitário e disse a mi, pecador:

— Assi, certamente, assi aconteceu a mi muitas vezes, que, depois que pela manhã entrava em ùa mata aspeza e áspera, nom saía até noite. Ora, amigo, per estas cousas podes entender como este grande sabedor e praticador dos direitos e grande filósofo, Dom Cicerom, amador da cidade e da praça, entejou aquele que amava e louva sobre todas as cousas o apartamento solitário com leteradura. E bem creio que concordou enesto com Dom Cicerom um grande sabedor dos direitos e das leis, que houve nome Demóstenes, que aquele que ele tam poderosamente praticou em as cidades, em o ermo o aprendeu e em o ermo do apartamento solitário. Este Demóstenes às vezes se poinha em um lugar calado e escondido de cada parte e çarrado, em que meditava e pensava pera aguçar seu engenho, e às vezes estava em lugar descoberto ao som das águas dos rios, e ali se avezava a razoar apostamente; e todo esto fazia ele em o ermo.

Estes tais aprendiam em o apartamento solitário aquele saber que vendiam antre os pobos, e pensavom em os ermos aquelo que mostravom em as cidades. Mas a ti, que és cristão, se queres ser servo de Jesu Cristo, nom debes aprender em o ermo pera venderes nem mostrares ao mundo. Mas todas as cousas que aprenderes em o apartamento solitário devem ser pera saúde da alma e pera lei da vida temporal e pera esperança da vida perdurável. E em o ermo debes usar aquelo que aprenderes, e em o ermo morrer e em o ermo viver. E esto cobicei, e assi me cumpriu o Senhor Deus mui piadoso.

E Dom Solom, que foi um dos sete sabedores de Grécia, mui nobre fazedor de leis e guiador e regedor da prol comunal, depois que foi em a sua derradeira idade, foi-se pera os estudos dos grandes filósofos, e deve ser contado antre os solitários, pois que leixou a sua terra apostada com leis que ele fez e, com desejo de aprender, foi-se pera terras estranhas e pagou-se muito de ser pelegrim e estranho em o Eigito<sup>80</sup>.

### Capítulo XCIII

Depois que esto disse, o nobre solitário tornou sua face e sua mão contra u estava o gregorioso monge Dom Sam Bernardo, que ali era junto com os outros santos barões, como de suso dito é. E começou de lhe falar enesta guisa:

— E vós, doutor doce e sabedor, Dom Bernardo, nobre per apostura do corpo e per geraçom, bem pensastes o fruto da vossa alma em a frol do começo da vossa mancebia. E fostes-vos ao ermo e ao apartamento solitário, e nom fostes alá só, mas tirastes cinque irmãos pera a carreira do vosso santo prepósito, ca um dos vossos irmãos, que havia nome Gerardo, era cavaleiro e avorrecia os vossos conselhos e escarnecia e contrariava aos começos da vossa vida, que era muito melhor que o começo da sua; e vós movestes-vos contra ele com zelo celestial, e dissestes-lhe que a pouco tempo a lança do seu inimigo quebrantaria o seu lado duro e contrairo aos amoestamentos de Deus, e logo lhe pusestes o vosso dedo em o lugar u havia de haver a lançada, dizendo-lhe: «Eneste lugar serás ferido e almenos com a dor do corpo entrará saúde da alma».

E assi aconteceu como tu adevinhaste, e o entendimento desse teu irmão se mudou, em tal guisa que a sua áspera cavalaria se enclinou em mansidom de monge e logo desejou e buscou aquilo que ante escarnecia. E o outro vosso irmão mais pequeno, quando viu que todos os outros irmãos se iam fazer vida solitária em o ermo, e o maior se espedia dele, dizendo-lhe: «Irmão Vivardo, a ti só fica toda a possissom que nós todos havíamos de haver», entom ele, como quer que era minino, respondeu sobre sua idade e disse: «Nom é esta partiçom igual, que vós todos haveredes o céu e eu a terra». E a pouco tempo leixou ele o segre e em o ermo buscou o céu, e assi nom ficou nenhum de vossos irmãos apreso à terra. E certamente sua madre piadosa com dereito deve haver parte em o proveito deles, que assi ensinou seus filhos, dès sua mini[ni]ce, criando-os

80 O original inclui neste ponto um segmento do texto que pertence ao capítulo anterior, pelo que o suprimimos aqui (ver supra, nota 78).

com vianda rude, em tal guisa que fossem pertencentes pera a vida do ermo quando chegassem à idade de barões, mais que pera as deleitações do segre. Enestes costumes e enestes ensinos foram criados e crescerom os filhos mui semelhantes à madre. Verdadeiramente, nobre e santa família e ramos fidalgos de videira avondosa. E como quer que todos foram aguçosos e prestes pera subir à terra celestial, pero tu, Barnardo, fuste guiador de todos e em cabo tiraste pera a tua santa vida teu padre mui velho e ùa tua irmã. Quero-me calar do louvor da tua austinência e dos teus falamentos, ca todos o sabem e conhecem; mas rogo-te que digas algũa doce palavra do solitário apartamento.

Entom falou Sam Bernardo e disse:

— Todas as lêteras e a ciência que eu soube, em os matos e em os agros as aprendi, nom sendo dicípulo dos homens, mas meditando e pensando e orando. E nunca houve outros mestres, senom os carvalhos e as faias.

E tanto que esto disse Sam Barnardo, logo o nobre solitário tornou a face contra mi e disse:

— Pára mentes, irmão, que nobre e extremado dizer deste grorioso doutor, como aprendeu sua sabedoria e suas lêteras em o ermo, sem ensinador! E digo-te que, em o seu tempo, nom sei outro que fosse mais<sup>81</sup> avondoso delas. E se eu nom som enganado, assi mesmo posso e quero dizer de mi que qualquer cousa que eu soube, todo aprendi em o apartamento solitário.

## Capítulo XCIV

— Dereito me parece que façamos aqui renembrança do nobre ermitam Arnulfo, que foi depois bispo da cidade de Teritónia<sup>82</sup>, e do ermitam Eutero<sup>83</sup>, que primeiro foi nobre per pregaçom e nobre per geraçom e per dinidade de ordem dos senadores, e muito mais foi nobre, depois, per religiom e per apartamento solitário, e morou em ùa rocha espantosa perseveradamente e depois foi feito bispo per revelaçom do anjo, mui groriosamente em a cidade de Londres<sup>84</sup>. E em sua comarca há mui esquivos ermos em que viveu este santo bispo per

81 No original: «nom».

82 O autor ou o copista parecem não ter lido bem o texto de Petrarca, reduzindo a referência à região francesa de Metz (*territorii Metensis*) a uma suposta «cidade de Teritónia»... Cf. Petrarca, *De vita solitaria*, Liber Secundus, VII, 10.

83 Deveria ser Euquero, isto é, Eucher, bispo de Lyon, morto em 450-455.

84 Novo equívoco: refere «Londres», quando deveria indicar Lyon.

grandes tempos; e ali foram solitários ermitães Domiciano e Romano primeiramente, e depois foram abades mui honrados em santidade. E pera eu mesturar os ermos e apartamentos solitários de além do mar com os de aquém das Alpas, digo que Ursano<sup>85</sup> foi primeiro mui conhecido per cavalaria segral, e depois que a leixou foi mais conhecido per cavalaria de Jesu Cristo, e fez vida solitária acerca de ãa vila que há nome Michea<sup>86</sup>, em terra de Bitínia, vivendo santamente e fazendo milagres muitos.

Quem nom conheceu Carloniano, que foi chamado tio do grã Carlo? E este Carloniano, sendo quinhoeiro do reino com Pipino, seu irmão, leixou o reino e os cuidados dele e foi-se pera Roma, com propósito de viver em assego de sua alma, e tomou i hávito de monge e morou em um monte que chamom Sorante<sup>87</sup>, u vivia escondido Sam Silvestre; e depois que ali esteve per dous anos, vinham a ele muitos peregris de sua terra, que lhe faziom grande honra e grande reverença. E, porém, se partiu dali e foi-se ao mosteiro de Sam Bento, que era mais apartado e mais alongado dos caminhos, que é chamado Cassinense. E ali houve aquilo que desejava, convém a saber, jazer escondido em folgança da alma sua e haver fim e acabamento de sua vida em grande paz e assego espiritual. E Pedro Deimiani, que foi primeiramente solitário em o ermo e depois foi cardeal em Roma, e despois per seu talante se tornou ao apartamento solitário? E esto é dobrada honra da vida do ermo, ca tais barões como este empresta ao mundo e depois os recebe pera si. Este leixou as pompas do segre e foi viver em um ermo, que há nome Avelã Fonte, e ali viveu nom menos groriosamente que ante vivera em Roma, e nom lhe foi desonra permudar a honra do sombreiro vermelho por um mui áspero cilício.

E como quer que este Pedro foi nobre por leixar tam grande dinidade, muito mais nobre pareceria, se nom fosse outro mais nobre despreçador de maior alteza, convém a saber, outro Pedro, que foi papa em Roma e foi chamado Celestino, que assi leixou a mui grande dinidade de papa [*per*] o ermo u ante vivia, que parecia que se soltara de prisom dos enmigos. E eu tenho que esto que ele fez foi proveito a ele e ao mundo, porque ele nom havia experiênciã das cousas humanais que ele havia despreçadas pola muita contempraçom das cousas divinais, que ganhara per longo amor da vida solitária. E, porém, aquela alteza da dinidade que lhe assi derom subitamente pudera ser turvada

85 Ursatius (Ursace ou Arsace).

86 Michea = Nichea: lapso por “Niceia”.

87 Soracte.

e perigosa a ele. Eu entendo que este feito foi de coração mui alto e mui livre e verdadeiramente celestial, que nom podia ser feito senom de homem que estimasse as humanais cousas em seu justo preço e que fosse tal, que metesse sô seus pés a cabeça sobervosa da fortuna.

Tanto que esto disse o nobre solitário, teve mentes ao doutor Santo Ambrósio, que i estava, e disse-lhe enesta guisa:

— Doutor católico mui sabedor, muito me cumpre a vossa ajuda eneste passo.

Entom o mui sages doutor, Dom Santo Ambrósio, respondeu com tal razom:

— Nom é obra de pequeno nem de priguiçoso coração, despreçar as requesas terreaes e entejar as honras do mundo e nom demandar a grória do segre, onde é louvado o pecador em os desejos da sua vontade e benzem aquele que faz maldades. Onde, se verdadeiramente for entendido este despreçamento das cousas desta vida presente, quais cousas cobiça e pera quais cousas vai, nom há i nenhũa cousa que assi aderece dereitamente as mentes e as vontades daqueles que despreçam as cousas deste mundo nem que as levante mais altamente. As quais mentes e vontades trespassam e trascendem todas as cousas com santos desejos e nom ham desejo nem afeição final a outra criatura, posto que seja mui poderosa e maravilhosa, senom ao Criador de todas as cousas, ao qual chegar-se o homem é ser feito nobre e, temendo-o, é alegria, e servir a ele é reinar.

Estas palavras assi ditas, tornou-se contra mi, pecador, o nobre solitário, dizendo:

— Rogo-te, irmão, que me digas qual foi em no mundo mais dino de tal louvor que Celestino? Ca os outros leixarom suas barcas e suas redes e outros leixarom suas possissões e outros leixarom suas mercadorias e outros leixarom reinos e esperança de reinos e seguiram Jesu Cristo, e, porém, foram feitos apóstolos, foram feitos santos e amigos de Deus; mas a dinidade e o estado do papa, que é a cousa do mundo mais alta, cousa tam desejada e tam maravilhosa, qual foi aquele que a despreçou e leixou com tam alto e com tam maravilhoso coração, como fez este Celestino, maiormente depois que esta dinidade do papado começou ser tam preçada? Ca ele, tendo-a, leixou-a, desejando ou demandando o primeiro lugar do ermo u vivia e o nome primeiro que havia, e a proveza, que é amiga dos bôs costumes; e olhou e parou mentes em o céu e nom se nembrava da terra. Este Celestino, em qualquer estado que viveu, sempre se trabalhou de prazer a Deus igualmente.

E nom é maravilha de lhe nom falecer a virtude das obras àquele que sempre o teor do seu coração foi um, e nunca foi mudaçom feita da vida que lhe cumpria fazer, ca sendo el posto em a maior alteza das cousas, dentro em a câmara sua, qual pertence à dinidade papal, fez ele ùa camareta muito estreita, qual

pertencia pera ermitam. E em tal maneira fazia sua vida, que, sendo em alteza, era baixo e humildoso; antre as companhas, era solitário, e antre as riquezas viveu prove. Ainda te mais digo deste grorioso solitário Celestino, que, logo em começo, quando foram por ele ao ermo pera o fazerem papa, provou de fugir com um discípulo, Roberto, mancebo, mas a multidom do pobo, que veio de sobreventa, cercarom-no per tal guisa, que nom pôde fugir. Entom disse ele àquele seu discípulo se o queria seguir e ir-se conele pera aquela alteza, pera que o levavom contra sua vontade. Mas ele, que havia aprendido do seu mestre Jesu Cristo em despreçar o mundo e amar ao Senhor Deus e vertude e paz e senso e apartamento solitário, que som cousas per que o homem vai pera Jesu Cristo, respondeu-lhe enesta guisa: «Rogo-te que perdoes ao meu trabalho e ao meu perigo, e que ante queiras que eu seja sucessor da tua cela prove e do assecesso e vagar seguro, ca ser quinhoeiro contigo da grória e honra, rica e comprida de muitos cuidados». E assi foi feito, ca ele ficou ali, e o mestre foi levado pera Roma e foi feito papa; e depois, ao tempo que Celestino morreu, este seu discípulo, estando em o ermo, viu a sua alma subir pera as sédas celestiais. E nom sabendo ele parte da morte de seu mestre, ficou espantado de tam grande milagre e preguntou-lhe se ainda entom lhe mandava que o seguisse ou se lhe mandava fazer algũa outra cousa. E ele respondeu, amoestando-o, que perseverasse morando em o ermo; e, dès i, foi-se pera o céu; e aquele seu discípulo nembrou-se mui bem do conselho do seu mestre e viveu depois muitos anos em o ermo e, comprido<sup>88</sup> de muitos dias foi-se pera o céu depós seu mestre e ficou grande fama de santidade e de maravilhas dele.

Mas torno a falar de Celestino, que o seu subimento da alteza, quanto foi a ele nojoso e contra seu coração, bem se mostrou pelo seu decimento, que foi ledo e per sua vontade. Ca eu ouvi contar àqueles que o viram, quando leixou a dinidade do papado, fugir com tanto prazer e que pareciam em sua face tais sinais de alegria espiritual e em os seus olhos, quando se partia dante o conselho, depois que lhe foi dada lecença, que parecia que tirava o seu pescoço de sô ãas segures mui agudas e mui cruéis, e em no seu rosto reluzia craridade angelical, e esto nom sem merecimento, ca ele bem sabia aquelo pera que se tornava e aquelo que leixava, e certamente ele leixava trabalhos e ia-se pera folgança; partia-se de razoamentos sandeus e tornava-se pera falamentos com Deus; leixava a cidade e ia-se pera o monte e que, como quer que fosse áspero e fragoso, pero era tal per que haveria o caminho chão pera o céu. Em que pequeno espaço de tempo per toda terra, de Itália até as Alpas, quantos conventos de ordem som

88 No original: “comprindo”.



estabelecidos! E além das Alpas dura a sua devaçom e a sua religiom. Quantos filhos gerou em o ermo, que viverom depós ele grande tempo, sendo já mortos ante gram tempo todos aqueles que ele criou em o paço, sendo papa, e todos aqueles que pôs em as dinidades de cardeais e em os outros graus da Igreja!

Ora pára mentes, pecador, quanto som mais firmes e os mais estávis os fundamentos do santo apartamento solitário que os fundamentos do segre! Podem escarnecer do feito deste grorioso Celestino aqueles a que parece feia e vil a santa proveza e o despreçador arrefido<sup>89</sup> e arrepiado das riquezas em comparaçom do ouro e da púrpera. Mas nós maravilhemos-nos<sup>90</sup> de tal homem e contemo-lo antre os mui poucos, ca, certamente, mui poucos forom semelhantes a el em despreçar a grória do mundo.

Outro Pedro ermitam foi em o território ambianense<sup>91</sup>, que fez vida solitária. E qual foi este nobre ermitam, nom se pode encobrir, porque em outro tempo, sendo a casa santa de Jerusalém em poder dos enmigos da santa fé de Jesu Cristo, prougue ao Senhor de a livrar das suas mãos. E entom nom quis demostrar a sua vontade daquelo que ele queria que se fizesse em tal feito a algum dos reis cristãos, que dormiam grossos sonos em roupas de prumas e em púrpera, nem quis esto descobrir ao papa de Roma, honrado barom, mas ocupado. Mas demostrou e descobriu aquilo que ele queria a este Pedro, prove, assesgado, solitário, que dormia em um leito vil e baixo, e, primeiramente, esperou enele que fosse a Jerusalém. E ele, depois que foi alá, houve grande compaixom e grande dor dos fiéis cristãos e dos santos lugares, que erom escarnidos e desonrados polos enmigos da fé. E gemia muito e orava e vigiava; e jazendo ele, dormindo em terra dentro em a igreja, apareceu-lhe Jesu Cristo outra vez e mandou-lhe que fosse aos pastores das igrejas e aos príncipes cristãos católicos e que os espertasse e demovesse pera vingarem a desonra do seu nome. E tam grande messejaria como esta e tam alta sobre suas forças, quanto devotamente a ele tomou e quam<sup>92</sup> inteiramente e fielmente a ele cumpriu com ajuda de Jesu Cristo, nom cumpre por agora de se recontar. Abaste mostrar-se craramente per tal obra como e quanto o Senhor Deus se paga daqueles que fazem vida solitária, ca per a messejaria deste prougue a Jesu Cristo livrar a sua santa casa de poder dos infiéis. Estas cousas e outras semelhantes do louvor

89 Entorpecido (pelo frio: arrefecido)?

90 No original: «maravimosnos».

91 Amiens.

92 No original: «cam».

da vida solitária nom as posso todas dizer e se tu, irmão, desejas a fim e termo que houverom estes que te contei, faze como eles fezerom, ca eu entendo que pera tua salvação nom há i carreira mais dereita nem de maior atalho que o apartamento solitário.

## Capítulo XCV

Depois que eu, mui misquinho pecador, ouvi os mui maravilhosos recontamentos que fez o nobre solitário dos groriosos solitários ermitães, muito desejava o meu coração seguir a sua vida; mas porque me sentia embargado dos meus pecados, que haviam feito departamento antre mi e o Senhor Deus. Porém, comecei bradar e dizer:

— Senhor Deus, faze-me parceiro de todos aqueles que te temem e que guardam a tua lei. Senhor, a mi prazeria que as minhas carreiras fossem aderençadas pera guardar as tuas justificações. E entom nom serei confundido, quando eu parar mentes em todos os teus mandamentos.

E tanto que eu esto disse, nom foi priguiçosa a dona espantosa de recudir contra mi, assi como ante fazia, e disse assi:

— Di-me, pecador, como pensas tu achar em a vilhice aquilo que nom semeaste em a mancebia? Ca qualquer cousa que o homem semeia, esso colherá; e bem sabes tu que semeaste pecados e maldades, e, porém, dereito é que colhas vergonha e arrependimento e morte, ca o pecado, quando é feito, gera morte perdurávil.

Ferido ficou o meu coração com tam espantosas palavras, mas nom tardou muito a mui confortosa donzela com a sua mezinha, e falou-me logo enesta guisa:

— Pecador, nom te consumas nem te desfaças de todo com as fortes feridas dos pecados da tua mancebia, pois haver podes físico e mezinhas. Ca, como quer que tal és tu ora e em tal estado, como diz minha irmã a Justiça, pero o Senhor Deus é físico mui misericordioso e mui sabedor e há muitos servidores que confortam e ajudam os feridos e os enfermos per seus bôs conselhos e enxemplos de suas vidas, assi como fazem a ti estes groriosos barões e solitários doutores. Ora tu, pecador, crê o que te eles dizem e poem em obra o seu conselho e sigue a vida dos santos homens que te recontou este nobre solitário, e logo acharás graça ante os olhos do Senhor e fazer-te-á quinhoeiro daqueles que amam o seu nome.

Calou-se a donzela groriosa e eu tomei já quanto conforto e boa esperança, esperando fazer vida apartada e cumprir os bôs conselhos, como quer que o pusesse em espaço.

## Capítulo XCVI

Entom o nobre solitário tornou a seu falamento enesta guisa:

— Irmão, eu entendo que aquele que quer ter mentes em o céu e contemplar as cousas celistriais, deve-se sair fora do segre, porque em nas cidades é embargada e tapada a vista do homem, per razom da vista e do apresamento de muitas e más cousas. Porém, digo que tu debes sair fora do segre, com tanto que sejas tirado per Deus, ca, de outra guisa, se tu quiseres levar contigo tuas maldades e usar delas em o ermo, ou trespassares os altos montes conelas, nunca serás seguro. E, porém, alguns que nom houverom o Senhor Deus por seu guiador, mas seguirom as suas más cobiças, caírom em o ermo em perdiçom. E aqueles que desejom e trabalham por haver o céu, nom desejam os seus ajuntamentos dos sons e dos arruídos das cidades, mais desejam os ermos e os apartamentos solitários, calados e assesegados. Ali u o Senhor Deus é a eles sobre suas cabeças e o mundo e as cousas dos homens som só os pés deles. E destes te fize recontamento, assi como já ouviste, como quer que muitos mais ficarom, que nom puderam ser contados os católicos fiéis que honraram a vida solitária. E esto por tomares enxemplo e por louvor da vida solitária, que eu tanto amei e em que alcancei salvaçom pera sempre.

Mas ainda por louvor dela e por espaço e solaz da tua alma, te quero contar dous solitários de outra maravilhosa maneira. Contam de ùas gentes, que há em no Ouriente, que som chamados Brâmanas, que vivem acerca do paraíso terreal, em ùa terra mui temperada. Estes andam pelos ermos vagos e nus e som gentes de grande contença e de pureza da sua mente e mui despreçadores das riquezas e de mui grande silêncio<sup>93</sup>, em tal guisa que nunca quebrantam silêncio<sup>94</sup> senom cantando ou dizendo louvores a Deus; e esto tam solamente é sua fala. Todo seu desejo e toda sua esperança nom é senom em a vida do outro segre; o seu comer é ervas e fruticos de árvores; as vistiduras, se trazem algũa vistidura, é de folhas; a sua morada é de ramos, o leito é de froles, o beber é das fontes. E ham por costume de se queimar em fogo, quando desejam a morte. E destes foi um, que houve nome Calânio, que se veio a Grécia a aprender ciências, e, porém, os outros da sua gente lho houverom por mal, assi como homem que deixa a diciplina e ensinança mais justa e mais apartada e os costumes de sua terra e fuge-se pera a sombrosa filosofia de Grécia e pera cousas moles e deleitosas.

93 No original: «seenço».

94 No original: «seenço».

E outro honrado velho, que havia nome Dardano, que veio falar com el-rei Alexandre, e el-rei lhe ofereceu doas de ouro e prata e vistiduras e pães e óleo, e el despreçou todas estas cousas, afora o óleo, dizendo que o ouro e a prata nom valiom nenhũa cousa, ca nom podiam forçar nem tomar o coração do homem, nam haviam poder de enduzer qualquer ave pera cantar mais docemente. E avorrecia as vistiduras, assi como cousas sobejas e embargo e prisom de livridom e escarnecia do pam, assi como de cousa que fica por reléu do fogo. Mas por tal que nom fosse despreçador de todos os dões que lhe el-rei dava, tomou o óleo e mandou fazer grande fogueira e lançou o óleo sobre a chama e em todas as cousas deu graças a Deus, mostrando que esto era maneira de sacrificio a Deus.

Mas nom sei que diga em todo deste velho solitário e do costume daquela gente, ca aquela nuidade nom me praz, posto que seja a terra mui temperada, porque as vistiduras nom som tam solamente pera o frio, mas ainda som pera honestidade, como quer que dizem que eles trazem cobertas as partes vergonçosas e em todo o al andem nus. Nom me praz a maneira bestial do comer e do dormir, porque se de todo quiser o homem usar das cousas sem nenhum guisamento, poderá cair em contraio. Praze-me enesto e em outras muitas cousas temperada temperança, assi como limpeza, nom odiosa nem muito escoimada, e nom seja fera em todo per negligência e per deleixamento. E esto mesmo das vistiduras, em as quais é de ter maneira meã, assi como em as mais das cousas. E a maneira que a mi praz é esta: o sono pouco e o comer leve e o beber ligeiro, a vistidura humildosa, em tal guisa que haja diferença antre o trajó e o leito e a mesa do homem e das bestas. Nom me praz as casas ricas e pintadas, que ham de cair; nom me praz as mesas grandes e com muitas viandas, com baixela de prata, pero nom entendo por mal às vezes dormir em terra, ca a ceia pequena é deleitosa e o sono em a erva acerca do rio.

## Capítulo XCVII

— Mas todo tempo estar e dormir sô o ar nom pertence pera homens, mas pera os ussos, como quer que o homem que sempre vive sob o ar groria-se e gaba-se que tem o céu por cobertura e a terra por leito. Mas estas cousas mui ligeiras som em comparaçom das outras mais graves que aquelas gentes fazem. Ca mui grande sandice é aquele mau costume que ham de matarem si mesmos em o fogo (assi como se a sua vida fosse per eles e nom per Deus) e que sem mandado de Deus se podia partir a alma do corpo, quando eles quisessem.

E esta cousa nom tam solamente é danada pela fé cristã, mas ainda pelos mui nobres filósofos. Outrossi é mui grande soberva, que eles afirmam que nom há em si pecado. Estas cousas me anojam da sua seita e se eu estevera presente, quando ele falou com Alexandre, eu lhe respondera à sua heresia assi como cumpria. E, de outra parte, me praz aquele despreçamento do mundo que nom pode ser maior e praze-me a vida solitária que fazem e a livridom, que nom há gente em o mundo mais livre.

Praze-me o silêncio e o vagar e assesego daquelas gentes; praze-me as suas cuidações, que sempre entendem em a outra vida. Praze-me a sua integridade e a sua segurança, se nom fosse sobeja; praze-me a igualdade dos corações e que nom mudam seu sembrante e nom ham temor de nenhũa cousa nem cobiça. Praze-me a sua morada [*em os*] montes e a vizinhança da fonte, ca eles põem suas bocas em a água e dizem e têm que a fonte é teta inteira e sem corruçom da terra, que é sua madre, pera a eles mamarem. Move-me aquele falamento mui gracioso de todas aquelas gentes dos Brâmanas e maiormente daquele Dâdamo, que houve com Alexandre, em que repreendeu as muitas maldades sem conto que há em os homens, e nomeadamente o mui grande desejo e sede que ham do ouro, que nom pode ser apagada, e a crueza e o ódio dos homens e o despreçamento de Deus, e que olham e se maravilham polas riquezas como meninos parvos, e que assi se afeitam como mulheres, e o inchamento da soberva e da sanha do coração e o grande temor que ham da morte e o desejo que ham sem conselho da honra e o escorregamento da língua, e a muita fala sem proveito, que é muitas vezes danosa àquele que fala, e que toda a sabedoria dos homens é em as palavras e o siso em os beiços, e a palavra é contraira à vida e que nom consiram as cousas ante que as façam, de que nace o reprendimento. E ainda a míngua e mesteirice de enfindas cousas que ham os homens, que lhes vem da avareza, e a discórdia de dentro das afeições e das vontades, e de fora muita contrariadade e contradizimento dos nembros e perversidade e maleza de muitos costumes. E antre as outras cousas, amor de matar e estudo de guerras e o mantimento do corpo sem regra e a bevedice arrevatada e a gargantoíce, que é enmiga de si mesma e destruimento do homem que ela cria, e o guisamento escoimado das viandas. Outrossi repreendia o comer das carnes, dizendo que os homens que as comem som iguais aos lobos e aos leões e que som sepulcros vivos dos corpos mortos. Eu nom louvo todos os costumes destas gentes, mas louvo o apartamento do ermo e a sua vida solitária.

### Capítulo XCVIII

— Contam alguns que andam pelo mundo que, em Índia, havia homem de tam grande inocência, que vinham a ele os reis e os pobos da terra de Índia mui humildosamente, que rogasse a Deus por eles e que lhes desse reposta e conselho em as cousas duvidosas, honrado acerca tanto como se fosse Deus. E el era de grande idade e jazia nu em terra, nem se levantava aos reis e adur movia os beiços, quando respondia em mui poucas palavras. E el-rei Alexandre veio aquele bosco u el morava e descavalgou do cavalo e tirou de si as vistiduras e os outros apostamentos reais, e ele só ou com mui poucos escolheitos entrou a ele com grande espanto; e lançou-se a seus pés pera poder ser dino de falar com ele. E segundo conta um barom sabedor de Babilónia, que há nome Bandasines, e este grorioso doutor Jerónimo, que aqui está, conta depós ele: homens há em aquela terra que vem el-rei a eles e adora-os, tendo que a paz da província é posta em as orações deles. Muitas cousas poderia dizer deles, mas seria grande perlongamento.

Outras gentes há por detrás do Aguiom, em terra em que per todo o ano nom há mais que um dia de seis meses e ùa noite de outros seis meses. Estas gentes ham por costume que, quando se enfadam de viver, afeitam-se com grilandes, assi como pera dia de festa, e lançam-se de ùa grande pena em o mar; mas em nas outras cousas som mui inocentes e mui justos e a sua vida é mui longa, nem sabem que é guerra nem contenda, mas sempre vivem em vagar pacífico, morando antre os boscoss e antre os ermos. E junto conestes moram outras gentes, que chamam Arinfeus, e sua morada é em as matas e o seu mantimento é os fruitos das árvores monteses. Esta gente é mui piadosa e é mui branda e todas as nações que som arredor deles, como quer que sejam mui cruéis e mui feras, ham esta gente por tam santa e por tam grande autoridade, que quaisquer gentes que se acoutam a eles, assi som coutados, como se fugissem e acoutassem a algum tempro. E contra o poente moram os filósofos de Gália<sup>95</sup> em covas e em ermos muito apartados; estes ensinam aos nobres homens da sua gente a sabedoria e como saibam bem falar e bem razoar e ditar e as naturezas das cousas e os movimentos das estrelas e os segredos dos corpos celistriais; e ensinam-lhe como as almas nunca ham de morrer e o estado da outra vida, que é pera sempre. E outras gentes das ilhas

95 Seguindo Petrarca (*De vita solitaria*, Liber secundus, XI, 16), o texto alude aos druídas gauleses.

de Ibrénia<sup>96</sup>, que sempre vivem em nas matas e nom som lavradores, mas guardam gados e o seu viço é vagar e ham por grandes riquezas serem livres. E como quer que eu nom louvo todos seus costumes, pero praze-me muito a sua inocência e a sua simpreza e livridom que ham dos negócios e das riquezas do mundo. Ca nom as ham nem se trabalham de as haver; e tenho que este bem e outro qualquer que em eles há, do azo da vida solitária e que fazem em os ermos e em as matas lhe vem.

### Capítulo XCIX

— Que direi dos filósofos e dos poetas-filósofos? Digo, aqueles verdadeiros, que sempre foram poucos e nom sei se som agora alguns que cumpram per obra aquilo que prometem, convém a saber, amor e estudo de sabedoria; e nom digo destes filósofos deste tempo que lêem em nas cadeiras e som tais come sandeus em nos autos e dam mandamentos e preceitos aos outros, e eles som os primeiros que vão e obram contra os seus preceitos; e eles som os primeiros que quebrantam e minguem em nas leis que eles mesmos fizeram, e eles som os primeiros que som revéis ao senhorio das virtudes. Outrossi nom falo dos poetas que fazem versos de vaidade e de chufas, dos quais há i tanto avondamento, que é fastídio, mas entendo os poetas verdadeiros, que sempre foram mais poucos que os filósofos, e a sua mente mais santa e o seu engenho mais chegado a Deus, ca sua boca [é] falador de grandes cousas.

Estes tais poetas e tais filósofos, como dito hei, nom poderia eu ao tempo de ora mostrar um com o dedo; e se há tais eneste tempo, ou houver ao diante, certamente eles fugiróm das cidades e seguiróm os ermos e os apartamentos solitários. Mas dos filósofos e dos poetas que foram em outros tempos, pergunta a Dom Pratom, grande filósofo antigo. Certamente ele louva muito a sua aldeia pequena, que chamam Academia, e, segundo creio, ele a tem e preça mais que a cidade de Atenas. E pergunta o grande filósofo Protino, que foi principal com Dom Pratom, e ele te responderá que a vida apartada e em vagar, que ele fazia em Campânia, lhe abastava e nom desejava mais de todo o mundo. Pergunta o grande filósofo Pitágoras, e ele te dirá que sempre andou buscando os ermos e os apartamentos solitários, nom tam solamente os deleitosos, mas

96 Irlanda. No texto surge o plural, «ilhas», porque no original Petrarca alude a «Thilem et Hibernem» (*De vita solitaria*, Liber secundus, XI, 16), tendo o nosso autor optado por eliminar a primeira.

os desertos e espantosos, e sempre buscou lugares estranhos e trabalhosos em os desertos, com vontade e com estudo de enquerer e achar a verdade. E os seus sucessores, que som chamados pitagóreos, sempre se alongavam da multidom das gentes, que é posta a muitas tempestades, e viverom em os apartamentos solitários e em os desertos. Pergunta a Demétrio, filósofo, e ele confessará que ele tirou os olhos a si mesmo pera ver a verdade e pera nom ver o pobo, que é inimigo da verdade. Nom negará Prometeu, filósofo, que ele escolheu o ermo e o apartamento do monte Cáucaso, pera ele dar todo si mesmo a saber as cousas encobertas e os segredos da natureza com grande entençom do seu coraçom. Muitas vezes o lugar aguça o engenho do homem e, porém, aqueles que querem achegar o seu coraçom às cousas altas devem desejar lugar pertencente e livre e sem embargos, porque, antre os pobos, muitas formas de vaidade premem e apertam o coraçom e o derramom e rompem e espedaçom e a morte da alma acha mil carreiras pera entrar a ela pelas frestas, que som os olhos e os outros sentidos corporais.

E por estas razões se moverom os filósofos nom tam solamente leixar as cidades e os ajuntamentos das gentes, assi como primeiras e principais sédas da turvaçom e desassessego e dos trabalhos, mas ainda leixavom as hortas de a par das cidades per razom dos moles deleitamentos e da vizindade dos arruídos da cidade. E assi o fazia o grande filósofo Aristóteles e Sócrates e outros filósofos, senom quanto eram embargados per alguns seus discípulos, que eram reis ou grandes senhores, ou per mandados dos regedores do comum, ou per necessidade, ou per algum caso que os embargava viver apartados. E Marco Túlio e Virgílio Maro, que foram príncipes de falar e de ditar apostamente em latim: quando Marco Túlio queria fazer trautados das leis, buscava carvalheiras bem espessas em folhas e em ramas, e apartamentos deleitosos e ribeira sombra e azinheiras mui altas e cantares das aves e sons de rios e ùa ínsua pequena, antre as águas partidas em duas partes; e Virgílio, quando queria fazer seus ditados fremosos, ia-se amiúde antre a espessura das faias, e só em os montes e em os boscos fazia sua obra, segundo a usança de Dom Pratom, que aqui está, que quando havia disputar sobre os estabelecimentos das cousas da prol comunal e sobre as mui boas leis, estava antre os aciprestes e em os espaços das matas. E Dom Virgílio fugia de Roma, em que era muito amigo do emperador, e buscava vida solitária, que entendia que lhe era mester pera aquela obra divinal do seu sutil engenho.

E um grande poeta, que havia nome Horácio Franco<sup>97</sup>, dizia craramente que se nom pagava da cidade de Roma, mais que lhe prazia da folgança do

97 Flaco.



ermo e do apartamento solitário daquele lugar que chamom Tibur, ou o ermo de nubele<sup>98</sup> Tarentum. Ca ele havia provado o conrairo em Roma, recebendo muitos nojos do ajuntamento do pobo, e porém dizia ele: «Eu nom posso em Roma escrever ditados poéticos antre tantos cuidados e tantos trabalhos e antre os arruídos de noite e de dia; e em a metade das ondas e tempestades da cidade, nom posso eu cantar nem ditar docemente. Todos os escrevedores e ditadores se pagam dos ermos e dos matos e fugem às cidades, e esta mesma foi e é a minha entençom, ca a cidade enmiga é aos poetas». E este poeta Horácio Franco louva muito ãa sua herdade que nom há mais que cinco moradas; e estando ele em a cidade, antre os negócios graves suspirava pola vista daquela sua aldeia que ele muito amava, e despreçava e condenava a morada e estada da cidade, dizendo que nom daria aquela sua aldeia polas riquezas de toda terra de Arábia. E assi parece que ele louva o apartamento solitário e o assesego, preçando-o mais que as mui grandes riquezas.

### Capítulo C

Depois que esto disse o mui nobre solitário, tornou sua face pera u estava Dom Séneca e disse assi:

— E vós, Dom Séneca, nobre filósofo, fostes primeiro cidadão de Córdova e depois senador nobre em Roma. Em um vosso ditado, com grande dolçura do coração, faziades nembrança do apartamento solitário de Córsega, em que estevérades esterrado. E mais vos prazia aquela desonra daquele esterramento, que ante houvérades, que a honra que depois haviades com ocupaçom dos negócios; e esto com grande razom, ca em o apartamento do deserto haviades vós livridom inteira e estudo de filosofia sem turvaçom, mas em a cidade de Roma nom foi a vossa vida segura per razom da crueza dos homens.

Depois que esto disse o nobre solitário a Dom Séneca, tornou-se contra Dom Cicerom, filósofo e grã poeta, que i estava, assi como vos de suso contei, e disse-lhe enesta guisa:

— E vós, Dom Cicerom, cousa certa é quanto proveito vos veio do apartamento solitário em que vivestes.

98 O tipógrafo (ou o tradutor?) substituiu o adjectivo «imbelle» (pacífica), por este incompreensível «nubelle». Petrarca cita Horácio (*De vita solitaria*, Liber secundus, XII, 8), que se refere à cidade italiana de Tarento como «imbelle Tarentum» na sátira 7.<sup>a</sup> do Livro I (v. 45), dirigida a Mecenas.

E quando o nobre solitário recontava tam grandes enxemplos e tam maravilhosas façanhas da vida solitária e de tantos e tam grandes seguidores dela, eu, misquinho pecador, escuitava mui bem todo e havia grande desejo da vida solitária, mas as fortes tentações do mundo e da carne e do diabo e dos bens terreaes me retinham preso, que me nom leixavom fazer aquilo que eu desejava e entendia por saúde de minha alma. E entom disse ao meu Senhor:

— Ó Senhor, a minha alma está apresa à terra. Aviventa-me segundo a tua misericórdia! A minha alma jaz dormindo mui pesado sono com tristeza que hei em os bens espirituais. E tu, Senhor de alegria espiritual, ó Senhor, quantos ham de ser os dias da minha vida? Quando farás juízo daqueles que me perseguem pera destruir pera sempre a minha alma? Meterom fogo de luxúria em nos meus ossos e estenderom rede aos meus pés e fizeram-me tornar atrás. O jugo das minhas maldades vigiom contra mi e som envoltas e postas em no meu colo e a minha virtude é feita enferma e som dado em poder de que nom posso levantar-me. Senhor, pára mentes em mi e livra-me!

Quando eu esto dizia com amargura do meu coração, nom esqueceu à dona espantosa o que havia em costume de dizer contra mi, e disse logo enesta guisa:

— Di-me tu, pecador, que torto achaste tu em o Senhor Deus? Porque te alongaste dele e andaste depós a vaidade e és feito vão, e enujaste o teu corpo e a tua alma, que é herdade do Senhor Deus, e puseste-a em avorrecimento ante ele? E porém, eu contenderei contigo em juízo e os céus se espantaróm das tuas maldades. Ca tu fezeste dous males: leixaste o Senhor Deus, que é fonte de água viva e fezeste o teu coração tal como cisterna rota, que nom pode em si conter as águas da sabedoria e da doutrina da Santa Escritura, nem os conselhos dos santos homens, pera os poeres em obra; e a tua alma é tal como a terra seca e deserta de toda graça e do humor do Espirito Santo, terra de sede e de imagem de morte perdurável. E porém, tu, assi como servo do pecado, serás dado em preia do enmigo, e os leões infernais rugiróm sobre ti e ficarás cativo em o inferno por sempre.

E quando eu, mui coitado pecador, ouvia tais cousas como estas, e sabia bem que tal era eu feito qual dizia a espantosa dona, o coração me falecia com temor e com espanto e propoinha em meu coração de me correger e mudar minha vida, pero estava todavia perlongando meu corregimento. E a mui confortosa donzela lembrou-se de seu mester e começou de me confortar enesta guisa:

— Pecador, esforça teu coração e pára bem mentes às palavras desta dona, ca todo é verdade quanto ela diz, e assi te virá pela guisa que te ela contou, se nom mudares tua vida. Ca certamente as tuas maldades fizeram departamento antre ti e Deus e te responderóm como é direito. Mas o Senhor Deus fará contigo

segundo a propriedade do seu nome, que é Salvador, em o tempo da tribulaçom, se tu leixares tua má vida e te tornares ao Senhor. Fazendo pendenza, viverás e nom morrerás morte da alma e o Senhor ouvirá a tua oraçom e tornará a tua tristeza em prazer, ca ele nom desempara aqueles que esperom em ele e se tornam pera ele, mas cumpre eneles a sua misericórdia.

Estas palavras da mui graciosa donzela confortavom o meu coraçom, mas eu sentia dentro em na minha alma grande contrariadade e grande departamento, assi como se soe fazer em a cidade e em a casa em que som contrairos os moradores dela. Ca, de ùa parte, me enduzia o temor de Deus e as boas cuidaçõs e os dizeres dos santos homens e a Santa Escritura que leixasse a vida do segre e me tornasse ao Senhor e me apartasse do arruído do mundo e dos negócios dele; e de outra parte, me poinham muitos embargos as fortes tentaçõs da carne e da vã grória e da aucúdia e dos bens terreaes. E enesto se perlongava o meu convertimento. Mas o meu grorioso solitário tornou a mi, assi como ante, a me enduzer pera a vida solitária per enxemplo de nobres barões de outra maneira departida dos outros que já havia ditos, e começou dizer assi:

— Nom te debes maravilhar, irmão, dos barões santos e dos homens estudiosos pagarem-se do apartamento solitário, pois que assi é que os emperadores e os guiadores das batalhas se pagaram dos apartamentos solitários. O emperador Numa Pompílio, que foi o segundo emperador em Roma e foi o primeiro que foi per justiça chamado pera o empério, sendo ele estranho e nom esperando por tal cousa, quando ele pôs todo seu coraçom pera cuidado das leis da prol comunal pera abrandar o pobo ardente, que era ensinado às cousas feras do primeiro rei. E ia-se pera um lugar solitário e apartado, afastado da cidade per mil passos, que eu vi com os meus olhos; e, em aquele lugar, há um penedo cavado e sombroso sô um outeiro, e daquele penedo nace ùa fonte perenal, e ali se faz ùa froesta espessa cercada de azinheiras em que há alto silêncio e assessego calado. Em aquele lugar achou o emperador as leis dos homens e as cirimónias dos seus deuses, ou lhe deu autoridade em aquel lugar depois que as achou em outro tempo, ca era mui sabedor. Ali esteve<sup>99</sup> ele per grande tempo só, pensando em as leis que dava escritas às gentes, quando saía daquel lugar pera se regerem per elas, ca ante rudes erom e sem regimento. E per esto se mostra que o apartamento solitário é fonte de muitas boas cousas, do qual saírom dos começos das leis dos romãos. E o emperador Rómulo, que foi o primeiro de Roma, em os ermos, em ùa cabana de pastor, ensinou e avezou o seu coraçom a tam grandes cousas, que ele fez o fundamento do império. Ca

99 No original: «seve».

ele fundou a cidade de Roma. E assi parece que o apartamento solitário do ermo, mui áspero e mui esquivo, deu de si à rainha das cidades a matéria e o nome e o campo em que é feita e o fazedor dela. Ca em o ermo viveu primeiro este Rómulo, que fundou a cidade de Roma e lhe pose o nome.

## Capítulo CI

— Hércules, o mui grande, em o ermo recebeu são conselho de sua vida, quando ele per gram tempo esteve em dúvida que caminho de viver tomara e, em fim de seu pensar, despreçou a carreira das deleitações e tomou o caminho das virtudes e sempre andou per ele, em tal maneira que sempre foi enxalçado, nom tam solamente em alteza de grória humanal, mas ainda foi opiniom dele antre as gentes que era feito deus. E se parares mentes, como a sua fama estendeu os seus ramos tam altamente e tam largamente, se catares a raiz, acharás que foi o ermo e o apartamento solitário. Mas u leixamos os dous Cipiões Africanos, mui grandes guiadores e verdadeiramente dous corifeus de batalhas? Ca um deles, o primeiro, depois que houve o regimento de Roma, nunca fazia algũa cousa, púbrica ou privada, que ante primeiro nom subisse em o Capítulo, que era o lugar do conselho, e mitia-se em ãa casa e ali siia<sup>100</sup> só, apartado per tempo, fazendo oraçom por aquelo que havia de fazer; e este costume guardou per toda sua vida.

Este barom foi tam virtuoso, que tinham as gentes dele que era filho de deus, e per esta maneira demandava em oraçom os começos das cousas que havia de fazer e escolhia o apartamento por séda de religiom e da oraçom, entendendo que era mui boa e mui pertencente pera tal obra. E tal costume havia ele em toda cousa que havia de cometer, e maior fiúza havia em aquelo que em os homens, e sempre seus feitos haviam mui boa fim, que nunca falecia. E esto é cousa certa: que ambos estes grandes guiadores, assi como erom amadores da fortaleza, assi amavom muito o apartamento solitário, e depois dos grandes trabalhos das guerras e das vitórias, apartavom-se em os lugares fora das cidades e ali estavom folgando com senhos<sup>101</sup> amigos.

Oh, que fremosa e nobre cousa de ver (que trespassaria as pompas e os sinais do senhorio de todos os reis)! Ver tais barões, que eram guardadores da prol comunal e livradores dos cidadãos e defensores de Itália e amansadores

100 Forma de 3.<sup>a</sup> pessoa singular do Imperfeito do indicativo do verbo *seer*: estava; permanecia.

101 Cada um com os seus.

das gentes! Depois que acabavam bem-aventuradamente suas obras, deixavam o povo vencedor em livridom e em prazer, e deixavam em Roma aqueles que andavam arredor do seu lado, e deixavam o traço e o vestir da vitória e os outros apostamentos que pertenciam às suas dinidades e, sós e de vagar, sem cuidados dos negócios e das cousas baixas, andavam pelos outeiros e pelas ribeiras e apanhavam as conchas pequenas e as pedrinhas da ribeira e escolhiam as brancas e as pretas e assi faziom estas cousas e outras, assi como se fossem moços parvos. E quando se saíam da cidade pera as aldeias, assi como se escapassem de prisões, mas em aquele seu apartamento solitário nom eram partidas deles mui fremosas cuidações, e em aquele vagar sempre faziom algũa cousa grande. E, porém, dizia ele mesmo, Dom Cipiom, ùa palavra de grande feito e muito dina pera grande sabedor: que nunca era menos ocioso que quando era ocioso, nem menos só que quando era só. Queria dizer que quando era desembargado dos negócios, que entom era ocupado em outras cousas melhores e, quando era só, entom havia melhores pensamentos e melhor estudo das ensinanças dos sabedores, com que era melhor acompanhado que com os homens do segre.

E Júlio César, emperador de Roma, tinha ordenado de se apartar em um lugar acerca do mar e deixar os negócios da cidade, e ali aprender leteradura e estudar. E foi embargado per razom das guerras dos enmigos, em guisa que nom pôde cumprir aquilo que desejava. E César Augusto, que foi senhor de todo o mundo, sempre desejava a folgança da vida solitária e em qualquer cousa que cuidava e em que falava, sempre fazia termo em assessego e em apartamento. Isto lhe era conforto dos trabalhos presentes; isto lhe era galardom dos trabalhos trespassados; isto era a el esperança do tempo que era por vir, ca ele sempre pensava e esperava fazer vida solitária e apartada. E todo seu império e todas suas riquezas lhe pareciam cousa grave e vil e todo espaçava e respirava nomeando a vida solitária; e muitas vezes rogou os senadores de Roma, que o leixassem fazer tal vida, e parecia-lhe que a vida solitária era mais alta que toda sua alteza, como quer que ele era sobre todo o mundo.

E isto que desejou o emperador César Augusto, cumpriu o emperador Diocleciano. Este foi o primeiro emperador de Roma que mandou que o adorassem assi como deus e este trouxe primeiro, antre os emperadores de Roma, pedras priciosas em as vistiduras e em o calçado; este, quando vençia os enmigos, fazia trazer muitos presos ante o seu carro e, depois desto, mudou seu coração tostemente, cobijando de viver só e pobre e livre. E antre as ondas da tormenta dos cuidados do império, desejava porto de vida mais baixa. Assi como o governador do navio que se perde per tormenta, que

escapa nu, nadando do grande perigo do mar, este Diocleciano, emperador, com desejo de assego e de folgança, mudou sua vida e nom quis escolher lugar em que vivesse em Roma, por tal que o fumo ou o odor do empério que leixara nom turvasse a sua nova folgança. Mas foi-se pera Salona, que é em terra de Dalmácia, e ali, nom dentro em a cidade, mas fora dela, fez sua morada e ali morou, entendendo que, per esta guisa, haveria muita folgança em sua vilhice e que nom mingua porém em suas grandes honras, pola vida solitária e baixa. E foi contado em conto dos deuses, segundo a openiom dos gentis daquel tempo.

Esto que assi fez o emperador Diocleciano depois do império, bem assi o fazia o emperador António Pio, ante que fosse emperador, ca ele muito amiúde vivia em os campos e fora das cidades e em todo lugar era mui nobre. Ora pára mentes — disse a mi, pecador, o nobre solitário — como estes emperadores e nobres homens se pagavom tanto do apartamento solitário, por tal que passassem a vida em folgança, que nom é certa e dura mui pouco, quanto devias tu fazer pola vida perdurável e por escapar da morte infernal e por viveres em assego e em folgança da tua alma!

## Capítulo CII

Quando eu, mesquinho pecador, ouvi tais cousas e assi firmadas per tantos e per tam desvairados enxemplos, o meu coração era muito apressado e cuidadoso e deseioso da vida apartada. Mas tantas dúvidas e tantos embargos metia em mi o enmigo e a minha fraqueza, que me nom leixavom começar cousa tam proveitosa e tanto desejada. E bradava ao meu Senhor Deus, dizendo:

— Senhor, peço-te que me soltes desta prisom tam perigosa. Nom te nembres dos meus pecados nem tomes deles vingança, ca tu livras aqueles que esperam em ti.

Tanto que eu esto disse, nom tardou a dona espantosa de tornar a seu officio, ca logo me cometeu com tais palavras, dizendo-me assi:

— Per ventura, homem coitado, cuidas tu que nom padeces estes contrairos, porque desemparaste o teu Senhor Deus em aquele tempo que te ele queria trazer pera carreira de salvaçom? Certo, si. E agora, que é esto que te avém, que bevas água turva e avolta das tuas contrariadades e turvações, que padeces em a carreira deste mundo em que vives? Ca a tua malícia te arreprenderá e a tua avessia te deostará. Sabe e vê que má cousa e amargosa é, que leixaste o teu Senhor Deus, e nom seer o seu temor em ti sempre. Quebrantaste

o jugo de Deus de sobre ti e te revolveste em os lixos dos teus pecados. Tu tornaste contra Deus as costas e nom a face e ora, em o tempo da afriçom, dizes ao Senhor: «Levanta-te e livra-me». Di-me, pecador, e u som as cousas do mundo? E os teus pecados e as tuas obras levantem-se e acorram-te em o tempo da tua afriçom, mas a espada das tuas maldades te destruirá e o leom infernal te atormentará.

Grande foi o espanto que as palavras da dona meterom em o meu coraçom, e assi como espada aguda trespassarom a minha alma. Mas a dureza e a fraqueza nom me leixavom de reter em meu estado danoso e todo estava turvado. Mas a mui fremosa donzela houve piadade de mi e começou de me confortar enesta maneira:

— Tem mentes, pecador, e entende que esta dona te diz verdade: que, se a misericórdia do Senhor nom fosse, tu serias confundido. Mas a tua alma tome por sua parte e por seu quinhom o Senhor Deus e leixe as outras cousas do mundo e espere enele, ca ele é mui bô àqueles que enele esperam e a alma que o demanda, porque o Senhor nom enjeita o homem pera sempre, ca, se o enjeita per algum tempo, depois se amerceia, segundo a multidom das suas misericórdias. E tu, pecador, escudrinha as tuas carreiras e a tua vida, e torna-te ao Senhor e levanta o teu coraçom com as mãos e com boas obras ao Senhor, ele te salvará.

Com tais palavras se confortava a minha alma, mas bem entendia eu que nom descordavom das outras da dona espantosa; e eu assi estava em balança, perlongando meu propósito com fraqueza do coraçom.

### Capítulo CIII

Tornou o solitário a seu falamento, dizendo enesta guisa:

— Irmão, rogo-te que abras bem as orelhas do teu coraçom, e entende o proveito da vida solitária, e nom tardes nem perlongues teu bô propósito, e nom te turvem algũas vãs e falsas cuidaçõs em doesto da vida solitária. E entende que eu nom te falo da vida solitária em tal guisa que eu queria que ela seja de todo só, nem falo de tal vagar que seja priguiçoso e sem proveito, mas que aproveite a muitos. Ca eu consento e entendo que aqueles que de todo em todo som ociosos, estes som fracos e preguiçosos, e som estes que nom podem haver usança de feitos honestos nem do estudar cousas nobres. E, em soma, digo que, estando o homem de vagar, nom use dos negócios do mundo, que som mais movediços que o vento, e de tais negócios me praz que seja o

homem ocioso; mas entom use dos negócios dos quais a fim não é trabalho nem ganho temporal nem desonra, mas a fim deles é deleitação honesta e virtude e grória, em tal guisa que o corpo estê em vagar e em férias, mas o coração nom seja vagaroso.

Nom me praz que em no vagar folgue o engenho, senom pera depois da folgança se levantar e pela folgança seja feito mais avondoso. Ca assi como os agros, quando os leixam de lavrar e sementar algum tempo, aproveita-lhes pera darem depois mais fruito, bem assi soe ser ao engenho do homem, que, se algum tempo folga do trabalho, levanta-se depois mais sutil e mais avondoso. Outrossi em a vida solitária, nom tam solamente deve o solitário receber os nobres e proveitosos cuidados, mas ainda deve-os buscar e demandar, ca nom pode haver o solitário mais ligeira nem mais deleitosa companhia que os nobres cuidados das altas e proveitosas esprituais cousas. E sem eles misquinha é a vida, assi em as cidades como em os montes.

E livros de desvairadas maneiras muito convém ao solitário e companheiros graciosos e aprestes pera parecer em praça ou pera se tornarem à cela quando lhe tu mandares, e prestes sempre pera se calarem ou pera falar, e pera seerem<sup>102</sup> em casa e pera te acompanharem em os boscos ou pera serem alongados e peregrins de sua terra, e pera obras rústicas<sup>103</sup> de monte, e pera falarem contigo e pera te amoestarem e enduzerem pera bem, e pera te confortarem e repreenderem e pera te conselharem e ensinarem os segredos das cousas e os antigos feitos e a regra de viver e o despreçamento da morte e pera te ensinarem e amoestarem que hajas temperança em as boas andanças e igualdade de coração em as más andanças e que sejas forte em as ocasiões e em os azos de pecar.

Tais companheiros como estes cumprem ao solitário, e que sejam ledos e proveitosos e bem-falantes, sem nojo e sem querela e sem murmuração e sem enveja e sem engano, e que nom sejam mui custosos, mas que se contentem com vianda refece e com beber refece e com vistidura pobre e em casa pequena e angosta. Outrossi a mi praz que tu em o apartamento solitário recebas teus amigos, que é cousa mui doce, ca sem amigos eu cuido que a vida minguada mui fraca é e assi como cega sem olhos. E quantas vezes vier a ti o teu amigo, de noite e de dia, e bater à tua porta, debes ter e pensar que nom vem a ti outro, mas tu mesmo és esse que vem, ca nom som dous em todo aqueles que ham um coração, ca o amor soe fazer de duas cousas ùa, e porém, o lugar em que

102 Forma de 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do Infinitivo flexionado do verbo *seer*.

103 No original: «errústicas».



cabe um amigo bem podem caber dous amigos, e nom pode ser o apartamento tam esquivo nem tam pequena casa, nem o portal tam estreito, que nom seja prestes e aberto pera o amigo, como quer que nunca em o mundo houve grande avondança de amigos e agora é mui grande míngua deles.

E praze-me, irmão, que se riqueza queres ter em a vida solitária, que seja riqueza ligeira e desembargada e nom grave, em guisa que seja proveza nom triste nem suja, mas leda e honesta. Cumpre que hajas ódio às más cousas e o amor às boas e que hajas uso das virtudes e que hajas fremosa cobiça de boa fama, e que estudes e uses das cousas honestas, e nom cures das cousas sobejas, mas debes despreçar o sobejo, e este é um dos fundamentos da vida solitária. Ora, irmão, se tu queres servir ao Senhor Deus, a qual cousa é ãa livridom e ãa bem-aventurança, se queres usar o teu engenho natural em boas artes, se queres pensar e meditar ou escrever algũa cousa pera leixares memória de ti aos que depois vierem — e, per esta guisa, farás estar o tempo, que nom queda de fugir, e estenderás este tempo da vida, que é mui pequeno —, se tu queres ganhar pera ti todas estas cousas, rogo-te que fujas do segre e este tempo que te ainda fica da tua vida, passa-o em o ermo; e cavida-te com grande estudo, que, quando quiseres dar ajuda aos que andam em os perigos do mar deste segre, que nom sejas quebrantado em os penedos, nem alagado em as ondas das cousas humanais.

### Capítulo CIV

Quando esto disse o solitário, logo o santo abade Isac começou falar enesta guisa:

— Boa cousa é doutrinar e ajudar e alimpar as outras pessoas e trazê-las ao regimento de Deus e mudá-las do error ao conhecimento da verdade. E esta ordem teve Nosso Senhor Jesu Cristo e os seus apóstolos, e é ordem mui alta e mui maravilhosa. Pero se homem sente que pelo cuidado dos outros e pelo seu participamento e polas cousas que verá e ouvirá a sua consciência será enferma, e que nom sente paz nem folgura em sua consciência, e que nom pode pensar em Deus nem haver devaçom assi como a sua consciência deseja e conhoce que lhe seria mester, porque o seu pensamento ainda há míngua de guarda e de contradizer aos cinque sentidos corporais, e enquanto quer curar e ajudar os outros confonde a saúde da sua alma e sai fora de sua folgura e cai em turvaçom de pensamento pola sua vontade, que se corrompe e se alarga em as cousas que tem prestes e nom há virtude que possa contradizer; este tal nembre-se do conselho do apóstolo Paulo, que diz que ajudar e alimpar as

outras pessoas é obra de pessoas perfeitas, a que se nom segue turvaçom, mas ham em sua alma prazer e consolaçom.

E aquele que há turvaçom e perigo, tira-se dele, por tal que lhe nom seja dito: «Físico, cura ti mesmo», ca primeiro deve purgar si mesmo com diciprina e com pendenza: e quando sentir que a sua alma é segura e há recebida saúde, entom deve proveitar aos outros e curar deles. Mas se ele é enfermo e viver apartado dos outros, poderá fazer a eles mais bem per exemplo de boas obras que por doutrina nem por palavra, porque o cego que guia outro cego, ambos caem em a cova. Ca àqueles é dado que governem e doutrinem os outros, que ham si mesmos bem provados e espertados e são, que podem sofrer toda batalha que lhes possa vir per todos os sentidos e que, por cousa que vejam nem ouçam nem por cousa que lhes possa acaecer, nom recebem nem sentem em seu coraçom ferida, porque som em sua perfeiçom primeiramente bem exercitados e usados e provados.

Depois que esto disse aquele honrado ermitam e abade Isac, a mui freiosa dona rogou ao honrado solitário que nom se enfadasse de falar em aquilo que começara. E logo o nobre solitário tornou a seu grorioso falamento, dizendo-me assi:

— Irmão, pois que assi é que a vida solitária é tam louvada, e assi parece a ti mesmo, porém, faze per obra aquilo que louvas, assi enesto como em outras cousas proveitosas. E nom seja em ti ãa enfermidade que é púbrica de todos, convém a saber, fazeres tu aquilo de que muitas vezes reprimiste os outros; e faze per tal guisa que os teus juízos, per que julgas as cousas, nom descordem dos teus feitos.

## Capítulo CV

Quando eu, mesquinho pecador, ouvi estas palavras do nobre solitário, o meu coraçom foi posto em grande tormenta, ca bem vi e entendi todo meu mal, e que todo o que ele dizia havia em mi mui compridamente, ca nom cumpria per obra as cousas do serviço de Deus, que louvava, mas perlongava per mui longos espaços a saúde da minha alma, caía em as cousas que arreprendia, e as minhas obras eram contrairas aos meus juízos. E entendi que os meus pecados me aduserom em trevas e nom em luz e fezerom envelhecidos os meus maus costumes e quebrantarom as forças do meu corpo e da minha alma, e cercarom-me de amargura e de trabalho e puserom-me em trevas, assi como os mortos perdurávis, e cercarom-me todo em redor, por tal que nom saía fora

do segre, e agravaram as adovas dos meus pés; e quando brado ao Senhor, lança fora dante si a minha oraçom. Entendendo eu, misquinho, todo esto, fiquei mui desconfortado e disse ao Senhor Deus:

— Ó tu, Rei dos Santos, que tens o senhorio principal, conforta-me e dá-me lugar de pendenza. Senhor Rei todo-poderoso, em o teu poder som postas todas as cousas e nom pode nengum contrariar a tua vontade. Livra-me, Senhor, polo teu nome e cumpre a minha oraçom e torna o meu luito em prazer.

Ainda eu, misquinho pecador, nom acabava minhas palavras, quando a mui espantosa dona me catou com mui fero semblante e disse-me enesta guisa:

— Homem mal-aventurado, porque queres contender comigo em juízo? Tu leixaste o teu Senhor Deus. Em vão te convida ele e te fere com o meu temor, ca tu nom recibes deciplina nem ensinança. Esforça[s]-te per palavras achar o amor e a graça de Deus, e nom queres correger tuas más carreiras. Quanto és feito vil, tornando muitas vezes aos teus maus feitos! E, porém, serás confundido e sairás deste mundo e as tuas mãos serám sobre tua cabeça, ca levarás contigo sobre ti as tuas más obras, ca o Senhor quebrantou a tua confiança e nom haverás nenhũa cousa de bem.

Quando eu, misquinho pecador, tais palavras ouvi, parecia-me que o Senhor Deus me havia desemparedado de todo, e a desasperança queria tanger o meu coraçom. Mas a mui piadosa donzela me acorreu com seu mui proveitoso conselho, dizendo-me enesta guisa:

— Pecador, verdade é que tu ensujaste o teu corpo e a tua alma em as tuas fornigações e em as tuas malícias, ca fornigaste com muitas cousas que amaste mais que o teu Senhor Deus, e com elas e por elas erraste contra ele. Pero torna-te a ele, e ele te receberá. E levanta os olhos da tua alma e do teu entendimento e vê e pára mentes em que lugar jazes derribado e alastrado, ca, polas tuas fornigações e polas tuas malícias, nom vem a ti a compunçom e a contriçom dos pecados, e as goteiras das chuvas das lágreas som embargadas que nom venham ao teu coraçom nem aos teus olhos, nem o orvalho da santa devaçom, porque a tua fronte foi feita assi como de má mulher, e nom quiseste haver vergonça. Mas almenos agora torna-te pera o teu Senhor Deus e chama-o, dizendo: «Padre meu e guiador da minha vida», ca ele nom é sanhudo pera sempre nem persevera sempre em sua ira, mas torna com a sua graça àqueles que se tornam a ele, e nom perdoa àqueles que se a ele nom querem tornar.

Grande conforto recebeu a minha alma com a boa esperança da graciosa donzela, como quer que tevesse em si grande tormento e muita amargura, pola dureza e tardança do meu convertimento e dos muitos embargos que o inimigo

fazia à minha salvação e ao meu propósito, que havia, de mudar minha vida. E estando eu assi coitado, tornou o nobre solitário a seu mui alto falamento e mui gracioso, dizendo-me enesta guisa:

— Irmão, nom te engane nenhum, nem te faça entender que, pera servir o Senhor Deus em vida solitária, que te cumprem grandes riquezas, ca as riquezas nom ajudam, mas embargam e apremem e derribam e nom levantam, ca aquele que toma a vida solitária há-de subir em alteza de virtudes, e aquele que quer subir em alto, nom lhe cumpre de se carregar de cousas pesadas e sobejas, nem se envolver em laços. E nom há cousa mais pesada que a riqueza, nem que mais tenha apartado o homem; e porém, nom debes mais desejar nem amar, senom quanto convém à necessidade. Ca nom há cousa que te mais enturpe e amerga<sup>104</sup> e derribe à terra, que a avareza, e nom é maravilha que o ouro e a prata, que nadem da terra, derribarem o homem em terra com o presume que tem da terra.

Nom convém à alma, que é de nacença celestial, ser carregada e alagada com os pesos e com as cárregas das cousas que nadem em as cavernas e em as veias da terra, nem ensujar-se com as fezes da terra. Ca o ouro e a prata e as outras cousas priciosas da terra dam aos sentidos esprandor e brandeza enganador, mas ao coração dam trevas e espinhas e cardos de cuidados tristes que pungem o coração e outros males escondidos. Nunca as riquezas vêm sós, mas trazem consigo muitos e desvairados males e trabalhos sem conto e muitas razões e azos de muitas discórdias e de pecados e de outros muitos e grandes danos. E se nom crês a mi, pergunta àqueles que som chamados em o mundo bem-aventurados e esconjura-os que te nom encubram nenhũa cousa da verdade, e acharás que a sua vida é cheia de tormentos, em tal guisa que avorrecerás a sua vida, que ante havias por maravilhosa, ou a despreçarás, e entenderás que pera a vida solitária, pera que te eu queria enduzer, nom aproveitam nenhũa cousa as grandes riquezas, mas muitas vezes empecem mui muito, em tanto que nom tam solamente nom debes haver cuidado de as haver, mas ainda que te viessem de seu ou as tevessem, devias enjeitar e leixá-las, até que chegasses a tal maneira quanto requiere a natureza e a virtude, assi como fazem os marinheiros em a grave tempestade, que salvom seu navio com dano das suas cousas que lançam em o mar por descarregar e salvar si mesmos e sua nave, e nom quedam de as lançar fora, até que entendem que pode ser livre sua banda<sup>105</sup>.

104 Presente do Conjuntivo de *amerger*.

105 Grupo de pessoas, neste caso aqueles que viajam na «nave».

E nom falecerá quem te ensine carreira pera haveres grandes riquezas, e esto nom é outra cousa senom ensinar avareza. E tal escola é de pestelença e de grande trabalho e mui cara doutrina, que se aprende com mui grandes e muitas despesas de vigílias e de trabalhos, e convém que nom haverá aquilo por que trabalha ou, se o houver, será com muitos empecimentos. E, porém, mais te cumpre, irmão, que hajas cuidado como nom cobices as riquezas, ca, certamente, esta é mais proveitosa arte e mais leigeira. Se ainda o teu coração é vagaroso e nom ensinado pera esto, debes pungi-lo e costringê-lo com aguilhões. Maiormente que esta arte de despreçar as riquezas é em poder do homem, mas a arte de as ganhar é em o arvidro da ventura, ca cada um pode despreçar as riquezas, mas nom pode cada um homem ganhá-las. Porque demandarás tu à ventura que te dê riquezas, e nom pedirás a ti mesmo que as nom demandes? Ca, pidindo riquezas, pedes cousa cara e duvidosa de as haveres; e, ainda que proveitosa fosse, seria sem tempo e tarde. E por muitas riquezas e deleitações que houesses, sempre te faleceria algũa cousa: qual é o rei a que nom falece algũa cousa? Certamente a míngua de algũa cousa e o haver mester nunca se pode de todo tirar e, posto que se tire algum tempo, depois torna.

E porém, Dom Cicerom, nobre filósofo que aqui está, respondendo a um homem que o enduzia muitas vezes que trabalhasse por riquezas, disse: «Assi certamente eu faria o que me dizes, mas, di-me, quanto viveremos?» Oh! Que breve questom, mas mui aficada e proveitosa! E porém, irmão, se te alguém enduzer pera trabalhares por riqueza, bem lhe podes responder: Amigo, eu faria o que me conselhas, mas quero que me digas quando começaremos de viver? Ca já agora nom vivemos, porque já passou todo o tempo da nossa vida que até qui vivemos e já nom é. E a vida que é por vir nom é vida, mas é pensamento de vida, ca per ventura nunca virá. Crê-me, irmão, que nom é dito de sabedor «viverei», ca mui tardinha é a vida do dia que é por vir. Porém, nom prolongues teu propósito, mas logo muda tua vida pera estado de salvação. E nom te punja a vontade, que per ventura tens de tomar vingança de algũa cousa, nem te mova a gargantoíce, nem te ponha em suspeso a cobiça, nem te acenda o amor, fazendo as cousas que som caras de fazer e despreçando as ligeiras. Ensina o teu coração que estas cousas som carreira perigosa pera te empecerem, ca, muitas vezes, querendo-te vingar, juntarás pera ti maior injúria; e a servidom da gargantoíce e o aparelhamento dela com grande cuidado é vil e a saída e a fim dela é mui torpe; e a cobiça da honra é ventosa e nom se pode haver senom suplicando ao pobo ou a outro senhor, que nom há i cousa mais dura; e o amor é mui grande mal-servir às mulheres, que nom é cousa mais vil pera o barom forte, rindo vãmente e chorando

muito amiúde, nom menos com tristes aquecimentos que com ledos, tanta é a vaidade desta cousa.

Mas esta é a regra destas cousas todas e das outras que perlongam e embargam o bô propósito. Se tu quiseres dar a tua cuidaçom pera cumprir todas estas cousas, nunca te faleceróm tristezas perdurávis e razões e causas dos males. Mas, pera escapares e seres livre e ledo, despreça estas cousas e nom cures delas, e mais debes pensar como fujas destas cousas que te embargam e detêm, ca de pensar é como as desembargues e desvolvas. E vence a avareza per este artefício, despreçando as cousas mortais e refr[e]ando as cobiças e estimando a temperança da natureza. Toma o caminho mais curto pera as verdadeiras riquezas, ca certamente a cobiça é muito enmiga e contraira a todos aqueles que se querem chegar às virtudes e maiormente aos que querem entrar em vida solitária. Ca a cobiça nom há nenhũa fim e, ajuntando as cousas sobejas, busca embargo a esta vida solitária, prometendo-lhe ajuda, a qual vida nom cumpre ser encarregada e ligeira. Ca muitos, que parecia que podiam fazer todas cousas por sua salvaçom nom podiam fazer esta cousa só, convém a saber, vencer o poderio e a grandeza das riquezas. E esto os embargava, que nom podiam entrar em caminho de sua saúde.

E tu, irmão, trabalha-te de vencer a cobiça, e nom tens outra cousa que te embargue nem te seja contraira pera a vida apartada, senom ti mesmo, que te embargas e és contrairo a ti. Tu nom podes deslegar todos os nós dos embargos agora, mas pode-los todos talhar, se quiseres, ca os embargos do segre som tais como a serpente que chamom hidra, que tinha sete cabeças, e se lhe talhavom ùa, naciã por ela sete. Mas tu talha todos negócios e embargos assumadamente, assi como fez Hércules àquela serpente, que lhe talhou todas as sete cabeças com um golpe; ca, se tu nom talhares todos os embargos assumadamente, senom cada um per si, por um que tires naceróm outros muitos, em guisa que nunca haveróm fim. E, porém tu, irmão, talha tostemente os nós dos embargos e começa a vida solitária, a qual eu comecei e perseverei.

Eu comecei primeiro que tu e passei o vau: ora passa tu depós mi e sigue-me, e outros muitos santos homens que trespassarom o regato duvidoso e estam já em salvo, em a riba da outra parte. E eu e eles te bradamos que passes sem temor, ca nom há i perigo nenhum, ca tanto que eu puge o primeiro pé em o apartamento solitário, todas as cousas ásperas e fragosas e suspeitas logo me forom deleitosas e seguras. E desto nom duvides, ca, depois que tu houveres usado o apartamento solitário, tu dirás que as câmaras dos reis e os paços dos grandes prelados som cárceres e laços e cousas mui nojosas. E se, porventura, ainda tu nom podes tirar de ti todas as cousas que têm o teu coraçom, almenos

faze tua amiga a vida solitária e o apartamento, e esto nom há embargo nenhum, e passa-te a ele com todos os cárregos das tuas fortunas. E quando começares de poder carecer delas, entom haverás comprida livridom e seguro prazer; e entanto certamente nom podes viver mais folgadoamente em outro lugar que em o apartamento solitário. E nom penses que o apartamento é cousa dura ou grave, por te rogar eu e aficar com tantas palavras.

### Capítulo CVI

Todas estas cousas que o nobre solitário dizia, ouvia eu mui de grado, e o meu desejo era fazer vida apartada. Mas os embargos me retinham, que a mi parecia que nom podia talhar assumadamente<sup>106</sup> como ele dizia. Esto era, porque nom queria deixar as riquezas de que nadem os mais dos embargos; mas, retendo-as, queria passar à vida apartada; e, porém, o meu coração era em grande ansiedade, em grande pressa. E dizia e bradava ao Senhor Deus, dizendo:

— Senhor, amerceia-te de mi, segundo a tua grande misericórdia, ca tu és mui sofrudo e mui misericordioso; eu pequei mais pecados que a areia do mar e as minhas maldades som multiplicadas, e som encurvado com mui grande prisom de ferro e nom posso respirar. Porque eu espertei<sup>107</sup> a tua sanha, fazendo grandes avorrecimentos e multiplicando grandes maldades; mas ora, Senhor, enclino os giolhos do meu coração, rogando a ti, Senhor. Pequei, Senhor, pequei e conheço a minha maldade. Rogo-te, Senhor, que me perdoes, que me nom destruas com as minhas maldades e nom guardes os meus males pera sempre; ca, sem meu merecimento, me salvarás, segundo a tua grande misericórdia, e louvar-te-ei em todos os dias da minha vida.

Como eu esto dizia, logo a mui espantosa dona tomou sua forte razom contra mi, dizendo enesta guisa:

— Di-me, pecador perfioso, em que te atrevas estar em tua dureza e pedir ao Senhor ousadamente perdoança, dizendo que o louvarás em todos os dias da tua vida, per ventura pensas tu que faz míngua ao Senhor Deus o teu louvor? E nom sabes tu que nom é fremoso o louvor em a boca do pecador? Tu és nom crente ao temor do Senhor; tu o louvas com os beiços, mas o teu coração alongado é dele. Tu te achegas ao Senhor Deus com dobrez coração e és hipócrita ante os olhos dos homens e escandalizas em as palavras da tua boca

106 No original: «assuadamente».

107 No original: «esperei».

e nom páras mentes ao que falas, e, porém, cairás e farás desonra à tua alma, e o Senhor Deus descobrirá os teus feitos escondidos e quebrantar-te-á, porque te chegaste a Deus malamente e o teu coração é cheio de engano; confundimento será àqueles que ham o coração dobrado e ham os beiços credeiros e as mãos malfeitores, e ao pecador que entra em a terra da pendenza per duas carreiras; confundimento àqueles que som dissolutos e deleixados de coração, que nom crêem a Deus e, porém, nom seróm defesos per ele. Confundimento será a ti, que perdeste a forteleza e leixaste as carreiras dereitas e desviaste-te polas más carreiras. Que farás quando o Senhor Deus parar mentes enesto?

Quando eu, misquinho pecador, ouvia estas palavras tam espantosas, grande temor e grande tremor veio sobre mi e trevas de grande tristeza me cobriam. E pensava que o Senhor me havia deseparado de todo e que nom queria parte de mi polos meus pecados, pois que tanto tardava o meu convertimento. Mas a mui confortosa donzela logo me acorreu, com suas mui doces palavras, dizendo-me enesta guisa:

— Verdade é que o temor do Senhor Deus empuxa o pecado, e o homem que é sem temor nom pode ser justificado. Mais achega-te à servidom do Senhor Deus com temor e com dor dos teus pecados e está em justiça que faças de ti e em temor e aparelha a tua alma pera as tentações; abaixa o teu coração e sofre; ajunta-te ao Senhor Deus e have paciência. Ca assi como o ouro se prova em o fogo, assi se provam os homens em na fornaça da humildade; crê ao Senhor Deus e ele te recobrará; aderença a tua carreira, espera enele, guarda o seu temor e envelhece enele e sofre e aspera a sua misericórdia e nom te desvies dele, por tal que nom caias de todo. Ca nunca foi algum que esperasse enele que fosse confundido, e nunca foi algum que perseverasse em os seus mandamentos que fosse deseparado. Qual foi aquele que o chamou de coração que o ele despreçasse? Porque ele é piadoso e misericordioso e perdoa os pecados em o tempo da tribulação, e é defensor daqueles que o demandam.

Em verdade, com tais palavras recobrava a minha alma esperança, que pouco falecia de a haver perdida; pero, antre o grande temor e a esperança, estava em preguiça o meu coração, nom poendo em obra seu bô propósito, que havia, de mudar minha vida e de me trespassar à vida apartada. E estando assi em tardança e em perlongamento de cumprir per obra meu propósito, sempre o meu bô guiador me acompanhava e me dava bôs conselhos, e a mui fremosa dona dizia e mandava ao solitário que nom cessasse de me enduzer pera a vida apartada.



## Capítulo CVII

Entom o nobre solitário tornou a seu falamento e disse:

— Irmão, nom vejo cousa mais pertencente pera ti que o apartamento e a vida solitária em aquela maneira que dito hei: nom só, mas com bôs companheiros. Porém, irmão, leixa a cidade com coração de nom tornar mais a ela, mas roga ao Senhor Deus que nunca mais tornes ao pobo sem agradecer e mal merecedor de todos bens, assi como fez o monge Crónio, de terra de Fénis<sup>108</sup>, que, quando entrou em o ermo, rogou ao Senhor Deus que nunca se partisse dele, e ele deu a si mesmo muita perseverança, per tal guisa que os seus rogos nom fossem vãos. E tu, irmão, arrinca de todo as cousas e as razões dos cuidados das cousas terreaes e quebranta as prisões que te têm e brita detrás ti a ponte por que passares, por tal que te nom fique esperança pera fugires ou pera tornar ao segre.

Irmão, se tu queres ser solto e livre dos trabalhos e dos cuidados que nunca falecem, demanda e busca esta folgança, leva-te trigosamente e vem-te. Leixa a cidade aos mercadores e aos vogados e aos correctores e aos onzeneiros e aos pubricanos e aos tabaliães e aos físicos e aos boticairos e aos cozinheiros e aos amassadores e aos alfaiates e aos alquimistas e aos tosadores e aos ferreiros e aos tecedores e aos carpenteiros e aos pintores e aos jograis e aos balhadores e aos alcoviteiros e aos ladrões e aos outros que usam de más artes e aos gargantuões que andam cheirando com seu nariz ao odor das viandas que estam em no mercado. Leixa-os, irmão, que nom som da nossa condiçom; leixa os ricos contar seus dinheiros e usar do conto da arte da arismética. Mas os solitários, sem estudo e sem arte contam as suas riquezas.

Nom há i cousa de que hajas enveja aos ricos, senom, se ainda és moço, que te ponham em suspeso as cousas fingidas e as cousas que som sombra. Cautela velha é tirar as coberturas aos cavalos, quando os querem comprar; e nom é homem cordo aquele que deseja casar com a moça feia por ser bem vestida. E tu, se tirares as coberturas e as carantonhas das riquezas a estes purpurados bem-andantes, craramente verás que som misquinhos. Pois, hajam suas riquezas pera si e hajam seus costumes e suas deleitações! Certamente as riquezas faleceróm, que eles queriom que lhes durassem pera sempre, e as deleitações fugiróm e os costumes maus estaróm coneles e acompanhá-los-ám contra sua vontade. E todas as cousas per que o pobo os mostra por maravilhosos e por bem-aventurados, em um pouco de tempo esvaeceróm e eles vivem sô poder

108 Fenícia, território do actual Líbano.

e sô o senhorio da ventura; e pero que lhes vá bem conela, a morte nom lhes perdoará. Aqueles que têm as cousas de grande preço — se podemos dizer que as têm, ca mais é verdade que eles som servos delas — quando vier a morte, logo as haverám alguns mui vis, ca as suas riquezas, havê-las-á o seu herdeiro e dar-lhe-á mau grado, e per ventura que as haverá algum seu enmigo e os vermes e as covras haverám os seus corpos, e o inferno haverá as suas almas e o seu nome esquecerá por sempre. E o justo, posto que seja pobre, será em memória perdurávil.

### Capítulo CVIII

Estando o nobre solitário eneste tam santo e tam proveitoso falamento, chegou um créligo mui honesto, vestido em panos mui vis e de pouco preço; e, quando o viu, a mui fremosa donzela olhou-o ledamente e disse-lhe:

— Dom Locário, mui honrado arcediago, praza-vos, pola caridade de Jesu Cristo, que digades a este pecador algũas razões que vós bem saberedes, em feito das riquezas do mundo.

E logo aquele honrado créligo começou dizer enesta guisa, altas vozes:

— Oh, falsa bem-aventurança das riquezas, que fazem o rico verdadeiramente mal-aventurado! Quantas e tamanhas cousas ham mester os grandes e os ricos, de quantas cousas som minguados! E, assi, bem parece que as riquezas nom fazem o homem rico, mas minguado, que muitos enganou a cobiça! Quantos forom perdidos pelo ouro e pola prata! E assi o diz o sabedor santo e católico: «Aquele que ama o ouro nom será justificado. Confundimento será àqueles que o seguem». E, porém, Jesu Cristo, que é pura e eternal verdade, mandava aos seus discípulos: «Nom querades possuir ouro nem prata nem dinheiros, porque assi como o camelo nom pode entrar pelo furado da agulha, assi é cara cousa entrar o rico em o reino dos céus, e a carreira que leva o homem à vida estreita é». E dize o Senhor Deus pelo profeta: «Confundimento será a vós, que ajuntades ãa casa a outra e ajuntades ãa herdade a outra; cheia é a terra de ouro e de prata, mas, pola maldade da sua avareza, som eu sanhudo e percudi-a e feri-a», disse o Senhor. Os ricos houverom fome e míngua; do maior até o menor, todos estudam em na avareza. Assi como nom pode ser que o homem seja em o fogo e nom arder, bem assi cara cousa e adur é possuir riquezas e nom as amar. Pois, irmão, pera que ajuntarás riquezas, ou porque te retêm ajuntadas? Ca tu nom hás muito de durar. Pera que desejas muito, ca pouco te abastará? Porque tomas tantos cuidados polas cousas necessárias, ca

sem grande careza as haverás? Ouve aquilo que diz a verdade: «Nom queiras ser tu mui cuidadoso, dizendo: “Que comeremos ou que beberemos ou que vestiremos?”». O nosso padre celestial sabe que vós haveades mester estas cousas. Demandade primeiro o reino de Deus, e todas estas cousas haveredes.

Calou-se o honrado arcediago e tornou logo o nobre solitário a seu falar, dizendo assi:

— Pára mentes, irmão, a estas palavras de Dom Locário e às outras dos santos sabedores e escreve-as em teu coração, assi como em livro. E nom te engane a falsa bem-aventurança das cousas terreaes, que é verdadeira misquinidade. Aparta-te dos ricos, que som moles e mui fracos; hajam eles prazer em as praças da cidade e em os paços e em os lugares desonestos e em as cozinhas e em as tavernas, mas tu have prazer em os boscos e em os montes e em os prados e em as fontes; eles sigam os desejos da carne e o ganho donde quer que venha, mas tu sigue os estudos liberais das cousas honestas. E se te prouguer obras de mãos, faze hortas ou lavra em a terra e anda à caça sem arruído, ca eu sei que a caça é cousa conveniente à meditação e ao pensar e aos estudos das grandes cousas per razom do ermo, que é só, e dos boscos escondidos, e do silêncio<sup>109</sup> que cumpre pera guardar as redes armadas. Ca aqueles que ham-de guardar as redes e as outras cousas que armam às aves ou às animálias, cumpre que sejam calados. E este proveito haverás espicialmente quando caçares sem outra companhia de caçadores. E esta é boa maneira de caça: poucas vezes e temperadamente; e bem assi o pescar, ca estas som as artes dos que vivem em os montes e em as aldeias.

Ora, irmão, deixa os ricos em suas cidades revolver-se e pendurar-se, ca sempre andam em revoltas e estam em suspenso, mas tu põe tuas pegadas bem apresas em a pedra e está forte e assessegado. Eles sejam sempre duvidosos e demandem conselho sobre seus negócios, mas tu sigue o conselho da saúde da tua alma. Eles abracem bem o mundo, que nunca queda de fugir e retenham-no, se puderem, mas tu demanda e busca o Senhor Deus, enquanto o podes achar, ca, se o nom buscares enesta vida, nom o acharás depois. Faze o teu corpo peregrino e esterrado fora da cidade e das praças, e o teu coração nom seja priguçoso. Irmão, muitas cousas te hei ditas da vida solitária, que o pobo tem por pequena cousa, mas segundo eu sento, ela é cousa mui grande e foi a mi mui doce e de grande prazer, em tal guisa que, enquanto a minha alma foi em o cárcer do corpo, nom me parece que vivesse senom aquel tempo que vivi solitário e em vagar dos negócios do mundo. Mas o pobo é contra

109 No original: «seenço».

esto fortemente, mas a verdade nom há temor nem pode ser vencida, nem se espanta dos arruídos vãos dos pobos. E, porém, irmão, tu sigue a verdade e nom cures dos embargos; passa-te à vida solitária.

Depois que esto disse o solitário, logo a fremosa dona parou mentes àquela parte u estavom alguns santos padres do ermo, e disse assi a um honrado velho que i estava, vestido em panos mui ásperos, em maneira de ermitam:

— E vós, honrado abade Dom Joane, que tanto sabedes da vida solitária per sabedoria e per experiênciã, praza-vos de falardes algũa doutrina a este homem fraco e priguçoso em seu proveito.

### Capítulo CIX

Levantou-se entom aquele grorioso abade Santo Joane e, com seu angelical sembrante, começou sua razom enesta guisa, dizendo-me assi:

— Filho, sabe por certo que a vida daqueles que vivem em mosteiro com ajuntamento de frades, a sua perfeiçom e a sua fim é esta: mortificar e crucifigar todas as suas vontades e nom haver cuidado nenhum do dia de cras. E esta perfeiçom nom pode haver senom aquele que vive em mosteiro, porque os prepostos<sup>110</sup> do mosteiro ham cuidado das cousas necessárias. Mas tu, filho, se queres fazer vida solitária e ser ermitam, desnua e desembarga a tua mente e a tua vontade de todas as cousas terreaes. E quantas te leixar fazer a tua humanal fraqueza, ajunta a tua alma com Jesu Cristo, ca esta é a perfeiçom do ermitam e do solitário; mas nom entendas que a perfeiçom do solitário está enesto: em avorrecer a companha dos homens. E será tam calado e em tam grande silêncio<sup>111</sup> todo o dia come besta fará; porém, quando fores solitário, nom te anojes nem te quebrantes quando te vierem visitar os irmãos. Mas have paciência quando vierem a ti, posto que quebrantes teu silêncio<sup>112</sup> e teu solitário apartamento, ca o contraíro nace da fraqueza do coração, que é pequeno, e é sinal que ainda os vícios e os pecados do solitário nom som curados, nem apagados, nem mortificados de todo, mas parece bem que a raiz de todos pecados, que nom foram arrincados, ainda vive e é arreigada em o solitário.

E queres que te ensine como entenderás que a raiz dos pecados e das tachas e vícios vive em ti e que nom és curado deles? Podes esto entender, quando

110 Prepósitos (= chefes; dirigentes).

111 No original: «seenço».

112 No original: «seenço».

fores solitário, per estes sinais: quando estiveres em o apartamento solitário e vierem a ti os irmãos e houveres ansiedade e pressa em o coração com a vinda deles, posto que estêm mui pouco contigo, sabe por certo que ainda em ti está a raiz mui viva de nom haveres paciência; e se algũa vez atenderes a vinda<sup>113</sup> de algum irmão e, por ele tardar um pouco, tu fores queixoso em teu coração, culpando a sua tardança, e o cuidado de o atender turvar a tua mente, sei certo que ainda em ti estam os vícios da ira e da tristeza; e se o irmão te pidir algum livro pera ler ou algũa outra cousa pera seu uso e tu fores, porém, triste ou lha nom quiseres emprestar, nom é dúvida que ainda tu estás preso com laços da avareza; e se a tua cuidaçom arrebatosa ou a liçom da Santa Escritura te fezer haver renembrancha de algũa fêmea, em guisa que sentas em ti quanto quer pungimento, sabe por certo que ainda o ardor da fornigaçom nom é apagado em os teus membros; e se tu comparares a tua vida estreita à vida alheia, que foi mais larga, e entom sentires alevantamento em a tua mente, entende que ainda és corruto per soberva.

Quando, *ergo*, tu entenderes tais sinais de pecados em ti, conhoce manifestamente que nom te falece a afeição do pecado. E estas tais paixões, quando fores solitário e te convier ser visitado per outros, entom saem elas de suas cavernas e mostram que nom nadem elas entom primeiramente, mas entom se publicam, porque jouveram ante ti escondidas. E por esta guisa pára mentes, quando fores solitário, que entenderás as raízes dos pecados como estam arreigadas em ti. E como quer que em ti agora e despois sejam arreigadas as raízes e as afeições dos pecados, nom leixes, porém, entrar à vida solitária com elas, ca se tu fores solícito e pensoso da cura dos teus pecados, nom te falecerá remédio de saúde. E, porém, tanto que tu vires os sinais de cada um pecado em ti, logo debes buscar remédio. Se vires em ti turvaçom de ira ou que nom hás paciência, per aqueles sinais que ditos hei, entom usa ti mesmo per cousas contrárias e propoem a ti muitas maneiras de injúrias e de perdas e de danos, como se as fizesse outrem a ti. E afaze e usa a tua mente e o teu coração a todos aqueles males que te poderia fazer algũa pessoa em que houvesse maldade, como os sofrerias com perfeita humildade. E poem contra ti ameúde quaisquer cousas ásperas e fortes de sofrer, e afaze o teu coração com quanta mansidom as devias padecer, e todo esto medita e pensa continuamente com toda contriçom do teu coração. E per esta guisa, parando tu mentes às paixões e padicimentos de todos os santos e de Nosso Senhor Jesu Cristo, tu julgarás que todas as maneiras de deostos e de injúrias e de desonras e de penas nom

113 No original: «vida».

som iguais aos teus merecimentos, e assi farás prestes ti mesmo pera sofrer todas dores e tribulações.

Outrossi, filho, depois que fores solitário e acontecer que sejas convidado pera a companhia dos irmãos, se sentires que a tua mente e o teu coração foi movida caladamente por algũa cousa, ainda que seja leve, e sentires em ti sanha ou tristeza ou outro algum movimento, logo pensa e escodrinha aquelas maneiras das mui duras injúrias que hás em uso de pensar e peleja contigo e doesta ti mesmo enesta guisa: «Per ventura és tu aquele bô barom que, estando tu em o apartamento solitário, presumias de ti mui firmemente que vencerias todos os males que te fizessem, e prepoinhas que sofrerias com paciência nom tam solamente os maiores doestos que pudessem ser, mas ainda tormentos, se te fossem feitos, e crias que eras assaz forte e que te nom moverias por muitas tormentas que viessem? Pois como [é] esto, que aquela tua paciência é agora trespassada e chagada com ùa palavra mui leve que ouviste? E como é esto, que a casa da tua alma e da tua consciência, que a ti parecia que era mui forte, toda se moveu com um vento mui ligeiro? E como é esto, que todo o grande guisamento que tu aparelhaste pera as batalhas dos enmigos é quebrantado com a sombra de um mui pequeno enmigo? E u é aquela palavra que tu, desejando guerra, estando em paz, dizias com vã fiúza: «Eu som prestes e nom som turvado com tais doestos como estes»? Que tu dirás a ti mesmo, condanado, se nom leixará de seer em ti<sup>114</sup> o movimento do teu coração? Mas com jejum e com vigílias castigarás a tua carne, em tal guisa que aquello que devera ser curado e purgado em ti ante que viesses à vida solitária seja curado e purgado depois que fores em o apartamento solitário per boa usança, em tal guisa que assessegues teu coração. Ca nom há i cousa tam danosa como a sanha, nem cousa tam priciosa como a paz e o assessego do coração, que demonstra a pureza da alma.

E digo-te, filho, que, pera os remédios dos pecados que ditos hei, nom empece ao solitário a companhia dos irmãos, mas aproveita-lhe muito pera lhe ser demonstrado o vício e o pecado da sanha, e que possa entender como nom há em si paciência, quando vir que se anoja com eles, e que nom pode sofrer a sua estada e a sua vinda com paciência. E entom trabalhar-se-á de purgar a sua alma, pela guisa que te dito hei. E porém, tu, se em algum tempo fezeres vida solitária, posto que nom venham a ti os irmãos, levanta tu per teu saber algũa matéria de sanha em tua cuidaçom e lida conela pera te ser mezinha e remédio. Mas nom faças esto contra o espirito da fornigaçom, ca assi como [*nom*]

114 No original: «... te nom leixará de seer em ti...».

cumpre ao corpo achegamento nem uso de luxúria, bem assi a renembrancha dela é de afastar de todo, maiormente aos corações enfermos e fracos. Ca, muitas vezes, nembrando-se o solitário das santas mulheres ou lendo delas em a Santa Escritura, levanta-se aguilhom e pungimento em a carne. E porém, os padres antigos haviam em costume de leixar de ler tais lições perante os mancebos. Ora, filho, já te mostrei algúas cousas proveitosas pera aquele tempo que fores solitário. Rogo-te e amoesto-te<sup>115</sup> que te praza de haveres o fruto precioso da vida solitária e nom tardes de vir a ela. E assi nom serás comesto<sup>116</sup> e rudo<sup>117</sup> polos cuidados do segre, nem pelos negócios dos homens, nem te roerá a vã grória nem a vaidade, nem os outros cuidados e necessidades que ham os homens que vivem em o mundo.

### Capítulo CX

Muito prouve a mi, pecador, este falamento do santo padre Joane; mas, como quer que bem parecessem as santas palavras e falamentos dos santos homens que me enduziam pera correjimento de minha vida e houvesse grã temor das palavras da dona espantosa e tevesse grande esperança dos confortos da graciosa donzela, pero todavia nom me queria mudar de minha vida, mas leixa[r]-me jazer e apodrecer, assi como besta em seu esterco. E estando eu, misquinho pecador, antre os santos falamentos e antre as prisões dos meus pecados, carregado de grande cárrega de ferro, em guisa que nom me podia ou nom me queria levantar, a[tá] que vem a mi ãa dona mui desassemelhada das outras mulheres. E esta dona, segundo a mi parecia, havia duas faces: ãa era mui fremosa e de mui fremoso doairo, e a outra era mui espantosa, em tal guisa que a mi parecia que havia dous rostros. E quando olhava pera mi, parecia-me a mais espantosa cousa que nunca vira, e quando olhava pera os santos homens fazia mui gracioso doairo, e suas vestiduras eram mui negras, quanto a mi parecia, quando se tornava pera mi. Mas quando se tornava pera os santos homens que ali estavom, reluzia[m] contra eles as vestiduras dela. E em sua mão trazia ãa vara de ouro com um aguilhom de ferro, mui longo e mui agudo, e toda a vara era cheia de pedras preciosas encastoadas per ela, mui sutilmente lavradas.

115 No original: «amostro-te».

116 Do latim *comestu-* (particípio passado de *comedere*) = comido.

117 Particípio passado de *roer* (=roído).

E quando ela entrou em aquela real câmara u estavam aquelas groriosas donas e os nobres barões, todos lhe fizeram grande reverença e o meu santo guiador tomou-a pelo braço e assentou-a em ùa cadeira mui bem guarnida, que estava em meio da dona espantosa e da graciosa donzela. E elas a receberam mui bem antre si e tôdolos santos homens lhe fizeram muita honra e olhavom-se uns aos outros com maravilha e com grande prazer, segundo a mi parecia; mas eu só havia grande espanto. E cheguei-me à mui fremosa dona e disse-lhe:

— Senhora, quem é esta tam fremosa e tam espantosa mais que outra cousa que eu haja visto?

E ela começou a sorrir mui apostamente e disse-me assi:

— Filho, esta é a mais alta sabedoria e a mais alta filosofia e mais proveitosa que tôdaldas outras sabedorias, ca esta é a memória e relembança da morte. E esta é aquela em que se revolve toda a vida dos sabedores, e assi o diz o mui antigo e alto filósofo Dom Plato, que toda a vida dos sabedores é nembrar-se e pensar na morte, ca per esta nembrança fugem os pecados. E esta faz o homem despreçar o mundo e faz reger dereitamente a vida presente, e esta leva a deanteira antre tôdaldas obras de Deus; esta é a que remata tôdolos pecados.

Entom preguntei à mui fremosa dona:

— Senhora, porque parece a mi com face espantosa e a vós outros todos parece com face mui graciosa? E bem assi as suas vestiduras, de ùa color parecem quando se torna pera mi, e de outra quando se torna pera vós.

Respondeu-me a dona e disse-me:

— Filho, sabe por certo que a renembrança da morte é mui amargosa ao pecador que está em pecado e há grande prazer com suas riquezas e com as cousas do mundo, e quando lhe lembra a morte, em que as há-de deixar e há-de ir pera tal lugar, qual ele entende que merece segundo seus pecados, há i mui grande coita e grande amargura. E porque tu és tal, porém, parece a ti mui espantosa, assi em a face como em as vistiduras. Outrossi, a renembrança da morte é mui doce ao homem justo, que é pobre e afrito eneste mundo. Porque pola morte entende de perder toda afriçom e cobrar consolaçom perdurávil; e porque tais foram estes santos homens, porém, lhes parece assi graciosa; e digo-te que assi como parece a ti amargosa, assi faz a tôdolos ricos que estam em pecado, ca lhes é mui grande amargura, quando lhes lembra a morte. E vês aquele aguilhom que traz em a mão? Conele punge ela fortemente os corações duros, tais como o teu, que é mui duro pera seu proveito e mui mole pera seu dano, e conele esperta e faz levantar os priguiçosos e os que dormem em seus pecados, que som tais como tu.



## Capítulo CXI

Tanto que esto disse a fremosa dona, começou logo a primeira dona espantosa a falar à dona amargosa enesta guisa:

— Amiga, bem sabedes como a vontade do Senhor é que o pecador nom moira morte perdurável, mas que se converta e que viva pera sempre. E, porém, eu e esta mui aposta donzela, minha irmã, fomos aqui ajuntadas com estes santos homens e barões mui sabedores pera enduzermos e amoestarmos este pecador perfioso e prigiçoso que se torne pera o Senhor; e grandes tempos há que trabalhamos conele per muitas guisas pera o tirar do caminho da perdiçom e trazê-lo a tal vida, per que haja salvaçom pera sempre, mas ele, come obstinado e perfioso, mole e fraco e prigiçoso, leixa-se fazer em seu enxudreiro, assi come porco, e tam solamente a mão nom quer levantar nem dar a alguém que o ajude a tirar do lodo das suas maldades. Este nom merece receber saúde pola mezinha do Senhor, porque, com endureamento do seu coração e com ousança de pecar amiúde, deu el si mesmo em sujidade e em obra de todo error e é tal como o tiçom que tiram queimado do fogo. O Senhor Deus o amoestou muitas vezes, e per muitas e desvairadas maneiras muitas vezes o convidou, muito amiúde o arrepreendeu e ensinou polas suas Santas Escrituras e polos seus santos homens. E ele nunca se quis tornar das suas carreiras; nom se quis, nem quer doer dos seus pecados, nem receber dici-prina nem ensinança; endurentou a sua face e nom se quer tornar ao Senhor. Em vão trabalhamos com ele, nem hei esperança em sua saúde, ca o Senhor Deus o enjeitou. Mas eu, que som servidor do Senhor, ca som sua justiça, sei que farei: já nom despenderei conele palavras de ameaça nem me assanharei contra ele, nem haverei zelo da sua saúde, pois que despreça todo bô conselho e despreça as minhas ameaças e os meus doestos. Mas eu me riirei dele em a sua queda, quando cair per morte, e escarnecerei dele, quando lhe vier a perdiçom que ele teme e quando vier de sobreventa e arrevatosa, e quando a morte entrar a ele, assi como tempestade, quando vier sobre ele tribulaçom e angustura mortal. Entom chamará o Senhor Deus e nom será ouvido, porque entejou a dici-prina, e nom recebeu o meu temor e nom quis tomar nem obedecer aos bôs conselhos e profaçou do bô castigo; porém, comerá o fruto das suas más obras.

Quando a dona espantosa dizia esto à dona amargosa, sempre tinha o dedo contra mi e olhava-me às vezes com mui fero semblante e espantoso, mostrando-me com o dedo à dona amargosa. E eu, misquinho pecador, estava mui coitado, como aquele que bem sabia e entendia que todo assi era como

ela<sup>118</sup> dizia, e que assi me aviria pola guisa que ela razoava, e nom soube que fazer, senom tornei-me à mui confortosa donzela e olhei-a com tal sembrante, que bem entendeu ela que demandava eu seu acorro e a sua consolaçom. E comecei fazer pranto sobre mi mesmo, dizendo assi:

— Ai de mi, minha madre, porque me geraste barom de discórdia e de maldade per todo mi mesmo: todos me maldizem! Pereça o dia em que eu foi nado! Pera que saí do ventre<sup>119</sup> de minha madre pera haver trabalho e dor e serem os meus dias consumidos em confusom? Ai de mi, minha madre, porque me geraste filho de amargura e de dor? Ai, misquinho, porque nom fui eu morto em o ventre, ou porque nom morri tanto que saí dele? Pera que fui criado pera ser queimado e ser manjar de fogo? Ora eu fosse morto em no ventre de minha madre, ela fosse a mi sepulcro perdurávil, fosse assi como se fosse traladado do ventre pera o moimento. Ai, misquinho, e quem me dará aos meus olhos fonte de lágrimas pera chorar a minha misquindade e as minhas maldades? E eu fiz e faço cousas mui más per que hei Deus sanhudo, e o próximo e mi mesmo, e luxei a minha conciência e a minha alma; e, porém, serei feito manjar de fogo que sempre arde e queima e nunca é apagado. E serei feito manjar de vermes que sempre roem e comem e nunca morrem; irei nu e esbulhado, ca a minha chaga desesperada é de haver saúde, segundo diz aquela dona espantosa.

E quando a donzela mui graciosa ouviu as minhas palavras e viu a minha coita, doeu-se de mi e alçou-se da cadeira em que siia<sup>120</sup>, e foi a mi e tomou-me pela mão e levou-me ante a mui amargosa dona e assentou-me aos seus pés e começou de lhe falar enesta guisa:

— Verdade é que a minha irmã, a Justiça, e estes honrados barões, que aqui estam, assaz trabalharom por tornar este pecador a carreira de salvaçom, assi como el há razoado, e verdade é que aproveitarom mui pouco, pola vileza e fraqueza do coração. Mas porque, enquanto o homem é enesta vida presente, nunca é de desasperar da sua salvaçom, ca a misericórdia do Senhor Deus tam grande é, que nom pode ser concluída per espaço de tempo, e ele é tam liberal mercador e credor, que ainda as fezes da vilice<sup>121</sup> recebe em paga, e porque o maior sacrificio e mais prazívil ao Senhor é entregar-lhe algũas almas que el há perdidas; porém, nom deve ficar assi este pecador em desasperamento.

118 No original: «ele».

119 No original: «doentre».

120 No original: «rija».

121 No original: «velhice», provavelmente com o sentido de «vileza».

Mas vós, amiga, que sodes mui poderosa em tal obra, provade o vosso poder, ca já nós provámos o nosso, e nom quedaremos ainda obrar de nosso officio convosco. Ca vós fazedes que obre muito o temor de minha irmã e quando ele faz obra, entom hei eu poder e lugar perfeito e acabado de todo. E, porém, amiga, praza-vos de nos ajudar a vencer este fraco e mole pera seu bem, e rijo pera estar em seu mal.

## Capítulo CXII

Entom a mui amargosa dona olhou-me com forte e espantoso doairo e, com aquela vara de ouro que tinha em a mão, começou de me pungir todo o corpo com o aguilhom do cabo da vara e espicialmente em os peitos, em tal guisa que me pungiu mui agudamente em o coração, e eu senti o pungimento e acordei — como se ante dormisse — e dei um grande gimido. E a mui amargosa dona começou de me falar enesta guisa:

— Até quando [*dormirás*] tu, homem priguiçoso? Nembra-te que a morte nom tarda, e per ventura que será hoje. Perfioso, torna-te ao Senhor Deus e nom o perlongues de dia em dia nem per ventura sejas arrevatado pela morte e nom possas haver espaço de pendenza. Nembra-te e entende que a vida presente é fugidia e perigosa e mui pequena e comprida de muitas misquindades e sujeita a toda vaidade e ensujada com os lixos dos pecados e corruta com a cobiça e em pouco tempo há-de perecer. E quanto tu vês que este mundo é mais misquinho, tanto o debes mais ligeiramente despreçar por amor do celistrial reino. Entende a tua mui fraca condiçom, pensando como saíste nu do ventre da tua madre e nu tornarás à terra, e como és terra e em terra tornarás; nu entraste em a misquindade, chorocho trespassaste os teus dias em tua dor e em coita, com luito, com trabalho, hás-de sair do mundo. Pois entende quanto foi chorosa a tua entrada ao mundo, e a tua vida coitada, e a tua saída será espantosa. Lembra-te bem e pensa como eneste mundo, que é vale de misquindade, vives esterrado e enfermo e pobre de virtudes e, a pouco espaço, hás-de morrer. Bem-aventurado és, se esto entenderes e pensares. Esto escreve em teu coração, assi como em livro, e guarda esta regra que te dou, e a regra é esta: vive gracioso a Deus e soterrado a todo o mundo, alimpado de pecado e sempre prestes pera traspassares desta vida. Oh, quanto será bem-aventurada a tua alma, se eneste estudo vigiares, ca logo preverás a tua postumaria!

Quando eu, pecador, ouvi tais palavras como estas, que a dona amargosa me dizia, comecei a bradar, dizendo:

— Ó Senhor Deus, faze-me conhecer a minha fim e o conto dos meus dias quejendo é, pera saber aquilo que me falece.

Tanto que eu esto disse, logo a dona mui fremosa disse:

— Oh, que proveitosa oraçom! Oh, que bem-aventurada contempaçom é esta, e que necessária pitiçom que tu, pecador, nom peças a Deus que te faça saber os tempos ou movimentos da fim do mundo, que o Senhor Deus Padre pose em seu poder, mas que saibas e conheças que és avindiço e peregrino e estranho no esterro desta vida! Homem enfermo e de pequeno tempo, ainda te cumpre mais que saibas e penses os teus pecados trespassados quanto som amargosos; e vê e entende quanto é mal e que amargosa cousa é haveres leixado o teu Senhor Deus, ca é grande mal em culpa e mui amargoso em na pena. Ora, pecador, vê e entende e pensa as cousas presentes quanto som vãs, ca tôdalas cousas deste mundo som vaidade. E vê e provê as cousas postumeiras: a grória celestial, que é perdurávil pera os bôs, e a morte perdurávil pera os maus. E em todas tuas obras, lembra-te da tua postumaria e nunca pecarás, ca, verdadeiramente, se tu parares bem mentes como esta presente vida é tam breve e o que te fica dela pera fazeres dela pendença a Deus e pera guardares os seus preceitos e pera acabares ante ele em santidade. Certamente, se puseses a morte ante os teus olhos, sem dúvida logo sem tardança despreçarias as pompas do segre e os cuidados do mundo e os afagos da carne, e lançarias de ti as deleitações e vigiarias e proverias a tua postumaria e mudarias tua vida, ca nom pode ser a carne luxuriosa melhor ser amansada que pensar sempre quejenda há-de ser depois que for morta.

### Capítulo CXIII

Muito se abaixava a minha carne misquinha ouvindo eu, pecador coitado, estes santos dizeres da dona amargosa, e a minha vontade se espertava pera mudar minha vida pirigosa. Entom perguntei à fremosa dona que me decrarasse quais erom as cousas da minha postumaria, que me convinha de prever, e ela me respondeu, dizendo em soma:

— Estas som as cousas que tu, pecador, hás-de prever, convém a saber: aquela hora espantosa em que a tua alma misquinha há-de sair do teu corpo, que há-de ser corruto, e o grã temor que haverá quando houver de sair. Crê tu a mi que, enesta tam espantosa consiraçom, mais havias de haver previdência e percebimento que o senhor de todo o mundo. Oh, pecador, se bem soubesses as cousas que som de Deus e entendesses as cousas que do mundo som, e

te percebesses contra as cousas do inferno, certamente tu temerias o Senhor Deus e despreçarias o mundo e avorrecerias o inferno! Rogo-te, pecador, que me digas: qual dos teus amigos e dos teus parentes te poderá ajudar em aquela derradeira hora mui temerosa?

Entom nom haverá quem te console, de tódolos teus amigos, terás mentes ao ajudoiro e ao juízo dos homens, mas nom haverá i acorrimento senom de Deus. *Ergo*, cuida em teu coração com qual temor deve ser temudo o Senhor Jesu Cristo, e com qual amor deve ser amado e com qual honra deve ser honrado! Ca ele só há poder de ajudar e dar saúde depois da morte. *Ergo*, tu, pecador, traze e reduce a tua memória àquele dia derradeiro da tua morte e, ante que a misquinha da tua alma saia da carne e do cárcer, prevê-te e percebe-te pera u há-de ir, ca tal consiraçom como esta te fará conceber contriçom, e a contriçom parirá compunçom, e da compunçom nacerá piadosa e humildosa afeição em Deus. Piadosa, pola fiúza que haverás do ajudoiro da bondade e da piadade de Deus, e humildosa, pola consiraçom da tua própria fraqueza e quebranto e misquindade. Ca nom há i cousa que te mais ligeiramente mova pera guardares ti mesmo e pera empuxares de ti todo pecado e pera haveres perfeição e santidade em temor de Deus, que a consiraçom da corruçom da tua carne e o certo conhecimento da morte e a renembrancha da mui espantosa e pavorosa hora da morte. Ca tu és homem que serás feito nom homem; e quando enfermares pera morte, crescer-te-á a dor, e tu, pecador, haverás grande pavor. O teu coração temerá, a cabeça, [*que*] carrega o siso, esquecerá, a virtude secará, a face emarelecerá, o rosto se fará negro, os olhos se faróm trevosos, as orelhas ensurdeceróm, a boca se fará muda e a língua se encurtará; o corpo se consume, a carne se desfaz e emagrece; entom a fremosura da carne faze-se fedor e podrimto, entom serás resolvido em cinza e tornado em verme.

Vês, pecador, que vista tam espantosa? Mas esto é espelho mui proveitoso, ca nom há i arte nem mezinha, nem há i doutrina nem ensinança que assi vença a soberva, nem assi vença a malícia, nem assi apague a luxúria, nem assi calque e meta sô os pés a vaidade, como a renembrancha da morte. Di-me, pecador, qual é a cousa tam vil e tam despreçada eneste mundo como o teu corpo será depois que fores morto? Ca o nom leixaróm estar per três dias em casa, polo fedor dele, mas lançá-lo-ám fora, assi como esterco vil e fedorento. Escondê-lo-ám em fundo da terra e será dado a apodrecer e pera manjar de vermes. Pois, homem pecador, mal-aventurado e sobervoso e cheio de vã grória, toma vergonça; e tu, que és alevantado em teu coração, have temor. E tu, inchado per sanha, have pavor; e tu, sandeu, que revolves as folhas dos livros e nom colhes ende fruto, ca tam solamente aprendes as palavras e nom colhes

as virtudes, lanças de ti as palavras ao vento e em no ar, e com a tua palavra sobeja demostras vã grória e gabo. Se tu entendesses e pensasses como a tua vida é mui pequena, se tornasses ante os teus olhos os danos dos teus dias que mal despendiste e como hás-de dar conto em tam espantoso juízo, nom tam solamente dos pecados e das obras mortas, mas ainda de toda palavra ouciosa que é sem algum proveito, e como hás-de responder tam estreitamente, logo tostemente sem outro cuidado leixarias as vaidades do mundo e virias à verdade e leixarias a sandice e chegar-te-ias à verdadeira sabedoria e à santa humildade. E leixarias a luxúria e a maldade e trespassar-te-ias à limpeza e à castidade.

Pois, pecador, poem esto ante os olhos da tua alma e pensa enesto com todo teu coração, e leixa a vida da maldade e passa-te à vida da santidade e sai-te da casa da conversaçom mundanal e passa-te à casa da santa diciplina. Ó tu, pecador, tu, carne soberva, tu, vil corpo podre e fedorento, have temor, ca se agora nom fezeres pendenza, nom acharás depois da morte lugar de perdoança. Have tremor e temor, e pára mentes que, agora, sendo tu vivo, te roem vermes que saem da tua carne; lança de ti a soberva e a vaidade, fuge da luxúria, recebe diciplina que nom preças; vê e pára mentes que cousa és, como és concebido de sangue mui sujo, como naciste de lodo, como a tua fim será podrimento. *Ergo*, tu, pecador misquinho, percebe-te e provê o que te cumpre pera teu acabamento; nembra-te de ti mesmo, nom cures do que fazem os outros; seja o mundo vil e despreçado a ti, consira a tua misquindade, pensa em a morte com grande femença, e crê de ti que já és morto, pois sabes por certo que hás-de morrer.

Pára mentes, pecador misquinho, em aquela hora da morte, quando a misquinha da tua alma há-de sair do teu corpo pera u há-de ir. Ca logo ali serám prestes os diabos e aqueles espritos malinos, sergentes do inferno, assi como liões rugintes, pera tomar a preia, convém a saber, a tua alma misquinha, pecador. E logo verás subitamente os lugares espantosos das penas e dos tormentos, e a profundeza das trevas e o espanto de mui grande tribulaçom, temor e tremor de grande angustura e de grande confusom e espanto de visom mui espantosa e demorada de fortes tormentos. Ali é o lugar dos choros e do estingimento dos dentes, ali é mordimento de vermes, ali é o cramor dos que padecem mui fortes dores, ali é o luito e o chanto dos gementes, ali é a voz dos pecadores que bradam e dizem: «Confundimento a nós, filhos de Eva». Quando a tua alma misquinha sair do corpo e vir e ouvir estas cousas e outras mil tanto peores e as sentir, di-me, pecador misquinho, qual e quanto e tamanho espanto e temor e tremor será enela, qual língua o poderia dizer ou qual escritura o poderia contar? Di-me, que te aproveitará entom o gabo da ciência e a pompa do segre? Que te aproveitará a vaidade do mundo e a cobiça da

dinidade terreal? Per ventura te aproveitará o apetito da luxúria e as viandas bem adubadas e saborosas e os beverages dilicados e as vestiduras fremosas e os deleitamentos da tua carne? Per ventura, coitado pecador, te aproveitará a fartura do ventre e os manjares sobejos e a gargantoíce e o beber sobejo? Per ventura, te aproveitarám os edefícios das casas e as prevendas e o ajuntamento das riquezas? Per ventura, todas estas cousas poderám livrar a misquinha da tua alma da boca do mui espantoso e cruel leom infernal e da garganta do falso dragom? Certo, nom.

### Capítulo CXIV

Enquanto eu, misquinho pecador, ouvi estas cousas que a mui fremosa dona me dizia, nom quedava a amargosa dona de me pungir com o aguilhom que tinha em a mão, em guisa que me chegava ao coração, e eu estava tam coitado e tam espantado, que nom sabia que fizesse nem que dissesse, senom tam solamente dizia esta palavra:

— Senhor Deus, amerceia-te de mi, segundo a tua grande misericórdia. Senhor, atá quando te esqueces de mi? Senhor, quando me consolarás e quando farás justiça e júzo dos que me perseguem, que som o mundo e a carne e o diabo?

E a dona amargosa tornou a seu falamento espantoso e proveitoso, dizendo assi:

— Muito cumpria a ti, pecador envolto e enlaçado em pecados, que entendesses estas cousas que te digo e que as retevesses em teu coração. Tu, que és embevedado e cegado com o amor do mundo e da carne, mais apraz a ti a deleitação peçonhenta do teu corpo fedorento, luxurioso, que a saúde da tua alma, e mais te pagas do mundo que de Jesu Cristo. Pois tu, sandeu, consira com diligência ti mesmo e que é aquele donde vens e pera u vás; entende pera qual semedeiro hás-de ir, que é mui fortemente temedoiro e espantoso, e o caminho trevoso e mui escuro. E consira quanto som espantosas as mãos cruéis per que há-de passar a tua alma misquinha. Oh, sandeu pecador, porque tu nom sabes consirar estas cousas nem queres pensar enelas, e és negligente e priguiçoso e deleixado pera te perceberes do que te cumpre! Porém, te combate e vence amiúde a soberva, e te move e abala a ira, e te cansa a preguiça e te lega a avareza e ensuja a luxúria, porque tu nom páras mentes sagesmente aos tormentos espantosos que estam prestes pera a tua alma. Porém, és feito revel e injurioso contra Deus, e obstinado e acidioso e priguiçoso per toda obra de Deus, e faze-la com negligência e com nojo. E esto é porque nom consiras nem te percebes pera u hás-de ir depois da tua morte.

## Capítulo CXV

Dizendo esto a mui amargosa dona, travou-lhe na razom a dona espantosa e disse:

— Maldito é o homem que faz a obra de Deus negrivelmente. E tu, peccador misquinho — disse ela contra mi — nom sabes que és maldito por esto e outras muitas misquindades que em ti há? Porque nom páras bem mentes em a tua misquindade, que é em ti e que há-de vir sobre ti, que é tam espantosa e de tam grande avorrecimento, assi como te há dito esta mui alta dona que te parece amargosa, ca aos tais como ti parece ela comprida de amargura, mas aos santos homens é mui doce e mui graciosa, assi como àqueles que per ela se nembram e pensam em a grória que ham-de haver pola saída deste mundo em que vivem tribulados e afritos? Mas a ti parece ela amargosa, porque, lembrando-te a morte, nembra-te como há-de leixar toda a consolaçom que há em o mundo e per ela há-de entrar em mui grande amargura, posto que fosses ao purgatório e nom decendesses ao inferno, o qual é aparelhado pera ti, segundo a tua má vida que até qui fezezes.

Pois, sandeu misquinho, porque nom lanças de ti a soberva? Porque nom desprezas a avareza? Porque nom apagas a luxúria? Porque nom correges teus costumes? Porque ouves o mandado do Senhor Deus com negrificação e nom curas de o cumprir nem curas de seu conselho? Porque nom prevês e nom te percebes da tua postumaria? Porém, fala o Senhor espantosamente contra ti e contra outros, dizendo: «Eu me rirei em a vossa morte e escarnecerei de vós quando vos acontecer aquelo que vós temedes». Oh! Quanto é espantosa e de grande temor esta sentença! Muito me prazia que tu, sandeu peccador, soubesses em o paadar<sup>122</sup> do teu coração quanto é espantosa e amargosa esta palavra. Ca, por certo, se o tu soubesses, tu corregerias tua vida e a guardarias de pecado em toda hora, ca, em aquel tempo que vier a fim de teus dias, o Senhor Deus mostrará que tu és merecedor de todo escarno; e quando te morder a morte amargosa, condanar-te-á e mostrará que és merecedor de ser escarnido pera sempre no inferno.

E quando eu, misquinho peccador, ouvi tais ameaças como me dizia a dona espantosa, mesturadas com espantos e temores grandes da amargosa dona, grande temor e grande tremor era em o meu coração. E comecei a dizer:

— Senhor Deus, quando tu houveres de julgar a minha alma em o dia da minha morte, em que lugar me asconderei ante a tua face, ca pequei muito em toda minha vida? Gram temor hei dos meus pecados e vergonça hei ante ti;

122 Paladar, palato.



quando me julgares, nom me queiras condanar. Ai de mi, Senhor, que pequei muito! Que farei, misquinho? Pera u fugirei a ti, Senhor meu Deus? Muito é turvada a minha alma, mas tu, Senhor, acorre-me e amerceia-te de mi.

Tanto que eu, misquinho pecador, bradei pola misericórdia de Deus, logo a mui graciosa donzela tornou sua face contra mi e pareceu-me já quanto sanhuda, e começou sua razom enesta guisa contra mi:

— Oh homem sem agradecer e desconhecido ao Senhor Deus e a mi, oh tu, coração duro, oh vontade áspera! Até quando dás afriçom ao teu amigo Jesu Cristo? Até quando o fazes cansar? E ele bate à porta da tua alma com a sua graça, e tu nom lhe queres abrir; e ele te chama, e tu nom queres sair pera o receber; e ele, teu amado, te chama, dizendo: «Abre-me, irmã, minha amiga, minha esposa».

Vês, pecador? Eis a voz do teu amigo Jesu Cristo, que bate à porta do teu coração. Ó alma mesquinha, porque nom saltas logo fora dos pecados e dos negócios do mundo? Porque lhe nom abres a tua conciência? Porque o nom pões dentro em ti? Porque o nom abraças contigo? Porque nom ouves a sua voz? Eis o teu amigo Jesu Cristo fala e diz à tua alma: «Levanta-te, amiga minha, pomba minha, fremosa minha, e vem-te pera mi». Porque nom sais logo fora das cousas terreaes e dos pecados e dos negócios do mundo? Porque o nom vás receber em no apartamento solitário? Porque nom travas enele e porque o nom beijas? Porque lhe dizes: «Atende e aguarda»? Eis que ele atende e espera ainda, e chama-te outra vez e tu lhe dizes: «Espera ainda um pouco». E bem sabes tu, pecador, que muitas vezes determinhaste tempo certo que havia de vir, em que corregesses tua vida. E entanto dizes tu ao teu amigo, que é Jesu Cristo: «Atende e espera». E depois que o tempo determinaste e é já presente, trespassa-lo em outro tempo, que é por vir, e dizes ao teu amigo Jesu Cristo: «Atende e espera». E esto fazes muito amiúde e per esta guisa cantas ao teu amigo cantar odioso, nojoso, dizendo: «Atende, espera». E outra vez: «Atende, espera um pouco». E per esta guisa retardas<sup>123</sup> tua salvaçom. E guarda que per ventura nunca venha aquele tempo que tu tantas vezes mudas pera correger tua vida. Misquinho pecador, leixa e esquece tôdalas cousas terreaes, e a tua alma entre em a câmara com o seu amigo Jesu Cristo, ela só conele só, e more conele e use e logre a sua dolçura, aproveite-se dela e deleite-se em no seu amor. Pera esto é mui conveniente a vida solitária. Mas muito receio que tu, pecador, que assi perlongas e retardas o corregimento e o mudamento de tua vida, sejas arrebatado e tomado per morte, ante que acabes teu propósito, e eu nom te

123 No original: «de tardas».

poderei aproveitar. Ca, assi como nom pode ser que o Senhor Deus se nom amerceie daquele que se torna a ele, bem assi nom pode ser que se amerceie daquele que se nom quer a el tornar.

## Capítulo CXVI

Depois que a graciosa donzela acabou suas palavras, segundo dito hei, comecei eu, mesquinho pecador, a pensar porque era esto, que nunca eu vira a donzela graciosa assi áspera contra mi como aquela hora. E cheguei-me a um homem bô, que achei acerca de mi, e disse-lhe:

— Padre, que vos parece desta tam graciosa donzela, que soía ser tam doce e tam branda contra mi, e ora me pareceu já quanto áspera e queixosa?

Entom me disse aquele homem bô:

— Amigo, nom te maravilhes. Cada vez te será mais áspera, quanto mais tardares em tua perfia e te nom tornares ao Senhor; e ainda te mais digo que, se perseverares em tua perfia, que tempo será que te nom quererá falar nem olhar. Ca ela é mui conjunta com aquela dona espantosa e nunca som partidas, porque em tal guisa faz o Senhor Deus misericórdia, que nom leixa porém a justiça. E estes som os dous pés espirituais do Senhor, que convém ao pecador beijar primeiro quando quer fazer pendenza: um deles é misericórdia e o outro é juízo. Bem-aventurada é a alma, à qual o Senhor Jesu Cristo puser aficadamente ambos estes pés. Ca nom cumpre ao pecador beijar um pé sem outro, porque se tam solamente se lembrasse do juízo cairia em desasparaçom, e a relembração da misericórdia sem juízo gera segurança mui má e mui enganosa, quando o pecador se atéu à misericórdia, que nom cura de correger sua vida.

E, porém, o Senhor Deus outorgou a mi, quando vivia em a misquindade deste mundo, que muitas vezes siia assentado a estes dous pés de Jesu Cristo, e ora abraçava um deles, e ora abraçava outro com toda devaçom, quanto a bondade do Senhor me outorgava. E se algũa vez me esquecia a mi a misericórdia de Deus e me aprendia perlongadamente à sua justiça, pensando enela com o aguilhom da consciência, logo me tomava um medo mui grande e temor espantoso que me dirribava em mui misquinha confusom, em tal guisa que nom dizia nem bradava outra cousa, senom tam solamente dizia ao Senhor Deus: «Senhor, quem conhece o poderio da tua ira e quem conta a tua sanha, com o teu temor?» E se me acontecia de deixar o pensamento da justiça e do juízo de Deus e me aprendia ao pé da sua misericórdia, logo

per contrairo era tam deleixado e tam negrigente e priguiçoso, que a minha oraçom era mais tibia e sem devaçom, e a obra mais priguiçosa e meu riso e o prazer mais prestes e a minha palavra mais sem percebimento, e toda a minha força e virtude e o meu estado aparecia mais fraco. E, porém, depois que foi ensinado per tal experiênciã e per tal prova, disse: «Senhor Deus, já daqui em diante nom cantarei a ti juízo tam solamente, mas misericórdia e juízo juntamente cantarei a ti, Senhor».

Quando eu, misquinho pecador, ouvi estas palavras tam certas daquele homem bô, entendi a razom por que a mui graciosa donzela era já quanto sanhuda contra mi, porque em tendo-me a ela, era priguiçoso em correger minha vida. E, porém, mesturava ela suas palavras com ameaças e com temor da dona espantosa, como aquelas que som mui conjuntamente. E entendia que tanto me cumpria pensar em a justiça e em o juízo de Deus, como em a sua misericórdia, e muito mais per razom da minha preguiça e fraqueza. Entom preguntei àquele home bô e disse-lhe:

— Padre, dizede-me quem sodes, que tam espiritualmente falades.

E ele me respondeu:

— Filho, eu hei nome Claudiano e em outro tempo foi pecador e já quando<sup>124</sup> houve conhocimento da Santa Escritura, quando era vivo em carne. E ora pola misericórdia do Senhor Deus, cheguei aqui pera te ajudar em algũa cousa de teu proveito, se tu fores tal que queiras receber ensinança per este pouco que te dito hei, com as outras altas e graciosas palavras que te ensinam os santos homens e estas nobres donas, que aqui chegarom por salvaçom da tua alma.

## Capítulo CXVII.

Tanto que Dom Claudiano<sup>125</sup> acabou sua razom, logo a amargosa dona tornou a mi com seu espantoso falamento enesta guisa:

— Di-me tu, sandeu pecador, porque te aprendes assi à vida deste mundo? Pensas tu, per ventura, que em a vida presente há algum bem? Sandeu és, se tu esto pensas. Como pode ser bem u som tantos perigos e tantas dores e tantas tristezas, tantas angústias, tantos temores, tantos danos, uns depós outros? Rogo-te que me digas: Qual foi nunca seguro destas misquindades eneste vale

124 No original: «quanto».

125 No original: «Claudino».

de misquindade deste mundo? Qual foi aquele que as muitas vezes nom provou em si e em os outros que ama? Qual foi aquele que solamente um dia passou sem algũa destas cousas? E quanto cada um é maior em o mundo, tanto mais vezes e de mais guisas é afrito. Ca muitas afrições e muitas misquindades som conjuntas àqueles que pensam que ham bem enesta vida. Sandeu pecador, se me nom crês, revolve cada ãa das cousas do mundo. Di-me: Qual é a cousa mais misquinha que as riquezas, que som contadas por mui grande bem eneste mundo? Ca elas se ganham com mui grande trabalho e possuem-nas com mui grandes cuidados e trabalhos e com muitos temores e leixam-nas com grande dor, espicalmente em a morte. Ca entom as leixarás com grande dor, porque te partirás da cousa que mais amas contra tua vontade. Oh sandeu pecador, que nom entendes que quanto mais hás enesta vida, quanto mais te cercam afrições e misquindades! Que te direi das honras, que trazem consigo tantos perigos? Misquinho pecador, porque te retém o amor das cousas terreaes? Que tens de fazer com as cousas do segre? Porque amas tanto o alheio? Ca as cousas do mundo alheias som, ca elas nom vierom contigo ao mundo, nem sairóm contigo dele em na morte. Querendo ou nom querendo, forçado é que saias do mundo. Ó sandeu pecador, porque amas aquele que te desama? Tu desejas durar com o mundo, e ele mui tostemente e em pouco tempo te empuxa e lança fora de si vilmente, pobre e nu, e tira-te tôdalas cousas de que havias prazer e dar-te-á em manjar aos vermes. Este galardom espera tu de todo teu trabalho que padeces polo mundo. *Ergo*, sandeu misquinho, vê e pára mentes em que lugar fazes teu tesouro e u desejas ser rico: em a terra, que nom é tua e donde nom levarás contigo nenhũa cousa? Per ventura vês e crês que hás-de durar em o mundo per poderio ou per ciência ou per avondança de riquezas? Rogo-te que consires aqueles que forom ante ti em o mundo, que estas cousas houverom mais que tu, e vê se puderom resistir à morte. Di-me: u som os emperadores que forom senhores do mundo? U som os reis e os príncipes e outros poderosos e possuidores das riquezas e os sabedores que forom ante ti? Feito foi a eles o mundo inimigo. Di-me, sandeu, u som estes e tôdolos outros amadores do mundo? Passarom seus dias em os bens do mundo e em um ponto descenderom ao inferno. Que lhes prestou a riqueza e a vã grória e o poderio e a ciência? Certamente [*nada*]<sup>126</sup>; mas muito lhe empeceu. Pois nom queiras amar o mundo nem as cousas que enele som, ca ele é cheio de amargura. E, porque forçado é em toda guisa que saias dele por morte, trabalha-te de buscar outra morada boa e perdurávil.

126 Esta é a lição de Magne, que seguimos.

Calou-se um pouco a amargosa dona e logo o mui nobre solitário tornou a falar contra mi enesta guisa:

— Irmão, pára bem mentes aos dizeres desta dona, que tu chamas amargosa, ca bem entendes craramente que todo é verdade quanto ela diz. Porém, leixa o mundo, parte-te do segre ante que partas dele per morte, vai-te a apartamento solitário; nom creias a quem te aconselhar o contraíro, ca te digo por certo que, quando vier aquele dia da morte, que esquivar nom podes, e costranger a tua alma que saia deste mundo, entom nom te aproveitará seres mostrado per pessoa notável e honrada com o dedo do pobo em as praças. Nom aproveita que fosses rei nem prelado, nem riqueza, nem graça dos homens, nem deleitações que houveses. Mas aproveitar-te-á se viveste inocente sem pecado, e entom aqueles que ora negam o bem da vida solitária dirám e confessaróm que o meu conselho é bô e pacífico e assessegado. E daqui em diante, irmão, nom te quero mais falar enesto, mas encomendo-te ao Senhor Deus e a estas donas que aqui estam e especialmente a esta dona mui doce que a ti parece amargosa, ca ela te pode acender e enduzer pera tua saúde.

### Capítulo CXVIII

Levantou-se a espantosa dona com mui fero sembrante contra mi e olhou-me com seus olhos mui espantosos e, dêi i, assentou-se em ùa cadeira e disse assi:

— Ouve tu, pecador, aquela sentença espantosa que te dita hei, que o Senhor diz contra os pecadores: «Eu rírei em a vossa morte e em a vossa queda; escarnecerei de vós quando vier sobre vós a destruiçom arrevatosa». Certamente, se tu bem entendesses esta sentença, sem dúvida haverias grande pavor; mas tu nom lês as Santas Escrituras com diligência nem com femença. E nom entendes sagesmente os males e os pecados que fezeste e os feitos e os ditos e as más obras que hás feitas, ca bem sabes tu, pecador sandeu, que sempre fuste trigoso pera a mesa e tardinheiro pera a igreja. Sempre fuste poderoso pera comer e beber e enfermo e fraco pera rezar, vigiador pera ouvir falas de vaidade e de torpidade e sonorento pera as vigílias santas e honestas. Sempre fuste prestes pera falar, mas tardinheiro e mudo pera cantar os salmos e os louvores a Deus, bem pronto e aparelhado pera sanha e pera profaçar, mas priguiçoso pera a oraçom, amador da enveja e persiguiador dos pobres de Jesu Cristo. Bem paravas mentes no argueiro do olho de outrem, mas nom vias a trave em o teu, condanando os feitos alheios, mas nom consirando os teus maus feitos, nem os

leixando de fazer; tu repreendes os outros e louvas ti mesmo; tu és achador de malícia e destruidor da deceprina e da ensinança; tu és amigo dos vícios e dos pecados e enmigo das virtudes; estas som as cousas que cegam o homem e o partem de Deus, assi como fezerom e fazem a ti. Estas cousas fazem o cristão ser anticristo, ca aquele que nom é cristão, anticristo é, ca anticristo quer dizer «contra Cristo»; nom é cristão aquele que é contrairo a Jesu Cristo em vida e em costumes. Tal és tu, sandeu pecador, que nom sabes nem conheces o teu mau estado nem o correjes, e, porém, és néscio e sandeu, e, porém, perecerás e serás condanado por sempre.

Quando eu, mesquinho pecador, ouvi tais palavras e tal sentença, o meu coração houve tam grande temor, que nom podia receber conforto, porque entendia eu que todas aquelas cousas que a dona espantosa dizia eram em mi e que, porém, a sua sentença era mui justa e mui direita. Entom bradei ao Senhor Deus e disse:

— Senhor, nom me queiras julgar segundo os meus feitos, ca eu nom fize ante ti nenhũa cousa de bô merecimento. Porém, rogo à tua majestade que destruias as minhas maldades. Ai de mi, que peço cada dia e nom faço pendença! O temor da morte me conturva, ca em no inferno nom há remimento nem perdoança. Senhor, amerceia-te de mi e salva-me!

E dizendo eu esto, olhava contra a donzela graciosa, que me soía consolar, se me diria algum conforto; e ela estava calada, que parecia que pouco curava de mi. Pero tanto tive mentes a ela, que entendeu a amargura da minha alma, e começou-me de falar enesta guisa:

— Ó pecador sandeu, porque amas a vaidade e demandas a mintira? Ca aquele que ama a maldade há ódio à sua alma, e o Senhor Deus há ódio ao mau e à sua maldade, ca o mui alto Deus enteja os pecadores e amerceia-se dos que fazem pendença. Pois tu és pecador e mau e nom queres fazer pendença, como queres que se amerceie o Senhor Deus de ti? Pois, pecador coitado, faze pendença enquanto és saom de teu corpo e enquanto podes pecar, e serás seguro; mas tu propões fazer pendença em aquele tempo, quando já nom hás poder de pecar per vilhice ou per dor, quando os pecados leixarom a ti e tu nom leixaste os pecados. Digo-te que nom é certo seres entom perdoado. Pois, misquinho sandeu, pera que delongas tua saúde até morte? Põe teu feito em certo e leixa a cousa que nom é certa. Ca te digo, por verdade, que se o nom fezeres nem corregeres tua vida, que serás condanado no inferno e dali verás a grória dos santos e serás turvado com temor mui espantoso e nom haverás esperança de tua saúde. E entom farás em ti mesmo pendença, sem fruto, gemendo em ti grande pressa do esprito e dizendo: «Estes som os santos homens de que eu

escarnecia, e eu, sandeu, havia sua vida por sem siso, e ora som eles antre os filhos de Deus e eu som atormentado enesta chama de fogo perdurável». Esto dirás tu em no inferno, se pendenza nom fezeres; e, posto que pendenza faças, se a nom fezeres perfeitamente, segundo a quantidade dos teus pecados, bem poderás escapar do inferno, mas irás ao purgatório.

E tu, sandeu, tens em pouco a pena do purgatório! Sabe por certo que ela é de tam grande sentido como a do inferno, mas, porque nom há-de durar por sempre, ham boa esperança os que ali som; pero ela é maior que nenhũa pena que o homem pode padecer enesta vida presente. Ora pensa, pecador, ca som certo que se te ora mandassem queimar em fogo, que tu farias toda cousa, por mui grave que fosse, por escapar; e pero nom havias de sentir o fogo per ùa hora acabada, ca tam taste morrerias. Pois, sandeu, porque tens em tam pouco arder per cento anos ou per mais em fogo material? Porque nom trabalhas de escapar dele ou almenos pera jazer enele mais pouco? Mas parece-me que falo com surdo, ca, pois tu tanto perlongas a escapar do inferno, mais perlongarás a te livrar do purgatório. Ora, pecador, torna-te ao Senhor e ante da tua morte, ca piadoso e misericordioso é àqueles que se tornam a ele, segundo te já muitas vezes disse. Toma o seu jugo sobre ti, aparta-te do segre e faze pendenza e haverás o reino dos céus. Daqui em diante nom te entendo mais eneste falar; encomendo-te ao Senhor Deus, que se amerceie de ti, segundo a sua grande misericórdia.

## Capítulo CXIX

Calou-se a graciosa donzela e logo a amargosa dona começou sua razom contra mi enesta guisa:

— Ó sandeu pecador, porque nom páras mentes em na hora da tua morte, que tam acerca e tam certa é? Nembra-te e pensa bem com todo teu coração, antre as outras cousas, quanto é espantosa a vista do diabo, que te aparece em na hora da tua morte. Pensa como foi tam ousado de querer topar com a mui santa alma de Sam Martinho, quando lhe queria sair do corpo e a queria embargar quando a levaram os anjos. Como é muito de temer a ti, pecador, e como debes pensar com grande tremor, quando espantosamente aquela serpente peçonhenta, Satanás, encontrará à tua alma. Cuida bem, e nunca se parta do teu coração, quanto a mui benta Virgem se percebia da hora da sua morte, que rogou o seu grorioso Filho que os espiritos malinos nom fossem presentes à saída da sua alma. Oh! Se tam santa e tanto amada do Senhor duvidava e

receava a visom dos maus espiritos, que fará a alma do pecador? Como poderá estar ante o olhar do vulto espantoso<sup>127</sup> do diabo infernal? Como poderás sofrer o fedor da sua boca e as chamadas dos seus olhos?

Sei certo, pecador, que o temor desta espantosa besta sobrepuja toda maneira de tormentos mais que podem ser cuidados eneste mundo. Ai de ti, pecador, pois que tal e tanto é o temor da alma pecador da vista tam solamente do diabo infernal, quanta confusom, quanto espanto e quanta afriçom será em no tangimento dele! Mas tu, pecador, és nécio e sandeu, e nom sabes e entendes tamanha pena é, e quanto espantosa, o temor do inimigo. Assaz és tu néscio e sandeu, que nom consiras como és pirigrino e estranho dos prazeres do paraíso, e que nom páras mentes como és estarrado eneste mundo. Assaz és sandeu, se tu esto sabes e pero nom trabalhas de te livrar da misquindade deste mundo, per bô merecimento de vida. Nécio és tu, se nom crês que os tormentos [*dos*] maus e a grória dos justos som perdurávis. Assaz és sandeu, se esto nom crês, pero nom trabalhas de escapar da morte perdurável e pera ganhares a vida perdurável, vivendo justamente. *Ergo*, per justo juízo de Deus mereces ser condanado.

Ora, pecador, já vês o que debes saber e entender e prover, pois percebe-te da tua postumaria e da fim dos teus dias, em tal guisa que escapes da morte perdurável e possuas a grória do paraíso. Assaz te hei dito, pecador, do que te cumpre pensares pera tua salvaçom. Daqui em diante, trabalha de obrar e, assi como o bafo dos teus narizes e da tua boca nom cessam, bem assi estas cousas que te hei ditas nunca sejam partidas da tua memória e do teu coração, ca nom há pensamento que tanto aproveite pera emendares tua vida e pera leixares o segre e fazeres vida apartada dos negócios do mundo.

Entom se calou a dona amargosa e deu-me com aquele aguilhom da vara do ouro que tinha em na mão, em dereito do coração, em guisa que me pungiu enele mui fortemente, e eu bradei e disse:

— Ó Senhor Deus, ouve e cumpre a minha oraçom e livra a minha alma do temor do inimigo infernal! Senhor Jesu Cristo, eu nom hei forças em mi pera te seguir, mas tu tira-me pera ti, e outorga-me que desprece as cousas temporais e deseje as perdurávis; faze-me que leixe tódalas cousas e siga a ti. Senhor, amerceia-te de mi, segundo a tua grande misericórdia.

127 No original; «Como poderá estar ante o espanto, o olhar do vulto espantoso...».



## Capítulo CXX

Depois que eu disse estas palavras com todo meu coração, o meu guiador, que me acompanhava, começou-me a dizer assi:

— Homem pecador, que ceguidade é esta do teu coração sobervoso, em tal guisa que pequena ou nenhũa deferença há antre ti e o diabo? Tu és filho de trevas, e o porque é nom sabes nem entendes que andas em trevas ou nom queres entender; mas, certamente, tu entenderás quando a grande tribulaçom vier sobre ti e a ira do Senhor Deus, que te dará intendmento. Ca nom hás sempre de andar enestas trevas, que tens em pouco, mas serás lançado em nas trevas do inferno, que som perdurávis. Ali te quebrantará o Senhor Deus com dobrado quebranto, porque per duas guisas moveste e acendeste a sanha do Senhor: alegrando-te quando mal obravas e havendo grande prazer em nas más cousas; sendo tu mui mau em nos feitos e mui pior em nas cuidações, corruto em no corpo e corruto em na alma. Pois, pecador, pára mentes e pensa bem os conselhos e os castigos da fremosa dona e da graciosa donzela e da dona espantosa e pensa a doutrina e os enxemprios dos santos homens.

E sobre todo te nembre a ensinança e os fortes falamentos espantosos da dona que tu chamas amargosa, que é a renembrancha da morte. Nembra-te do zelo da justiça de Deus, que há contra os pecados, que, polos remir, cumpriu que morresse Jesu Cristo morte tam cruel. Pensa que morte mereces tu, que és tam pecador, pois que o Filho de Deus, sem pecado, tal morte houve. Cuida e pensa, com todo coração, o peso do juízo e da examinaçom do Senhor, que te há-de examinar. Consira a pena que Lúcifer e os outros seus consintidores houveram polo pecado, e a pena que houve Adam e os que perecerom em no delúvio e em nos outros lugares. Consira o juízo de Deus, como trespassa e escondrinha os pecados, ca tôdalas cousas som nuas e descobertas aos seus olhos. Pensa como caíste e cais e podes cair ligeiramente em pecado. Consira a perseguiçom dos enmigos sem conto e o juízo derradeiro, e o primeiro, que será em no dia da tua morte. E pensa bem e consira com grande femença a crueza das penas do inferno, ca as mais cruéis penas desta vida presente mais pequenas som que as penas do inferno e que as do purgatório. E consira como há-de durar por sempre, e consira como por teus pecados tens perdida a grória do paraíso e que nunca a cobrarás, se nom emendares e corregeres tua vida; e entende que esta pena da perda da grória é maior que a pena do inferno. Porém, consira e pensa estas cousas e torna-te ao Senhor, e leixa o segre e faze vida solitária e apartada, segundo te aconselharom estas donas e estes santos e nobres homens, como hás ouvido. E se tu nom quiseses correger tua vida,

sei certo que o Senhor Deus te desempara e estas nobres donas nom curaróm de ti, e os santos e sabedores nom te ensinaróm e eu mesmo te leixarei cair em perdiçom. E se te correger quiseres, o Senhor Deus mui ledamente te receberá, assi como padre a filho, e alojar-te-á e tirará de ti a vergonça e a confusom do pecado e vistir-te-á de vistidura de saúde, e cobrir-te-á com manto mui resprandecente de salvaçom e de grória e resprandecerás assi como o sol depois que passares desta vida, ca o olho nom viu, nem orelha ouviu, nem subiu em coraçom de homem aquelas cousas que o Senhor tem prestes pera aqueles que o amam em no reino dos céus e em na grória enfinda que se dizer nom pode.

Mas se te nom quiseres correger e amares as deleitações desta vida e te queres envolver em no lodo dos pecados, assi como porco, assi como te envolveste sempre e fezeste da tua alma sintina e lagoa de todas maldades, serás nu e misquinho, confundido e envergonçado e dirribado e serás feito escarnho a toda criatura e doesto perdurávil e serás arrevatadamente deitado em no fogo do inferno, que nunca será apagado. Pois, pecador, nom queiras duvidar nem tardar já mais; vem-te pera Jesu Cristo, nosso Deus, e serás alumiado e a tua face non será confundida. E serás livre da morte infinda e possuirás vida bem-aventurada por sempre, e resprandecerás com a luz da divindade perduravilmente. Muda a tua vida e entra em na vida solitária, ca, se bem pensasses estas cousas que te hei ditas, nom tam solamente leixaras as riquezas e as outras cousas do mundo, mas ainda o teu corpo darias a quaisquer asperezas e tormentos e à morte, por escapar de tanto mal e ganhar tam grandes bens.

## Capítulo CXXI

Depois que o meu bô guiador disse estas palavras, tribulaçom e angústia me compreenderom e dores da morte me cercarom e o aviso do temor de Deus me cobriu, assi como pego de água mui profunda. Este aviso e profundeza do temor veio sobre o meu coraçom e cercou-o em redor com três temores, convém a saber, o temor do aviso dos meus pecados e do aviso dos juízos de Deus e do aviso dos tormentos do inferno. E pensei como em no aviso dos meus pecados jaz o verme escondido, que sempre rói a minha consciência e nunca é farto e em no aviso dos juízos de Deus fica a sentença que nunca há-de ser revogada. E disse:

— Ai misquinho, que logo hei-de cair em no terceiro aviso do fogo que nunca será apagado! O aviso dos meus pecados fez o aviso dos juízos de Deus

e estes ambos me alagaram em no aviso da morte perdurável. E esto será tanto que vier a hora da minha morte, que nom tardará muito e per ventura que será hoje ou cras.

ConsiRANDO eu estas cousas, fiquei mui espantado e todas minhas forças e meus ossos foram conturvados, em tal guisa que muitas vezes a minha alma misquinha era costringida a dizer: «Desperei, já nom poderei haver vida, nom verei o Senhor Deus em na terra dos viventes, mas decerei ao profundo do inferno, ca nom querrá o Senhor Deus misturar consigo nem meter em na sua luz tam suja cousa como a minha alma». E esto me fazia dizer ùa voz de espirações escondidas, espantosas e de muitas maneiras, que o Senhor metia em no meu coração. Mas eu tornava logo e dizia: «Senhor, amerceia-te de mi, segundo a tua grande misericórdia»! Enesta voz, o Senhor Deus comoveu a terra do meu corpo e do meu coração e conturvava fortemente a voz do mui alto Deus, assi como voz de muitas águas; assi como espirito mui forte e grande, quebrantou as minhas prisões e suverteu os montes da minha soberva e britou as pedras da obstinação e da perfia do meu coração duro. E a minha carne e a minha consciência se moveu e tremeu, quando a o Senhor Deus olhou e fezera tremer e mover pera pendenza. E logo em toda guisa me prougue cumprir per obra o meu propósito que tanto havia perlongado e poer-me em lugar pertencente pera fazer emenda e pendenza e correger minha vida, vivendo vida solitária e apartada, assi como me derom em conselho as nobres donas e os santos homens.

Entom o meu guiador tirou-me da cidade e da morada dantre as gentes e levou-me per um caminho mui fragoso e de muitos embargos, mui fortes e mui craros de passar, e andamos per aquele caminho três dias, e ele me ajudava e fazia passar aqueles fortes passos, ca, em outra guisa, nunca eu per mi pudera ir em diante. E passamos per um vale mui trevoso e mui escuro, e chegámos logo a um bosco coberto de névoa, pero era assaz fremoso. E a mui fremosa dona que ali chegou logo me mostrou um campo apartado além daquele bosco. E o campo era cheio de muitas árvores mui fremosas com froles e com frutos de mui muitas maneiras, e aves que cantavom mui docemente e muitas rosas e violas froridas e lílios e outras muitas froles de muitas maneiras. Este deserto era mui gracioso e comprido de muitos bens, segundo a mi parecia, que o via de longe, e a fremosa dona me disse:

— Se tu queres folgar e consolar-te em tam maravilhoso campo, primeiro morarás per tempo eneste bosco nevooso. E nega logo a tua própria vontade e mortifica a tua carnalidade, que som os desejos da carne, e renuncia as cousas do mundo.

E eu assi o fize e ele deceu-me daquela altura e pose-me em no bosco nevooso. E ali comecei de morar, fazendo vida apartada e solitária, afastado dos negócios e dos arruídos do segre.

## Capítulo CXXII

Vivendo eu, misquinho pecador, em aquele bosco nevooso da pendenza, ali tinha eu ante mi fogo do inferno e o fedor dos pecados e as tormentas do juízo de Deus, e em na minha consciência me dizia, segundo a mi parecia, que aquele dia do juízo do Senhor<sup>128</sup>, quando havia de julgar a minha alma em o dia da minha morte, e depois em no dia postumeiro do juízo geral; e parecia-me que via o juiz mui irado contra mi e mui queixoso, e já me parecia que via o inferno aberto. E nom se partia de minha memória aquele dia da minha morte, dia de sanha e de tribulaçom e de mui grande pressa, dia de grande angustura e de tormenta e de misquindade, dia de escuridom e de névoa, dia muito amargoso. E pensava: Como o justo adur pode ser salvo, pois que será de mi, pecador e sem piadade e sem reverença contra Deus e malicioso contra o próximo e homecida em mi mesmo? U aparecerei? E dizia: «Pera du<sup>129</sup> irei dante a face do juiz e pera u fugirei?»

E pensava de noite e de dia em o meu coração, e o meu espirito era mui coitado e as minhas cuidaçõs me conturvavom. E em todo esto, o meu guiador nom se partia de mi e, quando me via enesta amargura, confortava-me, dizendo:

— Amigo, sabe por certo que o nosso Senhor Deus é salvador dos homens, ele é fonte aberta pera levantamento<sup>130</sup> dos pecados e pedra de acorrimento, e todo aquele que crê e espera enele nom será confundido, fazendo obras de cristão.

Estas consolações e outras muitas havia eu, pecador, em aquele bosco u vivia apartado, fora dos negócios do mundo, havendo ainda esperança de mui grandes bens, e bem sentia o bem e o proveito da vida solitária. E nom vivia de todo só, ca havia comigo companheiros bôs e as outras cousas que pode haver aquele que vive vida solitária e apartada, segundo me haviam dito os santos barões, como quer que algũas asperezas me era forçado padecer, por fazer

128 O sentido da frase parece ser: «na minha consciência me dizia que tivesse presente aquele dia do juízo do Senhor».

129 *Du* = donde.

130 Lapso por «lavamento», como parece exigir o contexto.

pendença de meus pecados. Mas todo me era prazer e consolação pola boa esperança e por perdoança das minhas maldades e consirando as turvações e as tempestades do mundo, de que saíra e escapara.

### Capítulo CXXIII

Vivendo eu eneste bosco nevooso enesta guisa que dito hei, o meu guiador me esforçava e a fremosa dona me disse enesta guisa:

— Amigo, obra fortemente e sofre com paciência, e entende que este lugar em que ora estás é lugar daqueles que começam a fazer pendenza e, porém, é assi nevooso; mas o primeiro lugar per que passaste é o lugar daqueles que estam em pecado e nom fazem pendenza. E eneste lugar moraste tu até ora, e nom vias nem entendias as trevas da tua morada, senom ora, quando te trespassavas pera pendenza. Ora, amigo, estás em pendenza em este bosco nevooso, porque algũas cousas padeces de afrição. Mas bem vês quanto bem há enele e já fazes vida apartada e solitária das gentes e dos arruídos do segre e sentes os bens desta vida: mas depois que fores aproveitando em tua vida, entom irás algũas vezes folgar a este campo<sup>131</sup> tam deleitoso que está além deste bosco, segundo te mostrarei. Entom espirará em ti a [e]spiração do Senhor, assi como vento mui sutil e mui brando e mui proveitoso, e soprará em na tua conciência e fazê-la-á avondosa de meditações e pensamentos espirituais de mui precioso odor e de mui puras e limpas deleitações espirituais. E começarás a gostar a espiraçom devinal, havendo algũas vezes consolações do Senhor Deus, irás folgar a este campo tam fermoso que está eneste deserto mui saboroso e sempre sei percebido da vã grória, que nom ensoberveças nem te tenhas em grande polos bens que receberes de Deus, nem despreces os outros. E ainda te mais digo que, se perseverares em santas obras, subirás a um monte mui alto que está sobre este campo, que é monte mui craro em que acharás toda avondança e perfeição de bem-aventurança e deleitação, a maior que pode o homem haver enesta presente vida. E eneste monte poderás viver em tanta avondança de deleitações espirituais, que se nom podem recontar, nem ensinar, nem saber, senom gostando-as e provando-as, até que leixes esta vida e te vás pera a vida perdurável.

131 No original: «tempo».

## Capítulo CXXIV

Muito fui consolado eu, pecador, com as palavras da mui fremosa dona e ela me visitava muito amiúde em aquele bosco u eu vivia e havia grande consolação conela e grande espaço. E um dia lhe disse:

— Senhora mui sabedor, vós me havedes ensinado e consolado em muitas guisas: rogo-vos, por amor do mui alto padre que vos santificou e enviou em no mundo, que me digades mais craramente que monte é aquele mui alto, em que dizestes que eu poderia subir, em que há cumprimento de tantos bens.

E ela me respondeu e disse:

— Filho, sabe por certo que este bosco nevooso é o estado da pendenza, em que estás apartado da conversação mundanal, segundo te dito hei, o qual estado tu agora começas. E depois que fores perseverando em tua pendenza, haverás algúas vezes pensamentos e consolações espirituais e de grande dolçura; este é o campo gracioso em que folgarás algúas vezes, que te eu mostrei. Mas o alto monte é o estado da alta contempração, que tu ainda nom viste nem podes ver nem saber per nenhũa maneira, senom gostando-o e provando-o per obra; e a este estado podes tu chegar per graça do Senhor Deus e subir eneste monte, se leares o caminho dereito pera ele. E este estado e auto da contempração é o mais firme e mais perfeito em que está a derradeira e mais perfeita bem-aventurança humanal dos que vivem enesta vida presente.

## Capítulo CXXV

Depois que eu, pecador, ouvi esto que a fremosa dona houve dito, da alteza da contempração, houve mui grande cobiça de a gostar e haver; e porém, lendo eu pela Santa Escritura, comecei de enquerer e escudrinhar enela a inteligência espiritual e a sabedoria celistrial do Senhor Deus, que jaz em na Santa Escritura escondida sô encobrimento mui fremoso e de mui apostas figuras e de muitas semelhanças e sinifições espirituais. E trabalhei-me pera saber e agostar a dolçura da contempração: e pero me trabalhei, per esta guisa nom pude alcançar o que cobiçava, e comecei suspirar e gemer pola minha sujidade e ceguidade e fazer pranto e haver vergonça. E doendo-me eu desto muito, perguntei antre mi mesmo donde me vinha tal ciguidade; e entom me vierom em mente tôdolos males que havia feitos. E ainda mais essa mesma lição da Santa Escritura, que eu lia, me trazia ao coração a minha sujidade dos meus pecados, contra minha vontade, buscando eu enela outra cousa pera minha consolação. E, per

tal renembramento das minhas maldades, me fazia compungir o coração com grande dó, em lugar de consolação e de doçura, que eu enela demandava. E doendo-me eu muito desto, chegou a mi a mui fremosa dona e preguntou-me por que era triste e tam choroso. E eu lhe contei tudo quanto me avinha lendo pola Santa Escritura; e ela me respondeu enesta guisa:

— Filho, queres saber a razom por que te avém esto que dizes? Digo-te que o teu coração sujo e turvado pola conversação antiga da má vida que ante fezeste, ainda nom é limpo nem apurado dos seus ensujamentos, e, porém, nom é idónio nem pertence pera contemplar as cousas celistriais. E, porém, quando trabalhas pera haver as consolações espirituais e a doçura da contemplação divinal lendo as Santas Escrituras, achas-te em compunção de teus pecados e em dor deles. E quando pensas estar em vida contemplativa, achas-te sem[pre] na vida ativa, porque assi como à vida contemplativa pertence pensar, meditar, orar, contemplar e entender as cousas celistriais e devinais, bem assi pertence à vida ativa chorar e gemer e doer-se e susperar. Ca a vida ativa é afeição inflamada e acendida per espição divinal, a qual afeição do homem compõe e ordena si mesma per regra de justiça. Mas a contemplativa é razom alumida pola razom divinal, a qual razom levanta si mesma em contemplação da sabedoria celistrial, que nom pode ser entendida com o coração que nom é bem limpo. E como quer que os galardões da vida ativa sejam grandes, maiores som os da vida contemplativa. A vida ativa usa bem das cousas do mundo, mas a contemplativa renuncia o mundo e deleita-se viver tam solamente a Deus. A vida ativa revolve-se em nas obras da justiça e em no proveito do próximo; mas a contemplativa é vaga de todo negócio e é aficada em no amor só de Deus. A vida ativa trabalha em no uso das obras presentes, mas a vida contemplativa gosta já a folgança do paraíso com sabor de dentro da alma.

## Capítulo CXXVI

— Ora me dizede, senhora — disse eu, pecador, à mui fremosa dona — per que guisa me cumpre de me aparelhar e fazer preste pera a vida contemplativa?

E ela respondeu e disse:

— Filho, sabe por certo que a primeira cousa pera te fazer preste pera chegares a alteza do monte da contemplação, assi é usares primeiro per tempo em nas obras da vida ativa, fazendo obras de justiça per pendenza em ti mesmo e obras de piadade ao próximo. A segunda cousa é pureza do coração; e, porém,

se tu queres ver Deus per contempraçom, alimpa o teu coraçom de toda sujidade de pecado e de cuidaçom, porque Deus nom pode ser visto senom per limpo coraçom de aquele que o ama humildosamente. Ca te digo por certo que, quando tu fores tal que de todo em todo nom te deleites em nenhũa cousa terreal, crê-me que logo em esse ponto poderás gaançar e haver o que cobiças. A terceira cousa é o apartamento solitário, ca o Filho de Deus é amador vergonçoso e nom quer revelar e demostrar os seus segredos à sua esposa, que é a alma fiel, pubricamente, mas em apartamento. A quarta cousa é desconsolaçom e tristeza polos pecados e por outros males, ca a dolçura da contempraçom é dada à alma depois da tristeza da desconsolaçom, porque, saindo-se a tristeza da alma, descobre-se a escuridade e, resprandecendo o lume divinal, é alumiada a alma e posta em prazer. A quinta cousa é silêncio, porque o verbo de dentro, que pertence ouvir o contemplador, quise ser ouvido em grande silêncio. A sexta cousa é dar graças a Deus e louvores per voz. A sétima é humildade de corpo e da alma. A oitava é folgança e assesego da mente, sem embargo dos feitos segrais. A nona é desejo de sair do corpo, havendo a vida em paciência e a morte em desejo. A décima é fervor de caridade, ca o amor<sup>132</sup> trasforma o amador em no amado. A undécima é levantamento do coraçom e pensamento das cousas celstriais. A duodécima é oraçom. Estas doze cousas sobreditas te faróm prestes pera a contempraçom, porque, quando for lançada fora de toda sujidade e for talhado de ti todo cuidado do segre e houveres em ti afriçom da carne e contriçom do coraçom e confissom pura e amiúde do pecado e lavatório de choro, entom te alevantaróm à essência de Deus a maravilhosa meditaçom e pensamento e esguardamento da casta verdade e a oraçom limpa e forte e o cantar de louvor de coraçom e o desejo ardente em Deus, ca estas cousas te faróm ver o Senhor Deus em contempraçom.

### Capítulo CXXVII

Quando eu, pecador, ouvi estas cousas, que me a mui fremosa dona ensinou, disse:

— Oh, Senhor Deus, quem dará a mi alas assi como de pomba e avoarei pera o monte da contempraçom, e folgarei em paz e assesego da minha alma e do meu coraçom, pois que fugi dos arruídos do mundo e me alonguei a morar eneste ermo solitário! Mas sei que farei: atenderei e esperarei aquele que me fez salvo da fraqueza do meu esprito e da tempestade da sua ira.

132 No original: «maior».



Tanto que eu esto disse, logo a mui graciosa donzela, que me soía confortar, me falou enesta guisa:

— Filho, se ouvires a voz do teu Senhor Deus, em guisa que faças e guardes tôdolos seus mandamentos, ele te dará avondança em tôdolos bens e fará-te ser mais exalçado que tôdalas cousas terreas.

E logo a dona espantosa disse a mi:

— Pecador, verdade te diz esta donzela, mais eu te digo por certo que, se tu nom quiseses ouvir a voz do teu Senhor Deus, em guisa que guardes e faças tôdolos seus mandados, virám sobre ti tôdalas maldições e compreender-te-ám até que pereças. E se nom servires em prazer e em alegria do teu coração em na avondança de tôdolos bens espirituais que haverás em no estado da contemplaçom ao teu Senhor Deus, e entom servirás ao teu enmigo em fome, em sede e em nuidade e em míngua de tôdolos bens espirituais, e poerá o teu enmigo enferral jugo de ferro sobre a tua serviz até que te quebrante.

Tanto que esto disse a dona espantosa, logo aquele meu guiador me consolou e esforçou, dizendo:

— Amigo, nom sejas triste por esto que esta dona diz, ca ela diz verdade com teu proveito, percebendo-te daquelo que te vinrá, se nom guardares os mandamentos do Senhor Deus. Mas tu sigue a doutrina que te é dada e persevera enesta vida que começaste e leva o caminho que te ensinou a mui fremosa dona e faze-te preste, segundo te ela disse, crescendo sempre de virtude em virtude até que vejas o Senhor Deus per contempraçom enesta vida presente e depois craramente em na vida perdurávil.

### Capítulo CXXVIII

Depois que estas cousas ouvi, esforcei-me cada dia mais em fazer pendenza de meus pecados e de fazer cumprir aquelas cousas que cumpriam pera haver a graça da contempraçom, segundo me ensinou a mui fremosa dona, desejando eu muito de achar e subir em aquele alto monte, de que me ela havia falado. E eu falava muito amiúde conela e regia-me per seus conselhos; e ela me disse um dia:

— Filho, tu hás grande desejo de haver consolações devinais e cobiças subir ao alto monte da contempraçom. E a ti cumpre fazer o que te ensinei: que sejas justo e que o teu desejo de contemplar o Senhor Deus nom seja pola tua deleitaçom, mas que o desejes contemplar simpresmente pola sua bondade. E nom penses que hás-de subir ao alto monte da contempraçom subitamente, mas per certos graus.

O primeiro é per perfeita obediência, fundada em humildade mui perfeita. O segundo grau é que trazas o teu corpo em servidom do espirito, em guisa que a carne seja nécia e o espirito e a alma sabedor. O terceiro grau é tornar o uso de bem obrar em costumes per descriçom. O quarto é entender aficadamente e com femença aquelas cousas que som postas em na doutrina da fé. O quinto grau é guar[*dar*]es tua alma limpa. O sexto é traspassares-te do juízo da razom em na afeição da mente, ca nom hás-de julgar aquelas cousas que vires, que te forem reveladas e dadas per Deus, segundo a razom humanal. O sétimo grau é esguardar e olhar a grória de Deus, com face descoberta. O oitavo é seres tresformado de craridade em craridade, e tal foi a visom de Sam Paulo, que foi arrebatosamente levado ao terceiro céu. E debes saber que as visões som em três guisas: ãa é corporal e outra imaginária e a terceira é inteleitual. A corporal visom é quando per dom de Deus vê alguém algũa cousa que os outros nom podem ver, assi como viu Baltasar ãa mão de homem com certas demostrações, que sinificavom que havia de perder o reino; e esto via ele com os olhos corporais, estando esperto e em todo seu acordo. A visom imaginária é quando alguém, per sonho ou estando<sup>133</sup> fora de si, vê, nom corpos, mas imagens de corpos, per revelação de Deus, assi como viu Sam Pedro ãa escudela cheia de viandas de animálias desvairadas pera comer, em demonstraça que gentes de muitas nações haviam ser trazidas à fé de Jesu Cristo. A terceira visom, inteleitual, é quando nom som vistas imagens nem corpos, mas o esguardamento da mente e a vista da alma é aficada em nas sustâncias que nom ham corpo dentro em nos pomares do Senhor Deus, assi como ver Deus, que nom há corpo quanto à natura devinal, e os anjos e as outras cousas que se vêem pelo entendimento tam solamente; e tal foi a visom de Sam Paulo, ca o Senhor Deus lhe quis amostrar a vida perdurável em que havia de viver depois desta presente vida pera sempre.

— Ora, filho — disse a mi a mui fremosa dona —, se tu queres ver Deus per contempraçom das cousas celistriaais, cumpre-te que primeiro arrinques de raiz os pecados e que alimpes o teu coração, porque nenhum nom pode ser perfeitamente contemprativo, se ante nom for bô autivo, purgando si mesmo de tôdolos vícios e os pecados. E, porém, debes fazer as cousas que te façam prestes pera a vida contemprativa, a qual te ensinará perfeitamente ãa donzela, filha do mui alto rei que mora em um alto monte, que é a mais sabedor e mais fremosa que outra nenhã, da qual eu som servidor e apousentador. E eu te levarei ante ela, se tu fores tal que o mereças, usando per longo tempo em aquelas cousas que te eu ensinei.

133 No original: «per estãdo».

### Capítulo CXXIX

Entom comecei trabalhar em aquelas cousas que me ensinou a mui fremosa dona, pera ser prestes pera subir em o alto monte da contemplaçom divinal e[m] que esperava algũas consolações espirituais. E depois que per longo tempo trabalhei em nas cousas sobreditas, chorando muito amiúde por meus pecados e por compaixom da morte de Jesu Cristo, e sentia em mi grande fervor do amor do meu Senhor Deus, que me acendia cada dia mais e mais pera me fazer desejar a dolçura da contemplaçom; e com grande desejo que havia de chegar à graça da contemplaçom, fize oraçom ao Senhor enesta guisa:

— Ó Senhor Deus, que és o maior e mais alto em bondade infinda, eis o meu entendimento e a minha vontade, que tu criaste pera contemplar a tua mui santa bondade, rogo-te mui humildosamente que tu representes ao meu entendimento e à minha vontade força e virtude per que entendam e amem a tua mui altíssima bondade; e esta representaçom com tam grande grandeza e perseverança e poderio e virtude e grória e fim de perfeiçom, quanto a ti prougue poer virtude de contemplaçom em no poderio do meu entendimento e da minha vontade. E praza-te, Senhor, que redugas em auto e em obra toda aquela virtude que tu puseste em no meu entendimento e vontade, per tal guisa que aquele poderio e virtude da tua mui santíssima bondade — per que ela pode ser entendida e amada — se conjunte com aquele poderio e virtude que tu puseste em no meu entendimento pera poder entender e amar a tua santíssima bondade. E esto seja em tam grande esguardamento e tam crara vista do entendimento e com tam grande flama e acendimento de amor, até que a minha alma toda seja suspessa, entendendo e em amando [a] ti pola tua bondade, que é essencial a ti.

### Capítulo CXXX

Tal oraçom como esta, eu, pecador, muitas vezes fazia ao Senhor Deus; e um dia o meu guiador e a mui sages e mui fremosa dona me tomarom e levarom-me àquele lugar, gracioso campo de que te ante falei, que estava além do bosco nevooso. E aquele campo era mui ledo e lumioso e enele estava ãa donzela, a mais fremosa e melhor guarnida que nunca eu vira, ca fremosura e caridade da sua face nom havia[m] comparaçom; o seu talho e os seus nembros e as feituradas do seu rosto e do seu corpo eram tam apostas, que língua de homem nom o poderia recontar. As suas vistiduras esprandeciam com pedras preciosas

e com ouro tam sutilmente lavrados, que nom poderiom ser feitos per mão de homem, em guisa que toda sua vistidura era de ouro com mui resprandentes pedras priciosas. Mas quem poderia dizer a nobreza da coroa que tinha em sua cabeça e a craridade das pedras? E ela bem parecia filha de rei em todo. E quando chegámos, a mui fremosa dona, e eu com ela, ficámos os giolhos em terra. E ela nos fez sinal com sua mão que nos alçássemos e nos chegássemos mais a ela. E eu preguntei à mui fremosa dona:

— Que donzela é esta tam nobre em todas guisas?

E ela me disse:

— Esta é a ifante, filha do mui alto rei de que te eu ante falei que te ensinaria compridamente tôdalas cousas que pertencem à graça da contemplaçom, e esta te levará ao alto monte u ela mora e ali entenderás e verás o que desejas. E esta é a Sabedoria, que é dom e virtude de Deus; esta é saberosa ciência condida<sup>134</sup> com sabor de virtudes; esta conhece as cousas perdurávis, celistriais, e as gosta, e assi fará a ti, ca te fará que tôdalas cousas que tu já conhecestes saibam assi como som elas em si mesmas. E de mais te fará conhecer e gostar o sabor e a dolçura das cousas perdurávis e eternas e celistriais e divinais.

Entom levantei minha voz com prazer e disse à mui graciosa ifante:

— Ó Sabedoria, que saíste da boca do mui alto Senhor, que ordenas e despões tôdalas cousas fortemente e brandamente, ensina e alumeia aquele que está eneste cárcer corporal e em trevas, ca eu te desejei muito dêa a minha mancebia, como quer que mui tarde trabalhei pera te haver.

Entom ela respondeu e disse:

— Eu som madre de fremoso amor e de conhecimento e de santa esperança. Em mi é graça de toda verdade. Trespassa-te pera mi, tu que me cobiças, e eu te fartarei e comprirei das minhas gerações, ca o meu espirito é doce mais que o mel e o favo. Eu te alumiarei e espargerei doutrina em no teu coração e nom te falecerei, até o outro segre.

E eu, pecador, me lancei aos seus pés e beijei-lhe os pés e as mãos e entom me arredei um pouco dela e preguntei a mui fremosa dona e disse:

— Amiga, eu cuidava que vós érades a Sabedoria, e ora me parece que nom é assi, pois que esta nobre senhora é a Sabedoria.

E a fremosa dona me disse:

— Filho, bem sabes tu que, quando eu vim a ti, logo te foi dito que eu era a Ciência das Santas Escrituras; mas esta nobre senhora é a Sabedoria, que faz ver e entender e gostar o miolo da Santa Escritura e as cousas que se enele contêm.

134 Participio passado do verbo *condir* = temperada.

## Capítulo CXXXI

Entom me mostrou a mui fremosa dona o monte alto que estava sobre aquele campo e disse-me:

— Filho, este campo é o primeiro lugar e[m] que aqueles que usam<sup>135</sup> da vida autiva ham algũas consolações espirituais, pero nom entram ainda em contemplaçom, mas ainda padecem algũas amarguras em si. Em aquele monte está a câmara desta alta senhora, em que ela mora apartada, senom com aqueles que já estam em no maior grau da contemplaçom, que é ser arrebatado em espirito.

Entom me mostrou ùa casa que estava em no começo da alteza do monte, e a casa era mui fremosa, segundo a mi parecia. E disse-me:

— Vês aquela casa que parece? Aquela é a morada dos que começam a contemprar, mas ainda nom em na maior alteza.

Entom a groriosa ifante me tomou pela mão e levou-me àquela casa primeira; e a casa era mui fremosa de dentro e mui bem cerrada, senom que tinha ùa fresta e era dentro pintada de mui graciosas cores e pinturas que a faziom mui alegre. E tanto que entrámos em na casa, logo a porta ficou çarrada, per tal guisa que nom pude entender em que lugar estava a porta; e em na casa havia assaz de craridade, que vinha pela fresta que estava em alto da parede. E outrossi havia em na cobertura da parede certas lumieiras cobertas, assi como trapeiras, per que vinha a craridade do ar; e ainda havia i pedras priciosas de grande resprandor, que alumiavom a casa, em tal guisa que a casa era mui leda e mui crara; e dentro havia avondança de muitas cousas pera visom<sup>136</sup> e deleitaçom, em tal guisa que nom desejava eu sair fora daquela casa, porque àquela fresta via eu quanto queria ver. E em aquela casa me pôs a groriosa ifante, em que morasse entanto, e havia mui grande consolaçom viver enela. E estando eu em aquela câmara da groriosa donzela, ali conhocia o sabor das cousas, ca entom as cousas das culpas e dos pecados me sabiom mui amargosamente, e as cousas temporais me eram vis e os bens espirituais me eram mui doces e de grande preço. Ali havia eu muitas consolações de muitas guisas, que me fazia haver aquela groriosa ifante.

135 No original: «husando».

136 No original: «viçom».

## Capítulo CXXXII

Antre as consolações que eu, pecador, havia vivendo em na mercê da gloriosa ifante, foram duas, que vos contarei, que eu houve per vezes [*em*] esta guisa. Quando eu chorava muito, ou havia muita compaixom de Jesu Cristo ou havia grande fervor do amor do Senhor Deus, singularmente vinha em no meu coração ùa avonança de prazer e ùa mui forte alegria da mente, que me fazia todo ledó; e tanta era a avonança daquela alegria em no meu coração, que se estendia em nos nembros do meu corpo e os fazia mostrar prazer à piedade do Senhor Deus, em tal guisa que me fazia andar assi como bêvedo entrepeçando e nom podia assesegar e abraçava as criaturas que achava com grandeza do amor do seu Criador, e entom o meu coração nom estava apri-sado<sup>137</sup> às cousas terreaes, mas, se algũa cousa me vinha em mente que terreal fosse, tinha que era vaidade e nom curava dela. Outra consolaçom havia que enchia o meu coração de muita dolçura per folgança espritual que havia; e tam avondosa era esta dolçura em no coração, que se estendia em nos nembros do corpo todos, em tal guisa que me parecia que todo eu era doce como mel, assi de dentro como de fora.

E assi como em na primeira consolaçom, com a grande alegria nom podia eu assesegar, assi como per contrairo enesta consolaçom com a grande dolçura me fazia assesegar. E entom qualquer cousa que via, todo tinha que era avonança de dolçura; e aconteceu-me ùa vez per procuraçom do enmigo que, havendo eu esta dolçura do coração, presumi de mi que valia algo e tomou-me vã grória, e folgava muito em aquela dolçura, em tal guisa que me nom vinha em mente o Senhor Deus; e tanto creceu em mi a vã grória, que tive que eu era já santo e despreçava os outros. E estando eu em tal perigo, eis<sup>138</sup> que vem a dona espantosa, que me soía a espantar, e trazia o meu guiador polo braço; e ela me esguardou com mui forte sembrante e começou a dizer assi:

— Ó pecador sandeu, pensas tu que estás mui chegado a Deus? Certamente, tu, pela soberva, estás mui alongado dele e, porém, o diabo, padre da soberva, houve grande poder sobre ti pera te enganar per tais consolações. Ca o diabo se trasfegurou em anjo de luz, assi como soe a fazer, e procurou esta dolçura semelhante à dolçura do Senhor. Oh homem mal-aventurado! Por que nom paraste mente, com grande diligência, em o que te aveio e por que nom aderançaste a az da tua mente em Deus, em guisa que o teu coração nom se partisse dele?

137 O mesmo que «apresado» = preso.

138 No original: «a».

E se tu havias de haver deleitação, deleitasses-te<sup>139</sup> em Deus tam solamente, e nom em aquela dolçura; e se tu assi fezeras, se deleitação fora da parte de Deus, estendera-se mais; e se da parte do diabo, logo fora privada ou almenos fora minguada; e posto que tal dolçura seja da parte de Deus, per ventura por algum pouco de bem que fazes enesta presente vida, que tu tens que é grande, te quer Deus dar galardom enesta vida, porque entende que nom és dino de galardom perdurávil. Oh tu, perdurávil grória, quanto és de amar! E tu, fraco e enfermo, nom hás temor que este vinho desta consolaçom mui doce que te é dado, tendo ainda febre em na alma, seja a ti perigo de morte, pois foi ocajom e azo de caíres em soberva? Certamente, enquanto vives eneste mundo, que é vale de misquindade, mais devias desejar ser por teus pecados afrito com Jesu Cristo crucificado, ca haverás avondosamente deleitações perigosas. Porém, torna-te ao vale nevooso da pendença em que ante estavas, e assi como tu és mui vil servo, assi deseja e te praza ser teúdo por mui vil e mui misquinho.

### Capítulo CXXXIII

Tanto que esto disse a dona espantosa, logo me ela tirou fora daquela mui graciosa morada e levou-me pera o vale nevooso em que ante morava; e logo chegou a mi a mui graciosa donzela pera me consolar, assi como soía. E disse-me:

— Homem pecador, muito me doio de ti; pecaste e nom acrecentes mais, mas abaixa e humilda muito o teu esprito e acharás graça ante os olhos do Senhor Deus; e tam solamente aquelo praza a ti que for feito ou dito por honra de Deus, assi em ti como em nos outros, e aquelo somente te despraza que for em contraíro da honra de Deus; e das cousas outras, que nom som feitas por honra ou desonra de Deus, nom cures nada, mas tôdalas cousas refere e retorna em louvor de Deus.

Mortifica a tua vontade per obediência, talha a deleitação corporal per austinência, have paciência sofrendo tribulaçom, have proveza sofrendo a míngua das cousas do mundo; e assi cobrarás a graça da groriosa ifante e a sua mercê, que perdeste per soberva. Porque a sabedoria de Deus humilda o homem e nom o levanta em soberva e em vã grória, ca aquele é sabedor cujo coraçom é em Jesu Cristo e cujo olho se levanta às cousas celistriais, e a sabedoria nom acha lugar u nom é paciência e humildade.

139 No original: «delleytaste-te».

Muito foi confortado o meu triste coração com as palavras da mui graciosa donzela, e fiquei em aquele vale nevooso, fazendo pendeça com muitas lágrimas e outras afrições que tomei por meus pecados. E esto per longo tempo, em jejum e em choro e em orações, trabalhando per minhas mãos, ca o espanto da espantosa dona me poinha grandes espantos e temores continuamente, mas a donzela graciosa me confortava.

### Capítulo CXXXIV

Depois que eu assi estive per longo tempo em pendeça, como dito hei, chegou a mi a mui graciosa donzela que me soía confortar, e ela vinha mui leda, e tomou-me pola mão direita e tirou-me fora do vale nevooso. E logo chegou a mui fremosa dona e levarom-me pelo gracioso campo até que chegámos à morada deleitosa, que estava em no começo da alteza do monte. E a groriosa ifante, que dentro estava, abriu a porta da casa e tomou-me pela mão e meteu-me dentro em na casa e o meu guiador comigo; e a mui graciosa donzela e a fremosa dona me derom à groriosa ifante, e ela me recebeu em sua mercê. Entom fiquei ali em aquela morada com a groriosa ifante que me ensinava e consolava com muitas consolações espirituais e de grande dolçura. E depois que eu fiquei conela, assentou-se ela em um estrado mui rico e eu estava a seus pés, e falou-me enesta guisa:

— Filho, tu cobiçaste e cobiças subir a este alto monte da perfeiçom da contemplaçom divinal, e pera esto te cumpre primeiro leixares e desemparares de feito e de vontade os parentes e as cousas próprias e, dês i, leixares os viços e os pecados, e outrossi desemparares ti mesmo e tôdalas cousas criadas em tal maneira que nom hajas cuidado do teu corpo nem de outras cousas. E assi desempara tu ti mesmo e tôdalas outras cousas de todo teu coração, ca, se tu queres ver enesta presente vida a craridade do Senhor Deus que é a craridade perdurável, cumpre que sejas morto a esta vida presente e à tua carne, que nom lhe hajas amor, e que nom sejas já homem, mas que sejas sobre natureza de homem. Porém, trabalha-te que hajas perfeita humildade, em que há quatro graus, pelos quais a alma se conjunta com Deus perfeitamente. O primeiro grau é que te tenhas por pecador e por vil de todo teu coração, conhecendo perfeitamente a tua infirmitade e a tua fraqueza. O segundo grau, que tu em verdade cobices que todos te ponham por pecador e por vil; e com estes dous graus, assi como com duas alas, voarás ao terceiro grau, que é que tu com grande diligência e com grande cuidado procures razões e cousas per que sejas teúdo



por vil e por velhaco. E daqui serás arrevatado ao quarto grau, em no qual a tua espiritual alma, trespassando as cousas humanais, com tanto desejo será levantada às cousas divinais, que nom tam solamente se esquecerá de tôdaldas cousas baixas, mais ainda se esquecerá de si mesma. Ora, filho, se tu queres subir em no primeiro grau, nom te compares a nenhũa regra dos homens, mas propoem ante ti a linha direita, convém a saber, a vida do Salvador. E entom verás perfeitamente o teu desviamento e o teu torcimento; e se tu perfeitamente houveres o primeiro grau da humildade, ligeiramente subirás aos outros graus.

### Capítulo CXXXV

Eu, pecador, parei bem mentes à doutrina da groriosa ifante, e nembrei-me do que me ensinara a mui fremosa dona e trabalhei-me de poer todo em obra quanto pudesse, escolhendo este trabalho grande e divinal per continuada memória e renembrança que havia do Senhor Deus, a qual entrei per oraçom amiúde. Mas que fez o enmigo da geraçom humanal? Houve-me enveja, porque vii que o Senhor Deus me fazia muitas graças em este trabalho, e trabalhou-se de me tornar per três maneiras de embargo, por tal que me pudesse tirar ou desviar ou almenos retardar do meu curso. Ca ele se trabalhou de esparger e derramar a minha mente per desvairados vaguejamentos e de me anojor com mui agudos aguilhões de tentações e, outrossi, de me fazer tristeza mui sem misura com acídia. Conestas três cousas me combatia o diabo, mas a groriosa ifante me ensinou e deu três remédios pera esto, como sabedor mui abastosa. Ca contra o primeiro embargo, per que o diabo fazia vaguejar a minha mente em na oraçom<sup>140</sup>, catava eu tal remédio, convém a saber, começava pensar que a alma que em no corpo da oraçom vagueja per vãs cuidações é mais sem vergonça, e mais sem limpeza que toda má mulher luxuriosa, porque, estando ela a par de seu marido lídimio e mui nobre, nom há receio nem vergonça de trazer aquele com que faz adultério e juntá-lo com o seu marido. O segundo remédio era que eu lidava fortemente contra os começos das tentações e contrariava e embargava os cursos e os encontramentos delas, em guisa que me nom vencessem. O terceiro remédio contra a aucídia era tal: eu relegava os sentidos corporais, em tal guisa que nom usava deles, e tornava-me de toda guisa aos segredos e apartamentos da minha mente e examinava e escudrinhava a minha vida com mui grande femença, parando mentes com diligência per

140 No original: «em no coraçom».

que guisa as cuidações da minha mente e as minhas afeições e desejos e obras se faziom e usavom, por tal que eu houvesse quebranto e contriçom dos meus males e que gradecesse o mais que pudesse ao Senhor Deus os bens que achasse.

E depois desto, cuidava em nos beneficios de Deus, assi os corporais como os espirituais e os perdurávis e eternals, e falava espiritualmente comigo mesmo dentro, renembrando e recontando os beneficios de Deus a ele mesmo, que é dador de tôdolos bens. E recontava dentro em mi quantos beneficios recebera do Senhor Deus, em tal guisa que os movimentos da minha alma e do meu corpo davom muitas graças a Deus e louvores mui devotamente. E nom tam solamente per vozes e per língua louvava o Senhor, mas ainda me esforcei com a sua graça de o louvar per obras, ca me nembrava o que me ensinaram: que o louvar Deus nom está em bradar, mas em guardar os seus preceitos e em despoer e ordenar tôdaldas criaturas por escolher em sua sorte e em sua parte o Criador. Com tais remédios como estes que me ensinava a groriosa ifante, escapava eu, pela graça de Deus, dos embargos do enmigo e com a virtude da discriçom, que o Senhor Deus me outorgou pela sua misericórdia, houve eu conhecimento dos vícios do meu coração ca os conhoci; outrossi perfeitamente as forças do corpo, e soube buscar remédios de saúde a cada ãa destas cousas segundo lhes era mester, e soube-lhe poer os remédios que havia achados per graça do Senhor e per doutrina da fremosa dona e da groriosa ifante.

## Capítulo CXXXVI

Nom tam solamente soube eu e conhoci os meus vícios e pecados, mas ainda soube e conhoci os dôes das graças e virtudes que me o Senhor dera, e sabia departir quais som os bens da natura com diligência e esto per virtude da discriçom, pola qual outrossi sabia eu já bem presentemente e craramente os engenhos das tentações com que me o esprito malino guerreava. E conhocia bem quanta avondança de consolações de prazeres espirituais havia e muito amiúde o esprito divinal me visitava per muitas e departidas maneiras e afeições. E concludindo todo brevemente, entendia eu per virtude da discriçom, e conhocia compridamente quanto ser pode todo o estado e o hábito do meu corpo e da minha alma. E nom tam solamente conhocia qual eu era, mas ainda conhocia e entendia qual devia de ser, enquerendo<sup>141</sup> sutilmente e escudrinhando com diligência, em tal guisa que foi posto em nos três graus da humildade,

141 No original: «e querendo».

que me a groriosa ifante ensinara, pera poder subir ao quarto grau, pera poder contemplar as cousas divinais.

E per tal guisa me trabalhei alimpar e lavar o meu corpo e a minha alma per vida autiva, que o meu coração ficou purgado dos pecados e livre e descarregado da carga terreal, por tal que ligeiramente se levantasse às cousas de cima. E pola graça do Senhor Deus, afugentei os pecados de mi e fundei as virtudes e guardei humildade, que é estávil fundamento das virtudes, e pose em mi o Senhor afeição santa em amor e em temor. Ca eu temia o poderio do Senhor Deus, ao qual nom pode nenhum resistir nem contrariar, e a sua sabedoria, de que se nom pode nenhum esconder, e amava muito o Senhor Deus, que é amor que me ama e per que eu som amado. Conestes dous braços, temor e amor, a minha alma a feito<sup>142</sup> compreendia e abraçava e apertava as consolações e os prazeres que havia do Senhor e temia o aviso dos seus juízos.

### Capítulo CXXXVII

Vivendo eu, pecador, em tal estado em no alto monte, morava em aquela casa da groriosa ifante. O monte era mui gracioso e mui prazívil, ca enele havia muitas árvores com froles e com mui saborosos frutos, de que eu havia grande avondança pera minha consolação, porque a groriosa ifante me dava muitos deles, em que me governava com grande consolação. E o odor das froles e das ervas me davom grandes deleitações, ca assi os frutos come as froles e as ervas eram de mui doces sabores e de muitas maneiras e de muitos e desvairados odores. E andava eu pelo monte quando me prazia e dali via muitas cousas a longe e a preto<sup>143</sup>, com que tomava solaz, porque o monte era mui alto e mui craro. E quando me prazia, colhia-me àquela graciosa pousada, e aquela groriosa senhor ifante me fazia muito prazer e muita consolação. Pero com todo esto desejava eu chegar e subir à cabeça do monte e à cima dele, u era a maior alteza. E disse à groriosa ifante:

— Senhora, como quer que, per graça do Senhor Deus, eu som assaz viçoso eneste lugar, vivendo em na vossa mercê, pero muito hei grande desejo subir em toda a cima deste monte.

Entom a groriosa ifante me respondeu enesta guisa:

142 De facto; verdadeiramente.

143 Ao longe e ao perto.

— Todo coração que se esforça subir à alteza da sabedoria, cumpre-lhe que o primeiro e principal estudo que haja seja em conhecer si mesmo, porque grande alteza de sabedoria é conhecer homem perfeitamente si mesmo. Este monte é grande e alto conhecimento comprido do espirito razoável; este monte traspassa e transcende a alteza de tôdalas ciências mundanais. E porém, tu, filho, quanto cada dia [*fazes*] proezas e cresces em conhecimento de ti mesmo, tanto vás sempre pera cousas mais altas. E pois que tu chegas já a perfeito conhecimento de ti mesmo, segundo a mi parece, daqui em diante chegarás à alteza do monte. E, oh, que poucos som que subam até esta cabeça do monte, porque nom querem ou porque nom podem! Mui poucas vezes sobem eneste monte, mas muito mais poucas vezes estam em na cabeça dele. E muito mais raramente fazem enele morada e assesego e folgança da mente: como quer que seja trabalho subindo enele, maior trabalho é estar enele.

E, porém, depois que subires enele e aprenderes estar enele, nom te avonde esto, mas aprende morar enele e fazer morada e permanhecer enele. E já [*que*] começaste de subir, nom te enfades do trabalho até que subas em na cabeça do monte; e depois que i fores, quando quer que algum vaguejamento da mente te fezer decer ou tirar dele, sempre te torna pera ele. Ca sem dúvida per muito uso se tornará<sup>144</sup> o trabalho em dolçura e em folgança, em tanto que, sem graveza de trabalho, poderás seer e morar amiúde em na alteza do monte. E ainda te mais digo que, depois que o houveres usado, ser-te-á pena morar em outro lugar, nem fazer detença em outra parte, senom enele. Ora, meu filho, se queres ver Jesu trasfegurado, sube em na alteza do monte. Pois que já aprendeste conhecer ti mesmo, queres conhecer e entender a lei de Deus e as profecias? Queres ouvir os segredos de Deus Padre? Sube em na alteza deste monte e, como enele fores, serás em conhecimento de todo.

### Capítulo CXXXVIII

Entom estando eu assi ouvindo as palavras da mui gloriosa ifante, foi levantado e levado à alteza do monte; e em na cabeça do monte estava ãa câmara, a mais fremosa que nunca eu vira, muito mais sem comparaçom que a primeira casa, ca ela estava sobre sete colunas de ouro, fundada sobre pés de prata. As paredes da casa erom mui craras e mui fremosas e de muitos labores e todas erom cobertas de ouro, mui esprandcentes e com muitas pedras preciosas.

144 No original: «tomara».

A cobertura da câmara em que assi entrei era tam crara, que a vista trespassava e via o céu mui craramente per ela. Arredor da câmara, todo o monte era pomar de ùas árvores mui fremosas que pareciom do paraíso e havia i muitas aves e animálias mui fremosas; as froles e os fruitos nunca faleciam; a fremosura e o odor e o sabor dos fruitos nom saberia eu dizer nem ensinar, senom aquele que os gostasse. Os campos de sô as árvores todos erom cobertos de ervas e de froles de mil naturas; o odor delas trespassava tôdalas cousas de bô odor; a câmara era toda cheia de mui pricioso odor e de grande consolaçom. E depois que eu foi em aquele lugar, disse ao meu guiador, que se nom partia de mi:

— Esta é a casa do Senhor Deus, firmemente edificada. Boa cousa é que moremos aqui!

E disse à groriosa ifante:

— Senhora, eu amo muito a fremosura desta vossa casa e este monte que é lugar da morada do Senhor. Mais me praz seer enjeitado e despreçado enesta casa e eneste lugar e viver enele, que morar honrado em nos paços dos mundanais e dos pecadores.

Entom fiquei em aquele lugar e, às vezes, morava dentro em na casa, e às vezes andava pelo pomar e pelos prados e comia do fruto das árvores do pomar, em que havia muitas fontes lavradas mui ricamente, e as águas delas erom mui craras e corriam per canos de ouro fino. E em meio daquela tam rica câmara estava um leito muito bem guarnido de tais guarnimentos, como convinha a tam nobre pousada e a tam alta senhor, como era aquela groriosa ifante, que enele folgava e dormia; e, em redor, outros muitos leitos, mui ricamente feitos e guarnidos, em que eu dormia, quando me era mester.

## Capítulo CXXXIX

Depois que eu foi levado, assi àquele tam alto e tam grorioso lugar, enestas maneiras despendia meu tempo, convém a saber: obrando per minhas mãos e pensando e meditando em nas cousas espirituais e orando com grande devaçom e lendo per santas escrituras. Às vezes estava em na cabeça do monte, em na groriosa câmara, às vezes em nas outras partes do monte mais baixas e às vezes mais baixas, em nos pomares e em nos prados mui fremosos. E depois que estava em nos lugares mais baixos do monte e queria subir em na maior alteza, rogava tanto em afcada oraçom a Jesu Cristo, e logo subia ao monte da minha usança; era mui grande em estudar, em ler e em orar e em trabalhar;

o meu desejo era mui ardente, seguindo as pegadas de Jesu Cristo, e assi subia em na alteza do monte.

Ora vos quero dizer aquelas cousas que me avinham em aquele monte. Em na minha mente e em na minha alma, eu comecei pensar e contemplar tôdalas obras do Senhor Deus e em na grandeza e multidom das suas criaturas, consirando eu a sua igualdeza, como provê cada dia com a sua ajuda tôdalas criaturas. E esguardava com a minha mente mui pura aquelas cousas que o Senhor Deus há feitas com os seus santos per cada ãas gerações, dêo o começo do mundo. E pensava, maravilhando-me com o coração tremedeiro, o poderio do Senhor Deus, com que governa e tempera e rege tôdalas cousas, e grandeza sem medida da sua ciência e a sua vista, à qual se nom podem esconder os segredos do coração. E cuidava em no conto das areias do mar e das ondas dele, como o Senhor Deus sabe e mede o conto delas, e contemplava com espanto como a ciência de Deus sabia as gotas das chuvas e os dias dos segres e tôdalas cousas trespassadas e as que som por vir.

E maravilhava-me da piedade do Senhor Deus, como sofria continuamente muitas maldades sem conto, que se fazem em tôdolos pontos e momentos do tempo perante a sua presença, e pensava com maravilha como, per graça da sua misericórdia, chama os homens pera salvação sem nenhuns merecimentos. E esguardava em no meu coração como dá azo de salvação àqueles que ham de ser salvos, e como assi nos fez nacer, que logo dê-lo começo da nossa nacença nos desse graça e conhocimento da sua lei e como, vencendo o nosso aversairo, nos quer galardoar com bem-aventurança perdurável, tam solamente polo consentimento da nossa boa vontade. E esguardava eu e pensava fielmente com devaçom a despensaçom da sua encarnaçom, que ele tomou por nossa saúde e as maravilhas dos seus segredos e dos seus ministros, que demonstrou e estendeu em tôdalas gentes. E em todas estas cousas e em nas outras de Deus, que eu contemplava, achava o Senhor Deus maravilhoso e louvadoiro e muito pera ser amado, e dizia:

— Oh Senhor, nosso Senhor, quanto é maravilhoso o teu nome em toda a terra!

E contemplava a matéria e a sustância e a forma e os costumes e condições de tôdalas cousas e a natura e maneira delas, quais e quejendas de dentro e de fora, contemplando as figuras e os talhos das cousas e os sabores e odores delas, segundo conhocia polos sentidos corporais. E contemplava nas obras da natureza, em nas árvores e em nas ervas, como nacer e crecem e fazem folhas e froles e fruticos e sementes, e como prestam pera muitas cousas, e em na obra da natureza, em nas alimárias, como se gerom e nacer e crecem e

vivem. E contemprrava as obras da indústria e da arte dos homens, em que há muitas maneiras de lavores e de obras que os homens fazem per seus saberes e per suas artes; e contemprrava a deciprina e a ensinança dos costumes, que em parte som per estabelecimento divinal, assi como som os serviços que se fazem a Deus e os sacramentos da Igreja, e parte som per ordenança e estabelecimento humano, assi como som as leis que estabelecerom os homens pera esta vida baixa, mas os estabelecimentos divinais som pera a vida alta. E contemprrando eu estas cousas suso ditas e pensando tôdalas obras do Senhor Deus, havia grande deleitação, e dizia ao Senhor Deus:

— Senhor, tu me deleitaste em na tua feitura. Oh Senhor, quanto som grandes e de grande fazer as tuas obras e tôdalas cousas fezeste em sabedoria!

Outrossi enquiria eu e escudrinhava as cousas e as razões encobertas e escondidas de tôdalas cousas, pera entender e conhecer porque som feitas e porque som feitas em tal maneira. E toda a filosofia mundanal me ministrava matéria pera esto, per tal guisa que achava tôdalas razões e causas<sup>145</sup> das cousas de que foram feitas, e como foram feitas e porque e pera que foram e som feitas; e outrossi enqueria e consirava as semelhanças das cousas e conhocia e sabia-as pelas propiedades e pelas calidades de dentro e de fora e segundo o modo natural e segundo o modo artificial. E per esta guisa, consirava eu como ãas cousas demostravom e sinificavom outras, segundo a razom da semelhança das outras, e per esta consiração entendia eu as cousas celestiais e espirituais pelas cousas temporais e corporais, segundo as semelhanças que ham ãas com as outras; e bem assi entendia ãas cousas temporais ou corporais per outras cousas temporais [ou] corporais. E em todas estas cousas que eu assi consirava e pensava e contemprrava, todo reduzia em louvor e em honra do Senhor Deus.

## Capítulo CXL

Estando eu, pecador, em tal estado como este, comecei pensar em na vivenda e em no estado dos outros; e começou a minha cuidaçom fazer movimento, que nom viviam tam bem como eu. Mas ante que ela mais tentasse, empuxei logo pela graça do Senhor os primeiros movimentos da minha cuidaçom enesta guisa: puge logo mi mesmo per minha consiração em no lugar e estado mais baixo, humildando o meu esprito, e comecei louvar tôdalas cousas por sua

145 No original: «cousas».

bondade e por sua honra. E assi como as fez de muitas e desvairadas maneiras, assi lhes quis dar desvairados dões, por tal que as cousas nom se houvessem por ãa só maneira, mas per muitas guisas se houvessem em seus estados e em seus fazeres, por tanto que, demonstrando ele tesouro das suas riquezas em dar muitos dões e graças de desvairadas maneiras, houvessem os homens matéria e razom de louvar a sua graadeza e grandeza dos seus fazeres; e primeiramente começar de pensar como o Senhor Deus, assi como bô padre, de muitas companhas ordenando sua casa, pensa o poderio dos seus filhos e a prudência e a bondade deles quanta é, e segundo vê cada um pera aquelo que é, assi lhes comete e dá desvairados officios e desvairadas dinidades. E pensei que o Senhor Deus, meu padre binino, sabendo que eu era fraco e de pouco poder e saber e despertencente pera todas cousas, nom quis que eu servisse e ministrasse em obras pirigosas e caras de fazer e envoltas e implicadas, mas pola sua piedade quis me consolar, per folgança e assesego de contemplaçom, assi como fraco e enfermo e homem pera pouco. Mas vendo ele os outros ferventes em caridade e fortemente arreigados enela, quise-os ordenar sobre as cousas pirigosas e caras, e nom lhe leixa, porém, de dar consolaçom em no trabalho e folgança depois do trabalho, e a consolaçom que lhe assi dá em no trabalho nom é pequena. E porém, como quer que eu sentisse mi apreso às cousas espirituais e sentisse os outros trabalhar em outras cousas, nom os queria, porém, julgar, mas conhocia a sabedoria e a beninidade de Deus e tinha-me por fraco e pera pouco e consirava que os outros eram fortes e pera muito. E dizia contra mi mesmo:

— Certamente, tu és assaz fraco. E como te podes tu ter por forte, que nom podes suster a brandeza da contemplaçom pola tua fraqueza e pola tua moleza, mas assi te moves com qual vento quer, como a folha da canaveia? Pois, misquinho, que farias se fosses em nos trabalhos dos outros e tevesse tentações com que te conviesse lidar? Certamente, tu falecerias e serias vencido e dir[ri]bado tam solamente com o pavor.

E dizendo em contra mi, louvava o Senhor Deus, que pôs fortes e poderosos em as cousas árduas e caras de fazer e que fez que os sages e prudentes entendiam em desvairadas cousas e piadosamente ordenou a distribuçom dos bens temporais, mas quis que eu folgasse per contemplaçom, por tal que nom desfalecesse nem errasse; e dava muitas graças e louvores ao meu Senhor Deus, que nom quis que eu enqueresse cousas sutis e curiosas, que nom som necessárias nem proveitosas, por tal que houvesse em mi simplicidade; e por nom ser eu mau despenseiro quis o meu Senhor Deus que negasse e renunciasses tôdalas cousas pera ser prove.



E consirando eu todas estas cousas, nom me levantava nem enxalçava em vã grória, per razom do estado da contempraçom em que me Deus pusera, mas abaixava-me e humildava-me quanto podia, reconhecendo que este estado me fora dado por ser eu fraco e pera pouco. E, porém, me cavidava de julgar os outros, mas enxalçava-os em na minha vontade; e posto que eu visse alguns viver ouciosos, nom os julgava, porém, que eles nom trabalhavom em estas cousas assi como os outros, mas cuidava e presumia que eles, assi como bôs e sabedores, escondiam seu tesouro, trabalhando em escondido em boas obras, e folgavom em púbrico; ou pensava em meu coração que o Senhor Deus os leixava desfalecer e ser fracos enestas cousas pequenas que parecem, por tal que se nom levantassem em soberva por algũas grandes cousas que lhe o Senhor outorgava, porque ele sabe tôdalas cousas que nos som cumpridoiras.

Mas, como quer que eu tal pensamento tevesse de todos estes sobreditos, pero, porque os via em perigo per razom da vida autiva e trabalhosa que faziom, porém, eu, que estava em folgança e em assesego, orava a Deus por eles e ainda me trabalhava pera os tirar da vida trabalhosa e os trazer à vida de assesego e de folgança, que é a vida contemprativa, porque entendia que, como quer que a vida autiva é boa, pero melhor é a vida contemprativa. E como quer que os merecimentos da vida autiva sejam grandes, maiores som os merecimentos da vida contemprativa, porque a vida autiva usa bem das cousas do mundo, mas a contemprativa renuncia o mundo e solamente deleita-se viver a Deus; e a vida autiva é em nas obras da justiça e da misericórdia e revolve-se em no proveito do próximo, mas a contemprativa vaga de todo negócio e aficada somente em no amor do Senhor Deus; a vida autiva é boa, mas ainda é misquinha, mas a contemprativa é melhor e bem-aventurada e é mais segura e mais folgada e mais leda e é semelhante à vida celistrial e é fim de perfeiçom da vida autiva, porque, qualquer que quer subir em na alteza da vida contemprativa, primeiro lhe convém de se usar em na vida autiva; e entom, da autiva se passa à contemprativa, per graça do Senhor Deus, assi como aveio a mi, pecador.

## Capítulo CXLI

Todos estes pensamentos, que eu havia em cuidado em na vida dos outros homens, reduzia todo em louvor do Criador. E fazia per esta maneira: quando via alguns postos em prelazia ou em outra dinidade, entom cuidava e pensava que esto se fazia pera ser louvada a manificência e a grandeza dos feitos de Deus e o seu poderio e, porém, louvava em a sua manificência e o seu poderio;

e quando via alguns que trabalhavam em ciência, enquerindo pera saber as cousas escondidas do Criador e das criaturas e ordenando qualquer palavra curiosamente com grande sutileza, entom tinha eu que esto se fazia por ser demonstrada a sabedoria de Deus e, porém, louvava eu a sabedoria de Deus enestes que esto faziom; e quando via alguns aficados em nos negócios temporais, louvava eu eneles a prudência de Deus, que é a ciência das cousas temporais, entendendo que o Senhor Deus per tais como estes provê àqueles que vivem em assecesso e em folgança em seu serviço; e quando via alguns usar das obras de piedade, louvava eu em eles a bondade de Deus que se estende a tôdalas cousas; e quando eu via alguns que julgavam os outros, havia eu temor do juízo de Deus; e se via a alguns dar pena aos outros, entom cuidava em na justiça de Deus; e se via alguns rigorosos, havia grande pavor da justiça de Deus; e se via que alguns erom repreensores dos outros, nembrava-me o grande rigor da examinação e das repreensões que ham de ser feitas em no dia da morte e em no dia do juízo; e quando via os prelados remissos e deleixados, nom dando pena aos culpados, louvava eneles a misericórdia do Senhor Deus. E per esta maneira reduzia eu em louvor de Deus tôdalas cousas que via ou entendia. E per esta guisa me refreava de julgar outrem, departindo com descriçom o poderio e a sabedoria e a bondade de Deus em toda cousa criada e dava louvor e honra ao criador de tôdalas cousas. E se eu sabia de certo ou provavilmente que algum estava em pecado, nom [o] condanava porende nem o louvava, mas desprazia-me e havia compaixom quanto podia e louvava o meu Senhor Deus, porque nom leixara cair aquele pecador em mais graves pecados e porque me guardava que nom caísse em tal pecado, que creio sem dúvida que, se me o Senhor Deus nom guardasse, que eu fizera maiores e mais torpes pecados que aqueles que os outros faziom. E fazia oraçom ao Senhor Deus que tirasse qualquer pecador do pecado e que guardasse mi de mal.

## Capítulo CXLII

Tais remédios como estes, que ditos hei, havia eu pola graça do Senhor Deus em aquele monte alto onde vivia, e depois destas cousas e pensamentos, tornava-me a mi mesmo e entrava em meu coração e estimava o meu espirito e departia e escudrinhava antre mi quem era eu e que cousa fora e que devera ser e quejendo poderia ser. Ca eu pensava e escudrinhava mui bem que cousa fora eu per natura e que cousa era entom per culpa e quejendo devera de ser per minha indústria e quejendo podia ser per graça. E enesto pensava e meditava

de noite e de dia em no meu coração, parando mentes em mi mesmo pera me conhecer perfeitamente, usando enesto mui aficadamente e com grande perseverança. E deste trabalho e de tal usança acrescentava-se<sup>146</sup> em mi a ciência e a sabedoria, e alimpava-se o olho do meu coração e aguçava-se o meu engenho, e a força e virtude do meu entendimento estendia-se e crecia, ca, por certo, aquele que nom sabe nem conhece si mesmo nom pode estimar nenhũa cousa dereitamente.

E, porém, me trabalhei de conhecer mi mesmo, consirando aquelas cousas que pertencem à calidade da alma e à sua essência e à sua propiedade, pensando que cousa era a minha alma e quejendo era e conhecimento das cousas que enela havia. Consirava a vontade do coração e a afeição dele de muitas guisas e trabalhava-me de enquerer e razoar dentro em mi pera haver conhecimento destas cousas, e trabalhava-me de haver dentro em no meu coração compunçom e suspiros e gemidos. E com esto contemprrava, maravilhando-me a maneira como as afeições do coração do homem, que som tantas, se retornam em virtudes e parava<sup>147</sup> mentes com grande maravilha as maneiras da graça que espira em na alma.

### Capítulo CXLIII

Ora vos contarei as cousas que me avierom<sup>148</sup> em muitas e desvairadas maneiras em aquele estado em que estava, ca bem as posso contar sem temor da vã grória, pois que já som em na grória celistrial, fora deste mundo. E houve per graça de Deus contriçom verdadeira do meu coração e profunda compunçom dentro em na minha alma, e per esto entendi mi mesmo e conhoci a dinidade da minha alma e soube e conhoci que toda a grória mundanal jazia sô os meus pés. E entendi o que devia sentir do espirito angelical e do espirito divinal, ca contriçom verdadeira e profunda compunçom alimpou e purgou as entranhas do meu coração e reparou a limpeza da minha mente e alimpou as névoas das dúvidas, porque eu esguardava mui sagesmente e com grã percebimento o meu coração. E vigiava muito amiúde sobre ele, reprimendo-o e doestando[-o], por tal que nenhum excesso nem desfalecimento da mente,

146 No original: «acrecntam-se».

147 No original: «paramentes».

148 No original: «averom».

nenhum vaguejamento da cuidaçom nom se ascondesse ao esguardamento da minha discriçom, nem trespassasse sem repreensom e sem forte castigo.

E entendia que o coraçom é o princepal e maior espelho pera ver o Senhor Deus em contempraçom, porque o coraçom é a alma do homem — ca todo entendo por ùa cousa — e feito à imagem do Senhor Deus. E, porém, me trabalhei de o alimpar; e, depois que foi limpo e bem reguardado, começava de me antreluzir ùa craridade do lume divinal e um raio de visom, que ante nom havia, aparecia ante os olhos do meu coraçom. E entom dizia eu ao Senhor Deus: «Senhor, sinificado é sobre mi o lume do teu vulto». E com a visom deste lume, que assi via, maravilhando-me em mi, entom meu coraçom se acendia per maravilhosa maneira e esforçava-se pera ver o lume que é sobre ele e tomava mui aceso desejo de ver o Senhor em contempraçom, que havia fiúza de o ver. Eu estendia as alas do meu coraçom per grande desejo, assi como faz a ave quando quer voar, atendendo eu sempre a hora [d]a revelaçom divinal, por tal que, em qualquer hora que a espiraçom divinal alimpar as nuvens da minha mente e descobrir os raios do verdadeiro sol, logo a minha mente se levantasse e voasse em alto. E ficava a vista em no lume eternal e perdurávil, que raiava de cima, e a vista da minha alma trespassava tôdalas nuvens e escuridades do revolvimento mundanal, e suspendia e pendurava a minha alma a esto, que assi podia ver enesta vida presente, e de mais a esguardar e contemprar aquilo que esperava haver em na vida do paraíso, em que ora som. E havia desto mui grande desejo, atendendo a grória celistrial em que já moro; e, esguardando enela quanto podia, chorava os meus pecados e sentia, porém, dentro em mi grande dolçura que me mantinha; mas quando pensava os juízos de Deus e a ordenança deles, percutia-me mui fortemente o coraçom. E contemprava a grandeza dos beneficíos do Senhor e os prometimentos que eu atendia — que ora já tenho — e, em toda hora da minha vida, atendia com grande desejo o termo e a fim dela. Outrossi me trabalhava, com grande desejo, estar prestes pera receber o meu verdadeiro esposo da minha alma, amiga do seu amado, e pera [o] receber quando viesse e a chamasse. E enesto era meu grande cuidado, que quando ele viesse subitamente, nom achasse a minha alma desapostada, em guisa que nom pudesse entrar enela. Mas quero-vos contar o que me aveio algúas vezes, que eu nom estava prestes como cumpria, per razom de algúas cuidações vãs e sem proveito que havia em no meu coraçom, e algúas afeições que enele havia.

## Capítulo CXLIV

Estando eu despercebido e desapostado algũas vezes pera receber o amado esposo da minha alma per contempraçom, eis a voz do grorioso amado, que batia à porta da minha alma, dizendo:

— Abre-me, irmã minha, esposa minha.

E eu e a minha alma, que nom estava como cumpria, porque o meu corpo nom estava bem limpo de algũas cuidações, respondia ao amado:

— Atende um pouco.

E às vezes me acontecia tardar tanto em alimpar o coraçom das vãs cuidações, que ele trespassava o portal da porta e da entrada da minha alma. E quando eu já abria ao meu amado, já se ele desviara e trespassara, porque ele é amor singular e, porém, nom recebe outro companheiro consigo; e eu, quando começava lançar fora do meu coraçom as companhas dos arruídos das cuidações e ele começava já bater à porta da entrada da minha alma, e ela lhe dizia: «Espera, atende ainda» (pera lançar fora a companha dos estranhos, porque amor singular paga-se do apartamento, porém, me cumpria lançar fora do meu coraçom e da minha alma toda a companha das cuidações, pera me aprender aos abraçamentos do amado). Oh, quanta tardança eneste atendimento me parecia! E, por pouca que fosse, era mui nojosa, polo grande desejo que padecia do meu amado, e dizia-lhe: «Atende um pouco, atende em no horto, enquanto lanço fora do coraçom esta companha das cuidações e das afeições, que fazem grande arruído. Atende um pouco, ante a porta, enquanto se aposta a câmara e o tálamo<sup>149</sup>». E depois que erom lançadas fora as companhas e o tálamo apostado, dizia eu ao amado: «Atende um pouco em na câmara, enquanto se aposta o leito, enquanto o seio mais de dentro da alma se compõe e aposta e afeita pera a mui grande paz e pera mui grande asseseço». A minha alma entom ouvia a voz do Senhor Deus, seu esposo e seu amado, quando se nembrava dele; e entom havia grande desejo de o ver e entom o via, quando se maravilhava da sua majestade e beijava-o polo grande amor que lhe havia e abraçava-o pela grande deleitaçom que enele havia. Outrossi ouvia a sua voz per revelaçom, que ia crescendo pouco e pouco, até que o arruído das cuidações e das afeições todo era apagado, e tam solamente a voz do amado era ouvida, até que aquela companha do arruído desaparecia.

149 No original: «taamo». Leito nupcial. Esta é a única ocorrência da forma «taamo» no original, onde aparece preferencialmente a forma «tálamo». José Pedro Machado assinala que tanto a forma «taamo» como «tambo» se encontram atestadas para o século XIV (MACHADO, 1977, V, p. 260).

E entom a minha alma ficava só por só com o Senhor, seu esposo mui amado; e ela estando só, via e olhava ele só, per contempraçom, e tanto via a minha alma o seu amado per contempraçom, até que pouco e pouco ia esquentando-se per esguardamento de visom que ante nom soía ver e maravilhando-se da fremosura do amado. E assi ardia mais e mais com amor e, em cabo, algũas vezes se acendia, até que chegava à verdadeira simpreza, toda reformada em verdadeira pureza e em fremosura de dentro; e entom aquela câmara e aquele tálamo da morada de dentro da minha alma era apostado de toda parte com púrpura e com bisso alvo de limpeza e com jacinto. Ca em na minha alma era púrpura de forteleza e bisso alvo de limpeza e jacinto de prudência. E depois que o tálamo mais de dentro da minha alma era perfeitamente apostado e ordenado e o amado era dentro metido, crecia a fiúza à minha alma e tomava grande atrevimento e com grande desejo que a constrangia, nom se podia mais deter, e lançava-se subitamente aos beijos do seu amado e, com os beijos apegados enele, aficava-lhe beijos de devaçom, mui de dentro do coraçom.

### Capítulo CXLV

Ora vos quero mostrar estas cousas mais craramente que me avinham com o Senhor, quando eu vivia em estado de contempraçom em na vida deste mundo, ante que me passasse pera o segre perdurável, segundo vos dito hei. A minha alma entom entrava com o seu amigo, que é o Senhor Deus, e só com só se detinha, usando da dolçura dele, quando era esquecida de tôdalas cousas de fora e se deleitava dentro em si o mais que podia ser em no amor dele. Mas depois que se via ela só conele em no tálamo, ela, esquecida de tôdalas cousas de fora, consirava as cousas que som de dentro e acendia e enflamava-se o meu coraçom em na afeição do amado e levantava-se a lhe dar muitas graças, consirando os seus bens, que dele recebera, e os meus males, de que era livre per sua graça. E per esta maneira rogava a minha alma e fazia sacrifícios e ofertas de devaçom mui de dentro ao Senhor polas graças que dele recebia e pola perdoança dos seus pecados; e depois que a minha alma per esta guisa entrava com o seu amado em na câmara só com só, estando conele per espaço, usando de grande dolçura, entom entrava ele em no tálamo mais de dentro e mais apartado e apostado pola guisa sobredita, quando a minha alma, com afeição mui de dentro do coraçom, o amava sobre tôdalas cousas. Entom cuidava eu em mi, qual era e fora aquela cousa que em toda minha vida mais amara e mais cobiçara e com que maior prazer houvera e em que houvera

maior deleitação, e consirava se sentia tam grande força de afeição e tanta avondança de deleitação quando eu<sup>150</sup> ardecia<sup>151</sup> em desejo de mui grande amador e quando folgava em na sua deleitação.

E se entendia que o aguilhom do amor de dentro menos trespassava a minha alma em nas afeições divinais que em nas outras afeições soía algũas vezes traspasar, logo conhocia que o Senhor nom era ainda em no seio mais apartado e mais de dentro da minha afeição. E se via dentro em no meu coração tanta força de amor ou maior e mais forte em nas afeições divinais qual eu nunca houve nem havia provado, ainda entom parava mentes se havia i algũa outra cousa em que me pudesse deleitar ou consolar afora aquela consolação divinal. E se entendia que ainda podia haver e receber consolação e deleitação em outra cousa, logo conhocia que ainda o meu amado nom era no seio mais ardente de dentro do mui ardente amor. E entom me esforçava pera o tirar pera ele e o levar às entranhas mais de dentro do meu coração, e ali era tam forte e tam grande força de mui singular amor em tam grande perfeição, que per nenhũa maneira nom podia ser arrincado per outra nenhũa deleitação. Ca bem sabia eu que, quando queria ou recebia algũa outra consolação, como quer que eu muito amasse o Senhor Deus, pero nom o amava ainda singularmente, pois que outra consolação ou deleitação queria ou recebia com a sua; e, porém, bem entendia eu que ainda ele nom era no lugar mais de dentro da minha alma. E porende me trabalhava e esforçava de o meter dentro em nos lugares mais de dentro da minha alma e do meu coração, singularmente e apartadamente, em guisa que nom amava outra cousa conele, e esto fazia eu pera o poder seguir às suas altezas e às cousas mais altas das revelações divinais, assi como vos contarei.

### Capítulo CXLVI

Usando eu com meu Senhor Deus per esta guisa que dito hei, vivendo em no alto monte em mercê da grioriosa ifante, aproveitava e crecia a minha mente e o meu estado da contempração, às vezes tam solamente per graça de Deus;

150 No original: «em».

151 «Ardia», na lição de Magne. A forma do texto parece, no entanto, resultar de *arder+ecer*, dando origem ao verbo incoativo *ardecere*, com o sentido de «começar a arder». Cumpre assinalar, no entanto, que não encontramos esta forma registada em nenhum dos dicionários e glossários consultados.

e às vezes per obrar e per trabalho da minha indústria ajuntada com a graça do Senhor Deus; e às vezes per doutrina e ensinança de outrem com a graça de Deus; e a minha mente e o meu coração às vezes se escondia e se alargava, em guisa que a vista e o pensamento do meu coração estendia-se e aguçava-se mui fortemente, pero nom sobrepujava a maneira do padre e do saber e da força da indústria humanal; e às vezes a minha mente e o meu coração se levantava, em guisa que o avivamento da força do meu entendimento era alumiado com os raios devinais em tanto que trespassava os termos da indústria humanal, pero nom era emalheada a mente àquelo que via per revelaçom de Deus, era cousa sobre si mais alta que a alma e às vezes a minha mente era emalheada em tal guisa que me nom nembrava das cousas presentes. E a minha alma e o meu coração se trespassava em um estado estranho, em que o obrar e o poder e o saber da indústria humanal nom havia lugar nem caminho, e eneste estado se trespassava a minha alma e o meu coração per trasfiguraçom da obra de Deus, que fazia assi trasfigurar o meu coração. Em tal graça e em tal estado de contempraçom era a minha alma aduzida per grandeza de devaçom; e às vezes per grandeza de maravilhaçom e às vezes per grandeza de prazer, aduzida era a minha alma em tal estado de contempraçom, que era assi como fora de si, emalheada. E esto, às vezes, per grandeza de devaçom, quando ela era acendida com tanto fogo de desejo celistrial, em tal maneira que a flama e o acendimento do amor de dentro dela crecia sobre guisa humanal. A qual flama derretia a minha alma, assi como cera, e a resolvia e reduzia ao primeiro estado, quando foi criada limpa e sem pecado. E esta flama, acendimento de amor celestrial, levantava a minha alma às cousas celistriais, assi como fumo de defumaduras de espécies de bô odor, e a enviava acima, às cousas supernais<sup>152</sup> do céu.

E quando a minha senhora groriosa ifante entendia que a minha alma assi era levantada e levada, começava cantar mui docemente, dizendo:

— Quem é esta que sobe polo deserto, assi como verga dilicada e delgada de fumo que sai das espécies de mirra e de encenso e dos outros pós do espicieiro?

E eu lhe respondia:

— Senhora, vós dizedes verdade, ca, por certo, pola graça e misericórdia do Senhor Deus, em na vossa mercê eu sento a minha mente tam devota, que o desejo dela, assi como fumo, se levanta do fogo do espiritual amor. E assi como vergonça<sup>153</sup> mui delgada e dereita, assi o desejo da minha mente, trigoso e sin-

152 O mesmo que «supernas» = superiores.

153 Derivado de *verga*, o mesmo que «vergõntea». Não se trata, aqui, de «vergonça», sinónimo de «vergonha».



gular, que se levanta da minha direita entençom per mirra de mortificaçom e de contriçom da minha carne e per encenso de oraçom e devaçom do meu coraçom e per acabamentoo e comprimento de tôdalas virtudes que som pós de espécias do celistrial boticaio Jesu Cristo.

Per esta guisa respondia eu à minha senhora groriosa ifante, em cuja mercê vivia, quando a minha alma, assi como verga de fumo, subia pera as cousas celistriais em contempreaçom, vivendo eu ainda em no deserto do mundo, porque a minha alma de tôdalas cousas se levanta[*va*] e subia, poendo a sua afeiçom em desejo aceso do seu esposo celistrial.

### Capítulo CXLVII

Outrossi, às vezes a minha alma e a minha mente era emalheada e posta come fora de si, quando era arraiada com o lume divinal; e estava pendurada e suspesa, maravilhando-se daquele tam grande esprandor e tam alta fremosura do Senhor. E assi era esbafarida<sup>154</sup> e de todo fora de seu estado e arrevatada sobre si mesma, trespassando e sobrepujando tôdolos razoamentos humanais, ca toda razom humanal era abaixada sô aquelo que via a alma do lume da divindade. E entom provava e conhocia quanto é o defeito e a míngua da razom humanal, porque qualquer conhocimento que há<sup>155</sup> mui estreito é per a alteza desta contempreaçom e tam pequeno é como o ponto da terra em comparaçom do céu. E, porém, quando a minha alma e a minha mente era assi arrevatada e levantada sobre si, entom era dirribada em baixo, per despreçamento de si mesma em respeito daquela fremosura divinal que esguardava. E quanto se ela mais abaixava, vendo e entendendo a sua míngua, tanto mais altamente e mais tostemente era arrevatada sobre si mesma per mui grandes desejos e levantava-se em grandes altezas, em maneira de esprandor que reluze come o lume do corisco.

Mas minha senhora a groriosa ifante, em cuja mercê vivia, teve mentes em na minha alma e a viu assi levantar-se e começou a cantar, dizendo assi:

— Quem é esta, que se alevanta e se vai longe, assi como a alta manhã quando se levanta fremosa, assi como a lua, e é escolheita, assi como o sol?

E eu lhe respondi, dizendo enesta guisa:

— Senhora, eu sento que a minha alma e a minha mente se levanta assi como a manhã quando começa, porque a minha mente e a minha alma aproveita

154 O mesmo que *esbaforida*: ofegante, ao ponto de não poder falar.

155 No original: «am».

e crece pouco e pouco em conhecimento do Senhor e das cousas celistriais, permaravilhando-se<sup>156</sup> daquelo que vê em sua contempraçom, assi como faz a manhã, que pouco e pouco se levanta, e levantando-se estende-se, e estendendo-se faze-se crara; mas esto é maravilha, que a manhã, tanto que vem o dia craro, logo ela leixa de ser manhã e percrecendo<sup>157</sup> vem a desfalecer, e dali donde ela recebe pera ser maior, convém a saber, da craridade do dia, dali lhe avém de nom ser. Ca a manhã, depois que começa, vai-se fazendo maior pela craridade do sol; e depois que o sol é levantado, que é já dia, logo leixa de ser alta manhã, e assi se mostra que a craridade do sol, que a faz crescer, essa mesma faz que nom seja de todo.

Bem assi fazia a força e a virtude do entendimento da minha alma alumiada com o dom de Deus, quando era suspesa; vendo e maravilhando-se em na contempraçom daquelas cousas divinais que entendia, entom se estendia ela mais. E quanto mais era aduzida e levada às cousas mais altas e mais maravilhosas, tanto se mais estendia; e quanto era mais afastada das cousas baixas, tanto era mais pura em si mesma e tanto a chuva era mais sutil pera as cousas mais altas. Mais este levantamento da minha mente e da minha alma [*crecia*], sempre ela crecia pera cousas mais altas e, crescendo assi per grande espaço, em fim algũas vezes trespassava os termos da força e da natureza humanal, recebendo e tomando em si tais cousas, quais a virtude humanal nom podia em si receber. E entom, de todo desfalecimento de si mesma, era<sup>158</sup> trasformada em ùa feiçom sobre-mundanal e toda era sobre si mesma. E assi como a luz matutinal da alta manhã, em crescendo, leixa de ser, em tal guisa que, depois que é dia, já nom é aquela alta manhã, assi que aquela mesma luz que era alta manhã, essa mesma luz, crescendo, leixa ser alta manhã, bem assi a virtude e o poder do meu intendimento às vezes lhe avinha de nom ser esse mesmo que era, e esto per razom da grandeza do seu estendimento, pero nom que a força e o poder do meu intendimento leixasse, porém, de ser, mas leixara de ser humanal.

E assi como aquele modo de contempraçom, em que a minha alma era acesa em amor das cousas celestriais, se levantava per devaçom, bem assi esta maneira deste emalheamento e levantamento e sobrepujamento da minha mente ficava em devaçom, porque, em aquela maneira de contempraçom que se levantava

156 O prefixo *per-* traduz a ideia de «intensidade, aumento» (MACHADO, 1977, IV, p. 340; VIEIRA, IV, 1873, p. 733). Assim, «permaravilhar-se» significa «maravilhar-se intensamente, totalmente».

157 Crescendo cada vez mais.

158 No original: «e era».

de devaçom a minha alma com grande desejo da verdade era levantada pera contemplar a verdade. Mas eneste sobrepujamento em que a minha alma era levantada sobre si o meu coraçom era inflamado e aceso per a devaçom, e esto per revelaçom da verdade, que já via e contemprou. E porém, ifante senhor, a minha alma vos pareceu, em na sua contemprou, assi freiosa como a lua, e escolheita como o sol, porque a alta manhã e a lua ham em si luz, mas nom ham quentura, mas o sol há em si luz e quentura, ca ele é mui esprandecente e mui fervente. E tal era a minha alma em na derradeira parte daquele seu levantamento, ca, como quer que começasse alevantar-se tam solamente per alumramento da craridade da verdade, pero às vezes aquele grande esprandor quedava e ficava em mi grande e mui perfeita devaçom. E outrossi aquele esprandor da revelaçom divinal, que assi alumiaava a minha alma, às vezes me vinha depois que eu começava de meditar e pensar em nas cousas do Senhor Deus, pera me ajudar; e, às vezes, me vinha ante que começasse a meditar e pensar, pera me demover e espertar, que nom estevesse priguçoso e deleixado. E assi a minha alma havia senhorio e era fortemente poderosa sobre os sentidos e sobre os apetitos e desejos da carne e sobre as cuidaçõs e afeiçõs da mente, e era fervente de todo em todo em no amor do Senhor Deus e ardia com desejo de o ver. E primeiro o buscava e ouvia sua voz, e depois via em contemprou e encendia-o, e depois ficava esbafarida e desfalecia do estado humanal e saía fora de si mesma, assi como já dito hei, ca ela primeiro meditava e pensava, e da meditaçom levantava-se em contemprou, e da contemprou se levantava em se maravilhar das cousas que via e entendia, e daquele maravilhar se levantava em alheamento per que era posta fora de si, em êxtasi.

### Capítulo CXLVIII

Ora quero contar aquelo que a minha alma, às vezes, em sua contemprou per razom da grandeza do prazer e da alegria, havia quando a minha alma bevia e recebia em si aquela avondança de dentro, de brandeza e dolçura de grande prazer de dentro que havia das cousas divinais que gostava e era com-primadamente embevedada. Entom era ela esquecida de si mesma, ca lhe nom nembrava de todo em todo quem fora nem quem era, e arrevatadamente era trasformada sobre toda cousa mundanal e posta em um estado de maravilhosa bem-aventurança. E quando a minha senhora groriosa ifante sentia a minha alma ser em tal estado, assi como maravilhando-se, começava cantar, dizendo assi mui docemente:

— Quem é esta que sobe do deserto, avondosa de deleitações espirituais e divinais, encostada sobre o seu amado?

E a minha alma respondia enesta guisa:

— Ifante senhor, comprida de todo bem, sabede por certo que eu som aquela que subo e me alevanto agora do deserto com muitas deleitações, ca eu me trespasso sobre mi mesma, per emalhaçom da minha mente, e desemparo mi mesma, ca me nom nembra que cousa foi nem que cousa som, e trespasso-me até o céu e per contempraçom e devaçom toda som metida e me envolvo em nas cousas divinais tam solamente. Ca avondança grande das deleitações espirituais me fazem assi subir e levantar, quando sento em mi a doçura divinal; e, com o mui grande prazer que hei, nom caibo em mi mesma, em tanto que a grandeza do meu grande prazer me faz trasbordar fora de mi mesma. E esta tam grande alegria do coraçom e levantamento que eu hei, [*nem*] per minhas forças nem per meus merecimentos é; porém, ifante senhor, a verdade dizedes vós, que subo eu do deserto encostada sobre o meu amado, ca pela virtude do meu Senhor Deus som eu levantada em tal e tam alta contempraçom, e nom per minhas forças nem per meus merecimentos; e ele, que é meu muito amado, me traz de dia e per toda a noite em alumiamo de fogo. Ca certamente eu nom poderia temperar os esquentamentos da cobiça, se a virtude do mui alto me nom assombrasse, assi como faz a nuvem em no dia quente e nom haveria eu com que alumiasse as trevas das minhas inorâncias, do meu nom saber, se eu nom visse o lume em no lume do Senhor Deus, com que me ele alumia. E assi eu, que som amada, recebi per graça do meu amado dous remédios contra dous males principais, convém a saber, recebi refrigério de nuvem contra a cobiça da carne e recebi revelaçom de luz contra a inorância da minha mente, que de si mesma é nécia e sem saber.

### Capítulo CXLIX

Per esta maneira sobredita, respondia a minha alma àquela pergunta que lhe fazia a groriosa ifante. Mas como quer que a minha alma, estando no corpo, recebia tanta graça do Senhor Deus como vos contei há certos tempos, pero algũas vezes lhe era tirada, que a nom havia àquelas sazões que havia em costume de lhe vir. Mas quando eu esto sentia, trabalhava-me de fazer algũa cousa que me ajudasse pera a cobrar, e começava de meditar e pensar em meu coraçom em cousas espirituais, com que repairasse e retornasse o prazer do meu coraçom. E poinha ante os olhos da minha alma [*em*] renembrança

os benefícios e os dões de Deus, que dele recebera, e per tal renembramento demovia e aficava mi mesmo, pera dar graças profundas e devotas ao Senhor Deus, e às vezes com grande afeição cantava espiritualmente louvores ao Senhor Deus.

E quando a minha afeição de dentro do meu coração em tais estudos como estes se revolvia com devação comprida em grandeza da confissom do louvor de Deus, entom se abria um furado, pelo qual a avondança da brandeza e da dolçura divinal se lançava em no vaso do meu coração. E, per esta guisa, repairava a grande alegria do meu coração com pensamentos espirituais e com sages meditação e excitava e espertava a devação em na minha mente e em no meu coração com a remembrança dos seus prometimentos. E com grande prazer do coração, cantava os louvores do Senhor Deus e, fazendo eu esto, entom estava e aparelhava a carreira pera receber a minha alma o Senhor Deus, que vinha a ela e a visitava, ca com a voz do cantar dos louvores do Senhor Deus o meu coração era tangido dentro em si mesmo, e o espirito se lançava enele arrebatadamente e entom era ele espiritualmente afeiçãoado; e enquanto o meu sentido inteileitual do intendimento era abrido pera a espiração divinal, entom se repairava em no meu intendimento e em na minha alma a graça da contempração que havia em costume.

Outrossi, os doces sons dos cantares ou dos esturmentos faziom o meu coração ser ledado e faziom-me tornar à memória os prazeres espirituais que soía a haver; e quanto o meu coração era mais fortemente afeiçãoado com o amor divinal, tanto a dolçura dos sons tangia e chegava mais profundamente à minha afeição. E quanto o meu coração era mais profundamente tangido pela afeição do amor divinal, tanto mais aficadamente era retornado a seus desejos; e assi a dolçura dos sons, que eu havia de fora me reduziom à memória a dolçura dos sons espirituais. E retornava o meu coração e levantava-o àqueles prazeres celestiais que ante havia usado, e per esta guisa recobrava o estado da mui alta contempração, em na qual a minha alma e a minha mente era tirada de tôdalas cousas presentes e que podem ser vistas per olhos corporais, contemprando e vendo as cousas da grória celistrial. E esto havia eu, quando a minha mente não era abetada nem empachada per nenhum tangimento de grossura carnal, mas era expolida e limada mui sagesmente de toda afeição e calidade terreal, e per meditação e pensamento continuado das cousas divinais e per espirituais contemprações a minha alma e a minha mente se trespassava àqueles cousas que se nom podem ver. E tanto que, com o aficamento e a femença que tinha em nas cousas de suso que nom som corporais, nom sentia em si que era em carne nem em corpo e em tal guisa era

a minha alma arrebatadamente posta sobre si, que nom ouvia vozes nenhũas nem via nenhũas cousas, posto que fossem mui grandes ante meus olhos. Mas estas cousas tais nom as podem entender nem tomar senom aqueles que provarem per si, assi como eu fize per graça de Deus, com ajuda desta groriosa ifante, que é espelho sem mágoa em no qual a vista da minha alma, livre e desembargada, recebia estas cousas, maravilhando-se enelas. E via a verdade em sua pureza, sem nenhum envolvimento e sem nenhum encobrimento, ca o Senhor Deus tirava os olhos do meu coraçom de tôdalas cousas presentes, [*que*] haviam de trespassar e falecer. Mas ainda as tinha por trespassadas, e pareciam-me já tôdalas cousas presentes desfeitas e desolundas em nada, assi como fumo vão que se sume; e andava com o Senhor Deus, ca eu era trasladado e trespassado da conversaçom e dos costumes humanais, em guisa que nom era já em vaidade do mundo.

## Capítulo CL

Que vos direi mais? A mi, nembra que, per a graça e dom de Deus, muitas vezes fui arrebatado em tanto sobrepujamento e excelso em alteza da mente fora de mi, que me esquecia se havia corpo, e a minha mente e a minha alma subitamente lançava de mi tôdolos sentidos corporais e era tirada de tôdalas cousas materiais, em tal guisa que os meus olhos, nem as minhas orelhas, nom usavom do seu próprio officio. E o meu coraçom assi era cheio de pensamentos e de meditações divinais e de contemprações espirituais, que, muitas vezes, dê-la manhã até a fim do dia, nom sabia eu nem me nembrava se havia comido; e em no dia seguinte duvidava se comera em no dia dante. Outrossi, quando a minha alma havia de subir a contemprar a majestade divinal, necessário era haver fervor em no meu espirito e oraçom mui amiúde, e eu, per misericórdia e graça do Senhor Deus, havia tal fervor de tal espirito per que subia à contempraçom que o meu coraçom, com tôdolos membros, era todo desposto pera elo compridamente, em tal guisa que nom queria outra cousa nenhũa, senom aquilo que via e sentia e podia cuidar. E tanta era a grandeza do mui brando odor e do prazer que se falar nom pode, e da dulçura que nom pode ser examinada, que eu nom curava nem desejava haver outros nenhuns membros, senom aqueles que pudessem cuidar em nas cousas celistriais. E posto que tevera os pés e as mãos talhados e o nariz e as orelhas e a língua e tirado os olhos, nom curara delo, nem desejava senom aquilo que havia e sentia em minha contempraçom, em que era partido dos homens e conjunto a só Deus.

Que pensades? Que pensades vós, quanto era a minha bem-aventurança, quando o Senhor Deus era mui dentro em minha alma e em no meu coração? Oh, de quantas trevas era tirado o meu espirito e a quantas craridades era reduzido! Oh, se soubésse[de]s aqueles comprendimentos de dentro que som em aqueles segredos mui apartados, que a minha mente compreendia! Oh, se soubésse[de]s aquelas luzentes iluminações e aqueles esprandores ferventes e aqueles raios símprezes e aqueles puros lumes e aqueles ardores de vida e aqueles sabores pacíficos e aqueles mui deleitosos dulçores, entom receberíades e entenderíades cousas nom conhecidas e que se nom podem nomear, pero que podem haver per prova e per experiência! Ó amigos, se vós soubésseades per prova e per experiência e per gosto estas cousas que ditas hei, cuido que gravemente sofreríades as trevas da nossa vida, assi como eu fazia, ca eu dizia muitas vezes em meu coração: «Oh, quando será esto? Oh, se será esto? Oh, se verei esto? Quando, quando, quando? Oh, que grande tardança e muito pera chorar o perlongamento destas cousas!». E dizia eu outrossi ao Senhor Deus em meu coração: «Ah, ah, ah! Ó meu Deus, que cousa som eu a ti ou que cousa és tu a mi? Mas qual é a cousa que tu nom és a mi? Ca tu és a mi tódalas cousas».

Todas estas palavras dizia eu em silêncio dentro em no meu coração; e estando eu enesta folgança deste silêncio, calado saía fora de mi, e a minha mente e a minha alma era posta sobre si mesma, e depois entrava dentro com o Senhor em mi mesmo. E depois que a minha mente e a minha alma entrava, entom desfalecia das suas forças naturais; e depois que assi desfalecia, entom se traspassava; e depois que era traspassada em outro estado, entom tomava e recebia em si da dolçura e do lume do Senhor; e depois que recebia, entom era transformada; e depois que era transformada, entom entrava mui de dentro em no Senhor; e depois que assi era mui dentro, entom se movia em aquele amor do Senhor; e depois que sabia e conhecia aquele amor, entom havia mui grande folgança e assego em aquele silêncio. Entom a minha alma via o Senhor Deus, ca, como quer que em cada um dos outros pontos, convém a saber, em no excesso e em no grande sobrepujamento da mente, fosse visom, e em na entrada e em no desfalecimento e em no trespassamento e em na apreensom e em no trasformamento e em na entrada de mui dentro fosse outrossi visom, pero em no movimento do amor, que é cousa e razom de todas estas cousas, depós estas cousas havia a minha alma visom de Deus manifesta, quanto ser pode em esta vida presente, mas nom via eu o Senhor tam craramente como o eu vi depois que foi em na grória celistrial, em na qual o vejo continuamente, face por face craramente, assi como ele é e a sua visom me abasta.

Mas quando era enesta vida presente, como quer que acalçasse o estado da contempraçom e a unçom do Esprito Santo, me ensinava tôdalas cousas e me fazia que gostasse si mesma per esta groriosa ifante, pero nom havia eu tam perfeita caridade e amor per que se vê Deus, como agora hei em na celistrial grória. E, porém, nom via eu o Senhor tam craramente que me abastasse; e, porém, desejava eu ver o Senhor mais craramente e via eu a grória celistrial, mas nom a compreendia; e, porém, suspirava e de longe a saudava, dizendo:

— Oh terra celistrial, que és própria terra e morada de tôdolos homens que vivem em no mundo esterrados de ti! Oh tu, terra celistrial, que és fim e acabamento do esterro deste mundo, bem te vejo eu, mas nom posso entrar em ti, porque esta carne me retém, nem som ainda dino pera chegar a ti! Ó Senhor Deus, quando serei avondado? Certamente, quando vir a tua grória!

## Capítulo CLI

Muitas vezes com grande desejo da vida celistrial, dizia eu assi:

— Oh tu, vida que aparelhou e tem prestes o Senhor Deus àqueles que o amam! Oh vida bem-aventurada, vida segura, vida assessegada, vida fremosa, vida limpa, vida santa, vida que nom sabe morte nem tristeza! Vida sem sujidade e sem corruçom e sem conturvaçom, sem desvairo e sem mudaçom, vida de toda nobreza, comprida de toda dinidade, u nom há aversairo lidador, u nom há tentaçom de pecado, u nom há temor nenhum, mas amor perfeito! Ali o Senhor Deus, eternal e perdurável em um esprito, de todos é visto continuamente face por face, e per tal manjar de vida, a mente e a alma é farta.

Sem falamento esto dizia eu muitas vezes em minha contempraçom, cheirando e gostando a vida da celistrial grória, com grande desejo que me crecia dela. E, porém, entrava em nos deleitosos prados das Santas Escrituras e, orando ao Senhor Deus, colhia as mui verdes ervas das ciências, e lendo comia as froles da Santa Escritura e os fruitos dela e, usando, revolvía e mastigava amiúde e, ajuntando todo, guardava o que assi achava em na alta séda da minha memória. E com a dolçura que gostava sentia menos amargura desta presente vida e bradava, dizendo:

— Oh cidade mui bem-aventurada! Oh reino verdadeiramente bem-aventurado, em que nom há morte, em que nunca há-de haver fim, em que sempre é dia continuamente! Em ti o cavaleiro vencedor está em companhia dos coros dos anjos e canta sem quedar o cantar dos cantares de Siom, tendo em sua cabeça coroa mui nobre! Oh Senhor Deus, praza-te que me outorgues



perdoança dos meus pecados e que logo tostemente leixe a cárrega deste corpo e entre em nos teus prazeres pera haver folgança perdurável! Senhor, faze-me entrar dentro em na tua cidade mui fremosa e mui nobre, e que receba coroa de vida da tua mão e que veja presente a face tua e o teu lume continuadamente sem quedar.

## Capítulo CLII

Estando eu em tal estado, como dito  , e suspirando e desejando sair deste mundo pera compreender   vida celestial, que já gostava e cheirava, rogando ao Senhor mui aficadamente por ela, ouvi com as orelhas espantosas da minha alma  a voz do meu amado Jesu Cristo, que lhe dizia assi:

— Levanta-te, amiga, minha esposa, e vem-te ao paço celestial. Ca já passou o inverno da vida do mundo, que, assi como frio, te apertou até ora. Já trespassaram as chuvas das muitas misquindades sem conto que passaste. As froles das tuas obras aparecerom ante mi e derom b  odor de virtudes em na terra celestial. Levanta-te trigosamente, amiga minha, fremosa minha, pomba minha, esposa minha, e vem-te, ca eu cobiço a tua fremosura. Vem-te pera te alegrares ante a minha face com os meus anjos, cuja companhia eu hei a ti prometida e, polos pirigos e trabalhos que houveste em no mundo, entra em no prazer do teu Senhor, que nunca te será tirado.

Quando a minha alma ouviu estas graciosas e tam doces palavras do seu Senhor Deus e do seu amado Jesu Cristo, foi toda derretida com mui ardente amor e respondeu com grande prazer enesta guisa:

— Fremoso e posto  s tu, meu amado; tira-me dep s ti, e eu correrei em odor dos teus inguentos; porque, assi como deseja o cervo as fontes das águas, assi desejo a ti, meu Senhor Deus. Grande sede e grande desejo hei de ti, Senhor Deus, fonte viva. Quando irei e aparecerei ante a tua face? Quando me trespassarei ao lugar da tua celestial grória e tua morada e maravilhosa casa da tua majestade, em que te veja em a face craramente? Quando serei avondado e farto? Certamente, Senhor, eu nom posso ser farto nem a minha alma avondada, senom quando vir a tua grória, que   a tua face. Senhor,<sup>159</sup> tira-me desta carne e leva-me pera a tua grória.

159 No original: «se nom».

### Capítulo CLIII

Estando a minha alma mui alegre, razoando-se com o seu muito amado e seu esposo Jesu Cristo e Deus verdadeiro, saiu-se do meu corpo e o meu confortoso companheiro e guardador mui previsto e guiador mui direito, que nunca se de mi partia, tomou a minha alma e levou-a mui alegre pera a terra perdurável e ia cantando com ela mui docemente. Passámos per um mui grande fogo e eu senti que, em passando per ele, ficou a minha alma toda apurada e limpa, em tal guisa que nom ficou enela mágoa nenhũa. E a minha alma sentiu o fogo, mas foi mui pouco o sentimento, porque tam tostemente passou per aquele fogo como a seta que lança o besteiro polo ar; e chegámos a ùa mui fremosa cidade, que havia tôdolos muros de pedras priciosas quadradas, e as portas dela erom de mui alvo aljôfar, e entrámos polas portas, e tôdaldas praças eram estradas de mui puro ouro.

E logo ouvi cantar mui doces cantares e de grande prazer, e depois que entrei pola cidade vi muitas moradas todas feitas de pedras safiras em canto talhadas e cobertas de abóvedas douradas. E tanto que a minha alma viu a cidade, logo disse alta voz:

— Groriosas cousas som ditas de ti, cidade de Deus, mas muito mais é que o que de ti é dito, ó cidade santa celistrial Jerusalém, visom de paz perdurávil! Como és fremosa em teus deleites e em teus prazeres! Nom há em ti nenhũa cousa tal como aquelo que padecia em no mundo.

Ca nom havia enela nenhũa cousa daquelas que há em na vida misquinha deste mundo. Ali nom havia trevas nem noite nem nenhum mudamento de tempo. Ali nom luze a luz da lua nem de candeia, nem de estrelas nem sol, mas o Senhor Deus, que é luz, e o Filho de Deus, que é verdadeiro e luz de luz e sol de justiça, sempre alumia a cidade. O cordeiro branco e sem mágoa, Jesu Cristo, luzente e mui fremoso, é o lume dela; ele é o sol dela e a craridade dela; ele é todo seu bem. A cidade é mui grande, em na qual cada um daqueles que enela moram há sua morada e seu lugar assinado, próprio e espicial. Todos contempram craramente, face por face, o Senhor Deus, rei da cidade, continuadamente sem quedar. E ele está em meio da cidade e todos os seus santos arredor dele.

Ali estam os coros dos anjos, cantando louvores ao Senhor; ali é a companhia dos cidadãos celistriais; ali é sempre mui doce solenidade de todos aqueles que se partem do esterro do mundo e se vão pera ela. Ali é o coro das profetas; ali som os apóstolos e a hoste sem conto dos márteres e o santo convento dos confessores. Ali som os santos monges e as santas mulheres que

vencerom as deleitações do segre. Ali som tôdalas ovelhas do cordeiro Jesu Cristo que escaparom dos laços do mundo. E todas ham mui grande prazer e grória, que se nom pode estimar em suas próprias moradas. E como quer que nom seja igual a grória de todos, pero o prazer é comum a todos, em tal guisa que cada um há abastança sem nenhũa míngua e sem nenhum desejo de mais haver, ca ali reina a caridade perfeita, porque Deus é tôdalas cousas em todos, o qual todos vêem sem fim e vendo-o sempre ardem em seu amor, louvam-no e amam-no, e toda a obra deles é louvor sem desfalicimento e sem trabalho. Que direi mais? Digo que olho nom viu, nem orelha ouviu, nem subiu em coraçom de homem aquelas cousas que Deus tem prestes pera aqueles que o amam. Qual é a língua que pode dizer ou qual é outrossi o entendimento que é avondoso pera receber quantos som os prazeres daquela cidade celistrial? Estar antre os coros dos anjos e com os beatíssimos espiritos em na grória do Criador e olhar e ver o vulto e a face presente do Senhor Deus e a luz e lume infindo e nunca haver nenhum temor de morte nem de corruçom, mas pera sempre viver em prazer! Ali nom há nenhũa dor nem tristeza depois do prazer. Ali nom é nenhum mal nem nenhũa dor, e todo bem nom falece. Ali é luz sem desfalecimento, prazer sem gimido, desejo sem pena, amor sem tristeza, fartura sem fastídio, saúde sem vício, vida sem morte, saúde sem fraqueza. Ali todos ham um prazer e ãa caridade.

Todas estas cousas foram dadas à minha alma depois que entrei em na cidade celistrial, ca eu foi levantado ante a cadeira real do Senhor Deus, e ali foi feito rei e recebi reino de fremosura e coroa de grande apostura da mão do Senhor. E logo foi mudada toda a minha misquindade em grória, e pola proeza que padeci em no mundo, por Deus me foi dada alteza de riqueza; e por trabalho me foi dada folgança perdurávil — por trabalho que durou mui pouco; e por vileza e desonra, me foi dada honra sem comparaçom, e por a morte me foi dada vida. E foi dada à minha alma visom crara e amor e seguramento de Deus, e eu comecei cantar ao Senhor Deus, dizendo assi:

— Oh Senhor Deus, mui piadoso, certamente nom pode nenhum cuidar nem falar tam grande liberdade como esta que me tu dás, e tal honra que se nom pode comparar esta bem-aventurança sem medida! Oh Senhor, que gtorio galardom me deste! Oh que precioso dom! Oh que fremoso dom! Oh que confusom dos nom fiéis, que tal e tanta honra perdem! Confusom seja a Lucifel e aos seus companheiros, que caírom de tanta honra! Ai de vós, maus, que nunca vinredes a tal honra! Ai dos nécios, que tam grande honra como esta mudastes em honra temporal! Oh Senhor mui doce, quanto é bem-aventurado aquele que tu escolheste e tomaste pera morar enesta cidade e enestes

teus paços! Quanto som nobres os que moram enesta tua casa e te louvam pera todo sempre! Oh, quanto som groriosos os barões que sempre estam ante ti e te vêem face por face! Oh bô Jesu, nom é comparaçom do esterco ao ouro, nem da dor ao prazer, nem é comparaçom da pena à grória nem da morte à vida! Eu, Senhor, foi em no cárcer das trevas do mundo, envolto em muitos perigos, dado em muitas vaidades e em muitas carnalidades. Cego foi em muitas misquindades; e a tua misericórdia me tirou do lago da misquindade e do lodo das fezes e me fezeste parceiro e quinhoeiro dos teus confiados em na casa do teu Padre, enesta cidade celistrial u se alegram os anjos e os arcanjos e todos os santos que correm em odor dos teus inguentos e andaram de virtude em virtude até que viram e vêem o Senhor Deus enesta groriosa cidade.

E o Senhor me disse assi:

— Eu desponho e ordeno a ti e aos que me siguirom o meu reino, que vos alegredes ante mi em toda perfeiçom. Quando for a ressurreiçom dos corpos, entom darei ao teu corpo quatro dotes mui priciosas: ligeirice e sutileza, em tal guisa que, em um ponto, será em qualquer lugar e poderá passar per qualquer cousa sem embargo; e dar-lhe-ei que nunca já possa morrer, e craridade em tal guisa que resprandecerá assi como o sol ante mi. Entom virá toda carne pera adorar ante a minha face, e entom tôdolos santos veróm os corpos fedorentos daqueles que forom treedores contra mi, e o verme deles nom morrerá, e o fogo que os queimará nom será apagado.

Acabou-se de emprimir este livro chamado *Bosco deleitoso solitário* per Hermam de Campos, bombardeiro del-rei, nosso senhor, com graça e previlégio de sua alteza, em a mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa, com mui grande diligência. Ano da Encarnação de Nosso Salvador e Redentor Jesu Cristo de mil e quinientos e quinze, a vinte quatro dias de Maio.

## ANEXO

### *Oratio ad proprium cuiusque angelum*

Ed.: André Wilmart, «Les prières à l'ange gardien»  
in *Ibidem*, *Auteurs spirituels et textes dévots du Moyen Age latin*.  
*Études d'histoire littéraire*, Paris 1932, pp. 544-551  
(com alterações pontuais pelo tradutor, assinaladas em itálico)

### *Oração ao anjo da guarda de uma qualquer pessoa*

Tradução por Manuel Francisco Ramos

**Oratio ad proprium cuiusque angelum**  
**(Saec. XII)**

I. Sancte ac beate angele dei, cui me diuina bonitas, ex quo per baptismatis sacramentum in filium adoptauit, custodiendum protegendumque commisit: obsecro te per illum qui te ad hoc *deputauit*, custodi me, protege me ab omnibus insidiis et infestationibus inimicorum meorum, qui querunt animam meam ut auferant eam<sup>1</sup>. Ecce in uia hac qua ambulo absconderunt laqueum mihi<sup>2</sup>, quem nequaquam euadere possum, nisi tu me manu teneas atque deducas. Ecce uim faciunt qui quaerunt animam meam<sup>3</sup>, quibus nullatenus resistere ualeo, nisi tu me protegas atque defendas. Quod si feceris, non praeualebunt aduersum me inimici mei<sup>4</sup>, isti spiritus maligni.

Verentur enim te et metuunt, qui spiritus dei es bonus, a quo etiam potestatem super eos accepisti.

At uero spiritus iste meus, anima uidelicet mea, heu tot casibus patet, tot erumpnis obnoxia *est!* *Quippe* quam corpus quod corrumpitur aggrauat et terrena deprimat inhabitatio; quam insuper obcecat peccatum et pena *debilitat!*

II. Splendidissime, serenissime spiritus, adiuua obsecro animam miseram, spiritum erumpuosum, spiritum meum, tot calamitatibus oppressum, tot malignis spiritibus peccati merito expositum; adiuua, eripe eum, nequando rapiant et non sit qui eripiat<sup>5</sup>.

1 Ps. XXXIX, 15.

2 Ps. CXLI.

3 Ps. XXXVII, 13.

4 Ps. XII, 5.

5 Ps. XLIX, 22.

***Oração ao anjo da guarda de uma qualquer pessoa***  
***(Séc. XII)***

I. Ó santo e bem-aventurado anjo de Deus, a quem a bondade divina – depois de me ter adoptado para seu filho pelo sacramento do baptismo –, confiou a minha custódia e proteção, suplico-te por Aquele que te destinou para este cargo: guarda-me e protege-me de todas as ciladas e investidas de meus inimigos, os quais buscam a minha alma para a perder. Eis que, nesta estrada em que caminho, eles dissimularam-me um laço, do qual de forma alguma consigo escapar, salvo se tu me segurares pela mão e me conduzires. Eis que os que buscam a minha alma agem com violência, aos quais de forma alguma eu consigo resistir, a não ser que tu me protejas e defendas. Porque, se o fizeres, os meus inimigos, esses malignos do espírito, não hão-de prevalecer sobre mim.

Efetivamente, eles respeitam-te e têm receio, a ti que és o bom espírito de Deus, da parte de quem recebeste também o poder sobre eles.

Porém, este meu espírito, a saber, a minha alma, ai!, padece de tantas desgraças e está sujeita a tão grandes penas! Efetivamente, quanto o corpo, que se corrompe, a oprime e a morada terrena a afunda; mais ainda, quanto o pecado a cega e o castigo a debilita!

II. Ilustríssimo e sereníssimo espírito, ajuda, por favor, a minha alma infeliz, espírito impetuoso, que é o meu espírito, oprimido por tão grandes calamidades, exposto, por mérito do pecado, a espíritos tão malignos; ajuda-o, resgata-o, para que jamais o roubem e não haja quem dele se apodere.

Sed quid causaris o anima mea, quid causaris aut quereris, quasi non omni benignitate ac pietate redundet angelus *hic*, sanctus *dei*? O utinam sic parata esses tu ad suscipiendum, quomodo paratus ille semper est ad impendendum bonitatis sue auxilium. Te ipsam magis argue, te corripe, quod tam gratie sis ingrata, ut, cum angelicum diuinitus comitatum acceperis, tu illum tociens contempnens deseras et, ad turpia diuertens ac fetida diuersoria que ille non immerito abhorret, hostium manibus ultro te ingeras. Sed nec sic quidem tua, o benignissime ac fidissime comes, nec sic tua indeficiens bonitas infelicem animam te contempnentem, et descrentem contempnit aut deserit. Sed pie reuocas eam et ad decorem tui inuitas. Que siquando sordes suas erubuerit et lacrimis eas uel gemitibus abluerit, tu prior in eius amplexus occurris et, immemor iniurie uel contemptus, eam iterum in comitatum tuum dignanter admittis.

O inestimabilis christiane religionis *dignitas*, Christianus quis effectus *est*, Christus mox e celis angelum suum mittit, qui suum ad se Christianum ducat et, *ne quid* ei maligni per uiam noceant angeli, tueatur et protegat. O inenarrabilis angelice dignationis benignitas: peruersa anima angelicum comitatum contempnens deserit, sordidas peragrans semitas, hostium manibus ultro se ingerit; tantum *uelit*, angelus eam mox fugatis potenter hostibus eripit et, oblitus iniurie et contemptus sui immemor, in pristinam comitatus sui gratiam recipit.

III. Benignissime comes, tutissime custos, potentissime defensor meus, sic se habet penes te miserabilis anima mea, et sic se habet et penes eam mirabilis bonitas tua.

Erubescere ad tantam bonitatem, anima mea; confundere super sordibus tuis coram tanta et puritate et sanctitate. Pudeat te contumacie et improbitatis tue coram tanta benignitate et pietate. Hostes sunt, non amici, quos sequi consueuisti; perdere querunt, non tueri.

Horreat tibi tartarea eorum facies, horreat immanis crudelitas; horreat infinita ad que te trahere, in que te trudere moliuntur tormenta. Horreat tibi terra illa tenebrosa et operta mortis caligine, ubi umbra mortis, ubi nullus ordo, sed sempiternus horror *inhabitans*<sup>6</sup>. Horreat tibi gehenna, ignis inextinguibilis,

6 Iob, X, 21-22.



Mas o que alegas, ó alma minha, o que alegas ou o que procuras, como se este anjo, o santo de Deus, não abundasse de toda a benignidade e piedade? Oh, oxalá que tu estivesses tão preparada para o acolher, como ele está sempre preparado para prestar auxílio à tua bondade. Reprime-te mais a ti própria, denuncia-te, por seres de tal forma ingrata da graça, que tu, quando recebes a companhia angelical, por ordem divina, despreza-la vezes sem conta e abandona-la; e, extraviando-te para o que é sórdido e para os albergues fétidos, os quais ele não sem razão abomina, lanças-te voluntariamente nas mãos dos inimigos. Mas nem sequer assim a tua, ó benigníssimo e fidelíssimo companheiro, nem assim a tua inesgotável bondade despreza ou abandona a infeliz alma que te despreza e te descrê. Mas com piedade tu chama-la de volta e convida-la para a tua beleza. Quando ela se envergonhar das suas imundícies e as lavar com lágrimas ou gemidos, tu serás o primeiro a acorrer aos seus abraços e, esquecido da injúria do menosprezo, admite-la de novo, dignamente, na tua companhia.

Ó inestimável decoro da religião cristã, em breve Cristo mandará do Céu, a quem se tornou cristão, o seu anjo, para que conduza até si o seu cristão, de forma que os anjos malignos não lhe façam mal em nada e para ser por ele protegido e defendido. Ó benignidade indescritível do decoro angelical, a perversa alma que despreza a companhia angelical está a abandoná-la e, percorrendo imundas veredas, a lançar-se voluntariamente nas mãos dos inimigos. Contanto que queira, em breve o anjo a resgatará, pondo poderosamente os inimigos em fuga, e, esquecido da injúria e olvidado do seu desprezo, ele recebê-la-á na antiga companhia da sua camaradagem.

III. Ó benigníssimo companheiro, guarda seguríssimo, meu poderosíssimo defensor, assim a minha infeliz alma se encontra em tuas mãos, e assim se encontra também, nas mãos dela, a tua admirável bondade.

Envergonha-te da tão grande bondade dele, ó alma minha; frente a tão grande pureza e tão grande santidade, sê perturbada em razão das tuas imundícies. Envergonha-te da tua contumácia e da tua improbidade, frente a tão grande benignidade e piedade. São inimigos, não amigos, os que tu costumaste seguir; e eles procuram perder-te e não defender-te.

Que a infernal face deles te receie, que te receie a terrível crueldade, que te receiem os tormentos infinitos, para os quais eles se esforçam por te arrastar, para os quais [se esforçam] por te impelir. Que te receie aquela terra tenebrosa e encoberta pelas trevas da morte, onde reside a sombra da morte, onde não

ubi fletus et stridor dentium, ubi uermis immortalis<sup>7</sup>, ubi nulla spes alicuius refrigerii, sed firma certitudo mansuri sine fine cruciatus. Horreat tibi et in primis horreat sordidum ac fetidum uitiorum iter, per quod ad tot mala tam male tenditur.

Delectet uero te et inuitet iocundissimus per floridam uirtutum uiam angelici splendoris comitatus.

Conuerte faciem tuam ad eum, leua ad eum oculos tuos, et intuens in eum admirare decorem illius, amplectere benignitatem. Intende, inquam, in eum ut a splendore illius resplendeat et illustretur etiam facies tua.

IV. Splendidissime, serenissime spiritus, angele sancte dei, ecce conatur anima mea intendere in te, sed a fulgore uultus tui reuerberatur infirma acies mentis mee.

Sed respondet mihi bonitas tua quia, si in comitatu tuo perstitero nec declinauero, sanabitur infirmitas, curabuntur plage ab hostibus impositae, reparabitur uisus et sic demum, renouato spiritu mentis mee, incipiet mihi innotescere facies splendidissima, facies tua.

V. Eya anima mea, audi responsum sancti angeli dei, excipe consilium fidelis amici tui et persiste in comitatu illius. Non declines, non retardes, ne declinantem te uel retardantem hostes retineant. Sequere, comitare, *persiste*; sanctum angelum dei semper et ubique pre oculis habe; et tunc, coronata incedens, ridebis etiam super hostes tuos<sup>8</sup>.

VI. Piissime aduocate, fidelissime consultor, dulcissime amice, ecce nunc tandem, aliquando benignissimis consiliis tuis prouocatus et monitis, offero me comitatui tuo, commendo ducatu.

Sed erubesco super nimia impuritate mea, coram tanta puritate et sanctitate tua; confundor super multa contumacia et improbitate mea, quia tociens contempnens te et deserens irritauit, coram tanta benignitate et pietate tua.

Sed ecce consolatur me testis bonitatis uestre, *ueritas*, dicens quia gaudium est uobis, sanctis ac beatis angelis dei, super peccatore penitentiam agente<sup>9</sup>.

7 Mc. IX, 44-45.

8 Ps. LI, 8.

9 Lc. XV, 7.

mora qualquer ordem, mas sim o horror sempiterno. Que te receie a geena, fogo que não se apaga, onde há choro e ranger de dentes, onde [mora] o verme sempiterno e onde não há qualquer esperança de algum consolo, mas sim a firme certeza de que se permanecerá crucificado para sempre. Que te receie e que primeiramente te receie o sórdido e fétido caminho dos vícios, pelo qual se caminha, tão mal, para tão grandes males.

Efetivamente, que o feliz companheiro do angélico esplendor te deleite e que te convide através do florido caminho das virtudes.

Vira a tua face para ele, levanta para ele os teus olhos e, considerando admirar nele a beleza Daquela, abraça a sua doçura. Dirige-te para ele, direi, para que a tua face resplandeça pelo seu esplendor e para que também seja iluminada.

IV. Ó esplendidíssimo e sereníssimo espírito, santo anjo de Deus, eis que a minha alma se esforça por buscar-te, mas o débil brilho da minha mente é repellido pelo fulgor do teu rosto.

Mas a tua bondade responde-me que, se eu permanecer na tua companhia e dela não me desviar, a doença será sarada, as feridas causadas pelos inimigos serão curadas, a visão será reparada e assim, por fim, renovado o alento da minha mente, a face esplendidíssima, que é a tua face, começará a dar-se-me a conhecer.

V. Eia, alma minha, ouve a resposta do santo anjo de Deus, acolhe o conselho do teu fiel amigo e persiste na sua companhia. Não te desvies, não te atrases, para que os inimigos não retenham a que se desvia e se atrasa. Vai em frente, acompanha e persiste; tem sempre frente aos olhos e onde quer que seja o santo anjo de Deus; e então, avançando coroadada, também zombarás sobre os teus inimigos.

VI. Ó piíssimo advogado, fidelíssimo conselheiro, dulcíssimo amigo, eis que agora, finalmente, quando alguma vez for exortado pelos teus benignísimos conselhos e advertências, entregar-me-ei à tua companhia, encomendar-me-ei à tua direcção.

Mas sinto vergonha por causa da minha muita impureza, frente à tua pureza e santidade; estou desorientado por causa da minha muita teimosia e improbidade, já que, tendo-te desprezado tantas vezes e abandonando, desiludi-te, frente à tua tão grande benignidade e piedade.

Mas eis que me reconforta o testemunho da vossa bondade, a verdade, ao dizer que vós, os santos e os bem-aventurados anjos de Deus ficais alegres

Peccator sum, confiteor, sed iam nunc, peccati penitens, penitentiam agere paratus sum.

Suscipe queso confessionis mee humilitatem, humilitatis satisfactionem, penitencie lacrimas. Suscipe hanc, quam tibi supplex offero, et offer illam altissimo patri, cuius semper faciem uides<sup>10</sup>, et reporta mihi reconciliationis et uenie effectum.

Iam bonum mihi est tecum esse, tecum ire, tecum sermocinari. Fac me tu audire uocem tuam. Nuntia mihi; angelus enim es, idest nuntius. Nuntia ergo mihi in aure interiori nuntium desiderabilem, nuntium saluationis mee.

Nuntia mihi bona celestis patrie, diuitias superne illius ciuitatis, gloriam regis eius et regnantium in ea.

Nuntia *mihi*, regina celorum, regis celestis uirgo *mater* – a dextris ipsius mira honorificentia assistens cum omni honore et reuerentia, nominanda domina sancta Maria, – quantam sua incomparabili pulcritudine et gloria cunctis celi ciuibus prebeat admirationem quantumue *spectaculum*.

Nuntia mihi quam misericorditer mater ipsa misericordie misericordissimum illum filium suum pro miseris mortalibus interpellat.

Nuntia mihi quam mirabiliter piissimo suo aspectu totam illam ciuitatem dei letificet<sup>11</sup> nostrique peregrinationis releuet pondus.

Nuntia mihi quam miro ordine uos, beati angelici spiritus, regi regum Christo domino semper assistatis, semper in eum propter *suam* immensam et singularem pulcritudinem prospicere desiderantes<sup>12</sup> et semper desiderabiliter prospicientes.

Nuntia mihi cum quanta gloria circa summum iudicem Christum iudex sedeat apostolorum numerus<sup>13</sup>. Nuntia mihi quam splendidis coronis ante imperatorem suum beatorum martyrum resplendeat uictor exercitus. Nuntia mihi quam decore amicti ornatu et quam magnifice stola glorie induti summo pontifici assistant ministri eius, confessores sancti quos amauit et ornaui<sup>14</sup>, quos primo super ecclesiam suam et postmodum super omnia bona sua constituit<sup>15</sup>. Nuntia mihi quam dulcia cantica coram sponso sue uirginitatis et uirgine matre

10 Mt. XVIII, 10.

11 Ps. XLV, 5.

12 I Pet. I, 12.

13 Etc. Cântico *Te Deum*.

14 Versiculo litúrgico *Amauit eum*, etc., tomado de Eccli. XLV.

15 Mt. XXIV, 47.

sempre que o pecador fizer penitência. Sou pecador, confesso, mas já agora, arrependido do pecado, estou preparado para fazer penitência.

Acolhe, por favor, a humildade da minha confissão, a satisfação da minha humildade e as lágrimas da penitência. Acolhe esta, que eu, suplicante, a ti ofereço e oferece-a tu ao altíssimo pai, cuja face estás sempre a contemplar, e conta-me o efeito da reconciliação e do perdão.

Já é bom para mim [poder] estar contigo, ir contigo e contigo conversar. Permite tu que eu ouça a tua voz. Anuncia-me, pois és um anjo, ou seja, um mensageiro. Portanto, anuncia-me ao ouvido interior a mensagem apetecível, mensagem da minha salvação.

Anuncia-me os bens da pátria celeste, as riquezas da famosa cidade celeste, glória do seu rei e dos que nela reinam.

Anuncia-me quanta admiração ou quanto espectáculo, por sua incomparável beleza e glória, a rainha dos céus, virgem mãe do rei celeste presenteia a todos os habitantes do céu – ela que está com admirável dignidade à Sua direita, honrosa e reverentemente, devendo ser chamada Senhora Santa Maria. Anuncia-me quão misericordiosamente a mesma mãe da misericórdia interpela o seu misericordiosíssimo filho em favor dos infelizes mortais.

Anuncia-me quão admiravelmente ela alegre, pela sua piíssima consideração, toda a famosa cidade de Deus e alivia o peso da nossa peregrinação.

Anuncia-me com que admirável ordem vós, ó bem-aventurados espíritos angelicais, sempre assistis ao rei dos reis, Cristo Senhor, sempre desejando contemplá-Lo por causa da sua imensa e singular beleza e contemplando-o sempre ardentemente.

Anuncia-me com quanta glória o juiz, que é o número dos apóstolos, se senta à volta do supremo juiz, Cristo. Anuncia-me com quantas coroas resplandecentes o vitorioso exército dos bem-aventurados mártires resplandece frente ao seu imperador. Anuncia-me com que decoro os seus ministros, santos confessores, revestidos pelas suas vestes, e quão magnificamente adornados pela estola da glória, assistem ao supremo pontífice – ministros que ele amou e ornamentou, que estabeleceu primeiramente sobre a sua igreja e depois sobre todos os seus bens. Anuncia-me quão doces cantos o que se veste de branco, que é o coro das virgens santas, canta frente ao esposo da sua virgindade e frente à sua virgem mãe.

eius candidatus decantet sanctarum uirginum chorus. Nuntia mihi quantum in illo omnium sanctorum beato et glorioso conuentu est gaudium, quanta leticia, quanta pax, quanta caritas, quanta gloria, quanta beatitudo, quanta sufficientia – quibus est deus omnia in omnibus<sup>16</sup>.

Hec, te nuntiante et me intus audiente, per totam uite huius uiam occupent, ut nullum in me maligni suggestio spiritus inueniat locum.

Illud denique summo opere atque omni supplicatione *deprecor*: ut in extrema peregrinationis mee hora sensum meum, fidem atque memoriam integram inuiolatamque custodias, quatinus, qui bonus per uiam comes extiteris, circa finem uite me non deseras, sed animam leniter suscipiens, et ab hostibus qui tunc acrius insistunt potenter defendens, misericordie redemptoris saluandam offeras in celis, ubi tecum et cum omnibus sanctis uisionis eius perpetua et sola beatitudine perfrui merear: ipso prestante cui cum patre et spiritu sancto una est diuinitas, equalis gloria, coeterna maiestas. Amen.

16 I Cor. XV, 28.

Anuncia-me quanto gáudio existe na bem-aventurada e gloriosa assembleia de todos os santos, quanta alegria, quanta paz, quanta caridade, quanta glória, quanta felicidade, quanta suficiência – pelas quais Deus é tudo em todos.

Que tudo isto, anunciando tu e ouvindo eu no meu íntimo, ocorra ao longo de todo o caminho desta vida, de tal forma que a instigação do espírito maligno não encontre qualquer lugar em mim.

Por fim, eu suplico com o maior esforço e com toda a súplica o seguinte: que na derradeira hora da minha peregrinação tu defendas os meus sentidos, a minha fé e memória, íntegra e inviolada, de forma que, tu que te revelas bom companheiro pela estrada, não me abandones até ao fim da vida; pelo contrário, amparando suavemente a alma e defendendo-a destemidamente dos inimigos (os quais agora atacam mais energicamente), ofereças nos céus, à misericórdia do redentor, a que deve ser salva, onde eu mereça gozar contigo e com todos os santos a perpétua e única bem-aventurança da Sua visão – com a garantia Dele, o qual com o Pai e o Espírito Santo forma uma só divindade, de igual glória e coeterna majestade. *Ámen.*





# GLOSSÁRIO

## Siglas

Para a elaboração deste glossário recorreremos às fontes bibliográficas seguintes, citadas pelas siglas respetivas:

- VIEIRA VIEIRA, Fr. Domingos, *Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa*, 5 volumes, Porto: Ernesto Chardron & Bartholomeu de Moraes, 1871-1874.
- MACHADO MACHADO, José Pedro, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 volumes 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa: Livros Horizonte., 1977.
- NUNES NUNES, Irene Freire, «Glossário», in *A Demanda do Santo Graal*. 2.<sup>a</sup> edição, revista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 541-584.
- LORENZO LORENZO, Ramón, *Sobre cronologia do vocabulário Galego-Português (Anotações ao 'Dicionário etimológico' de José Pedro Machado)*. Vigo: Editorial Galaxia, 1968.

## Abreviaturas

- Adj. Adjectivo  
Adv. Advérbio  
Loc. adv. Locução adverbial  
Loc. v. Locução verbal  
Loc. prep. Locução prepositiva  
Part. Participípio  
Part. p. Participípio presente  
Part. pass. Participípio passado  
S. f. Substantivo feminino  
S. f. pl. Substantivo feminino plural  
S. m. Substantivo masculino  
S. m. pl. Substantivo masculino plural  
V. Verbo  
V. refl. Verbo reflexo

· A ·

**aas** – S. f. – ver *alas*.

**abetar** – V. – embotar; enganar. Do lat. *habetare*, através do francês ant. *abeter* (MACHADO, I, 1977, p. 36).

**abisso** – S. m. – abismo.

**abstença** – S. f. – abstinência.

**acalçar** – V. – alcançar (VIEIRA, I, 1873, p. 52).

**acídia** – acédia. Melancolia profunda e desesperada, langor místico; negligência; desgosto, indiferença (VIEIRA, I, 1873, p. 85; MACHADO, I, 1977, p. 65).

**acidioso** – Adj. – sem vontade; indiferente (MACHADO, I, 1977, p. 65).

**ader** – V. – acrescentar, juntar. Do lat. *addere* (MACHADO, I, 1977, p. 102).

**adobas** – S. f. – grilhões (para os pés e pernas dos prisioneiros). *Adova* é um tijolo pesado: do árabe *AD-TOB*, telha, origem de *adobe*, tijolo misturado com palha (NUNES, *Demanda*, p. 542).

**acaecimento** – S. m. – acontecimento, evento, facto, sucesso (VIEIRA, I, 1871, p. 51 e 516).

**acerca** – Adv. – perto, junto, vizinho, próximo; quase; proximamente, imediatamente (VIEIRA, I, 1871, p. 89).

**acidioso** – Adj. – termo teológico para designar o que está atacado pela doença da *acídia*, ou que vive em pecado de *acídia* (VIEIRA, I, 1871, p. 101). Sem vontade; indiferente (MACHADO, I, 1977, p. 65).

**acorrimento** – S. m. – auxílio, amparo, socorro (VIEIRA, I, 1871, p. 80).

**aderençar** – V. – dirigir; encaminhar (VIEIRA, I, 1871, p. 151).

**adur** – Adv. – custosamente, dificultosamente; apenas (VIEIRA, I, 1871, p. 175).

**aduzer, aduzir** – V. – conduzir para, levar a; atrair, chamar a si. Do lat. *adducere* (MACHADO, 1977, I, p. 120).

**afazer** – V. – acostumar, habituar (VIEIRA, I, 1871, p. 190).

**aficadamente** – Adv. – afincadamente, instantemente, continuamente, diligentemente (VIEIRA, I, 1871, p. 202).

**aficamento** – S. m. – empenho, diligência, solicitude, eficácia, instância (VIEIRA, I, 1871, p. 202).

**afortalezar** – V. – fortalecer, fortificar (VIEIRA, I, 1871, p. 210).

**afortelegar** – V. – ver *afortalezar*.

**aguçoso** – Adj. – diligente, apressado, lesto, expedito (VIEIRA, I, 1871, p. 244).

**aguiom** – S. m. – Aquilão: norte.

**alas** – S. f. – asas. Do lat. *ala*, «asa» (sentidos próprio e figurado), era usado sobretudo no plural (MACHADO, 1977, I, p. 22).

**al de menos** – Loc. Adv. – ao menos, pelo menos (VIEIRA, I, 1871, p. 286).

**amavias** – S. f. pl. – poções mágicas, filtros de amor; beberagem que se acreditava ter o poder de despertar o amor (VIEIRA, I, 1871, p. 360).

**amerger** – V. – mergulhar; afundar (MACHADO, I, 1977, p. 231).

**amezinhar** – V. – curar; dar remédio (VIEIRA, I, 1871, p. 371).

**amoestar** – V. – admoestar. Advertir, avisar; aconselhar (VIEIRA, I, 1871, p. 377).

**ancho** – Adj. – largo, espaçoso, amplo, vasto (VIEIRA, I, 1871, p. 405).

**angosto** – Adj. – angusto. Estreito, apertado; limitado (VIEIRA, I, 1871, p. 420).

**aposto** – Adj. – ornado; composto; formoso; de bela presença ou figura (VIEIRA, I, 1871, p. 494).

**apostura** – S. f. – gentileza, garbo, donaire, elegância, graça, pujança (VIEIRA, I, 1871, p. 495).

**apremer** – V. – apertar, comprimir; oprimir. Em sentido figurado: vexar, molestar (VIEIRA, I, 1871, p. 504).

**apremudo** – Part. pass. de *apremer* – oprimido. Figuradamente: vexado.

**aprender-se** – V. refl. – prender-se; apegar-se.

**apressado, apresso**, – Part. pass. de *apressar* e Adj. – oprimido, apertado (VIEIRA, I, 1871, p. 509).

**apreste** – Adj. – pronto, preparado.

**aprestes** – Adv. – prontamente, rapidamente (VIEIRA, I, 1871, p. 509).

**aquecimento** – S. m. – ver *acaecimento*.

**aquinhoeiro** – Adj. – quinhoeiro. Que tem quinhão, que participa; que é comparte (VIEIRA, V, 1874, p. 56).

**ardecer** – V. – começar a arder.

**arraiar** – V. – iluminar; esclarecer (VIEIRA 1871, I, p. 564).

**arreal** – S. m. – arraial. Lugar para onde se concorre em romaria (VIEIRA, I, 1871, p. 564).

**arvidro** – S. m. – arbítrio.

**aspeço** – Adj. – espesso; cerrado.

**asseitamento** – S. m. – embuste, cilada, armadilha; tentação; assalto (VIEIRA, I, 1871, p. 612).

**asseitar** – V. – perseguir, assediar; armar ciladas (MACHADO, I, 1977, p. 334).

**assumadamente** – Adv. – juntamente, em companhia (VIEIRA, I, 1871, p. 623).

**atalaiador** – S. m. – vigia, sentinela, guarda (VIEIRA, I, 1871, p. 632-633).

**atanger** – V. – ver *tanger*.

**aucídia** – S. f. – acídia. Ver *acédia*.

**austença** – S. f. – abstinência; temperança.

**autivo** – Adj. – ativo.

**auto** – Adj. – apto (VIEIRA, I, 1871, p. 665).

**avariza** – S. f. – o mesmo que *avarícia*; avareza (VIEIRA, I, 1871, p. 672).

**avessia** – S. f. – aversia, derivado de *avesso* = «adversário» (NUNES, p. 547). Maldade; acto inspirado pelo diabo; aversão, oposição, animosidade (VIEIRA, I, 1871, p. 677).

**avindiço** – Adj. – adventício. Que vem de fora, do estrangeiro. Do lat. *adventiciu* (MACHADO, I, 1977, p. 121 e358).

**avir** – V. – advir; acontecer.

**avolto** – Adj. – revoltado; revoltoso (VIEIRA, I, 1871, p. 683).

**avolvimento** – S. m. – alvoroço, revolta, gritaria (VIEIRA, I, 1871, p. 683).

**avondar** – V. – satisfazer; bastar (VIEIRA, I, 1871, p. 683).

**avondoso** – Adj. – o mesmo que *abundoso*; abastado, abonado, bastante (VIEIRA, I, 1871, p. 683).

**az** – S. f. – força penetrante, penetração; parte aguda, ponta; linha de soldados, linha de batalha; auge do combate, combate. Do lat. *acie* (MACHADO, I, 1977, p. 360), ou *ala* (VIEIRA, I, 1873, p. 687).

#### · B ·

**banda** – S. f. – bando; grupo de pessoas (MACHADO, I, 1977, p. 383; VIEIRA, I, 1873, p. 717).

**basilisco** – S. m. – serpente fabulosa, com três coroas na cabeça, ou círculos brancos, que matava com a vista, com o bafo ou com o contacto, mesmo depois de morta (VIEIRA, I, 1873, p. 738).

**berilo** – S. m. – pedra preciosa semelhante ao cristal; julgava-se que era o diamante para os antigos (VIEIRA, I, 1871, p. 759).

**bisso** – S. m. – linho muito fino da Índia. Do grego *byssos*, recebido pelo lat. *byssu*– (MACHADO, 1977, I, p. 435).

**bonsar** – V. – bolçar; vomitar muitas vezes e abundantemente (MACHADO, I, p. 445 e 449).

**brandeza** – S. f. – o mesmo que *brandura*; doçura, afabilidade, bondade (VIEIRA, I, 1873, p. 815-816).

· C ·

**ca** – conjunção – porque.

**cadafais** – S. m. – pl. *cadafaises*. Cadafalso. A forma *cadafais* parece próxima do provençal *cadafals* (MACHADO, II, 1977, p. 20).

**cajão** – S. m. – dano; desgraça, queda, ruína (VIEIRA, II, 1873, p. 34).

**cales** – S. m. – cálix ou cálice. Vaso para beber.

**cambar** – V. – cambiar; mudar, trocar (VIEIRA, II, 1873, p. 62).

**canaveia** – S. f. – cana (MACHADO, II, 1977, p. 49).

**cárdeo** – Adj. – da cor do cardo, roxo (VIEIRA, II, 1873, p. 107).

**catar** – V. – ver; olhar. Do lat. *captare* (VIEIRA, II, 1873, p. 142).

**caselinha** – S. f. – diminutivo de *casela*; cabana pequena. Do lat. *casella* (MACHADO, II, 1977, p. 89).

**cavidar** – V. – acautelar; prevenir; evitar. Do lat. *cavitare* (VIEIRA, II, 1873, p. 156).

**celestial** – Adj. – celestial; celeste.

**chanto** – S. m. – choro, pranto. Do latim *plancto* (MACHADO, II, 1977, p. 130).

**chufa** – S. f. – zombaria; mofa (VIEIRA, II, 1873, p. 223).

**covro** – S. m. – o mesmo que *cobro* ou *cobrelo*; espécie de serpente (VIEIRA, II, 1873, p. 259 e 261).

**comesto** – comido. Do latim *comestu-*, participio pass. de *comedere* (MACHADO, II, 1977, p. 191).

**competras** – S. f. – completas; a última das sete horas canónicas (VIEIRA, II, 1873, p. 352).

**compremer** – V. – comprimir; conter; reprimir.

**comprir** – V. – encher, em sentido figurado (VIEIRA, II, 1873, p. 363-364).

**condir** – V. – temperar; confeccionar. Do lat. *condire* (VIEIRA, II, 1873, p. 388).

**consirar** – V. – considerar.

**concordável** – Adj. – concordável; conciliável.

**contender** – V. – disputar, pleitear (VIEIRA, II, 1873, p. 457).

**contorvar** – V. – conturbar, perturbar.

**convença** – S. f. – o mesmo que *conveniência* – utilidade, interesse, comodidade.

**convinhável** – Adj. – conveniente.

**cordo** – Adj. – prudente, sensato, ajuizado; avisado, sagaz (MACHADO, 1977, II, p. 228 e 229).

**cras** – Adv. – amanhã. Do advérbio latino *cras* (MACHADO, II, 1977, p. 247).

**credeiro** – Adj. – crédulo, crente (VIEIRA, II, 1873, p. 626).

**cruével** – Adj. – cruel. Da família etimológica de *cruevildade* (VIEIRA, II, 1873, p. 647).

**cuidoso** – Adj. – pensativo; oprimido de cuidados (VIEIRA, II, 1873, p. 660).

· D ·

**defalecer** – V. – desfalecer. Fazer falta, não estar em número ou quantidade suficiente; diminuir; enfraquecer, perder as forças (VIEIRA, II, p. 880).

**deleixado** – Adj. – descuidado, ocioso, frouxo, tíbio, remisso.

**delongar** – V. – retardar, adiar (VIEIRA, II, p. 756).

**demandar** – V. – pedir, exigir, requerer (VIEIRA, II, p. 763).

**demões** – S. m. – plural de *demo*; demónios. Do greg. *daimon* (MACHADO, II, 1977, p. 299).

**deostar** – V. – rebaixar; degradar (MACHADO, II, 1977, p. 303).

**deosto** – S. m. – doesto. Desonra, rebaixamento (MACHADO, II, 1977, p. 303).

**departir** – V. – distribuir, dividir; demarcar, extremar, apartar (VIEIRA, II, p. 775).

**derriçar** – V. – puxar com os dentes; dilacerar (VIEIRA, II, p. 792).

- desolundo** – o mesmo que *desoluto*, Participípio pass. irregular de *desolver* – dissolvido; desatado.
- despeitado** – Participípio pass. de *despeitar* – tratado com despeito.
- despensaçom** – S. f. – dispensação; acção de dispensar, de dar, ou conceder dispensa; de isentar de obrigação, lei, voto; dispensa (VIEIRA, II, p. 1057).
- desperar** – V. – desesperar, perder a esperança (VIEIRA, II, p. 926).
- destalho** – S. m. – pedaço, porção cortada duma peça de pano (VIEIRA, II, 1873, p. 946).
- desum; dessum** – Adv. – juntamente, em sociedade (VIEIRA, II 1873, p. 946 e 958).
- diago** – S. m. – diácono (VIEIRA, II 1873, p. 1009).
- dirriçar** – V. – derriçar. Puxar com os dentes para rasgar, como os animais carnívoros (VIEIRA, II, 1873, p. 792).
- doairo** – S. m. – rosto, semblante, vulto (VIEIRA, II 1873, p. 1099).
- dobrez** – S. f. – falta de sinceridade; dissimulação; duplicidade, falsidade vulto (VIEIRA, II, 1873, p. 1103).
- doesto** – S. m. – ver *deosto*.
- dooroso** – ver *doroso*.
- dormidoso** – Adj. – ensonado, sonolento.
- doroso** – Adj. – doloroso; condoído. Do lat. *dolorosu* (MACHADO, II, 1977, p. 358).
- du** – Adv. — donde (VIEIRA, II, 1873, p. 1141).
- E ·
- eisiminar** – V. – examinar.
- emader** – V. – ver *ader*.
- emalhear** – V. – alhear, alienar (VIEIRA, III, 1873, p. 43).
- empachar** – V. – prender em armadilha. Do lat. tardio *impedicare* (MACHADO, II, 1977, p. 390).
- empeçoamento** – S. m. – ver *empeçonhamento*.
- empeçonhamento** – S. m. – corrupção com peçonha; envenenamento.
- empuxar** – V. – impedir; empurrar (VIEIRA, III, 1873, p. 98).
- enader** – ver *emader*.
- enduzer** – V. – persuadir; aliciar, atrair (VIEIRA, III, 1873, p. 130).
- enfamento** – S. m. – infâmia. Derivado do verbo *enfamar*.
- ennovador** – S. m. – inovador. Renovador; reformador (VIEIRA, III, 1873, p. 155 e 1116).
- enquerer** – V. – inquirir; averiguar ou examinar cuidadosamente (VIEIRA, III, 1873, p. 157 e 1118).
- entejar** – V. – ter fastio, entejo, aversão a alguma coisa. Do lat. *intædio* (VIEIRA, III, 1873, p. 168).
- entrepeçar** – V. – tropeçar (VIEIRA, III, 1873, p. 194).
- enxemplo** – S. m. – exemplo.
- enxudreiro** – S. m. – lodaçal onde os porcos se revolvem (VIEIRA, III, 1873, p. 208).
- enquerer** – V. – inquirir (VIEIRA, III, 1873, p. 157).
- er** – Adv. – pelo contrário, aliás; além disso, também (VIEIRA, III, 1873, p. 226).
- esbafarido** – Adj. – esbaforido; ofegante, ao ponto de não poder falar.
- escabralhado** – Adj. – escabreado; imundo, esqualido. Derivado de *cabra*.
- escarnidor** – Adj. – escarnecedor; trocista. De *escarnir+dor* (VIEIRA, III, 1873, p. 258).
- escoimado** – Adj. – livre (de coima). Que tem entendimento livre de erros; desabrido.
- escudrinhar** – V. – esquadrinhar. Do lat. *scrutinare* (MACHADO, II, 1977, pp. 445 e 471). Investigar, especular, buscar com diligência (VIEIRA, III, 1873, p. 367).

**esguardar** – V. – atender, observar, considerar (VIEIRA, III, 1873, p. 305).

**esmar** – V. – estimar, presumir (MACHADO, II, 1977, p. 49).

**espécia** – S. f. – qualquer das drogas aromáticas ou condimentos com que se adubam os manjares (VIEIRA, III, 1873, p. 325).

**espiraçom** – S. f. – inspiração (VIEIRA, III, 1873, p. 352); sopro (MACHADO, II, 1977, p. 466).

**esseentar** – V. – ver *asseitar*.

**esterramento** – S. m. – desterro; exílio.

**estorvinhado** – Adj. – estremunhado; atordado.

**estragoso** – Adj. – depravado.

**estrangimento** – S. m. – ranger (os dentes).

**estrar** – V. – estender no chão; espalhar. Do latim vulgar \**strare*, de *stratu-*, «estendido», Particípio pass. de *sternere* (MACHADO, II, 1977, p. 492).

**estrangimento** – S. m. – ver *estrangimento*.

**expolir** – V. – polir; dar lustro. Do lat. *expolire* (MACHADO, II, 1977, p. 518).

**extorcer** – V. – extorquir; tirar à força (VIEIRA, III, 1873, p. 535).

· F ·

**falsura** – S. f. – aleivosia; má-fé (VIEIRA, III, 1873, p. 577).

**fastédio** – S. m. – fastio; enfado, aborrecimento. Do lat. *fastidii* (VIEIRA, III, 1873, p. 595).

**femença** – S. f. – firmeza, veemência. Do lat. *vehementia* (MACHADO, III, 1977, p. 33).

**fiúza** – S. f. – fidiúcia; fé, confiança. Do lat. *fiducia* (VIEIRA, III, 1873, p. 703; MACHADO, 1977, III, p. 58).

**folgança** – S. f. – repouso, descanso, prazer (VIEIRA, III, 1873, p. 720).

**folgura** – S. f. – folgança; quietação, descanso (VIEIRA, III, 1873, p. 721).

**fornaça** – S. f. – fornalha (VIEIRA, III, 1873, p. 745).

**furado** – S. m. – buraco (VIEIRA, III, 1873, p. 805).

· G ·

**gaançar** – V. – ganhar, obter, alcançar. Do latim tardio *ganantia* (MACHADO, III, 1977, p. 109).

**gabo** – S. m. – orgulho, jactância, altivez; elogio, louvor (VIEIRA, III, 1873, p. 816).

**gargantoíce** – S. f. – gula (VIEIRA, III, 1873, p. 836).

**graadeza** – S. f. – graduação; posição. Do lat. *gradu* (MACHADO, III, 1977, p. 169).

**graveza** – S. f. – pesadume, dificuldade; gravame, opressão (VIEIRA, III, 1873, p. 919).

**goivo** – S. m. – gáudio; contentamento, prazer, alegria. Do lat. *gaudiu* (VIEIRA, III, 1873, p. 878).

**guardar** – V. – ter cuidado, vigiar; defender (VIEIRA, III, 1873, p. 935-936).

**guisa** – S. f. – modo, forma, maneira (VIEIRA, III, 1873, p. 944).

**guisamento** – S. m. – preparação da comida ao lume; cozinhado (VIEIRA, III, 1873, p. 945).

· I ·

**índio** – Adj. – ver *índigo*.

**índigo** – Adj. – anil; azul intenso.

**inflamento** – S. m. – inchaço; vanglória. Derivado de *inflar*.

· J ·

**jajunamente** – Adv. – jejunamente, oca-mente. Derivado de *jejuno*, que designa a parte do intestino delgado entre o duodeno e o íleo e tem esta designação por não haver nele alimento algum (VIEIRA, III, 1873, p. 1199).

**jalne** – Adj. – amarelo intenso; cor do ouro (VIEIRA, III, 1873, p. 1188-1189).

## · L ·

**lavamento** – S. m. – ato de lavar, lavagem (VIEIRA, III, 1873, p. 1272).

**lembro** – S. m. – membro; membro viril.

**linguaz** – Adj. – linguaraz. Pessoa amiga de contar tudo, linguareiro, falador (VIEIRA, III, 1873, p. 1321).

**levantado** – Particípio pass. de *levantar* – rebelado, que se levantou contra o senhor, chefe, rei, superior (VIEIRA, III, 1873, p. 1294).

**livridom** – S. f. – liberdade (VIEIRA, III, 1873, p. 1329).

**logo** – S. m. – lugar, localidade; morada, residência (VIEIRA, III, 1873, p. 1333).

— *em logo de* – Loc. prep. – em lugar de.

**louvadoiro** – Adj. – digno de louvor, que merece ser louvado.

**luxar** – V. – sujar, manchar (MACHADO, III, 1977, p. 453).

## · M ·

**maaes** – S. m. – forma antiga do plural *males* (VIEIRA, IV, 1873, p. 6).

**maginar** – V. – imaginar (VIEIRA, IV, 1873, p. 25).

**mancebia** – S. f. – idade de mancebo, idade juvenil; juventude (VIEIRA, IV, 1873, p. 70).

**melos** – S. m. pl. – os membros, o corpo inteiro (MACHADO, IV, 1977, p. 98).

**mesteirice** – S. f. – necessidade; pobreza (cf. *mesteiroso* in VIEIRA, IV, 1873, p. 218).

**miscrar** – V. – mesclar; misturar.

**miscra** – S. f. – mescla; mistura.

**miscrador** – Adj. – enredador, intriguista (VIEIRA, IV, 1873, p. 262).

**modorno** – Adj. – modorrento, sonolento; apático.

**morsegar** – V. – morder. Do lat. *morsicare* (MACHADO, IV, 1977, p. 169).

**mossegar** – V. – ver *morsegar*.

**mures** – S. m. pl. – ratos (VIEIRA, IV, 1873, p. 363).

## · N ·

**neceidade** – S. f. – o mesmo que *necedade*, *neicidade* ou *necedade*. Ignorância crassa; loucura; imprudência, temeridade (VIEIRA, IV, 1873, p. 427).

**nêicio** – Adj. – néscio; ignorante; louco (VIEIRA, IV, 1873, p. 427).

**nevooso** – Adj. – coberto de névoa; nevoento (MACHADO, IV, 1977, p. 210).

**nojar** – V. – agastar; danar.

**nojoso** – Adj. – danoso (VIEIRA, IV, 1873, p. 451).

**nuidade** – S. f. – nudez (MACHADO, IV, 1977, p. 226).

## · O ·

**osmando** – gerúndio de *osmar* – ver *esmar*.

**ousança** – S. f. – ousadia, audácia (VIEIRA, IV, 1873, p. 602).

## · P ·

**paadar** – S. m. – paladar, palato. Do lat. *palatate* (MACHADO, IV, 1977, pp. 275 e 282).

**palear** – V. – paliar; esconder, ocultar, dissimular.

**palreiro** – Adj. – falador; tagarela (VIEIRA, IV, 1873, p. 642).

**parar mentes** – Loc. V. – examinar atentamente; especular; atender (VIEIRA, IV, 1873, p. 660).

**parelho** – Adj. – igual, semelhante a outro (VIEIRA, IV, 1873, p. 667).

**passo** – Adv. – devagar; de manso; pausadamente; sem ruído (VIEIRA, IV, 1873, p. 699).

**peçoento** – Adj. – ver *peçonhento*.

**peçonhento** – Adj. – corrupto; venenoso.

**pelegrim** – S. m. – peregrino.

**pena** – S. f. – pena (VIEIRA, IV, 1873, p. 733).

**pendença** – S. f. – penitência (VIEIRA, IV, 1873, p. 733).

**perceber-se** – V. refl. – preparar-se, aparelhar-se (VIEIRA, IV, 1873, p. 747).

**percutir** – V. – ferir mortalmente (VIEIRA, IV, 1873, p. 747).

**perfaço** – S. m. – ver *posfaço*.

**perfiioso** – Adj. – porfiador; teimoso; pertinaz (VIEIRA, IV, 1873, p. 761 e 850).

**perlongar** – V. – dilatar, demorar, estender (VIEIRA, IV, 1873, p. 769).

**pero** – conjunção – porém, posto que, ainda que (VIEIRA, IV, 1873, p. 772).

**pongir** – V. – o mesmo que *pungir*; picar (VIEIRA, IV, 1873, p. 1024).

**porém** – Adv. – o mesmo que *por isso*, *pelo que* (VIEIRA, IV, 1873, p. 849).

**porende** – Adv. – por isso, por esta razão, por esta causa (VIEIRA, IV, 1873, p. 850).

**porretas** – S. f. pl. – alhos porros e respectivas folhas, a cujo guisado, caldo ou salada se deu este nome (VIEIRA, IV, 1873, p. 852).

**posfaço** – S. m. – *palavras de posfaço* = murmuração. Do lat. *post facie* (NUNES, *Demanda*, p. 573).

**postumaria** – S. f. – o tempo e as coisas que sucedem depois da morte de alguém (VIEIRA, IV, 1873, p. 864).

**preia** – S. f. – presa de guerra, despojos. Do lat. *praeda* (MACHADO, IV, 1977, p. 420).

**preito** – S. m. – pacto; concerto (VIEIRA, IV, 1873, p. 903).

**prema** – S. f. – constrangimento, opressão, força, violência (VIEIRA, IV, 1873, p. 905).

**premer** – V. – oprimir; apertar, comprimir (VIEIRA, IV, 1873, p. 906).

**propósito** – S. m. – propósito.

**preposto** – S. m. – prepósito (= chefe; dirigente). Do latim *praepositu* (MACHADO, IV, 1977, p. 424).

**pressa** – S. f. – aperto, opressão, afronta, trabalho (VIEIRA, IV, 1873, p. 921-922).

**previsto** – Part. pass. irregular de *prever* – acautelado, prudente, prevenido (VIEIRA, IV, 1873, p. 933).

**profaçador** – Adj. – murmurador.

**profaçar** – V. – o mesmo que *posfaçar*. Murmurar, maldizer (MACHADO, IV, 1977, 406; NUNES, *Demanda*, p. 573; LORENZO, 1968, p. 287).

**prol** – S. f. – proveito, utilidade (MACHADO, 1977, V, p. 439; VIEIRA, IV, 1873, p. 966).

**provência** – S. f. – o mesmo que *provença*. Província; terra de naturalidade (VIEIRA, IV, 1873, p. 997).

**provinco** – S. m. – propínquo; parente próximo (VIEIRA, IV, 1873, p. 1004).

· Q ·

**quebrantar** – V. – forçar; abater; abrandar, fazer ceder (VIEIRA, IV, 1873, p. 33-34).

**quejendo** – Adj. – o mesmo que *quejando*. Qual, tal que, de que qualidade (VIEIRA, V, 1874, p. 41).

**querelar-se** – V. refl. – queixar-se, lamentar-se (VIEIRA, V, 1874, p. 45).

**quite** – Adj. – apartado; desquitado (VIEIRA, V, 1874, p. 59).

· R ·

**rascar** – V. – raspar; arranhar (VIEIRA, V, 1874, p. 84).

**recudir** – V. – *re+acudir*. Retorquir; contrapor.

**reduzir** – V. – trazer; fazer voltar; reconduzir. Do lat. *reducere* (MACHADO, V, 1977, p. 59).

**refece** – Adj. – de baixo valor, barato (MACHADO, 1977, V, p. 59; VIEIRA, V, 1874, p. 145).



**reléu** – S. m. – resto, sobra (VIEIRA, V, 1874, p. 178).

**remimento** – S. m. – resgate; remissão, perdão (VIEIRA, V, 1874, p. 192).

**reparador** – S. m. – reparador. O que censura, repara, critica ou nota defeitos com frequência; o que repara, reforma, concerta alguma coisa (VIEIRA, V, 1874, p. 208).

**reversado** – Part. pass. de *reversar* – reversado; voltado em sentido contrário, do avesso. (MACHADO, 1977, V, p. 96).

**roaz** – Adj. – murmurador (VIEIRA, V, 1874, p. 315).

· S ·

**sages** – Adj. – sábio, prudente, honesto, sabedor (VIEIRA, V, 1874, p. 375).

**sagral** – Adj. – secular (VIEIRA, V, 1874, p. 376).

**salva** – S. f. – a acção de disparar a artilharia por festa ou honra militar. (VIEIRA, V, 1874, p. 388).

— *fazer salva* – Loc. V. – provar, mostrar a inocência.

**sandeu** – Adj. – insano, louco, mentecapto (VIEIRA, V, 1874, p. 399).

**sanhudo** – Adj. – irado, colérico; assanhado; saudoso (VIEIRA, V, 1874, p. 404).

**séda** – S. f. – sede, local de residência; assento.

**seer** – V. – estar, permanecer; estar sentado, sentar-se. Do lat. *sedere* (MACHADO, V, 1977, p. 183).

**segral** – S. m. – secular (VIEIRA, V, 1874, p. 439).

**segral** – Adj. – mundanal, terreno.

**segur** – S. f. – secure. Machado de combate (MACHADO, V, 1977, 169).

**semedeiro** – S. m. – ver *simideiro*.

**senho(s)** – Adj. – do lat. *singulos*, «um por um, um a cada um; cada um» (MACHADO, V, 1977, p. 178-179).

**sergente** – S. m. – servidor. Do lat. *serviente* (MACHADO, V, 1977, pp. 162 e 184).

**sestre** – Adj. – sestro, esquerdo. Do lat. *sinistru* (MACHADO, V, 1977, p. 189).

**simideiro** – S. m. – semideiro; atalho; careiro, caminho estreito (VIEIRA, V, 1874, p. 466).

**significação** – S. f. – significação (VIEIRA, V, 1874, p. 532).

**sirgo** – S. m. – seda (VIEIRA, V, 1874, p. 534).

**sobervoso** – Adj. – soberbo (VIEIRA, V, 1874, p. 545).

**soborrvalho** – S. m. – *bolo de soborrvalho*; cozido debaixo do borralho e não em forno (VIEIRA, V, 1874, p. 547).

**sobreventa** – S. f. – sobressalto, vinda inesperada. (VIEIRA, V, 1874, p. 556).

— *de sobreventa* – Loc. Adv. – inesperadamente, sem aviso.

**sobrepujar** – V. – exceder, ser superior (VIEIRA, V, 1874, p. 555).

**soer** – V. – costumar; ter por costume (VIEIRA, V, 1874, p. 563).

**solaz** – S. m. — prazer, alívio (VIEIRA, V, 1874, p. 570).

**supernal** – Adj. – superno, superior (VIEIRA, V, 1874, p. 630).

**suso** – Adv. – acima; d'antes (VIEIRA, V, 1874, p. 639).

**suspenso** – Adj. – suspenso.

· T ·

**talante** – S. m. – gosto, desejo, vontade (VIEIRA, V, 1874, p. 664).

**tangimento** – S. m. – toque, contacto (VIEIRA, V, 1874, p. 673).

**talhador** – S. m. – prato grande; prato, geralmente de pau, sobre que se trincha os alimentos (VIEIRA, V, 1874, p. 666 e 821).

**talhar** – V. – cortar (VIEIRA, V, 1874, p. 666).

**tanger** – V. – tocar; atingir, alcançar (VIEIRA, V, 1874, p. 672).

**tangimento** – S. m. – toque, contacto (VIEIRA, V, 1874, p. 673).

**tardinho** – Adj. – remisso, frouxo, vago-roso (VIEIRA, V, 1874, p. 681).

**temporemente** – Adv. – tardiamente, tarde.

**tendilhão** – S. m. – tenda de campanha, pavilhão (VIEIRA, V, 1874, p. 699).

**ter** – V. – possuir; haver; sustentar, defender.

**ter mentes** – Loc. V. – atentar; estar atento (VIEIRA, IV, 1873, p. 205).

**topaça** – S. f. – topázio.

**topo** – S. m. – o remate, a última parte onde termina alguma coisa; encontro, choque (VIEIRA, IV, 1873, p.764).

**torto** – S. m. – maldade; erro (MACHADO, V, 1977, p. 318).

**trapeira** – S. f. – espécie de alçapão no telhado, para dar luz e ar à casa (VIEIRA, V, 1874, p. 794).

**trásfego** – S. m. – negócio (VIEIRA V, 1874, p. 784 e 795).

**trefigurado** – Part. pass. de *trefigurar* – transfigurado.

**tremedoiro** – Adj. – tremedor, que treme.

**trevoso** – Adj. – tenebroso (VIEIRA, V, 1874, p. 814).

**trigança** – S. f. – pressa (VIEIRA, V, 1874, p. 818).

**trigoso** – Adj. – apressado, rápido (VIEIRA, V, 1874, p. 819).

· U ·

**u** – Adv. – onde (VIEIRA, V, 1874, p. 853).

**untar** – V. – ungir.

· V ·

**vaguejamento** – S. m. – divagação, devaneio.

**vaguejar** – V. – vaguear; divagar, devanear.

**ventoso** – Adj. – caprichoso; vão, vazio (MACHADO, V, 1977, p. 385).

**veraom** – S. m. – a estação que se segue ao inverno, primavera (VIEIRA, V, 1874, p. 910).

**verça** – S. f. – horta; arbustos, verduras. Do lat. *viridia* (MACHADO, V, 1977, p. 387).

**vermeoso** – Adj. – infestado com vermes.

**vianda** – S. f. – alimento; coisa de comer (VIEIRA, V, 1874, p. 935).

**vigrávil** – Adj. – o mesmo que *vigorável*. Vigoroso, fortalecido.

**virgeu** – S. m. – horto ameno de recreio onde existem jardins (VIEIRA, V, 1874, p. 962 e 918).

**visco** – S. m. – grude vegetal com que os caçadores untam as varas para prenderem as aves que nelas pousam (VIEIRA, V, 1874, p. 966).

**vivenda** – S. f. – comportamento (VIEIRA, V, 1874, p. 976).

**vogado** – S. m. – advogado (VIEIRA, V, 1874, p. 987).

## ÍNDICE ONOMÁSTICO<sup>1</sup>

- Abraão [Abraom], 116, 117  
Acepsena [Accessanas], eremita, 130  
Adão [Adam], 115, 116  
Adólio, 126  
Afraates, ermitão, 130  
Agostinho, santo, 87-88, 120, 131, 132, 134, 135  
Alexandre [Magno], 156, 157, 158  
Ambrósio, santo, 67, 68, 132, 133, 134, 151  
Amom, 125  
Amónio, 126  
António [Antam; Antom] eremita, santo, 124, 125  
António Pio, imperador, 166  
Apolinis, ermitão, 129  
Aristóteles [Aristótilis], 111, 160  
Arnulfo, bispo de Metz, 149  
Arquitas de Tarento [filósofo tarentino], 82  
Arsénio, abade, 126  
Augusto, César [César Augusto], 61, 165
- Bardasanes [Bandasines], sábio da Babilónia, 158  
Basílio, são, 131, 135, 136  
Baltasar, rei, 210
- Belial, 127  
Bento, são, 141, 142, 143, 150  
Bernardo [Barnardo], são, 53, 54, 69, 148, 149  
Brásio, mártir, 144
- Calânio, brâmane, 155  
Calredo, 55  
Carlo Magno [grã Carlo], 150  
Carlöniano [Carlomano], filho de Carlos Martel, 150  
Ceumácio, 130  
Cícero, Marco Túlio [Cicerom; Ciceram], 50, 58, 120, 145, 146, 147, 161, 173  
Cipião Africano [Cipiom], 164, 165  
Cipião Emiliano, 164  
Cipriano, mártir, 144  
Claudiano, 195  
Constantino, imperador, 132  
Cristo, *vide* Jesus  
Crónio, monge, 177
- Dardano; Dâdamo [Dandamus], brâmane, 156, 157  
David, Rei, 17, 29, 122

1 Incluem-se apenas os nomes citados no *Bosco Deleitoso*.

- Demétrio, filósofo, 160  
 Demóstenes, 147  
 Dídimo, 130  
 Diocleciano, imperador, 165-166  
 Domiciano, abade nas proximidades de Lyon, 150  
 Doroteu, 125
- Efrém, 126  
 Egídio, eremita, 144  
 Egídio, santo, *vide* Remígio  
 Elias, monge, 129  
 Elias, profeta, 103, 118, 119  
 Eliseu, profeta, 119  
 Elpídio, 126  
 Epifano, ermitão, 129  
 Estêvão [Estêvam], santo e mártir, 126  
 Euquero [Eutero], bispo de Lyon, 149  
 Eutiquiano, papa, 129  
 Evágrio, 126
- Florentino [Frorentino], 141  
 Francisco de Assis, são, 142, 143  
 Francisco [Petrarca; nobre solitário], 32, 36, 37, 40, 41, 42, 45, 46, 49, 50, 51, 56, 59, 62, 63, 64, 66, 71, 85, 103, 105, 109, 114, 115, 119, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 155, 161, 162, 166, 170, 172, 175, 177, 178, 179, 197
- Gerardo, irmão de S. Bernardo, 148  
 Gregório, Papa, 69, 139, 140  
 Gregório Nazianzeno [Nazareno], 136  
 Guilherme [Guilhelmo] de Malaval, 145  
 Guilherme [Guilhelmo] de Montpellier, 145
- Hércules, 164, 174  
 Hilarião [Hilário], santo, 125  
 Horácio Flaco [Horácio Franco], 133, 160, 161
- Inocência, Papa, 55, 126  
 Isaac [Isac], abade, 103, 169, 170  
 Isaac, monge, 130  
 Isaac, profeta, 116-117  
 Israel, povo, 16, 70, 98, 117, 118, 122, 131, 142
- Jacob, 117, 131  
 Jeremias, profeta, 119, 120, 121  
 Jerónimo, são, 28, 68-69, 119, 128, 136, 137, 158  
 Jesus [Jesu] Cristo, *passim*, 1-244  
 Jezebel [Jajabel], 118  
 João Baptista [Joam Bautista; Joane], são, 123, 124  
 João Crisóstomo [Boca-de-ouro], são, 67  
 João Clímaco, são, 60, 62  
 João do Egípto [Joane do Egípto], ou de Lycopolis, 128, 180, 183  
 Job, 65  
 Júlio César, imperador, 165
- Lifardo, 144  
 Lionardo, 144  
 Locário, arcediogo, 178, 179  
 Lúcifer [Lucifel], 201, 243
- Macário, 126  
 Macedónio, 130  
 Macróbio [Macóbrío], 71  
 Malco, 126  
 Mambré, 116  
 Maria, Virgem, 5, 45, 68, 70, 123  
 Maria Madalena [Madanela], Santa, 16, 17, 124  
 Martinho, eremita, 142  
 Martinho, são, 133-134, 199  
 Melânia, senior, 137  
 Melânia, junior, 138  
 Menas, 142  
 Moisés [Moüssés], profeta, 55  
 Moisés [Mossués] de Etiópia, 126

- Narciso, bispo, 145  
 Numa Pompílio, imperador, 163
- Orígenes, 67
- Pacómio, são, 126  
 Panúcio de Tebas, são, 126  
 Paula de Roma, 137  
 Paulo, são, 54-55, 89, 169, 210  
 Paulo Simples [Simpres], 126  
 Paulo de Tebas, eremita, 125  
 Pedro, são, 124, 210  
 Pedro, eremita de Amiens, 153  
 Pedro Celestino, são, Papa, 150  
 Pedro Damiano [Deimiani], são, 150  
 Pepino o Breve [Pipino], 150  
 Petrarca, *vide* Francisco [Petrarca]  
 Pior, abade, 126  
 Pitágoras, 159  
 Platão [Plato; Prato; Pratom], 46, 62, 80, 159, 160, 184  
 Plócio [Plotius Tucca], 133  
 Plotino [Protino], 159  
 Prometeu, filósofo, 160
- Quéremon [Cheremom] de Alexandria, 80  
 Quintiliano, 64
- Raimundo (Lúlio) [Dom Reimondo], 105, 107  
 Remígio de Reims, são, 144, 145  
 Ricardo, Dom, 106, 109  
 Roberto [Salentino], são, 152  
 Romano, abade de Condat, 150  
 Rómulo, fundador de Roma, 163-164
- Satanás, 17, 67, 199  
 Saul, rei, 122  
 Sena, *vide* Afraates  
 Séneca [Sénica], 51, 52, 58, 67, 68, 83, 86, 161  
 Serapião [Serapiom], 126  
 Silvestre, papa, 132, 150  
 Sinclética de Alexandria, 109  
 Sócrates, 160  
 Sólon [Solom], 148
- Teodósio, imperador, 128  
 Teonas, ermitão, 129  
 Terêncio [Terenciano], 61  
 Tomás de Aquino, são, 54
- Ursano [Ursatius], 150
- Varo [aliás, Lucius Varius], 133  
 Veridímio, eremita, 144  
 Vicente de Lisboa, frei [Vicêncio], 88  
 Virgílio Maro, 133, 160  
 Vivardo, irmão de S. Bernardo, 148



## BIBLIOGRAFIA

### EDIÇÕES

BOOSCO DELEYTOSO, Com preuilegio del rey nosso seõor, Lisboa: per Hermam de Campos, 1515.

BOOSCO DELEITOSO. EDIÇÃO DO TEXTO DE 1515, com introdução, anotações e glossário de Augusto Magne, vol. I: *Texto crítico*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Instituto Nacional do Livro, 1950.

### EM ANTOLOGIAS

Maria de Lurdes BELCHIOR — José Adriano de CARVALHO — Fernando CRISTÓVÃO (ORG.), *Antologia de espirituais portuguesas*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, pp. 37-78.

### ESTUDOS

ANSELMO, Artur, *História da Edição em Portugal*, I: *Das origens até 1536*, Lello & Irmão, Porto, pp. 55-58 («Hagiografias e obras moralísticas anónimas»), 214-215 («Pelos veredas do “Boosco Deleytoso” (1515)»).

AZEVEDO, Francisco de Simas Alves de, «Achegas para o estudo dos vestuários simbólicos das virtudes, no *Boosco Deleitoso*. Seu presumível parentesco com a Heráldica Quatrocentista portuguesa», *Armas e Troféus*, 3 (Maio-Agosto 1961) 299-305.

BÉREZIAT-LANG, Stephanie, «Körper versus Schrift? Mystische Erfahrung als intertextuelle Polyphonie im “Boosco deleitoso”», *Lusorama*, 107-108 (2016) 5-36.

BONOMINI, Guido, *O itinerário para as delícias: O locus amoenus entre o *De vita solitaria*, de Francesco Petrarca, e o *Boosco Deleitoso**, [Tese de doutoramento], Niterói, UFF, 2008.

BORGES, Célia Maria, «Os eremitas no Brasil-Colônia: Frei Pedro Palácios e a projeção de um modelo de santidade», in *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal-RN, 22 a 26 de julho 2013. [Acessível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1375817582\\_ARQUIVO\\_ANPUH2013textodeCelia.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1375817582_ARQUIVO_ANPUH2013textodeCelia.pdf)]

- CALAFATE, Pedro, «O Boosco Deleytoso solitário», in IDEM, (coord.), *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. I: *Idade Média*, Lisboa, Editorial Caminho, 1999, pp. 527-531.
- CEPEDA, Isabel Vilares, «Os livros da rainha D. Leonor, segundo o código 11352 da Biblioteca Nacional, Lisboa», *Revista da Biblioteca Nacional*, 2.<sup>a</sup> série, 2.2 (1987) 51-81 (p. 66, nr. 31).
- DI PASQUALE, Daniela, «Immagini di felicità nel *Boosco deleytoso*. Tracce dantesche», in MARNOTO, Rita (ed.), *Imaginação e Literatura* (Leonardo, 5), Coimbra: Universidade de Coimbra – Instituto de Estudos Medievais, 2009, pp. 85-97.
- DIAS, Aida Fernanda. «Um livro de espiritualidade: o *Boosco Deleitoso*», *Biblos*, 65 (1989) 229-245. [O mesmo artigo foi reproduzido em Maria de Lurdes BELCHIOR — José Adriano de CARVALHO — Fernando CRISTÓVÃO (org.), *Antologia de espirituais portugueses*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994, «Boosco Deleytoso» pp. 25-36].
- GALA, Elísio, «O Boosco Deleytoso: uma aproximação ao seu estudo», *Itinerarium*, 54.192 (2008) 399-412.
- GALA, Elísio, «Três Meditações sobre a Vida e a Morte: Orto do Esposo, Boosco Deleytoso e Corte Enperial», in Dimas, Samuel – Renato Epifânio – Luís Lóia (dir.), *Redenção e Escatologia: Estudos de Filosofia, Religião, Literatura e Arte na Cultura Portuguesa*, vol. I – *Idade Média*, Tomo 1, Paris: Nota de rodapé Edições, 2015, pp. 371-388 (374-383).
- GONÇALVES, Francisco de Souza — Gonçalves José Carlos de Lima NETO, «O erotismo retórico em *Boosco Deleitoso*», *Atas da X Semana de Estudos Medievais Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de História – Programa de Estudos Medievais, 2014, pp. 155-167.
- JÚDICE, Nuno, «Boosco Deleitoso», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Editorial Verbo, 1995, p. 718.
- HENRIQUES, Marisa das Neves, «Do desencanto pelas palavras e da necessidade de um léxico filosófico medieval português», *Revista Filosófica de Coimbra*, 20 (2011) 193-212.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares, «O jardim místico do medievo», *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, 30, n. 44 (2010) 11-34.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares, «Revisitando o ‘Boosco Deleitoso’ na companhia de Gil Vicente», *Colóquio. Letras*, 182 (2013) 9-20.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares, «A Rainha D. Leonor e Gil Vicente diante do ‘Boosco Deleitoso’», in *Série Estudos Medievais Intertextualidades*, 4 (2015) 87-102.
- MANUEL II, *Livros antigos portugueses da bibliotheca de sua Majestade Fidelissima. Early portuguese books in the library of his majesty the King of Portugal. 1489-1600*, 3 vol., London: Maggs Bros, 1929-1935, vol. I, n.º 16, pp. 287-299.
- MARTINS, Mário, «Petarca no *Boosco Deleytoso*», *Brotéria*, 38 (1944) 361-373 [Retomado, com o mesmo título, em IDEM, *Estudos de literatura medieval*, Braga: Livraria Cruz, 1956, cap. XI, pp. 131-143].



- MARTINS, Mário, «Imagética bíblica», In IDEM, *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa*, Lisboa: Brotéria, 1975, pp. 191-206 (2.<sup>a</sup> ed.: 1980, pp. 272-283).
- MARTINS, Mário, *O riso, o sorriso e a paródia na literatura de quatrocentos*, (Biblioteca breve. Literatura, 15) Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978, pp. 49-55 (cap. 5: «A sátira petrarquiana no *Boosco deleitoso*»).
- MARTINS, Mário, *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979, pp. 103-108 (cap. 14: «O *Boosco Deleitoso* sob o signo do Cântico dos Cânticos»).
- MEIRINHOS, José, «Significados da natureza em *O Bosco Deleitoso* na tradição monástica contemplativa», in *Natureza e meio natural na vida, linguagens e imaginário da vida monástica. Atas “Ora et labora – Refojos de Basto”*, Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2020, pp. 191-207.
- MONGELLI, Lênia Márcia de Medeiros, «Boosco Deleitoso: a reinvenção do peregrino», *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, 1 (1994) 71-76.
- MONGELLI, Lênia Márcia, «O leite no boosco de Deus», in EADEM (coord.), *A Literatura Doutrinária na Corte de Avis*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, pp. 107-155.
- NETO, José Carlos de Lima, *A Mística de Bosco deleitoso*. Dissertação de pós-graduação em Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014. [Acessível em: [https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/6679/1/Jose%20Carlos%20de%20Lima%20Neto\\_dissertacao.pdf](https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/6679/1/Jose%20Carlos%20de%20Lima%20Neto_dissertacao.pdf)].
- NETO, Serafim da Silva, «Sobre a nova edição do *Boosco Deleitoso*», *Boletim de filologia*, 3 (1949) 100-107.
- PAULOS, Maria de Jesus, *A Viagem Interior no Bosco Deleitoso. A Alma em Busca do Centro* [Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa], Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1994.
- PEREIRA, Paulo Alexandre Cardoso, «Uma liberdade constringida: Aspectos do funcionamento alegórico em dois textos medievais», in BASTIDA, R. S. — DOVAL, R. V. (eds.), *Las metamorfosis de la alegoria. Discurso y sociedad en la Península Ibérica*, Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/ Vervuert, 2005, pp. 127-142.
- PINTO-CORREIA, João David, «Boosco Deleitoso», in LANCIANI, Julia — TAVANI, Giuseppe (eds.), *Dicionário da literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1993, pp. 107-109.
- PONTES, José Maria da Cruz, «Raimundo Lulo e o lulismo medieval», *Biblos*, 62 (1986) 51-76.
- RONCHETTI, Costanza, «Do jardim místico ao jardim profano. Para uma leitura dos jardins medievais portugueses», *Revista de História da Arte*, 7 (2009) 264-81.
- ROSA, Maria do Rosário Paulino, *O Bosco Deleitoso e a Vida Solitária. Um Caminho da Salvação*. [Dissertação de Mestrado], Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1999.

- ROSA, Maria do Rosário Paulino, «Em torno do *Boosco Deleytoso*», *Studia Lusitanica*, 2 (1999) 85-111.
- ROSEIRA, Abílio Manuel, *Fragmento de uma edição crítica do Boosco deleytoso solitario*, (Tese de licenciatura em Filologia Românica), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1928.
- ROSSI, Giuseppe Carlo, «Ancora del petrarchismo iberico», *Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli - Sezione romanza*, 1.2 (1959) 173-179.
- ROSSI, Giuseppe Carlo, «Ancora sul petrarchismo nella penisola ibérica», em Giuseppe Bellini (cura), *Aspetti e problemi delle letterature iberiche: studi offerti a Franco Mergalli*, Bulzoni Editore, Roma 1981, pp. 319-330.
- SANTOS, Zulmira Coelho dos, «A presença de Petrarca na literatura de espiritualidade no século XV: o *Boosco Deleitoso*», in *Actas do Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, Universidade do Porto: Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995, vol. 5, pp. 91-108.
- SILVA, Maria Teresa Falcão da Cruz, *O ascetismo e misticismo no Boosco deleytoso*, (Tese de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas) Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1952.
- SOUZA E SILVA, Michelle Tatiane, «A esperança e o bem moral nos escritos religiosos portugueses -séculos XIV e XV», em *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo 2011 (passim), online [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849051\\_ARQUIVO\\_texto-michelle.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849051_ARQUIVO_texto-michelle.pdf).
- SOUZA E SILVA, Michelle Tatiane, *O regimento do corpo em Portugal no século XV*, tese de doutoramento em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca 2014 (passim), online <http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/michelle.tese-.final.pdf>.
- VASCONCELOS, José Leite de, *Lições de filologia portuguesa*, Lisboa: Oficinas da Biblioteca Nacional, 1926 (2.ª edição), pp. 136-137 (nr. 3).

**José Adriano de Freitas Carvalho** é Professor Catedrático aposentado da Faculdade de Letras do Porto. Sócio de Número da Academia das Ciências de Lisboa, tem dedicado a sua investigação às correntes da História de Espiritualidade e da Cultura na Península Ibérica entre os séculos XV e XVII.

**Luís Fernando de Sá Fardilha** é Professor Auxiliar aposentado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigador integrado do Grupo de Investigação I «Sociabilidades e Práticas Religiosas» do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM). A sua investigação principal centra-se na História da Literatura e da Cultura Portuguesas da época do Renascimento, interessando-se ainda pelas temáticas da literatura de espiritualidade e da história do livro e da leitura.

**Maria de Lurdes Correia Fernandes** é Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora integrada do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. É autora de diversos estudos, incluindo livros, capítulos de livros e artigos, sobre temas de Cultura e de Espiritualidade dos finais da Idade Média e da Idade Moderna, com especial foco na relação entre pensamento, modelos e práticas do comportamento moral e social e sua expressão literário-doutrinal.

Obra de literatura de espiritualidade, de acentuado cunho monástico, o *Bosco deleitoso* foi editado nos começos do século XVI, uma única vez, e não tem qualquer tradição manuscrita conhecida. Este grande texto encerra ainda alguns mistérios, a começar pelo título: *Bosco deleitoso*, assim traz o impresso por Hermam de Campos em 1515. Mas esse mesmo impressor, no cólofon do livro, dá-lhe o título de *Bosco deleitoso solitário*. Qual seria o título que trazia o manuscrito de que se serviu o «bombardeiro del-rei» para o seu trabalho? E um mistério envolve também o autor, um anónimo que merece ser ponderado. Quanto a datação, a estar correcta a nossa interpretação, o *Bosco deleitoso* terá sido escrito depois de 1401. Como limite, poderemos considerar 1433, ano da morte de João I, o rei sob cuja sombra se passaram os factos relacionados com Frei Vicente de Lisboa que permitem inferir aquela data.

O *Bosco deleitoso* apresenta-se como um grande tríptico sobre a vida contemplativa. Quinze capítulos iniciais (I-XV) são como que o seu primeiro retábulo – sobre a vida actual de um *pobre de virtudes e mesquinho pecador*, rico, que, em determinado momento, se manifesta arrependido e desejoso de mudar de vida. Cem capítulos (XVI–CXVI), que são quase uma tradução, por vezes abreviada, muitas vezes adaptada, do *De vita solitaria* de Francesco Petrarca, formam o elemento central, que se completa por uma série de capítulos que não pertencem – ou não pertencem inteiramente – à obra do recolhido de Vaucluse. Os cerca de quarenta capítulos finais (CXVIII–CLIII) formam o terceiro retábulo do tríptico em que se nos põe diante a prática – *ora et labora* – do monge..., a *contempraçom das cousas celestiais...*, a sua morte e subida ao Paraíso..., tudo debuxado demoradamente. O tempo do *Boscco deleitoso* é um «tempo longo».

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO,  
das *Notícias de Apresentação*

ISBN 978-989-755-856-6

